

The background of the cover is a photograph showing the lower half of an adult in a blue shirt and brown pants, and the back of a young child in a purple and white striped shirt. They are holding hands, with the adult's hand on top of the child's. The background is a warm, golden sunset over a body of water.

Tammara Webber

autora dos best-sellers *Easy* e *Breakable*

Sem você

Série Entrelinhas
LIVRO 4



VERUS
EDITORA



Tammara Webber

Sem você

Série Entrelinhas

LIVRO 4

Tradução
Cláudia Mello Belhassof



VERUS
EDITORIA



Editora Raïssa Castro **Coordenadora editorial** Ana Paula Gomes **Copidesque** Maria Lúcia A. Maier
Revisão Raquel de Sena Rodrigues Tersi **Capa e projeto gráfico** André S. Tavares da Silva **Foto da capa** © EpicStockMedia/Shutterstock **Título original** *Here Without You* ISBN: 978-85-7686-736-4

Copyright © Tammara Webber, 2013

Todos os direitos reservados.

SBD

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 15807-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Webber, Tammara

W381s

Sem você [recurso eletrônico] / Tammara Webber ; tradução Cláudia Mello Belhassof. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2018.

il (Entrelinhas ; 4) recurso digital : Tradução de: Here Without You Formato: epub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7686-36-4 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título. III. Série.

18-52518

CDD: 813

CDU: 82-31(73) Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-
7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Para Charles,
que foi o pai que não precisava ser*

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

Epílogo

Agradecimentos

Reid Minha namorada não contou aos pais dela sobre mim.

Já tem uma semana, mas ainda somos um segredo — ficando juntos, mas nunca saindo juntos, como fazíamos no outono passado. Apesar de eu gostar de como ela está disposta a passar esse tempo, não quero ficar confinado em minha casa com a Dori. Ela é como um brinquedo novo que não posso exhibir — foi babaca eu ter falado isso, mas ela simplesmente revirou os olhos para mim.

Por enquanto, John é o único amigo que sabe do meu novo relacionamento, apesar de minha colega de elenco do último filme — Chelsea Radin — dar um sorrisinho atento sempre que nos via juntos durante os últimos dias de voluntariado do elenco na casa da Habitat. Desconfio que *ela* sabe. Especialmente depois de nos pegar saindo de um quarto na lateral da casa, com o rabo de cavalo da Dori solto e seu rosto corado, e eu com um sorriso bobo nos lábios.

John e eu estamos vendo o jogo no estádio quando ele decide falar do meu caso clandestino, porque sua preocupação com o momento adequado é idêntica a seu tato: um zero à esquerda.

— E aí, quando é que você vai revelar esse tal *relacionamento* pro mundo?

O nível de barulho no Staples Center faz com que nossa conversa seja confidencial, mas isso não significa que eu queira falar sobre a Dori no meio de dezoito mil pessoas — sem contar as centenas de câmeras que estão transmitindo o jogo para outros milhões de espectadores. Além do mais, ele pronuncia *relacionamento* num tom que a maioria das pessoas reserva para falar *DST*. Quando lanço um olhar para ele, John pisca de maneira inocente. Imagino que esse jeito tenha funcionado com o pai dele durante anos, antes de ele descobrir que John era, na verdade, uma versão dele mesmo na próxima geração.

— O quê? Reid Alexander tem uma *namorada*. — Seu tom de voz diminui na última palavra, não para obedecer à minha ordem de ficar calado, mas como se o fato fosse espantoso demais para divulgar em voz alta.

Observo a jogada de três pontos, calculada e perdida. Nós dois xingamos.

— É uma notícia digna do Perez Hilton, brôu! Qual é a do segredo?

Se John está esperando minha resposta, vai ficar esperando, porra.

Kobe é penalizado por carregar — o que *nunca* acontece —, e eu me recosto no assento, cruzando os braços sobre o peito.

— Merda. — Esse xingamento define meus sentimentos pelos Lakers e pela Dori. Eu amo os dois, e ambos me deixam puto.

John me dá uma cotovelada e abre um sorriso presunçoso.

— Vamos lá, cara, você sabe que eu sou superdiscreto. — Por mais estranho que pareça, isso é verdade. Quando não falo imediatamente, ele começa a tentar adivinhar. — Quer dizer que acabou? É isso? Cara, eu falei que não ia dur...

— Ela ainda não contou pros pais dela.

Pelo canto do olho, eu o vejo franzir a testa, confuso, e me olhar como se eu tivesse falado numa outra língua e ele estivesse esperando a tradução.

Encaro o jogo e acrescento: — Eu me sinto preso numa porra de comédia de erros.

John arqueia uma sobrancelha.

— Espera aí. Você está falando sério? *Esse* é o motivo? Ela ainda não ter contado pros pais dela? Eu poderia fazer uma lista de umas cem garotas loucas pra sair com você pelo menos *uma vez* na vida. Você transformou essa garota em namorada, e ela não está contando pra todo mundo que te conhece?

Dou de ombros, mas sinto um aperto quando ele coloca as coisas desse jeito. Como eu disse: tato não é a praia do John.

Ele balança a cabeça.

— Nunca pensei que ia ver o dia em que uma garota ia dar uma surra de boceta em Reid Alexander. *Ai, cara!* — Furioso, ele massageia o braço onde eu soquei. — O que tem nessa garota que te deixa tão *violento*, porra?

Dou uma risada, porque agora estamos na tela em cima da quadra central. Hora de dar a impressão de que estamos brincando, e não começando uma briga particular que tiraria os holofotes dos Lakers e do Jazz como a diversão principal da noite.

— *Câmera.*

Ao ouvir essa palavra, John entra na brincadeira de brigar, me socando também.

— Esse foi o último aviso, cara. — Meu sorriso para a câmera não disfarça a ameaça penetrante em minha voz. — Não fala assim dela. — Ele tem sorte de eu só ter deixado uma marca roxa no seu bíceps, em vez de destruir seu rosto inteiro.

— Eu estava falando de *você* — ele rosna para mim, com um sorriso falso que espelha o meu.

Brooke — Srta. Cameron? Aqui é Bethany Shank. Eu o localizei.

Eu não devia ter atendido a ligação no meio da pedicure, mas, quando vi o nome dela na tela, minha curiosidade foi maior. De jeito nenhum eu ia deixar cair na caixa postal. Quando contratei uma detetive particular, eu esperava que ela encontrasse o meu filho. Quer dizer, *dã* — claro que eu esperava que ela o encontrasse. Mesmo assim, essa notícia me derruba como o diabo. Meu coração está martelando como se eu tivesse injetado cafeína na veia.

— Isso foi... rápido.

A mulher que está secando meus pés neste momento finge que não está ouvindo o meu lado da conversa, e eu me pergunto se ela consegue escutar meu coração martelar.

— É, bom, eu falei que seria rápido depois que você me desse o sinal verde para fazer a busca.

— E o que vai acontecer agora? — *Eu o encontrei.* Apesar de minha aparente confiança, minhas mãos começam a tremer. Eu queria estar em casa, sozinha, para poder deitar ou andar em círculos, qualquer coisa que não fosse ficar sentada aqui com o pé no joelho de uma desconhecida, tremendo como o pequinês de raça da minha mãe, que faz xixi quando alguém espirra.

— São muitas informações confidenciais para falar por telefone. Você prefere vir ao meu escritório amanhã ou prefere que eu vá até você?

Tudo bem... Ele tem quatro anos. Que outras informações pode haver? *Ele finalmente parou de fazer xixi na cama. De vez em quando se joga no chão para chamar a atenção. Aprendeu a escrever o próprio nome na escolinha. Tem uma vida normal.* A última parte é tudo que importa: eu só quero saber se ele tem uma vida normal para poder ter paz na minha.

Parte de mim se sente idiota por ter feito isso. Exceto que, há meses, tenho tido um pesadelo recorrente sobre o bebê que me recusei a ver ou pegar no colo antes de meu advogado e a assistente social o terem transferido para os pais adotivos. No sonho, ele está no meu colo, olhando para mim. E aí ele começa a chorar como se seu coração estivesse se partindo, e eu acordo enterrada numa avalanche de culpa.

Não tenho motivo para me sentir culpada — *nenhum motivo.* Por que diabos eu sonho com ele chorando? E por que eu acordo coberta de lágrimas?

Eu só quero pôr um ponto-final nessa história. E, talvez, tirar uma foto.

— Suponho que ele esteja bem, certo?

Se ela me der uma sílaba de confirmação, posso parar por aqui. Se ele estiver *bem*, não preciso de detalhes. Uma foto provavelmente é uma má ideia, na verdade. Eu realmente não quero saber se ele se parece mais comigo ou com o Reid.

— Seria melhor nos encontrarmos pessoalmente. Vou transferir a ligação para minha secretária marcar um horário. — Bethany Shank é completamente objetiva e impessoal, típico dela. Mas seu comportamento apressado está mais áspero e alarmante que o normal. Ela está escondendo alguma coisa, e não consigo deixar de perguntar: — Tem alguma coisa errada?

Há uma pausa no lugar da negação rápida que eu esperava, e de repente preciso de privacidade. Tipo agora. Lanço uma cara feia para a pedicure. Por que leva tanto tempo para secar um *pé*, maldição?

Ela levanta o olhar, como se sentisse que a estou encarando, e fica pálida.

Passo os dedos sobre o telefone.

— Você pode me dar um minuto? *Obrigada.*

Depois que ela se afasta, peço a Bethany Shank para repetir.

— Proponho uma reunião no meu escritório para termos essa conversa, srta. Cameron. — Ouço seu teclado ao fundo. — Acho que tenho um horário vago amanhã às três...

Não gosto nem um pouco disso. Ela não está respondendo à minha pergunta, o que significa que *tem* alguma coisa errada. Agora, meu cérebro está a mil novamente: *deficiência mental... doença terminal... será que ele morreu?*

— Não. Hoje. No meu apartamento.

Minha detetive particular suspira ao telefone, como se eu me importasse de ter perturbado sua Agenda Muito Importante. Espero, em silêncio, até ela reconhecer a derrota.

— Só estarei livre às sete...

— Sete está ótimo. Te vejo mais tarde.

Ela está no meio de um suspiro quando desligo. Se eu não estivesse em um spa de Beverly Hills com a pedicure mais enxerida do planeta, eu a teria obrigado a me dizer *agora* que diabos ela encontrou, em vez de ter que esperar três horas.

— Pronta pra massagem? — A pedicure retorna, um pouco intimidada.

— Claro. Mas mudei de ideia em relação à francesinha. Fica melhor no verão. Estamos quase na primavera. Quero vermelho. *Vermelho-sangue.*

Ela faz que sim com a cabeça.

— Claro, srta. Cameron.

Reid — Fica. — Viro Dori embaixo de mim e prendo um punho acima de sua cabeça, beijando-a com tanta profundidade que ela não consegue dizer “não” de imediato, mas eu sei que ela vai dizer. O que torna um pouco irracional meu aborrecimento quando ela faz exatamente isso.

— Reid — ela geme na minha boca —, você sabe que eu não posso ficar.

Encaro seus olhos muito escuros, a frustração chegando à minha garganta, pronto para lutar.

— Você não é mais criança, Dori. Tem quase dezenove anos. Então você pode, sim.

Solto seu punho e ela leva a mão ao meu rosto, entrelaça os dedos no meu cabelo e os enrosca.

— Eu vou contar pra eles. *Eu vou*. Você não confia em mim?

Claro que o meu temperamento fode com tudo nesse momento.

— Na verdade, não. Não confio. Porque você vai se mudar pra Berkeley *na próxima semana*. E porque, da última vez que confiei em você em relação aos seus pais e a nós, você me deixou na mão.

Ela solta meu cabelo e uma leve ruga surge entre as sobrancelhas.

— Da última vez foi diferente.

Saio de cima dela e deito de costas, porque quero acreditar, mas ali, no fundo da minha mente, está o fato de que recentemente passei os meses mais miseráveis da

minha vida pensando que nunca mais a veria. E não estou disposto a aceitar isso de novo.

— Certo — digo.

E, sim, eu percebo que ser babaca não é a melhor maneira de conseguir o que quero com ela. Para falar a verdade, nada com Dori se encaixa no molde do que costuma funcionar para mim com o resto do mundo — uma das coisas que eu adoro nela —, mas não consigo pensar de maneira lógica quando estou puto.

Ela desliza para fora da cama e ajeita as roupas, amassadas depois da nossa sessão de agarramento. Maldito seja o meu temperamento, porque ela poderia ficar pelo menos mais meia hora, e estou estragando tudo por agir como uma *mulherzinha* grudenta. Isso provoca mais uma onda de raiva. Parece que não consigo me controlar.

— Está tarde. Vou embora — diz ela em seguida, em pé ao lado da cama enquanto encaro o teto.

Meu novo alter ego mais perceptivo implora para eu simplesmente deixar isso de lado, mas o idiota arrogante está de mau humor. Não sou *eu* que estou errado. *Ela* é que está. Ela também sabe disso — é por isso que parece estar chorando quando vira e vai embora.

Ah, merda.

Dez minutos depois, estou mais calmo, admitindo para mim mesmo que sou um burro egocêntrico. Ligo, mas ela não atende, e desligo quando a ligação cai no correio de voz. Fantasiando sobre enfrentar os pais dela e espalhar a novidade — bastava eu entrar no carro e segui-la —, não consigo evitar rir. Pelo modo como ela dirige, eu chegaria antes, com uma vantagem de dez minutos.

Depois de pegar alguma coisa para comer na cozinha, dou uma navegada na internet, gastando pelo menos quarenta e cinco minutos. Ligo de novo. Caixa postal. *Clique*. Respondo a um e-mail do George e dou uma olhada na minha fanpage, onde John parece estar correto sobre a quantidade de garotas que cortariam um braço para sair comigo pelo menos uma vez na vida. Mas nenhuma delas *me conhece*. Sou apenas um rosto bonito, um corpo gostoso, uma fantasia e, apesar de eu gostar do apoio delas do jeito que é, não poderia me importar menos com os elogios vazios.

Ouçó a voz animada e musical da Dori me dizendo para deixar uma mensagem pela terceira vez, deixo a cabeça cair e espero o bipe, com uma das mãos segurando o celular e a outra a nuca, como se pudesse colocar algum juízo na cabeça.

— Dori, sinto muito. Eu falei que faríamos tudo no seu ritmo e quebrei essa promessa. Só... Eu confio mais em você do que jamais confiei em alguém. Talvez isso não seja muita coisa, nem seja o suficiente, mas é verdade.

Meu maxilar fica tenso. O que quero dizer com “confiança” e o que ela quer dizer

com “confiança” são duas coisas diferentes. Somos um casal e tanto, tentando encontrar um ponto de equilíbrio entre nossos temperamentos, crenças e vidas. Enquanto ela tenta recuperar a fé que perdeu em *tudo*, eu me esforço para aprender a confiar pela primeira vez.

— Não desiste de mim. — Aperto a tecla para encerrar a ligação e deito no meio da cama, desejando aprender a calar a porra da boca quando estou muito puto.

Mal resistindo à vontade de jogar o celular na parede, eu me concentro e conto em silêncio. Meu terapeuta (outra novidade) é inflexível em relação a usar esse lance de me concentrar e contar para acalmar meu temperamento, em vez de agir por impulso. Ele insiste que é um hábito que exige persistência. Funciona de vez em quando, na melhor das hipóteses — especialmente quando eu me esqueço de usar. Como na hora em que Dori estava deitada ao meu lado *minutos atrás*. Droga.

Quando o telefone toca, um alívio percorre meu corpo.

— Oi.

— Tenho notícias. Você está sozinho?

Leva um segundo para a ficha cair. A voz é familiar, mas *não* é a Dori.

— Brooke?

Ela suspira de um jeito pesado.

— Você *nunca* olha quem está ligando antes de atender? Está sozinho ou não?

Fecho os olhos e recomeço a contagem terapêutica silenciosa. *Não* está funcionando.

— Sim, estou sozinho. — Com os dentes trincados, espero o que ela tem a dizer. Não estou no clima para Brooke Cameron. Um pouco de compostura é essencial para minha capacidade de tolerá-la, e no momento estou em falta.

— Minha detetive particular encontrou ele.

Ele?

Ai, merda. A criança.

— Que rápido.

— É. Precisamos conversar. Você pode vir aqui?

Brooke sempre foi a mais *difícil* das dificuldades. Engulo uma resposta — minha teoria para o real motivo da invenção do telefone: evitar encontros com pessoas que não queremos ver. Aposto dez contra um que Alexander Graham Bell tinha uma ex problemática ou uma sogra mandona.

— Quando?

— Agora?

Olho para o relógio de pulso.

— Brooke, estou cansado. — *Mais importante que isso, tenho esperança de que Dori*

me ligue a qualquer instante. — Você não pode simplesmente me contar o que é pelo telefone? — Não estou acostumado a falar de maneira amigável com ela, ou o mais amigável que Brooke e eu somos capazes de falar. Isso é bizarro.

— Que merda, Reid. Então esquece. — Percebo o sotaque fanho se esgueirando em suas palavras e sei que, apesar de ter me esforçado para evitar, eu a estressei.

— Não faz assim.

— Que diabos?! — Ela sopra a respiração. — Isso é importante, e você está me dispensando. Eu já devia esperar. Você realmente está sozinho ou está dizendo que está sozinho?

Passo a mão nos cabelos e fecho os olhos. Não existe foco-e-contagem suficiente no mundo para lidar com Brooke Cameron.

— Por que eu mentiria?

— Por que você não responde à minha pergunta?

— Porque eu *já* respondi, maldição.

Quando ela não surta de imediato, tenho a primeira pista de que alguma coisa a deixou bem preocupada.

— Está bem. É o seguinte. — A voz dela parece estranha. Agora que está falando mais baixo, percebo que esteve chorando. Que diabos? Tem alguma coisa no ar hoje?

— Ele está num lar temporário.

— O quê? — Sento, sem conseguir pensar direito.

— Parece que as pessoas pra quem decidi entregá-lo se transformaram em fracassados estúpidos viciados em metanfetamina, e o Serviço Social Infantil o tirou de lá.

— O quê?

— Para de falar isso! Você não sabe dizer outra coisa?

— Na verdade, *não*. Me dá um minuto, meu Deus, quer dizer... o Serviço Social Infantil? Tipo o departamento que tira as crianças dos pais quando elas estão sendo *abusadas*?

Imagino a virada de olhos exagerada que felizmente não consigo ver.

— É, Reid. Foi isso que eu quis dizer.

Minha vida passa como um filme diante dos olhos — o que restou da minha vida. Porque, nesse momento, percebo que ainda não contei *nada* sobre isso à Dori. Não tive oportunidade na última semana para mencionar o fato de que Brooke e eu tivemos um filho quatro anos e meio atrás. Um filho que neguei ser meu na cara da Brooke e, na minha cabeça, até algumas semanas atrás. Um filho que ela deu para a adoção logo depois de dar à luz.

Por causa do que aconteceu com a Dori no ensino médio, isso não era uma parte

do meu passado que eu pudesse revelar sem ter cuidado, e eu nunca fui muito bom em administrar situações desse tipo. Sem falar no fato de que eu nunca contei isso a uma alma viva. Nem ao John, nem aos meus pais, *nem a ninguém*.

— Puta que pariu.

— É — diz Brooke, sem ter ideia.

No silêncio do choque que estamos sentindo, meu celular apita e, desta vez, verifico a tela. Dori está retornando minha ligação.

— Olha, eu tenho que ir. Te ligo amanhã.

— Tudo bem. — Brooke desliga, e atendo a outra ligação, guardando nossa conversa para mais tarde.

— Dori, me desculpa...

— Vou contar pra eles amanhã bem cedo. Por favor, tenta entender... Isso é difícil pra eles, ainda mais depois do acidente da Deb. Não é por sua causa, de verdade. Eles não te conhecem, só estão com medo de eu sofrer. A reação deles se baseia nisso. — Ela solta as palavras como uma palestrante experiente e tranquilizadora. — Pode ser que eles... queiram falar com você.

Pais que querem falar comigo. Hum. E eu não só estou considerando a ideia, como estou determinado a executá-la. É assim que funcionam os universos alternativos.

— Não vou te magoar, Dori — digo com sinceridade. — Nem deveria te forçar a contar pra eles — acrescento, agora com menos sinceridade.

— Deveria, sim. Eu também não mantive minha promessa. Eu falei que nunca teria vergonha de você... e não tenho, Reid... mas devo ter dado essa impressão. Sinto muito.

Até ela falar isso, eu não tinha percebido que era *exatamente* assim que eu estava me sentindo. Ela consegue me magoar com coisas que eu não sabia que eram vulneráveis em mim, aliviar dores que eu não sabia que existiam. Como ela consegue ter esse tipo de empatia?

— Eu queria que você estivesse aqui agora — digo, sem conseguir me concentrar em mais nada além da necessidade de puxá-la para baixo de mim e me desligar do mundo.

— Eu estava aí agora mesmo, não lembra? — ela retruca.

Espertinha. Meu Deus, como eu a quero.

— É, eu sei. Jesus, eu sou um idiota fod... Hum.

Sua risadinha rouca por causa do meu palavrão interrompido deixa meu coração apertado.

— E se eu aparecer escondido na sua casa e subir até a janela do seu quarto?

Ela ri de novo e diz: — Você não consegue chegar escondido em nenhum lugar com aquele carro. Muito menos no meu bairro. E não tem nenhuma árvore pra você subir até a janela do meu quarto...

Dou uma risadinha suave.

— Mas você está pensando nisso, né?

Ela expira, parecendo sorrir.

— Estou.

— Quer que eu fale o que eu faria, se seu pai tivesse sido mais gentil e tivesse plantado uma árvore bem embaixo da sua janela?

— Talvez — diz ela baixinho, e a imagino sugando o lábio inferior carnudo para dentro da boca.

— Talvez?

— Ah, tudo bem, me conta.

O negócio da Dori é esse: ela não se faz de santa. É por isso que a ideia de ela me afastar é inaceitável. Não é para chamar a atenção, como sempre foi com a Brooke. Adeus significa *adeus* para Dori, e eu não vou deixar isso acontecer.

— Fecha os olhos e imagina aqueles galhos perfeitamente do lado da sua janela.

— Hum, tudo bem.

Eu me deito e inspiro seu perfume que ainda está nos meus travesseiros.

— Você deixa a janela aberta. Aquela que dá pro laguinho de peixes. É tarde e, por mais que você tente, não consegue ficar acordada me esperando. Eu atravesso o quarto no escuro, seguindo a luz do luar até sua cama. — Eu me delicio ao pensar nela, encolhida sob as cobertas, e meus dedos se contorcem nos lençóis. — O que você usa pra dormir?

— Só uma camiseta — sussurra ela.

O ar sibila através dos meus dentes, e respiro devagar enquanto meu corpo se agita. Pela primeira vez na vida, espero que a novidade se esgote rapidamente — só um pouco, pelo menos —, porque, sempre que eu penso em tocar nela e em como ela reage quando eu faço isso, não consigo pensar em mais nada.

— Então tiro a camisa antes de puxar suas cobertas. Te acaricio com cuidado e te acordo devagar. — Todos os nervos do meu corpo se despertam. — E você? O que vai fazer?

A voz dela é tão baixa que me esforço para escutá-la.

— Eu estendo a mão pra você e te puxo pra cama.

O fator tesão dessa conversa acabou de aumentar muito.

— Ah, gostei... Mas ainda estou de calça jeans, e você, de camiseta... — Eu me pergunto se ela é corajosa o suficiente para continuar com esse tipo de jogo, apesar de

que seis meses atrás eu precisaria estar bêbado para pensar que ela *um dia* faria isso. Ou que eu acabaria querendo ter um relacionamento sério com ela.

Depois do último fim de semana, todas as apostas estão erradas em relação ao que nós dois somos capazes de fazer.

— Você está... você está usando aquela calça com fecho de botão? — As palavras baixas e suaves são como um carinho.

— Se é isso que você quer, sim.

— Então, hum... eu desabotoo sua calça... — Com a voz rouca e doce, ela hesita, e imagino o vermelho se espalhando pelo seu rosto.

— Você a tira com o pé, roçando na minha perna enquanto faz isso... — digo, ajudando-a — ... e minhas mãos deslizam por baixo da sua camiseta.

— É? — Ela parece quase sem fôlego, e estou com um tesão *absurdo*.

— Sua camiseta da MCDB — explico, fazendo uma pausa quando ela ri. — Ela está um pouquinho surrada, sabe. Eu acaricio seus seios com a ponta dos dedos... e depois me inclino e te saboreio através do tecido vermelho fino.

— Ah... — sussurra ela.

— Uma das mãos desce, passa pelas suas costelas, pelo quadril, nada entre nós... e depois?

Duvido que ela não esteja ofegante. Eu também estou.

— Você está... você está usando cueca normal ou boxer?

Dou um sorriso.

— Para ser sincero, digamos que *não* estou usando nada.

— Ai, carambola.

Abafo uma risada.

— Hum... e...?

Dou uma risadinha suave.

— Dori, Dori... Responsável até na nossa fantasia. Vou levar um pacote inteiro. Você está *protegida*. E agora?

— Reid, eu te quero. — Sua voz é pura frustração, e eu adoro isso.

Meu gemido ecoa seu desejo.

— Baby, deixa eu dizer o que você deve fazer com os seus dedinhos enquanto eu te falo tudo o que vou fazer com você...

Brooke Apesar de Reid não ter nada de útil

para dizer, ajuda ter alguém com quem falar sobre isso. Sobre ele. Quem melhor que o doador de esperma?

Pode ser que eu tenha que parar de me referir ao Reid desse jeito, supondo que ele queira fazer parte disso, o que não é garantido. Não consigo imaginá-lo se apresentando para as pessoas como pai dessa criança. Não de verdade.

Mais cedo, descobri o nome do meu filho. *River*. Como o do jovem ator talentoso que apostou a própria vida e morreu na calçada de uma boate de Los Angeles. Uma vida promissora interrompida — pelas drogas, nada menos que isso. Que maravilha.

Bethany Shank me trouxe uma ampliação da foto que eu queria, em vez de me mandar a imagem em jpeg. Acho que ela queria testemunhar minha reação. A flagrante invasão não foi um ponto a favor dela. Quando ela deslizou a foto sobre o tampo de vidro da minha mesa de cozinha, eu a encarei, mas não consegui tocar nela. Meu primeiro pensamento foi: *Não. Não pode ser ele*. Horas depois, essa reação automática persistiu, apesar de eu saber que era errada.

Encarando a foto dele de novo agora, sozinha, não tenho que me preocupar com minha reação. Posso estudar cada detalhe.

Ele está agachado ao lado de uma cerca de metal danificada por pontos de ferrugem. Segura uma vareta como se fosse uma ferramenta, e não uma arma, que imagino que usa para cavar ou desenhar na terra. Ao fundo há algumas crianças, alguns brinquedos antigos num parquinho e uma mulher de meia-idade retraída, falando ao celular.

Em comparação com meu meio-irmão, que tem alguns meses a mais, essa criança parece magra. Subdesenvolvida. As roupas não combinam, e o rosto está sujo, assim como as mãos pequenas. O cabelo está cortado tão curto que mal dá para identificar a cor — se bem que, pelo DNA, deve ser loiro. As sobranceiras claras confirmam essa ideia. A cabeça quase careca faz com que ele pareça ainda mais vulnerável do que seu tamanho.

Quando eu era criança, eu costumava me esconder atrás dos cabelos. Inclina o queixo para a frente e observava o mundo passar por entre as mechas pálidas, fingindo indiferença em relação à ressentida linguagem do corpo dos meus pais cada vez mais infelizes e às suas conversas indiferentes codificadas, tão fáceis de entender. Antecipei o fim dos dois antes deles e fiz planos de morar com meu pai quando eles

finalmente se separaram.

Mas eu estava deixando passar algumas peças cruciais do quebra-cabeça e, estupidamente, minha mãe também. Nenhuma de nós duas previu que havia outra mulher — a futura terceira esposa. O filho que ela daria ao meu pai, dando início ao seu terceiro pequeno império, negando o segundo. Negando *a mim*.

Agora, na imagem estática que tenho na mão, River me encara como se soubesse que uma poderosa lente de zoom está mirada nele. Como se soubesse que estou do outro lado dela. Seus olhos não são do azul-gelo que compartilho com meu pai. São do azul-escuro dos olhos do Reid. Escuros como o céu no crepúsculo naquela fração de segundo depois que o sol desaparece. A boca também é do Reid. O nariz de botão é meu.

Que brincadeira injusta Deus resolveu fazer comigo. Esse menino sujo, magro e com roupas esquisitas é meu filho, e a visão que eu tinha da vida que eu lhe dei — quando eu pensava nele — era uma mentira. Eu achava que ele seria bem cuidado. Desejado. Amado.

Sentada diante de Bethany Shank durante quatro horas, eu me recusei a chorar, por mais que meus olhos ardessem.

— Eu quero vê-lo. — Ouvi as palavras que disse em voz alta, seguidas de sua respiração. Ela ficou tão chocada quanto eu.

— Bem, não vamos tomar decisões emotiv...

— Eu. Quero. Vê-lo — falei, congelando-a com o olhar. — Descubra o que é preciso fazer pra isso acontecer.

Ela pigarreou e deu um sorriso suave.

— Marcar encontros não faz parte dos meus serviços investigativos, srta. Cameron.

Com uns dez anos a mais que eu, a srta. Shank é mais uma daquelas mulheres que imaginaram erroneamente que eu fosse um brinquete volúvel nas mãos de Hollywood. Costumo deixar o mundo pensar que sou ingênua e mimada. Não só é meio divertido na maior parte do tempo, mas também provoca agradáveis expressões de choque do outro lado da mesa durante negociações de contratos. Atrás de portas fechadas de salas de reuniões, sou filha do meu pai. Meu agente e meu empresário sabem disso. Alguns executivos de estúdios também.

Arqueei uma sobrancelha.

— Sugiro que você faça com que isso seja parte dos seus serviços, srta. Shank.

Ela se ajustou na cadeira, abrindo levemente a boca.

Eu me inclinei para a frente e a encarei.

— Você é uma investigadora. Estou pedindo pra você investigar. Você está

preocupada com o pagamento? Quer um adiantamento? Me garantiram que você era a melhor do ramo. Eu odiaria ter que fazer um relatório diferente pra sua clientela.

O rosto dela assumiu a aparência de alguém que acabou de ser corrigida por uma autoridade injustificada. Dez minutos depois, ela saiu do meu apartamento me garantindo que entraria em contato comigo no dia seguinte, com mais informações.

Então me joguei no sofá e escavei lembranças que nunca pretendi desenterrar.

*

Fui morar com minha madrastra no Texas nos seis meses necessários para chegar do positivo no teste de gravidez ao nascimento da criança. Meus pais ficaram possessos e incrédulos quando me recusei a abortar, como se eu estivesse encenando uma rebelião para obter mais atenção.

— O que você *quer*, Brooke? — Minha mãe jogou os sapatos do outro lado da sala, mas era eu a acusada de ter ataques de raiva. — Não importa o que você está tentando provar, vai ser pior para você. Vai estragar a sua vida. *Estragar*. — Um segundo de silêncio se seguiu, facilitando que alguns fatos se juntassem.

Eu não falei “Como eu estraguei a sua?”. Seria fácil demais. Havia muito tempo eu aprendera a não mostrar as minhas fraquezas como um sacrifício sem sentido.

— Eu não quero *ficar* com o bebê — desdenhei. — Não sou *burra*.

Seus olhos se estreitaram. Ela era tão profissional quanto eu em perceber a antipatia entrelaçada nas palavras.

— Onde você está planejando morar como uma adolescente grávida e solteira? Porque aqui na minha casa você não vai morar.

Senti que a intenção dela era me dar uma dose de realidade e de suas consequências. Eu estava com mais medo do que deixava parecer, mas isso não era nenhuma novidade.

Ergui o queixo e falei: — Vou morar com a Kathryn.

Eu ainda não tinha falado com ela; não achava que minha mãe chegaria tão longe.

Nada roubava a cor do rosto da minha mãe tão rápido quanto um lembrete do meu relacionamento com a minha madrastra, a mulher que meu pai abandonou quando minha mãe ficou grávida de mim. Minha mãe havia implorado para ele deixar a esposa e as duas filhas, e ele fez isso.

Ele cumpria os horários de visita a Kelley e Kylie, mas em outros lugares. Suas outras filhas nunca vinham à nossa casa, então a família anterior do meu pai ficou na minha consciência periférica nos meus primeiros anos de vida, não sendo totalmente real. Eu era nova demais para entender que minha mãe era uma destruidora de lares

até entrar no jardim de infância.

Kelley, que na época tinha onze ou doze anos, ganhou um concurso estadual de redação, e Kathryn insistiu para o pai dela — meu pai — ir à cerimônia para mostrar que sentia orgulho da filha. Meus pais brigaram muito por causa desse pedido atípico da sua ex. Nervosa, minha mãe exigiu seus direitos como atual esposa, enquanto a culpa do meu pai — pesada e insistente como só o remorso acumulado pode ser — o instigava a desprezar suas exigências.

No fim, nós três fizemos um programa que não tinha nada a ver com a minha mãe nem comigo. Minha mãe me levou ao salão dela naquela manhã, e nós fizemos as unhas e os cabelos, como se fôssemos a uma festa de gala. No shopping, ela escolheu roupas combinando para nós duas, rindo no espelho do provador porque parecíamos irmãs, e não mãe e filha.

Meu pai e sua ex-mulher sentaram juntos, mais amigáveis que meus pais um com o outro. Sentamos numa fileira tensa, uma declaração falsa de cooperação pós-divórcio: eu, minha mãe, meu pai, Kathryn e Kylie, que se inclinava para me lançar olhares hostis até a mãe dela se aproximar e falar alguma coisa que a fez corar.

Acho que a gota-d'água foi a exuberância do meu pai quando o nome da Kelley foi chamado e ela atravessou o palco. Com os dedos nas laterais da boca, ele assobiou como fazia no campo de futebol quando eu roubava a bola de um oponente ou fazia um gol. Eu não sabia que ele podia se sentir desse jeito em relação a outra pessoa que não fosse eu.

— *Kenneth* — sibilou minha mãe, puxando o braço dele.

Eles começaram a discutir, primeiro em palavras cuspidas em tom baixo e expressões irritadas, depois mais alto, até meu pai pegá-la pelo cotovelo e puxá-la para o corredor e para fora do auditório. Os olhos arregalados da Kylie me disseram que ela não estava acostumada com esse tipo de discussão, que para mim era comum. Kathryn franziu os lábios, olhando para a saída três vezes quando o programa terminou e meus pais ainda não tinham voltado.

Kelley apareceu na ponta da fileira com um troféu de madeira nas mãos, com seu nome e seu prêmio gravados na placa de metal afixada na frente.

— Olha, mamãe, eles escreveram meu nome certinho! Onde está o papai? Podemos tomar um milk-shake agora?

Kathryn olhou furiosa para mim, os dois assentos vazios entre nós, e para o corredor onde não havia nem sinal de vida dos meus pais.

— Não sei onde seu pai está, mas não podemos deixar a Brooke aqui sozinha...

Kelley e Kylie me encararam, e eu as encarei de volta. Seus olhos azul-claros eram da mesma cor dos meus. Da mesma cor dos olhos do meu pai. Dos olhos do *nosso* pai.

Pela primeira vez, percebi que eu tinha irmãs. Kylie me olhou furiosa, sem que sua mãe a visse.

Eu tinha irmãs, e elas me odiavam.

— Vamos levar ela com a gente! — disse Kelley, dando de ombros.

E assim começou meu relacionamento estranho com a família anterior do meu pai.

Onze anos depois, era para Kathryn que eu implorava ajuda. Foi ela que me acolheu, contratou um advogado para cuidar da adoção e me ajudou a folhear álbuns feitos por pais adotivos em potencial — todos com dentes muito brancos, casas impecáveis e registros financeiros, além de promessas de um futuro cheio de amor para uma criança de sorte.

Eu escolhi errado, não foi? Eu não poderia ter feito uma escolha mais errada.

Como me recusei a ler sobre o período pós-parto, eu não sabia o que esperar depois que o bebê nascesse. Kathryn tentou me alertar sobre os possíveis efeitos colaterais físicos e psicológicos, mas eu ignorei seus avisos, insistindo que meu personal trainer e eu lidaríamos com as questões físicas e, quanto ao suposto estresse mental, eu não sentiria falta de um bebê que não desejava, porque isso seria loucura.

No dia seguinte, depois que assinei os formulários, meu advogado e a assistente social saíram com o bebê. Fiquei deitada na cama da maternidade, com as mãos sobre a barriga dolorida que antes era lisa e agora parecia massa de pão, fingindo indiferença em relação ao que esse novo vazio significava. Eu não quis vê-lo nem pegá-lo no colo, mas eu tinha me acostumado com ele se mexendo dentro de mim. Apenas uma semana antes, eu tinha visto o formato de um pezinho pressionando minhas costelas, tão claro como o dia. Fascinada e horrorizada, cutuquei o pezinho com o dedo, e ele cutucou também.

Lágrimas arderam nos meus olhos e escorreram pelo meu rosto, e me dei aquele único momento para chorar a perda de uma criança que ficaria melhor sem mim, junto com o garoto sem coração que também não me faria falta. Encarando a cadeira de balanço no canto do pequeno quarto, eu jurei que sairia daquele lugar e deixaria tudo para trás. Eu viveria a minha vida e cuidaria da brilhante carreira que me aguardava. E esqueceria de tudo, a partir do instante em que saísse daquele hospital.

Dois dias depois, meus seios estavam inchados e vazando. O médico havia me alertado sobre essa probabilidade, mas não achei que pudesse ser real. Mas meu corpo idiota achava que tinha um bebê para alimentar. Ou uma dúzia de bebês, pelo que parecia.

— Que diabo é isso agora? — reclamei com Kathryn. Parecia que alguém tinha enfiado bolas de futebol por baixo da pele superesticada dos meus seios, antes

perfeitos.

— Querida, seu corpo não sabe que você não está com o bebê.

Soltei faíscas de indignação.

— Que coisa nojenta! Faz isso parar! — Meus mamilos pingavam dolorosamente, encharcando a camiseta, e eu sentei no chão e chorei, toda a força anterior desaparecendo em mudanças hormonais que eu não conseguia controlar. Meu corpo estava me traindo.

Kathryn ligou para o médico, que se negou a receitar qualquer coisa diferente de analgésicos, que eu me recusei a tomar. Durante três semanas, amarramos meus cômicos peitos, e Kathryn me deu pacotes de vegetais congelados para aplicar neles enquanto eu via televisão e lia roteiros.

Kylie, que passava o fim de semana em casa, sugeriu que eu pensasse naquilo como um machucado bizarro causado por uma malfadada partida de futebol.

— Digamos que seus peitos estão no banco de reservas dos contundidos — disse ela, e rimos histericamente enquanto Kathryn balançava a cabeça para nós e me trazia mais dois pacotes de ervilhas congeladas.

— Nunca mais vou conseguir olhar para ervilhas do mesmo jeito — ela observou, pressionando os pacotes gelados no meu peito e levando os derretidos e moles para o lixo.

Kathryn. É dela que eu preciso agora. Num impulso, pego meu celular.

— Brooke, como você está, querida? — Só de ouvir essas palavras, caio no choro. *Droga.* — Estou aqui — diz ela, esperando enquanto desisto de procurar uma caixa de lenços de papel e uso uma toalha de mão para secar as lágrimas e assoar o nariz. Ainda bem que eu não estava planejando sair hoje à noite.

— Eu o encontrei, Kathryn. Eu o encontrei e acho que talvez... ele precise de mim.

— Calma, Brooke. Quem você encontrou?

Fungo ao telefone, ainda despreparada para falar.

— Ah. Ah.

Foi por isso que liguei para minha madrastra. Ela é tão perceptiva e sempre foi muito ligada a mim. Eu não havia lhe contado nada sobre minha busca pelo River, mas me bastou dizer “Eu o encontrei” para ela saber.

River Sou pequeno. Quietos. Queria ser invisível.

Na minha antiga casa, eu me escondia quando as pessoas apareciam. Uma vez, eu estava dormindo no sofá ao lado da mamãe quando o amigo dela, Harry, chegou. Harry é malvado e barulhento, e eu odeio muito ele. Puxei o cobertor para cobrir a cabeça, prendi a respiração e não me mexi...

Mas ele tirou o cobertor de cima de mim.

— Essa criatura inútil ainda está aqui?

Quando ele segurou o meu braço, balancei a cabeça até ele ficar borrado. *Eu não sou uma criatura. Não sou.*

Ele riu, e sua boca tinha o cheiro da lata de lixo embaixo da pia.

— Criaturas como essa ficam ainda mais magras quando você tira a pele delas. — A mão dele era como uma garra, e eu não consegui fazer aquele monstro me soltar, apesar de puxar com toda a força.

— Harry, deixa ele em paz. — Os olhos da mamãe estavam sérios, mas seus lábios não estavam pressionados, como quando ela gritava ou me batia. Ela nunca me bateu com muita força, mas eu não gostava quando ela ficava com raiva. Às vezes ela me abraçava depois e pedia desculpas.

Harry apertava o meu braço com mais força, como se quisesse parti-lo ao meio. Fiquei pensando no som que ouviria se ele conseguisse fazer isso.

Seus dedos pareciam ossos de um esqueleto.

Uma vez, eu encontrei ossos no jardim, embaixo de umas tábuas velhas. Tinham o formato de um pássaro, mas achatado. Tive muito cuidado quando o escavei e levei para mostrar à mamãe, mas sua boca formou uma linha reta e ela berrou para eu tirar aquela coisa morta e suja de sua cozinha. Cavei um buraco na terra, coloquei os ossos ali e cobri, porque o certo é enterrar coisas mortas no chão.

Esqueletos são um conjunto de muitos ossos que formam uma coisa inteira. Uma vez eu vi um esqueleto de pessoa, na festa de Halloween. Estava sentado numa cadeira, como se estivesse esperando alguém. Tinha dois buracos sem olhos, mas parecia que estava sorrindo. Também não tinha intestinos, nem cérebro, nem

coração. Estava vazio.

Harry era como um esqueleto vestindo uma camiseta justa, esticada por cima do corpo. A mamãe falava o tempo todo que ele não tinha coração. Quando ele não estava por perto, ela me falava que ele não tinha cérebro. Não sei se ele tinha intestinos.

— Ele nunca fala? — Harry me encarava como se eu fosse um inseto. Como se ele estivesse pensando em me esmagar.

— Na verdade, não. — A mamãe suspirou, porque eu a deixava triste.

— Um menino desse tamanho que não fala? Quer dizer que ele é *retardado*? Você devia deixar esse garoto comigo por uma semana. Eu ensinaria ele a falar.

Encarei mamãe, dizendo “não” com os olhos. Meus olhos lhe juraram que eu seria bonzinho todo dia. Eu faria tudo que ela mandasse.

— Esse merdinha nem se parece com você. Tem certeza que é seu? — Quando ele riu de novo, tentei não respirar o fedor.

— Ele é adotado.

— Você o *adotou*? Por que diabos fez isso?

A mamãe olhou para mim e deu de ombros.

— Acho que eu queria um bebê. Uma família...

— Que merda, mulher! É melhor você não começar a choramingar por causa do seu velho de novo, senão eu levanto e vou embora agora mesmo...

Os olhos da mamãe se arregalaram.

— Não vou fazer isso. Eu não ia fazer isso. — A voz dela estava trêmula.

— Ahã.

Os dedos do Harry me soltaram um pouco, e eu puxei o braço e corri para a escada. Meu coração quicava como se quisesse escapar. Ele fazia um barulho tão alto em meus ouvidos que não consegui escutar meus passos nem os dele. Fui para o quarto da mamãe e a porta do closet estava aberta. Entrei no escuro e fechei a porta. Caí de quatro e engatinhei no meio dos sapatos, das roupas e do lixo no chão.

Encontrei meu lugar no canto e puxei os joelhos até o queixo. Eu queria meu cobertor, e meu estômago roncava de fome, mas eu não ia descer de novo. Não enquanto o Harry não fosse embora. Não enquanto a mamãe não viesse me procurar.

*

A Wendy nunca se esquece de fazer o jantar. Como até a barriga ficar cheia, mas escondo comida no guardanapo e levo para o quarto que divido com o Jerry e o Sean. Às vezes, procuro na lata de lixo da cozinha e encontro comida ali também. Escondo

tudo no meu quarto. Numa caixa embaixo da cama ou no meu closet, dentro dos sapatos.

A Wendy expira com força quando encontra. Ela quase sempre encontra, mas às vezes leva alguns dias.

— Eca, que fedor! Meu Deus, River, você não precisa mais esconder comida. Você tem três refeições por dia aqui. Não sabe disso? — Ela tampa o nariz e joga o sanduíche de frango num saco de lixo. Tive que partir em três pedaços para escondê-lo em meus sapatos.

Faço que sim com a cabeça e olho para o chão.

A Wendy não me olha torto e nunca me bate, mas ela parece triste quando encontra a comida. Quando tenho pesadelos, ela me sacode de leve para me acordar. Ela sempre diz: — Você está seguro aqui. — Não digo nada em resposta. Eu nunca digo nada. Ela também fica triste por isso.

Mas eu ainda escondo comida, choro à noite e sinto saudade da mamãe, mesmo me sentindo mal por deixar a Wendy triste. Do mesmo jeito que eu deixava a mamãe triste.

Dori Acabei de contar aos meus pais o que o Reid fez pela Deb no último outono. Eles estão chocados e agradecidos, mas isso não mudou a opinião que eles têm do Reid em relação a mim.

— Ele está usando o dinheiro pra te comprar. — Minha mãe balança a cabeça, horrorizada. — Ele tem uma verdadeira fortuna, e, por mais que fosse impossível pagarmos por aquele quarto particular, não é nenhum sacrifício pra ele. Ele não está se arriscando por você.

Olho para ela.

— O que você espera que ele faça pra te provar que é sincero?

Com os braços cruzados sobre o peito como um escudo, ela se joga de novo na cadeira e faz uma careta para o tampo da mesa.

— Pra falar a verdade, não sei se isso é possível. Sempre vamos ficar preocupados de você se machucar.

— Mãe, coisas horríveis acontecem, e não podemos evitá-las. Não existe nenhum grande destino controlando tudo...

— Ah, Dori. — Meu pai está com lágrimas nos olhos. — Você perdeu a sua fé? De verdade?

Encaro minhas mãos, porque não posso olhar para ele e responder com a verdade.

— Talvez neste momento minha fé esteja no fato de que o Reid me ama e eu o amo. E talvez um dia isso também não seja mais verdade... Todos nós acreditávamos que a Deb seria médica. Acreditávamos que ela e Bradford se casariam e seriam felizes juntos. Ela também acreditava nessas coisas. Eu sempre pensei que, um dia, quando perdesse você e a mamãe, eu teria a Deb para me apoiar. Que nós duas compartilharíamos o luto. E, agora, terei que passar por isso sozinha. Ou talvez amanhã alguém ultrapasse um sinal vermelho e vocês também me percam...

— Dori! — Minha mãe ofega, e eu levanto o olhar, vendo o choque em seu rosto. — *Não diga isso.* Por favor, não diga isso.

— Mas é verdade, não é? A Deb simplesmente escorregou e caiu, e agora a vida dela basicamente acabou. — Ao ver a agonia espelhada no rosto dos dois, corrijo: — Ela não é mais quem era, e eu não consigo fingir que é. Não podemos ter certeza de nada. Não podemos determinar com exatidão nada na vida. — Meu pai fecha os olhos, e odeio saber que ele está sofrendo por minha causa. Mas preciso fazer os dois entenderem como eu me sinto, para que eles aprendam a aceitar quem eu sou. — Tudo o que sei é que meus pais me amam e minha cadela também. — Coloco a mão na cabecinha velha da Esther, e ela se aninha em minha mão. — O Reid me ama e não quero pensar no que vai acontecer daqui a dez anos, ou dois, ou na próxima semana.

Eles trocam um olhar, e eu sei que já discutiram a reação combinada se não conseguissem me fazer desistir do Reid. O Plano Paternal B.

— Tudo bem, Dori. Tudo bem — diz meu pai. — O que você espera que a gente faça?

Eu sei que qualquer acordo será restrito, mas vou aceitar.

— Quero que vocês deem uma chance a ele. Vocês não fariam objeção se tudo nesse relacionamento fosse idêntico, mas com o Nick em vez do Reid.

— O *Nick* não tem uma reputação internacional de usar as mulheres! — diz minha mãe, as palavras cuspidas encontrando um alvo fácil demais.

Minha resposta é suavizada, porque é claro que dói pensar em todas as garotas com quem ele esteve e em todas a que ele tem acesso.

— O Reid não amava essas garotas. Ele me ama.

— Pode ter certeza que ele não amava essas garotas. Nem as respeitava. — Meu pai fica vermelho, mas não para por aí. — Como você sabe quais mentiras ele pode ter contado para levá-las pra cama?

— Eu só sei o que ele me contou.

— Exatamente — ele bufa.

— Ele não precisaria mentir nem falar algo que não fosse verdadeiro pra levar garotas pra cama.

Minha mãe me olha.

— E isso não te preocupa do mesmo jeito? Ou ainda mais?

O focinho da Esther está apoiado de leve na minha coxa, seus olhos me encarando, ansiosa. Tranquilizo minha cadela, mas não consigo convencer meus pais de que seus medos são infundados. A atmosfera está insuportavelmente tensa, e a proteção deles — um escudo que sempre me pareceu confortável — se tornou uma rédea. Mesmo enquanto tento relaxar, não consigo me livrar.

— Eu acredito no que ele me contou. Acredito no que ele diz sentir. E, no fundo, o que ele diz que faz ou sente é assunto meu. De mais ninguém. — Minha voz sobe um tom ao falar isso, e vejo que é assim que as revoltas ganham força. Em meio às confissões.

Minha mãe estreita os olhos, e sei qual é a pergunta antes mesmo de ela articulá-la completamente.

— Dori. Você e ele estão...

— Mãe. Por favor, não pergunte o que você não gostaria de ouvir como resposta, porque eu não vou mentir pra você. Não mais.

O rosto dela é a imagem da derrota, as feições caídas, em rendição.

— Quer dizer que você espera que a gente não interfira enquanto você começa um relacionamento sórdido com uma... uma celebridade. — A voz dela falha, hesitante.
— Um jovem que vai te usar e te jogar fora quando se cansar de você...

— Se é nisso que você quer acreditar. Se é disso que você me acha capaz.

— Eu não sei mais do que você é capaz, Dori — ela solta.

Eu suspiro.

— Acho que você nunca soube.

Talvez essas palavras tenham sido as mais verdadeiras que já dissemos na vida.

*

Quando abro a porta, ele tira os óculos escuros e entra, lindo como sempre. Está

num look simples — o mais parecido possível com um garoto normal, para ele: por baixo do boné preferido dos Lakers, com a aba puxada para baixo, fios de cabelo loiro caem na testa e se enroscam nas orelhas e nas têmporas. Está usando a calça jeans de botão. A camiseta azul-marinho não é tão justa, mas, mesmo assim, não consegue esconder a curva sólida dos ombros largos e do tronco esculpido.

Encosto o rosto em seu peito. Ele me puxa para perto, me abraça e inspira fundo e devagar enquanto eu me enroscó nele. Sei que nada é estático. Nada permanece do mesmo jeito para sempre, não importa o quanto eu deseje que sim. Mas, neste momento, eu amo esse garoto e sei que ele me ama, e não me importo se, em algum momento, isso vai deixar de ser verdade.

Mas meus pais? Lembro das palavras que trocamos e engolimos, e não consigo imaginar se um dia eles vão aceitá-lo. Ou *nos* aceitar.

— Oi. — Ele vira a aba do boné para trás e ergue meu queixo para analisar meus olhos. — O que é isso?

Encolho o rosto preocupado em seu peito novamente, abafando as palavras.

— Não sei como achei que isso ia dar certo.

Ele me afasta devagar para me olhar nos olhos.

— Não confia no meu charme, Dori? Eu *te* conquistei, não foi? Se bem que acho melhor não revelarmos alguns dos meus atributos mais atraentes pros seus pais... Sua obsessão com minha calça de botão, por exemplo, pode ser mal interpretada.

Abafo uma risada incrédula. *Isso nunca vai dar certo*. Sem soltá-lo, mordo o lábio, e ele arqueia uma sobrancelha, em expectativa.

— E se simplesmente fugíssemos de casa?

Sua boca se abre num sorriso, os olhos brilhando, travessos.

— Claro. Pra onde? Paris? Madri? É verão em Melbourne, sabia?

Não estou nem um pouco acostumada a esse tipo de conversa surreal. Sei que ele está brincando com a minha apreensão, me dando opções que sabe que não vou aceitar, mas, se o meu pedido fosse sério, nenhum desses destinos seria impossível. Alguns dias atrás, ele me perguntou sobre o meu aniversário, que é daqui a um mês. Numa tentativa engraçada de ser sutil, ele falou sobre carros meia hora depois, me perguntando sobre tipos de transmissão e cores preferidas.

Sem acreditar que ele estava pensando seriamente num presente tão absurdo, falei que não iria precisar de carro na Cal.

— Humm, é mesmo — ele concordou, preocupado em acertar a jogada do videogame. Achei que essa conversa havia terminado até que, mais tarde, sentada à mesa da cozinha dele, Reid me perguntou como eu pretendia circular por Berkeley sem carro.

— O transporte público é ótimo. E vou levar a minha bike.

Ele fez uma pausa, com uma garfada de macarrão entre o prato e a boca.

— Uma bike, tipo uma bicicleta?

Eu ri.

— Não, tipo uma moto. Na verdade, sou uma Hell's Angel disfarçada. Quer dar uma volta na minha Harley?

Dei um gritinho quando ele me puxou da cadeira para o colo.

Ele me abraçou, levou a boca ao meu ouvido e sussurrou: — Quero. Quero, sim.

E aí o pai dele entrou, anunciando sua presença batendo os pratos enquanto fingia ignorar nossa demonstração pública de afeto à mesa.

Bato com um dedo no queixo e finjo considerar a possibilidade de fugir de casa para Melbourne. Se eu pudesse...

— Acho melhor eu colocar o maiô na mala.

— Humm. Está melhorando. Você tem biquíni?

— Humm, não.

Aquela covinha aparece no canto de seu sorriso de lado.

— Então acho que primeiro temos que fazer umas compras. — Ele desce a boca até a minha bem quando meu pai, que se recusa a fingir que não está nos vendo, surge do corredor do seu escritório e pigarreia.

*

— Bem, *essa* foi ótima... — A ironia é a defesa preferida do Reid.

Eu sabia que meus pais poderiam ser inflexíveis. Eu não esperava que eles fingissem alegria, já que os dois se opõem tanto à ideia de Reid e eu ficarmos juntos, mas nunca pensei que eles seriam nocivos de um modo tão declarado. Meus pais altruístas fizeram as filhas rejeitarem o racismo, o preconceito e a intolerância e, durante a vida toda, Deb e eu aprendemos seguindo o exemplo dos dois. Agora, estou encarando o fato de que essa mente aberta deles só existe se as pessoas em questão não forem ricas e famosas.

Estou com medo de olhar para Reid e ver como ele está lidando com o interrogatório curto e degradante que meus pais fizeram. Ele parece tranquilo com o que eles disseram e como disseram — até mais que eu. Estou morrendo de vergonha.

— Sinto muito. Eu não sabia que seria tão... desagradável.

Ele dá um risinho.

— Desagradável, é?

— Eufemismo?

— É, um pouco.

Meus pais foram para o quarto deles, deixando a sala de estar bem iluminada para nós. O sussurro suave da voz dos dois revela que a porta do quarto está aberta no andar de cima — uma ordem velada de que o Reid não deve colocar os pés na escada, muito menos no meu quarto.

Eles não eram tão vigilantes assim quatro anos atrás, quando eu estava namorando o Colin, que fingia ser confiável e decente, mas não os culpo por não terem visto o que havia por trás da fachada dele. Eu só queria que eles entendessem que uma das coisas que eu respeito no Reid — estranhamente — é o fato de ele ser sincero em relação a quem é e o que quer, não importa o que seja. Acho que é por isso que eu acredito quando ele diz que me quer e me ama.

— Ei. — Ele bate o joelho no meu, depois vira para colocar as minhas pernas por sobre as dele e me puxar para mais perto. — Você está bem?

— Você está?

Ele dá um meio-sorriso.

— Por favor. Você não achou que eu me incomodaria com uma cara feia de reprovação dos seus pais, né? Você me conhece. Eu *vivo* sendo desaprovado. As pessoas esperam isso de mim. Minhas fãs não me reconheceriam se os pais delas de repente comessem a me aceitar.

Brooke Viajar não é nada incomum para mim. Apesar de chegar de um lugar a outro via aeroportos ser entediante, isso é apenas algo que se deve aturar. Não induz ao pânico, pelo amor de Deus. Mesmo assim, meu voo sai daqui a três horas, e, todas as vezes que penso em pousar em Austin, sinto que vou vomitar.

Uma mala Louis Vuitton de rodinhas me espera perto da porta da frente e daqui a dez minutos outra vai aparecer, pronta para o serviço de táxi me levar até o aeroporto de Los Angeles. Adiei a ligação para o Reid, pois ainda não estou acostumada a compartilhar informações com ele espontaneamente. Fazer isso é quase confiar — algo totalmente artificial quando se trata de Reid Alexander. Mas eu disse que ia mantê-lo informado, então digito seu número, esperando que caia na caixa postal.

Em vez disso, ele atende, irritantemente alegre.

— Oi, eu ia te ligar.

Equilibrando o telefone entre o ombro e a orelha, jogo um monte de cosméticos da penteadeira numa sacola de viagem e a fecho.

— Você sabe que quem está falando é a Brooke, né?

— Eu olhei desta vez. Você não está orgulhosa?

Que direito ele tem de estar tão feliz, porra? Ah, sim. Porque ele é Reid Alexander, que evita qualquer senso de responsabilidade por qualquer coisa.

— Olhar para a tela antes de atender o telefone é uma fonte questionável de

orgulho, Reid, se bem que eu acho que é melhor encontrá-lo em algum lugar, pelo menos.

Ele ignora a provocação.

— E aí, o que foi que você descobriu?

Estou realmente falando com o *Reid* ou algum alienígena invadiu o corpo dele? Ele está feliz demais para estar doente. Mas eu sei que pessoas malucas podem ser irracionalmente felizes.

— Hum, bom, a Bethany trouxe uma foto dele...

— Sêrio? Uau.

— ... e, como eu te disse, ele está num lar temporário. Lar temporário de longo prazo.

— O que você quer dizer com “longo prazo”?

— Os direitos de guarda da mãe adotiva foram revogados meses atrás. O marido dela morreu há alguns anos... A Bethany está verificando como, não que isso seja importante. Parece que ela começou a usar metanfetamina depois disso e não se importava com quem ela arrastava junto para o buraco. Ela passou duas vezes por um tratamento médico determinado pela justiça e fez merda nas duas, por isso nunca mais vai tê-lo de volta. — Penso no River com uns dois anos, sem pai e com uma mãe zumbi drogada, e jogo duas calças jeans na mala com mais força que o necessário. — Não sei onde ela está agora... Cadeia, cracolândia, nas ruas se prostituindo em troca de drogas... E não me importo.

— Jesus. Uau.

Reviro os olhos ao ouvir seu segundo “uau”. Não estou no clima para sua incredulidade. Não quando tenho certeza absoluta de que ele vai pular fora assim que souber o que estou prestes a fazer.

— Estou indo pra Austin.

Se pontos de interrogação fossem audíveis, eu teria ouvido um do outro lado da linha.

— É lá que ele está: no sul de Austin.

— E você está indo lá pra quê? — A suspeita envolve o tom de sua pergunta, não tão animado agora, como se ele finalmente estivesse entendendo.

Falei a Kathryn e Bethany Shank que essa viagem era em parte responsabilidade, em parte curiosidade, mas isso foi uma distorção da verdade. Essa criança que eu nunca vi nem peguei no colo exerce um tipo de atração profunda, gravitacional. Contra todas as possibilidades, sinto uma ligação entre nós que, durante quatro anos, só vinha à tona no aniversário dele. Não é a mera curiosidade que me atrai até o Texas, e eu sei disso.

— Vou analisar a situação dele. Vou descobrir se posso pegá-lo de volta.

Silêncio. Silêncio mortal. Eu queria poder engolir as palavras e não dizê-las. Faz sentido eu ter soltado a verdade toda para o Reid.

— Brooke, essa criança não é um par de sapatos. Você não pode simplesmente fazer um pedido na Barney's e pegá-lo mais tarde. Você abriu mão dos seus direitos em relação a ele. Ele pode ser adotado por outra pessoa agora, certo? Você abriu mão dele...

— Eu sei, Reid. Você acha que eu não sei, porra?

Odeio o fato de ele falar dessa maneira: “abriu mão dele”. Como se eu não tivesse sacrificado nada e tivesse saído ilesa, como ele.

— É, tá bom, tá bom. Mas ninguém vai deixar você atrapalhar a vida dele agora só pra...

— Atrapalhar a vida dele? Ele está num lar temporário. E eu sou a *mãe* dele.

Mais silêncio, e acho que estou tão surpresa com a minha declaração quanto ele. Está claro que ele não sente a mesma obrigação que eu, mas isso nunca foi um fardo para ele. Sempre foi só para mim. Seu pedido de desculpas em doze passos, não importa de onde veio, não chega tão longe.

— Escuta, eu não espero que você se envolva nem nada assim, entendeu? Eu não falei que você era pai dele quatro anos e meio atrás e não vou fazer isso agora. Não que a mídia não vá especular...

— Brooke. Você não pode estar falando sério sobre ir até Austin e trazê-lo pra Los Angeles, não é? E a sua carreira? Você tem vinte anos! E é solteira!

Eu devia saber que ele não ia entender.

— Tipo, não existe mãe solteira? Além do mais, não consigo pensar tão longe neste momento. Tudo que sei é que ele precisa de mim e eu vou lá e não dou a mínima pra quem pensa o que, incluindo *você*. Simplesmente nega que você é pai dele, se chegar a esse ponto. Tenho certeza que o Graham e a Emma não vão contar, e eles são os únicos que sabem. Tenho que ir. Até mais, Reid.

Desligo e jogo o celular na cama.

Eu ainda odeio falar o nome do Graham. Ou pensar nele. Pressiono o peito com força, porque dói. Sempre dói quando penso nele.

O clima em Austin é parecido com o de Los Angeles nesta época do ano, apesar de ser um pouco mais instável. Enrolo uma jaqueta e amasso ao lado do jeans. E aí paro de repente, pensando no River. Ele vai precisar de roupas. E brinquedos. E sabonete. E tudo que crianças da idade dele precisam. Comida especial? Babá? Não tenho ideia. *Não tenho ideia*. O tamanho dessa decisão gira à minha volta e invade o quarto todo, insinuando que eu nunca vou conseguir fazer isso.

Vou fracassar. De um jeito ou de outro, vou fracassar.

Ouvi essas mesmas profecias dentro da minha cabeça a vida toda, e há muito tempo aprendi a ignorá-las. Aos quinze anos, decidi me tornar uma estrela de cinema, e agora posso dizer que sou uma. Administro minha carreira e minha vida pessoal do jeito que acho melhor, e ninguém — *ninguém* — me diz o que fazer. Às vezes faço merda — como fiz com o Graham. Esse fracasso me custou meu melhor amigo, e eu nunca vou aceitar isso.

— Droga — murmuro, puxando com violência a segunda mala da cama e afastando Graham Douglas da minha mente. De novo.

Se eu chegar a Austin e acreditar que existe uma alternativa viável que não seja pegar meu filho de volta, vou pensar no assunto. Caso contrário, simplesmente vou ter que aprender essa merda de ser mãe solteira.

Reid Merda. Merda, merda, merda.

Hoje à noite, a Dori e eu temos nosso primeiro encontro em público. Temos alguns dias até ela ir para Berkeley, que fica a cinco horas de Los Angeles. A última coisa que eu quero é jogar em cima dela uma frase do tipo “Ah, a propósito, eu sou pai... mais ou menos”, antes de ela se mudar.

Mas, quanto mais eu demorar para contar, pior.

A menos que ela nunca descubra.

A probabilidade de a Brooke realmente trazer o menino para casa como se ele fosse um cachorrinho abandonado é duvidosa. Além das implicações jurídicas de ela ter renunciado aos direitos que tinha sobre ele, existe o fato de que Brooke Cameron não interage muito bem com crianças. Até a filha do Graham parecia ser apenas um meio para um fim — um inconveniente que ela sabia que teria que tolerar para ficar com ele. Ela tem um meio-irmão mais novo, eu acho, que nasceu depois que nos separamos, mas eu nunca vi uma foto dela com ele. Apesar de isso poder ter a ver com ela evitar o pai, que ela odeia.

Será que a Dori faria isso por mim? Apesar de eu não planejar assumir publicamente a paternidade, não importa o quanto eu assumo ser culpado.

Jesus, eu não posso nem pensar nisso neste momento. A Dori foi abandonada por aquele cara no ensino médio e, aparentemente, o que aconteceu entre mim e a Brooke não parece muito diferente. Exceto que a Brooke me contou que estava grávida e eu a abandonei.

Merda. Se eu fosse um cara religioso, faria o sinal da cruz.

A vida era tão mais fácil quando eu não tinha consciência.

A Brooke tem controle total sobre o que está acontecendo, e eu não gosto disso. Ela é instável e impulsiva, uma péssima combinação, diga-se de passagem, para quem diz que vai ficar de bico calado. O Graham e a Emma também não vão me dedurar, apesar de eu conseguir imaginar a desaprovação dos dois, se eu encontrar com eles por aí.

Depois que eu souber o que a Brooke planeja fazer, conto à Dori.

Ou não.

Ótimo plano.

Dori O que vamos fazer? Uma dica, por favor?
Ou simplesmente me conta? Eu não sei o que vestir.

Eu Um jantar casual, depois uma festa na casa do meu amigo John.

Dori Uma festa??

Eu Não é nada de mais. Se você não quiser ir, não somos obrigados.

Dori Não. Se é isso que você quer, vamos. O que eu devo vestir?

Eu O que você quiser.

Dori Você sempre diz isso!

Eu E sempre é verdade.

Dori Não houve nenhuma mudança no quadro da minha irmã nos cinco meses desde o acidente e, de acordo com o prognóstico, isso vai continuar acontecendo. Presa em estado vegetativo, ela continua existindo, mas nada além disso.

Meus pais finalmente pararam de pedir a Deus por um milagre a cada oração à mesa do jantar, então não preciso mais engolir palavras que dão nó no meu estômago. Agora, eles simplesmente pedem que Deus cuide dela — uma oração que ainda agrada aos últimos resquícios de fé no meu coração, mesmo que eu ache incompatível com o fato de que ela está nessa condição.

Vou passar um tempo com a Deb hoje à tarde, antes de encontrar a Kayla e a Aimee para mais uma transformação de Cinderela. Enquanto corto o caule das tulipas que comprei no caminho, analiso os últimos acontecimentos na minha vida. Estou ficando melhor nisso, mas esses monólogos ainda parecem artificiais. Quando minha mãe, meu pai ou o Nick vem comigo, fico em silêncio exceto para responder a alguma coisa que eles dizem. Acaricio o braço da Deb, ajudo a dar comida para ela, canto suas músicas preferidas, penteio seu cabelo, mas só falo com ela quando estamos sozinhas, como agora.

— Vou sair pra jantar com o Reid hoje à noite — digo, seguido do *clip-clip* da tesoura cortando um pouco de cada caule.

No dia seguinte à volta do Reid à minha vida, apenas alguns dias atrás, confidenciei a verdade sobre o nosso relacionamento recente no quarto silencioso da Deb. Eu me sentia tão covarde, confessando segredos a minha irmã muda e impassível e a mais ninguém. Agora, meus pais sabem de tudo, mas o preconceito deles em relação ao Reid significa que não vou lhes contar mais nada. A Deb, mais uma vez, é

minha única confidente.

O que eu daria pelo seu conselho imparcial no lugar desse silêncio. Não sei o que ela pensaria do Reid nem do nosso relacionamento, mas ela me diria claramente, sem rodeios. E, no fim, ela apoiaria qualquer decisão que eu tomasse. Em vez disso, só tenho o ponto de vista de pais atormentados e amigas encantadas por celebridades. E nenhum deles parece confiável.

— Também vamos a uma *festa*. Que loucura, né? Eu, numa festa de Hollywood... O amigo dele, o John, não é uma celebridade, mas parece um alpinista social. — Uma ideia sensata me atinge nesse momento, como se a Deb tivesse falado. — Mas acho que eu não devia julgar... A maioria das pessoas vai pensar o mesmo de mim. Ou até pior. — *Interesseira*.

Ajeito o lençol macio na cama da Deb e me apoio ao lado dela.

— Não tenho ideia do que vestir hoje à noite, então convidei a Kayla e a Aimee para fazerem o pior possível. — Rindo baixo, lembro da dupla reação silenciosa quando liguei para elas e contei sobre o Reid e a nossa primeira saída. Acho que nunca vi nenhuma das duas ficar tão chocada a ponto de se calar. Certamente não as duas ao mesmo tempo. Cinco segundos depois, elas tagarelavam sobre estilistas, cores, tendências de sapatos e penteados, e todos os motivos pelos quais eu estava relutante em contar a elas voltaram de repente.

Na última vez que dei carta branca para as duas em relação às minhas roupas e maquiagem, acordei na cama do Reid com a pior ressaca que alguém poderia imaginar.

Mas havia alternativas piores que essa — e uma delas quase aconteceu. Eu quase saí de uma boate com um possível psicopata, de tão mal que fiquei com os drinques a mais. Mas, em vez disso, acordei num romance digno de conto de fadas. Que ainda não consigo acreditar que é real.

*

Depois de discutirem durante dez minutos como se eu não estivesse ali, Aimee e Kayla escolhem um top de seda azul-turquesa com contas na barra e no pescoço (da Kayla), uma calça jeans de marca desconhecida (da Aimee) e botas de pelo cor de chocolate (também da Aimee e com saltos baixos, graças a Deus). Naturalmente, elas se recusam a considerar qualquer uma das *minhas* roupas por mais de meio segundo.

— Não — diz Aimee. — *Nãããããããã*. Você nunca deve usar suas roupas quando sair com ele. Não estou brincando. *Nunca*.

Decido entrar em pânico por isso mais tarde. Neste momento, não tenho tempo.

Tentar fazer Kayla desistir de usar sua enorme caixa de maquiagem em mim é inútil, mas concordamos em fazer um look natural quando lembro a ela que o Reid só me viu praticamente sem maquiagem até hoje.

— Exceto na noite da ressaca — acrescento, e as duas desviam o olhar, ambas se repreendendo por me perderem de vista naquela boate. — Vocês duas, parem de fazer essa cara de culpadas! — Elas me olham, envergonhadas, e eu balanço a cabeça, insistindo: — Eu tomei minhas próprias decisões idiotas naquela noite. Tive mais sorte do que merecia quando o Reid me viu. Não culpo vocês e nunca culpei. Só não estou acostumada a usar muita maquiagem, e quero me sentir confortável hoje à noite.

Eu realmente falei “confortável”? Que pedido surreal.

— Você notou que ela simplesmente falou “Reid”, como se dissesse “Clark” ou “Josh”? — Aimee pergunta a Kayla, que faz que sim com a cabeça. As duas suspiram, e eu me esforço para não revirar os olhos.

Do instante em que Aimee e Kayla chegaram até quando o Reid vem para me pegar, minha mãe fica escancaradamente ausente. Ela simplesmente se trancou no quarto dela e do meu pai antes de eu voltar da Deb e não saiu mais de lá. Meu pai faz seu papel paternal, abrindo a porta e falando de maneira educada, mas contida: — Boa noite, Reid.

Ouçõ a resposta do Reid quando chego ao alto da escada, com Kayla e Aimee logo atrás.

— Boa noite, sr. Cantrell.

— *Reverendo* Cantrell — corrige meu pai, não com rispidez, mas não do jeito brincalhão como teria falado com Nick, a quem orientou: “Me chame de Doug”.

— *Reverendo* Cantrell — repete Reid, inabalável, soltando a mão do meu pai quando eu apareço. Mergulho na visão, apesar de tê-lo visto ontem. A camisa social azul e a calça jeans parecem simples, mas aposto vinte dólares que ele sabe exatamente o que esse tom de azul faz com seus olhos.

Terei sorte se a Kayla não cutucar as minhas costas a ponto de eu acabar caindo ao pé da escada.

— Aimee — ela geme. — É. Ele. Mesmo.

Os olhos do Reid me analisam da cabeça aos pés e voltam, devagar, sem se importar com o público extasiado: meu pai e minhas amigas, encantadas por celebridades.

— Linda — diz ele, pegando minha mão, e fico imediatamente grata por minhas amigas e suas habilidades de fadas madrinhas.

Reid — Pronta? — pergunto a ela, e não vai ser a última vez que faço isso hoje à noite. Estamos numa fila curta de carros, esperando o manobrista.

Ela solta o cinto de segurança, respira fundo e ajeita os ombros, como se estivesse se preparando para uma competição olímpica desafiadora, e não para uma noite comigo. Seus enormes olhos castanhos viram para mim enquanto faz que sim com a cabeça.

— Pronta.

Abafo uma risada e me inclino para beijar sua têmpora.

— Isso tudo vai acabar daqui a pouco, e logo, logo seremos notícia velha. Eu prometo. — Essas palavras têm cinquenta por cento de chance de se tornarem verdadeiras, alguma chance de se tornarem totalmente falsas, mas prefiro ser otimista em relação às minhas promessas.

— Está bem — diz ela, muito séria e confiante. Foi por isso que, hoje à noite, escolhi um dos lugares aos quais as celebridades vão quando querem se sentir um pouco normais — pessoas ricas normais que não querem ser fotografadas em qualquer lugar: Chateau Marmont.

Os paparazzi não têm permissão para ficar na extensa entrada de carros de paralelepípedos, quanto mais para chegar até a porta ou entrar. Na verdade, as câmeras são totalmente proibidas no restaurante, e, diferentemente de outros locais de Hollywood, essa ordem é rigorosamente cumprida. Não que fãs obsessivos nunca quebrem as regras e consigam escapar, mas o jantar no pátio é um acontecimento escuro, à luz de velas. Boa sorte para obter uma foto perfeita com um celular e sem flash.

O manobrista troca as chaves e um tíquete com o motorista à nossa frente, e deslizo os dedos por baixo do braço da Dori, pegando sua mão.

— Você já esteve aqui?

Ela ri como se essa fosse a pergunta mais ridícula que alguém já fez.

— Humm, não. Mas já ouvi falar. Serve?

— Humm. Vou te dar meio ponto por conhecer o lugar. Mas parece que vamos ter que marcar um fim de semana na cobertura. Ou talvez você prefira uma das

cabanas.

Ela sorri para mim.

— Uma cabana? — Claro que ela ficaria mais intrigada com um bangalô rangente isolado da década de 30 do que com uma suíte suntuosa com pé-direito alto e vista para a Sunset Boulevard e a colina de West Hollywood. — Parece uma história que eu conheço. Devo levar um capuz vermelho e uma cesta de piquenique?

— Só se for pra dizer: *Ah, Reid, como é grande...*

— Para! — ela ri, colocando a mão na minha boca. — Nem pense em terminar esse pensamento!

Passo um dedo na curva de sua orelha, sabendo que estaria bem vermelha se eu pudesse discernir a cor na escuridão do carro.

— Sinto muito, mas é tarde demais pra isso...

Adoravelmente envergonhada, ela pressiona os lábios e muda de assunto.

— Ficar num hotel na cidade em que você mora não me parece prático, se bem que eu acho que isso é normal pras celebridades.

— Você nunca fez isso? — Minha última estadia num hotel de Los Angeles foi por insistência da Brooke, quando seu plano para afastar o Graham da Emma foi para o espaço.

Dori se encolhe um pouco, olhando para a frente enquanto eu paro ao lado do estande do manobrista e lembro que seu namorado idiota do ensino médio a levou para um motel quando ela fez quinze anos, depois a abandonou um mês depois, quando ele fez dezoito e ela se tornou uma chave de cadeia.

Eu gostaria de dar uma surra nesse cara, mesmo que já tenham se passado quase quatro anos.

— Parece que tenho um novo objetivo: *ensinar a Dori a não ser prática.*

Ela balança a cabeça, pensativa.

— Não sei, Reid... Isso me parece um objetivo impossível. — O manobrista abre a porta dela, e ela se assusta antes de respirar fundo mais uma vez e aceitar a mão dele. Ela está muito nervosa. Duvido que vá relaxar a noite toda, e Deus sabe que provavelmente não vou conseguir convencê-la a se soltar do jeito Reid Alexander: com uma dose de alguma coisa velha e cara.

— Desafio aceito, Dorcas Cantrell — murmuro, saindo do meu lado do carro com um pulo e contornando para envolver seus ombros e conduzi-la para dentro. *Desafio aceito.*

Peço caranguejo com abacate como entrada e uma garrafa de Torrontés. Dori pede um copo d'água. Quando faço que sim com a cabeça, o garçom traz uma garrafa de água enfeitada, decantando e servindo no copo dela enquanto mantém uma

expressão desinteressada. Dori arqueia uma sobrancelha e me fala sem som “Não é prático”, com um sorriso presunçoso. Sorrio também. Ela não tem ideia das coisas não práticas que consigo pensar em relação a ela.

No fim da refeição, ela está mais relaxada. Apesar da multidão de pessoas, a vegetação exuberante e as velas acesas tornam o pátio aconchegante e íntimo, em vez de congestionado. Não houve nenhum flash de câmera, claro, e ninguém prestou muita atenção a nós, além dos garçons — todos nos servindo com as mesmas expressões agradáveis, mas indiferentes.

Não vai ser assim em outros locais de Los Angeles. Em algum momento, Dori será totalmente iniciada na exposição pública que acompanha o fato de estar ao lado ou namorar uma celebridade. Ela experimentou um pouquinho disso no último verão, depois do incidente do pátio, mas aquilo não foi nada.

Mas não vou dizer isso a ela.

O apartamento de John, num andar alto, está lotado quando chegamos, e isso não foi exatamente o que combinamos quando ele me implorou para deixá-lo ser o anfitrião da festa de apresentação da Dori. (Outra coisa que não vou contar a ela: que John e eu planejamos a festa só para apresentá-la aos nossos convidados num local mais reservado.) — Uau — murmura Dori, se aproximando. — Seu amigo tem muitos amigos.

John não tem amigos, e sim uma rede de conhecidos úteis, que nos olham de maneira não muito discreta no instante em que damos nossos casacos para a garota da porta e começamos a atravessar a multidão. Sigo o som da risada do John acima da música, sentindo a mão da Dori apertando a minha como se nossas palmas estivessem coladas.

— Reid! Oi, cara. Onde está...? Ah, aí está ela. — Ele sorri, vendo Dori atrás de mim. — Ainda mais baixinha do que eu me lembrava.

Dori tem apenas lembranças vagas do John, já que o único encontro dos dois ocorreu durante a noite mais embriagada da vida dela — se não for a *única* noite embriagada da vida dela. Ela sorri para ele, mas não solta minha mão. Flexiono o braço que está nas costas dela, para puxá-la mais para perto. Ela pode ser forte e cheia de curvas, mas John está certo: ela parece pequena ao meu lado.

— Oi, John. Quanta gente por aqui — digo de maneira enfática. Tínhamos combinado mais ou menos vinte pessoas, e tem facilmente duas ou três vezes essa quantidade andando pela casa e espalhada pela varanda.

Ele dá de ombros e sorri.

— O que eu posso dizer? Sou um cara popular. — Ele pega duas taças de champanhe no balcão do bar e nos oferece. — Bem-vinda, Dori. Ouvi dizer que você

transformou meu brôu aqui num cara honesto.

Pego uma taça enquanto Dori balança a cabeça de maneira quase imperceptível.

— Ah... eu não...

John a separa de mim com habilidade, sorri e se aproxima, colocando a taça na mão dela.

— Fica com ela na mão. Você pode tomar um golinho. Ou não. — Com a palma em sua lombar, ele diz por sobre o ombro: — Eu devolvo a garota daqui a pouco, brôu. Talvez. — Balança a sobancelha, e olho furioso para ele.

— John... — Minha voz está tensa, mas ele decidiu me ignorar, o maldito.

Ele para no primeiro grupo de pessoas e pergunta: — Claude e Nichole, vocês já conhecem a namorada do Reid? Esta é a Dori. Nasceu em Los Angeles, estuda na Cal, inteligente demais pra ele. Só estou esperando ela ficar mais esperta pra eu poder entrar na jogada.

O espanto é geral. Ouço quando sussurram meu nome, repetem a palavra “namorada” e especulam coisas do tipo “Quem é ela?”. John bloqueia estrategicamente a visão de Dori de duas garotas que a medem da cabeça aos pés, cochichando de modo debochado. Tenho quase certeza que já transei com pelo menos uma delas. Merda.

Mas o casal que ele abordou sorri e se recupera rapidamente da surpresa. Os dois são atores novatos, que aguardam uma virada nos holofotes, e é comum John ficar de olho nessas pessoas em ascensão. Como fez comigo.

— Ah! Dori? É um prazer conhecê-la — diz Nichole.

— Obrigada. — Dori sorri, segurando a taça de champanhe como um escudo ornamental. John ainda está com o outro braço dela preso na curva do cotovelo.

— Eu não sabia que o Reid tinha uma namorada — diz Claude, curioso. — É recente?

— Não só recente como praticamente inédito — responde John, orgulhoso por divulgar a novidade. Enquanto ele a conduz ao próximo grupo, Dori me lança um olhar divertido por sobre o ombro, e eu me convenço de que ela consegue lidar com quase tudo.

Brooke A Kathryn se ofereceu para me buscar, mas o voo deve pousar perto da meia-noite, e eu tenho um compromisso no centro da cidade às nove da manhã. Não há motivo para ir tão longe só para dar meia-volta poucas horas depois e retornar para cá no horário do rush. Em vez disso, agendei um serviço de táxi e um hotel com checkout em aberto — algo que meu agente ou meu empresário normalmente faria, mas não falei com nenhum dos dois que estou saindo de Los Angeles, muito menos o porquê. Eles surtariam e gritariam no meu celular todos os motivos para eu não ir...

Como é aquele ditado sobre pedir desculpas depois em vez de pedir permissão antes? Esse poderia ser o lema oficial de Brooke Cameron.

Minha parte preferida de voar na primeira classe é ser a primeira a entrar e a primeira a sair — o que significa pouca ou nenhuma interação com os outros passageiros. É um luxo pelo qual fico feliz de pagar. Hoje à noite, meu companheiro de fileira é o filho de um músico. Eu o reconheço vagamente, mas não consigo lembrar qual cantor galinha é o pai dele. Ele me olha com interesse, mas não tenho certeza se me reconhece. Eu o observo enquanto está envolvido numa discussão com a comissária de bordo sobre poder ou não beber álcool (“Mas estou na *primeira classe!*”, ele resmunga, como se ela não soubesse), e minha análise leva à conclusão de que ele não pode ter mais que dezesseis anos.

Coloco os fones de ouvido, olho pela janela e o ignoro. Pouco tempo depois, ele está jogando um videogame cheio de peitos e sangue no notebook, confirmando a suposta idade.

Quando pousamos, todas as lojas do aeroporto estão fechadas, os assentos de todos os portões estão vazios, e a ampla extensão de piso envernizado reflete os pontos de iluminação amarela na passagem principal. Uma grande placa de metal sob uma coleção colorida de desenhos de guitarras declara que minha cidade natal é a “Capital Musical do Mundo”.

Peças dessa coleção observam as esteiras de bagagem vazias, todas paradas, exceto uma — provavelmente a do meu voo. Não despachei bagagem, então não preciso parar. Estou com medo num lugar tão enorme e quase vazio, e minha imaginação absurda — cortesia de duas horas de imagens nojentas de videogame — sugere um apocalipse zumbi.

Acelero pelo aeroporto quase deserto até a saída marcada, onde um carro espera no meio-fio para me transportar até a cidade que eu costumava conhecer tão bem.

Só voltei aqui três vezes nos últimos seis anos — a primeira para ter o meu bebê, a segunda para filmar *Orgulho estudantil* e a terceira para fazer uma sessão de fotos para promover o filme. Austin e eu crescemos e mudamos desde que eu morei aqui, quer essas transformações tenham sido bem-vindas ou não.

Posso ser capaz de rastrear meus passos, mas não posso voltar e escolher um caminho alternativo. É tarde demais para isso.

*

Eu tinha quinze anos quando fui para o set de filmagem pela primeira vez sem a supervisão dos meus pais. Reid, um ano mais novo que eu, era o único membro do elenco que tinha mais ou menos a minha idade. Como personagens sem importância, tínhamos poucas cenas e muitas vezes éramos deixados meio sozinhos. Rapidamente

formamos uma aliança contra o tédio absoluto.

Uma tarde na primeira semana, sentei nos degraus do meu trailer e observei enquanto ele tentava fazer um truque no skate que tinha levado para lá. Ele deslizava pelo concreto várias vezes, virando a ponta do skate e pulando ao mesmo tempo, mas sem conseguir pousar direito.

Ele era tão bonito. Tão arrogante. Tão determinado. Fazendo tudo tão *errado*.

Na quinta vez que errou, ele caiu de bunda, e eu ri. Fez uma cara feia, secou o sangue do cotovelo e me desafiou: — Por que *você* não tenta, se acha tão fácil assim?

Não contei a ele que minha meia-irmã, Kylie, era uma ótima skatista e que eu sabia fazer um varial como uma profissional desde que tinha dez anos. Fingindo ignorância, ouvi enquanto ele me explicava como fazer. Quando comecei a correr antes de pular no skate e impulsionei-o com mais rapidez ainda, ele pareceu surpreso. Com uma virada habilidosa do pé, girei o skate, pousei com suavidade e passei deslizando por ele com um sorriso arrogante.

Enquanto ele se aproximava, desci do skate e o joguei para cima até a altura da mão para devolvê-lo. Ele pegou a minha mão em vez do skate e entrou direto na minha intimidade, com os olhos iluminados.

— Isso foi *incrível* — disse ele. — E *muito* excitante. Me deu vontade de, sei lá, te beijar ou algo assim.

— Tudo bem — falei, com o coração martelando pelo esforço físico, pela expectativa do meu primeiro beijo ou pelas duas coisas.

Se ele ficou surpreso com a minha concordância tão rápida, não demonstrou. Em vez disso se aproximou, segurou minha cintura com as duas mãos e se inclinou para me dar um beijo que foi mais como vários beijinhos, cada um melhor que o outro.

Eu não sabia, naquele momento, que ele também estava dando seu primeiro beijo. E o segundo. E o terceiro.

Dori Quanto mais me afasto do Reid, mais fico ansiosa. Não conheço nenhuma dessas pessoas, nem esse garoto malandro que está me conduzindo pela multidão com a

mão na minha lombar. Sei que ele é o melhor amigo do Reid, mas, toda vez que o Reid tenta descrever o relacionamento dos dois, termina balançando a cabeça e dando de ombros.

— Você vai ver quando conhecer o cara. Ele é simplesmente... o John.

Até agora, concluí que o John é um paquerador profissional e um puxa-saco descarado das celebridades, e seu linguajar é tão abominável quanto era o do Reid (ou, para falar a verdade, como é o do Reid — não tenho nenhuma ilusão de que o mudei, só que ele tenta respeitar os meus limites quando está perto de mim). A julgar pela enxurrada de elogios de hoje à noite em relação à minha educação e às minhas atividades nos serviços comunitários, John também está determinado a ver o meu lado bom. Ou a me promover a santa até o fim da noite.

Pigarreio para corrigir a declaração errada que ele acabou de fazer para duas garotas largadas no sofá — garotas que me analisam com curiosidade, como se eu tivesse pele azul ou membros sobrando.

— Não sou uma *missionária* de verdade.

Ele franze a testa.

— Mas o Reid falou que você foi pra Porto Rico ou pro Brasil pra doar sapatos, ou Bíblias, ou alguma coisa assim.

— Hum... Eu fui pro Equador trabalhar como professora voluntária de música numa escola missionária...

— Escola missionária. Certo. Então você é uma missionária.

Ai, carambola. Respiro fundo.

— Bem, não... Missionários normalmente aceitam atribuições de longo prazo ou até pra vida toda; eles são dedicados ao trabalho evangélico, além de montar escolas, hospitais...

— Mas você acabou de dizer que estava ajudando a administrar uma escola no Panamá.

Suspiro, me lembrando de Ana Diaz, a diretora do programa em Quito, que luta diariamente contra a pobreza, o crime e pais analfabetos que não conseguem imaginar

alguma coisa melhor para os filhos; que os mandam lustrar sapatos, fazer pequenos furtos ou qualquer coisa que possa colocar comida na mesa da família aquela noite.

— Ela falou Equador — diz uma das garotas, analisando o meu rosto. Como todas as outras garotas aqui, ela está vestida de maneira casual, mas alguma coisa no caimento dos tecidos diz “riqueza”. Seus olhos são escuros e vivos. Tenho certeza que ela percebe que estou completamente fora do meu ambiente.

John dá de ombros.

— Que diferença faz?

Ela revira os olhos e resmunga: — Idiota. — John finge se sentir ofendido, expressando sua despreocupação com a opinião dela sem dizer uma palavra. Ela o ignora e então pergunta: — Quer dizer que você é namorada do Reid?

Meu coração vira uma cambalhota ao ouvir a palavra, e faço que sim com a cabeça, absorvendo sua incredulidade na sobrancelha arqueada e na inspeção dos pés à cabeça, repetida rapidamente.

— Desculpa, mas é que... você não parece muito o tipo dele, na verdade.

Fico corada, e John me vira, dizendo: — Não precisa ser escrota, Jo...

— Não. — Ela se inclina para a frente. — Quer dizer, ela é totalmente diferente da *última* namorada dele.

John para, virando de costas para ela.

— Eu sei que você não conhece a Emma Pierce.

— Não estou falando dela. — O lábio da garota se curva num desdém cheio de nojo. — Estou falando da Brooke Cameron.

Fico boquiaberta. Brooke Cameron — a gata de *A vida é uma praia*, com quem Kayla e Aimee têm um relacionamento de amor-e-ódio-a-distância. A garota que fez o papel de Caroline no último filme do Reid. *Ela* já foi namorada dele?

— Jesus, aquele desastre aconteceu há um século. Você ainda se lembra dela? — John ri. — Que obsessão, hein?

— Vai se foder, John — diz Jo, se levantando, os olhos queimando de fúria, a bebida derramando na mão. — Não sou eu que fico satisfeita de ser o aliado galinha do Reid. Sem querer ofender — ela diz para mim.

— Hum... — Olho por sobre o ombro, procurando Reid e lutando contra a claustrofobia.

— Meu Deus, vocês dois... Já chega. — A outra garota entra na conversa, com a voz tão baixinha quanto ela mesma. Ela se levanta, com as mãos nos quadris, olhando furiosa para o John. — Achei que você ia ser legal hoje.

Ele a puxa para si com o outro braço.

— Talvez você devesse manter sua colega de quarto numa coleira, Bianca. Ou

amordaçada.

— John! — Ela dá um soco desanimado no peito dele, deixando óbvia a atração entre os dois.

— Vem, Bianca. — Jo sai batendo o pé em direção ao bar, montado no canto.

Bianca solta um rosnado, balança a cabeça e segue a amiga.

Vendo as duas se afastarem, com os lábios tensos, John murmura: — Bem, isso foi maldade.

— Bianca é sua...? — Paro, sem saber como classificá-la.

Ele pega a taça da minha mão, engole metade do conteúdo borbulhante — champanhe, suponho — e me devolve.

— A gente vive brigando e voltando. Mas não aguento a colega de quarto dela, caso você não tenha percebido.

— Humm. Eu não tinha notado.

Ele sorri como um lobo por causa da minha ironia, e começo a perceber de onde vem a afinidade entre ele e o Reid.

— Gostei de você, Dori.

— Ei. — Os olhos do Reid estão escuros, com uma sobrancelha arqueada quando ele me puxa do lado de John. — Tira a mão, cara. Não quero te aleijar na sua festa. — A ameaça é só brincadeira, assim como as mãos levantadas do John. A voz do Reid fica mais suave, e ele inclina a cabeça na direção das garotas. — E, hum, o que foi *aquilo*? Por que a Jo está aqui, pra começar?

— Brôu, sério. Cai na real — desdenha John. — Não posso simplesmente convidar um monte de caras.

A implicação é inconfundível: não tem como evitar certas coisas, como os fantasmas do passado sexual do Reid. Existem garotas demais no círculo social dele, na cidade, no *país*, para evitar todas elas. Sua reputação de Don Juan de Hollywood é famosa. Minhas amigas e até meus pais a conhecem muito bem. Já deixei claro que não quero nem preciso ouvir os detalhes sórdidos, e acho que ele também ficou agradecido por não ter de confessá-los.

Espero que o público se pergunte o que ele está fazendo comigo, afinal — senti um gostinho disso quando tropecei e caí em cima dele no projeto da Habitat no último verão, fazendo os tabloides espalharem especulações cruéis. Espero encontrar famosos e fãs que o desejam, que até já *ficaram com* ele, que podem me odiar logo de cara.

Tenho quase certeza que a Jo é uma dessas.

Mas descobrir que ele esteve envolvido com Brooke Cameron por tempo suficiente para ser um relacionamento conhecido? *Ele pode ter amado a Brooke*. Essa

possibilidade imprevista cresce, um refluxo do único medo que eu me recusei a enfrentar. Apesar dos boatos de que ele foi para a cama com metade das garotas de Hollywood — e do fato de que ele nunca rebateu essas alegações —, eu esperava que o coração dele fosse só meu.

Quero rejeitar o ciúme e a insegurança que começam a ferver na boca do meu estômago. Preciso da verdade, qualquer que seja ela, mas não posso perguntar ao Reid. Porque, lá no fundo, eu não quero saber.

Brooke Norman Rogers, advogado da Kathryn — mais um amigo da família agora, já que é seu advogado desde o divórcio dela e do meu pai —, gagueja, incrédulo, quando lhe digo que quero o River.

— Tem certeza? — ele pergunta, como se eu tivesse marcado essa reunião e vindo de Los Angeles para o Texas por puro capricho.

Trinco os dentes. Já sobrevivi às reações de choque do Reid, da minha detetive particular e da minha madrasta. Que diferença faz mais uma?

— Tenho. Quero meu filho de volta. — Pensando bem, eu devia me acostumar com essa resposta. Talvez eu ligue para a Angelina para saber como ela lidou com esse tipo de reação cética.

Norman olha para mim por cima dos óculos e diz: — Está bem, então. — Bate com a caneta folheada a ouro no bloco e começa a trabalhar. — A primeira coisa que precisamos fazer é ficar diante de um juiz e pedir uma permissão de análise domiciliar. Suponho que você planeje levá-lo pra Califórnia? Se quiser fazer isso, temos que conseguir um Pacto Interestadual de Transferência de Crianças para coordenar o caso entre o município de Los Angeles e o estado do Texas. — Ele rabisca sua caligrafia de advogado num bloco, organizando nosso plano de ataque, imagino. — Cabe ao juiz decidir se a adoção vai acontecer aqui no Texas ou se vai ser transferida para um tribunal da Califórnia...

— Adoção? — Eu lhe devolvo a incredulidade. — Mas eu sou a mãe dele. Não posso simplesmente pegá-lo de volta?

Norman encara o bloco e sublinha algumas coisas, passando um dedo largo na testa como se estivesse tentando alisar as rugas prematuras que essa conversa vai

deixar ali. O silêncio se estende até que, finalmente, ele pigarreia.

— Brooke, o River está num lar temporário. O estado do Texas tem a tutela dele. Existem procedimentos específicos para garantir que o que vai ser feito agora será para o bem da criança.

— Mas eu sou a mãe dele — sussurro, me repetindo, a culpa me engolindo como areia movediça. Eu mal consigo respirar.

— Tecnicamente, Brooke, você não é.

Essa declaração é como um tapa na cara, que rouba o que resta da minha respiração. Sinto minha boca se abrir e observo as sobrancelhas de Norman se unirem de tristeza, os lábios pressionados. Ele me deu a verdade nua e crua e, por mais que eu lhe agradeça por fazer isso, eu não tinha pensado nessa resposta.

— Quanto tempo? Quanto tempo até eu poder ficar com ele? — Um tremor percorre meu corpo inteiro, começando pelo pescoço e disparando dolorosamente até as extremidades. — Você está me dizendo que eu não posso... que eu não posso recuperá-lo?

Sua expressão deplorável fica borrada, enquanto o resto da sala flutua.

— Brooke, você abriu mão do seu filho quando ele nasceu porque acreditava que era o melhor para ele.

Fecho os lábios trêmulos. Eu abri mão dele porque não o queria. Eu nem quis pegá-lo no colo antes de dá-lo para adoção. Minha renúncia não foi um ato altruísta da minha parte. Eu só queria minha vida de volta.

— O tribunal vai levar isso em consideração — ele continua. Sobrepondo meus pensamentos acelerados, a voz dele fica metálica, como se as palavras ecoassem através de uma lata. — Na melhor das hipóteses, estamos falando de quatro ou cinco meses...

— Quatro ou cinco *meses*? — Minhas palavras ressoam, fanhosas, e não me importo com quem escuta nem com como estou soando. — Não posso deixá-lo naquele lugar sujo e infestado de pulgas durante *meses*! Não posso simplesmente voltar pra casa e deixá-lo aqui como fiz na última vez!

Como explosivos detonando uma barreira, alguma coisa estala dentro do meu peito e, para meu absoluto pavor, estou chorando.

Norman se levanta e senta duas vezes, finalmente pegando uma caixa de lenços de papel em seu móvel impecável e jogando-a para mim enquanto Kathryn entra de repente na sala, caindo na cadeira a meu lado e me puxando até seu ombro.

— Querida, você não está abandonando seu filho. Estamos começando um processo. Escuta, queremos que eles sejam cuidadosos. Não sabemos se existem avós que o queiram ou tios que já deram início a esse processo. Talvez ele esteja a semanas

ou dias de uma nova casa.

Ela sabia. Foi por isso que ela insistiu em vir comigo hoje e se instalou numa cadeira bem perto da porta do escritório. Foi por isso que ela estava tão contida hoje de manhã, na carona desde o hotel, sem arriscar opiniões sobre o que Norman poderia dizer. Ela já sabia, ou pelo menos suspeitava.

— Você quer o melhor pra ele, certo? — ela pergunta.

Faço que sim com a cabeça e enterro o rosto em seu peito, como fazia quando era criança. Quantas vezes fui até ela quando meus pais falharam comigo? Ela me manteve sã quando ninguém mais se preocupava com o que eu pensava, sentia ou queria. Mas, se River tem avós ou tios, onde diabos estavam essas pessoas quando ele estava sofrendo?

E onde eu estava? Numa festa, gravando mais um episódio insípido de *A vida é uma praia*? Uma segunda onda de soluços me toma, mas fico firme como uma montanha contra a maré.

O melhor para o meu filho sou eu.

Como se eu tivesse dito essas palavras em voz alta, Kathryn diz: — Mesmo que o melhor pra ele não seja ir pra casa com você neste momento? Mesmo que o melhor pra ele não seja você? — As palavras da Kathryn iluminam minha memória. Graham. A perda de sua amizade e aquela dor aguda enterrada no meu peito. Eu pensava que era o melhor para ele, mas, na verdade, não me importava com o que era melhor para ele.

Eu queria o Graham porque ele teria sido o melhor para *mim*. Ainda acredito nisso, apesar de perceber agora — com mais clareza do que nunca — que eu não era o melhor para ele. Eu não era o que ele queria.

Quero ser o melhor para o River. Mas e se eu não for?

Eu me recomponho. Respiro. Sento mais reta. Seco os olhos com o lenço de papel. Pigarreio.

— Sim.

**Reid Nenhuma foto de paparazzi
aparece, mas uma imagem sombreada de
celular feita por uma admiradora surge**

num dos sites de fãs e, em uma hora, está em todos eles, assim como a especulação sobre a Dori. John me manda uma mensagem de texto com o link.

John A notícia sobre a sua namorada supersecreta já se espalhou.

Eu

Posso assassinar algumas dessas pessoas? O que as faz pensar que eu me importo com as suas opiniões idiotas em relação a quem eu namoro?

John Por favor, brôu. Você já viu isso um milhão de vezes. Literalmente.

Eu

Eu sei. Só que eu me sinto mais protetor em relação a ela.

John CUIDADO.

Eu

Tá bom, tá bom. Eu diria que sinto muito, mas não é verdade.

John Você vai arrumar um guarda-costas pra ela?

Eu

Eu não tinha pensado nisso. Meu Deus, ela ia surtar. Posso fazer isso sem ela saber?

John Acho que sim. Mas aí ela não vai poder informar pra ele quem pode se aproximar. Ele pode dar uma surra num pobre coitado que está só conversando com ela.

Eu

E isso seria ruim... certo?

John Me parece uma pergunta pro seu Pai Advogado.

Quando apareço para o nosso segundo encontro em público, sou recebido pela visão dos repórteres acampados na rua da Dori. Não muitos, mas o suficiente para abalar Dori e seus pais. Uma van alugada está parada na entrada de carros, quase dentro da garagem, e provavelmente já está carregada. Os pais dela vão levá-la de carro até Berkeley amanhã, e eu não fui convidado.

— Eles sempre acharam que iam me levar pra faculdade, fazer a mudança pro meu dormitório, conhecer minha colega de quarto, chorar com as despedidas, essas coisas todas, só nós três — ela confessa.

Não espero ser parte de todos os aspectos da vida dela, mas me sinto num cabo de guerra com eles. Ficar em segundo plano não é da minha natureza, e jogar pela janela o desejo dos pais não é da natureza da Dori. O impasse atual é um tipo fodido de acordo, mas nesse ponto o que funcionar está bom.

— Você não confia em mim? — pergunto antes de sairmos pela porta da casa dela.

Ela olha para mim, um pouco menos arrumada que da última vez que saímos. As amigas dela não estão aqui hoje à noite. Sua roupa — camisa social rosa-clara, calça de veludo cinza e sapatos comuns numa cor indefinida — é mais tradicional, mais parecida com a da vizinha que a anterior (sem dúvida, emprestada). Mas, assim como aconteceu com sua coleção de camisetas extragrandes filantropicamente bem cuidadas, fico excitado de saber que sou o cara que sabe o que está por baixo daquele verniz.

— Você precisa perguntar? — diz ela.

— Ainda estou me acostumando com isso.

— Eu confio em você, Reid.

Abafando uma pequena culpa por causa do importante assunto que estou escondendo, continuo: — Vou segurar sua mão no caminho até o carro para mostrar

pra todo mundo que estamos juntos. Tente apagar essa ruguinha de preocupação. Você já esteve no palco? Peça da escola, encenação na sala de aula, qualquer coisa desse tipo?

Ela faz que sim com a cabeça, a ruga entre as sobrancelhas ficando mais pronunciada e o lábio inferior totalmente escondido na boca, sinal claro de ansiedade.

— Já fiz algumas apresentações na sala de aula. Por quê?

— Não entre em pânico, não vou te dar nenhuma fala. Você só precisa tentar parecer... feliz.

A ruga se aprofunda.

— Eu *estou* feliz.

Não consigo evitar uma risada.

— Muito convincente, srta. Cantrell. — Passo o indicador na pequena ruga, descendo pelo nariz e segurando seu queixo com delicadeza.

Ela respira devagar, fecha os olhos e relaxa o rosto em minha mão.

Eu a recompenso com um beijo profundo, enquanto meu polegar acaricia sua bochecha.

— Perfeito. Agora mantenha essa expressão satisfeita e, mais tarde, vou cumprir a promessa por trás desse beijo.

Antes que ela perca o controle, pego sua mão e saímos para a primeira torrente de paparazzi à qual ela será submetida. Eles gritam nosso nome e nos bombardeiam de perguntas.

— Reid, você e a srta. Cantrell estão num relacionamento? Há quanto tempo estão juntos? — As câmeras clicam e flashes espocam no crepúsculo violeta. Ela nunca apertou minha mão com tanta força.

Garantindo que ela está em segurança antes de contornar a traseira do carro e chegar à porta do motorista, abro a porta e lanço um sorriso para os fotógrafos — uma demonstração de gratidão por eles terem nos dado espaço suficiente para ir da porta da frente até o carro.

— E a Emma Pierce? — grita uma voz. — Isso significa que você a esqueceu? Está seguindo em frente?

Balanço a cabeça e sorrio. Caramba, eles *não* desistem.

Faz oito meses que entreguei Emma nos braços de Graham Douglas. Quando encontrei os dois em Vancouver no último outono, eles estavam revoltantemente felizes, mas vê-los juntos naquele momento só me fez pensar na Dori, a garota irritante da Habitat que eu achava que nunca mais veria.

Brooke Me liga. Tenho novidades.

Eu

Estou num encontro. Te ligo amanhã.

Brooke Num “encontro”? É assim que você chama agora?

Eu

Assunto proibido.

Brooke Tá bom. A gente se fala amanhã.

Dori Reid está tentando me convencer a dormir com ele enquanto coloco meus sapatos de couro falso da ponta de estoque e ele veste um moletom com capuz da Ralph Lauren, todo salpicado de tinta.

— Você vestiu essa roupa no projeto da Habitat na semana passada?

Ele olha para baixo e dá de ombros.

— Não. Comprei assim.

— Hum — digo. — Quer dizer que é assim... de propósito? Acho que uma boa parte do meu guarda-roupa é mais moderna do que eu pensava. Que boba que eu sou, usando as coisas menos surradas.

Estou feliz de sair da cidade hoje por pelo menos um motivo — o fato de que Kayla e Aimee vão me *matar* quando virem as fotos da roupa que usei ontem à noite. As duas admitiram que perseguem o Reid online, apesar de eu desconfiar de que elas procuravam fofocas sobre ele muito antes de ele bater com o carro e cair no meu humilde círculo social. Elas vão ficar horrorizadas quando virem minha roupa banal da lista de Erros da Moda, dias depois de me alertarem para nunca usar minhas próprias roupas para sair com o Reid.

Elas nunca me disseram o que exatamente devo usar no lugar das minhas coisas.

Ele me puxa da cama para levantar e me abraça.

— Não quero te levar pra casa ainda.

Passo o dedo pelos dentes metálicos gigantesco do zíper do seu moletom e digo: — Nós já... *você sabe*. Duas vezes. — Seus braços me apertam com mais força em resposta, e ele aninha o meu rosto com um “hummm” baixinho. Esqueça o que as pessoas dizem sobre sexo para fazer as pazes. Decidi que o sexo de despedida não

recebe o crédito merecido. — Se eu ficar, nós provavelmente vamos só dormir, de qualquer maneira.

— E isso seria ruim porque...?

Encosto o rosto no peito dele e inspiro seu cheiro. Não há nada que eu gostaria mais do que chutar meus sapatos para longe e voltar para a cama dele.

— É minha última noite em casa, pelo menos por um tempo. Além disso, meu pai prometeu fazer meu café da manhã preferido amanhã: waffles com banana e nozes.

Seus dedos envolvem meu pulso, e ele empurra o punho da minha blusa para beijar a pulsação que lateja ali.

— Posso te levar pra casa a tempo de tomar o café da manhã — sussurra.

Com os olhos baixos, não consigo engolir o nó na garganta.

— Vou sentir saudade de você.

— Não vai, não — diz ele. Meus olhos se erguem de repente e entregam minha tristeza, e ele suspira. — Meu Deus, Dori. Você não vai sentir saudade de mim porque eu vou te ver sempre que puder ir pra lá ou trazer você até aqui de avião. Na verdade, a pré-estreia de *Assassinato por misericórdia* é pouco antes do Dia dos Namorados. Quero que você vá comigo.

Eu quase tinha me esquecido do filme de ação romântico que ele vai promover com Chelsea Radin no próximo mês. Felizmente, conheci Chelsea e o marido dela, Chad, na última semana e gostei dos dois. Alguns fotogramas quentes do filme com ela e Reid são insuportáveis de ver. Não sei se vou conseguir aguentar as cenas filmadas. Eu adoraria perguntar ao Chad como ele aguenta ver a esposa fazer cenas como essas sem querer mandar para o espaço os colegas de elenco masculinos.

— Durante a semana? Eu teria que faltar a pelo menos um dia de aula, Reid. Acho que não é uma boa ideia, tão no início do semestre.

Ele geme.

— Eu tinha certeza que você fazia o tipo de aluna responsável. Aposto que você só tirava dez no ensino médio também.

— Não. — Quando ele arqueia uma sobrancelha, admito: — Tenho que estudar muito pra me sair bem. Aprender coisas novas não é fácil pra mim como pra algumas pessoas, e estudar só na véspera das provas também não funciona. Tirei muitos dez, mas também tirei vários noves e dois setes.

— Ah, não! — zomba ele. — *Dois setes?* Talvez a gente tenha que se separar. Em quais matérias você tirou essas notas baixíssimas?

— Geometria e biologia. No primeiro ano.

Depois que o Colin me largou e eu fiz o aborto. Quando eu mal conseguia suportar ir para a escola e vê-lo todo dia. Quando caí numa depressão tão profunda que só a Deb

conseguia me alcançar.

A expressão dele fica sombria.

— Primeiro ano. Semestre da primavera.

Faço que sim com a cabeça, e ele me abraça com mais força.

*

Ainda não amanheceu quando meu pai entra no meu quarto trazendo o café da manhã.

— Acorda, dorminhoca — diz ele, colocando uma caneca na minha mesa de cabeceira e sacudindo meu ombro com delicadeza.

Resmungo de maneira incoerente, porque só tive quatro horas de sono depois que Reid me deixou em casa. Ele queria me levar até a porta, mas pedi para ele não fazer isso porque me lembrava demais da despedida que achamos que seria a última, antes da minha missão voluntária no Equador. Antes do acidente da Deb. Antes de eu me perder, arrastada pela perda implícita da minha irmã e da minha fé. Eu nem tinha começado a me reerguer até o Reid me encontrar.

Nós nos beijamos no carro dele durante meia hora antes de eu conseguir me obrigar a entrar. Acenei uma vez antes de entrar na casa escura e, assim que fechei a porta, lágrimas silenciosas começaram a rolar pelo meu rosto. Subi a escada com passos cuidadosos — a última coisa que eu precisava era que minha mãe visse minha expressão deprimida — e me repreendi por ser ridícula. Eu ia vê-lo de novo depois de uma semana ou duas. No máximo três.

Meu pai se ajeita na beirada da minha cama e bebe o próprio café enquanto eu sento e pego o meu.

— Preparada para um dia longo e entediante na estrada, seguido de um milhão de viagens de uma caminhonete minúscula alugada até seu novo quarto no dormitório?

— *Argh*. Pai, às vezes essa sua mania de falar a verdade é terrível.

Ele dá um risinho.

— Você logo vai descobrir, assim que entrarmos na I-5. Horas e horas de uma estrada enfadonha e cansativa. Mas você está com sorte, vai ter minha companhia genial durante todo o caminho! Se você tiver muita sorte, vou falar sobre as minhas ideias de sermão pro domingo. Estou entre as provas de Jó e o apelo incessante de Ana a Deus por um filho.

Abro um pouco os olhos.

— Caramba, pai. Que deprimente.

Ele dá de ombros e diz: — Os dois tiveram um bom final.

— Claro, depois de uma eternidade de sofrimento e orações por favores que não foram obtidos sem um milagre. — Sem esperar a resposta dele, mudo para o assunto que estamos evitando. — Então, minha mãe vai dirigir o carro, e eu vou na caminhonete com você? Ela ainda está com tanta raiva assim de mim por causa do Reid?

Ele encara a própria caneca.

— Ela não está com raiva, Dori. Só está preocupada.

— Quando estou preocupada com alguém, não paro de falar com a pessoa — argumento.

Ele faz que sim com a cabeça, sem responder, e vejo que, pelo menos nisso, concorda comigo. Desistir de mim, mesmo que ele acredite que estou fazendo péssimas escolhas, não é uma opção. Mas não vou forçar a barra, porque meus pais raramente discordam, e eu não quero ser a causa de uma discussão entre eles. Só quero viver a minha vida. Pode ser que minha mãe mude de ideia ou não. Se existe alguém que pode fazê-la mudar, esse alguém é meu pai.

Reid

Eu

Me liga quando estiver pronta pra me contar as novidades. Estou indo pra uma reunião com o George.

Brooke Me dá 10 minutos.

Brooke não perde tempo com gentilezas quando atendo. Não que tenhamos sido gentis um com o outro nos últimos cinco anos.

— Encontrei o advogado ontem.

Ridiculamente, achei que eu tinha me preparado bem o suficiente para essa conversa. *Errado.*

— Você já contratou um *advogado*? Jesus, Brooke, o que você está fazendo?

— Estou me candidatando pra adotá-lo.

Eu quase acerto a traseira do pequeno conversível clássico na minha frente, os freios da Ferrari gritando e parando no último segundo possível e me jogando para a frente no assento. O motorista vira para trás e me mostra o dedo do meio. Seguro o volante com as duas mãos para me impedir de retribuir o gesto.

Qualquer que fosse a ideia maluca que eu esperava que a Brooke revelasse hoje de

manhã, o que quer que eu imaginasse que ela havia descoberto em Austin, qualquer que fosse o curso de ação absurdo que eu temia que ela tomasse, isso ultrapassa em muito qualquer expectativa.

— Ai, meu Deus, Brooke... *Por quê?* Você não pode ser mãe dessa criança...

— Por que não? — ela retruca. — Tenho estabilidade financeira. Posso oferecer tudo que ele precisa. E, a propósito, eu *sou* a mãe dele.

Ela perdeu a cabeça, mas falar isso provavelmente não vai fazer nenhum bem.

Lógica? Vale tentar.

— Crianças precisam de mais que dinheiro e uma ligação biológica. Elas precisam de atenção. De pai e mãe, de preferência. Uma família. Elas precisam de alguém que esteja por perto o tempo todo.

— Ah, por favor! Atenção? Uma família? Como a sua ou a minha? Tenho mais *pais e mães* do que alguém pode imaginar, e a maioria deles foi *uma droga*. E os seus pais eram tão sem noção que quase deixaram você se matar em diversas ocasiões.

Droga, ela tem bons argumentos, apesar de eu preferir jogar meu pai embaixo de um ônibus a culpar minha mãe. Ela tem sumido quase todas as tardes durante mais ou menos uma hora e meia, e não a vejo beber uma gota há quase dois meses. Acho que está frequentando as reuniões do AA que a Dori sugeriu, mas não perguntei nem pretendo perguntar.

— Tem razão. Eles meio que sempre foram pais de merda. E você acha que vai fazer um trabalho melhor que qualquer um deles? Na sua idade? Sozinha? E com a sua tendência a frequentar festas e trepar por aí?

— Puta que pariu, Reid! Você não tem o *menor* direito de me dar sermão sobre trepar por aí...

— Sem falar nesse seu jeito de se comunicar... E, antes que você tente virar o jogo, lembre-se que *eu* não estou dizendo que quero criar um filho. E não dou a mínima pra saber com quem você transa, senão...

— Eu frequento festas pra não ficar entediada. Vai dizer que você nunca fez isso?

— Ela sabe muito bem que eu já fiz exatamente isso. — Somos celebridades jovens e solteiras. É normal frequentarmos festas. É praticamente uma parte implícita da minha estratégia de marketing. Eu nunca dei a menor bola pra isso... Vou ficar muito feliz de abandonar essa prática. Minha máquina de relações públicas simplesmente vai ter que mudar. E, a propósito, minha vida sexual, não que seja da sua conta, é altamente fabricada. Sou muito mais reservada do que a mídia me retrata.

Ela pensou em tudo e de forma bem coerente, o que é ainda mais alarmante.

— Está certo, tudo bem. Mas você tem que admitir que criar um filho vai interferir na sua *sociação*, seja ela qual for, sem falar na sua agenda de filmagens.

— Vai? Como? Novidade: muitos atores têm filhos.

— Não quando têm *vinte anos* e estão *sozinhos*.

Ela fica em silêncio por dois segundos, e acho que vai ser razoável. Mas não.

— Vou fazer vinte e um daqui a três meses, e não sou uma pessoa sem recursos e sem apoio. Mas o mais importante é que você não está entendendo o motivo desta ligação. Não estou tentando te convencer de que minhas atitudes são corretas ou de que tenho todas as condições que se espera de uma boa mãe. Estou só te *informando*, e não pedindo sua permissão. Mas, se você prefere não ser informado, tudo bem, eu não te informo. Simples assim.

Merda.

— Não. Eu quero saber. Quer dizer, ele é... ele é meu filho, certo? *Jesus*. — Minha pulsação foi a mil durante essa conversa. — Brooke, eu ainda não contei pra ninguém sobre ele.

— Não brinca.

— Quero dizer ninguém *mesmo*. Meus pais não sabem. O George não sabe. O John não sabe. Meu Deus, minha namorada não sabe.

Se eu não estivesse manobrando nesse trânsito maluco de Los Angeles, daria um tempo e bateria a porra da minha cabeça no volante. Enquanto contava até dez.

— Eu vi isso na internet hoje de manhã. Quer dizer que é verdade? *Você tem uma namorada. Uma namorada que não é nenhuma celebridade, mas filha de um pastor. Que você conheceu durante o serviço comunitário imposto pelo juiz, não é?* Eu tinha certeza que a coisa toda era uma jogada de marketing pra te ajudar a fugir da imagem de maconheiro que dirige bêbado.

— Não é nenhuma jogada de marketing. É verdade.

— Jesus. Eu nem... Estou sem palavras. Você realmente conseguiu me chocar.

— Bom, *você também*. Essa conversa está pra lá de chocante. Você quer ser *mãe*, e eu quero *namorar sério*. — Não consigo evitar uma risada, e ela me acompanha, e logo estamos rindo tanto que não conseguimos parar. — Nós mudamos muito, Brooke.

— É — diz ela, baixinho. — Mudamos mesmo.

— E agora?

Ela respira fundo antes de responder.

— Eu estou falando sério. Quero o River pra mim, mas não pretendo revelar que você é o pai. Então, se você quiser manter segredo, tudo bem.

— River? É esse o nome dele? Foi você que deu o nome... Você sabe, antes...

— Não. As pessoas que o adotaram deram esse nome. Não sei por que o escolheram. Talvez soubessem o meu nome e pensaram que *River* era uma brincadeira com ele. Talvez tenham se inspirado em alguém. Ou talvez tenham dado

esse nome por causa da cor dos olhos dele...

— Ele tem olhos azuis? Acho que não é nenhuma surpresa, sendo filho de nós dois. — Ainda não consigo assimilar isso.

— Não são apenas azuis, Reid. São os *seus olhos*. Ele é igual àquelas fotos suas, que sua mãe deixava em cima daquele piano na sala.

Minha curiosidade supera qualquer sensatez, e quero saber como ele é.

Como se lesse minha mente, Brooke diz: — A Bethany só me deu uma foto dele, mas vou digitalizar e te mandar, se você quiser.

— Brooke, você tem certeza do que está fazendo? Parece que ele passou por dificuldades. Você pode estar bem-intencionada, mas...

— Sim, tenho certeza. Te mando a foto daqui a alguns minutos. Vou pedir pra Kathryn digitalizar.

— E quanto tempo vai levar até... você ficar com ele?

— O advogado disse que de quatro a seis meses.

— O quê?

— Eu sei! *Finalmente* alguém entendeu a minha reação. Eu quase surtei.

Isso tudo ainda parece completamente irreal.

— Como isso vai funcionar? Você tem que voltar pra Los Angeles pra filmar o programa, certo?

— Não sei. Acho que vou fazer a análise domiciliar aqui, o que significa que posso ter que estabelecer residência aqui. Tenho que falar com a Kathryn e o Glenn. Vou ter que ir e vir até terminar, mas não posso simplesmente... deixá-lo aqui. Não posso voltar pra minha vida, sabendo que ele está aqui sem mim.

— Mas, se você não pode vê-lo, qual o objetivo de ficar aí?

Ela suspira.

— Estou rezando por um milagre.

A ideia de Brooke rezando por qualquer coisa é incoerente com tudo que sei sobre ela.

Quinze minutos depois, ela manda a foto para o meu celular. Acabei de chegar ao escritório do George quando pego o aparelho e quase dou de cara na porta de vidro.

— Presta atenção, cara! — grita um entregador da FedEx, me despertando a tempo de desviar.

No prédio do meu agente, paro e fico em pé no meio do hall cercado de vidro e cromo. Enquanto encaro a foto na tela do meu celular, percebo uma coisa: isso não era real; ele não era real; nada disso era real. Até agora.

Brooke Sou atriz há seis anos e as pessoas me conhecem desde que a primeira temporada de A vida é uma praia chegou às telinhas. Portanto, repórteres de fofoca já me lançaram perguntas grosseiras enquanto eu tentava chegar do meu carro até a porta de casa. Colunistas de entretenimento bisbilhoteiros já me entrevistaram ao lado de colegas de elenco de filmes e do programa...

Em outras palavras, estou acostumada a pessoas fazendo perguntas de merda que incitam seriamente a violência. Mas as perguntas mais invasivas não chegam nem aos pés do interrogatório de dezoito páginas que acabei de receber do meu assistente social.

Lendo por sobre meu ombro, Kathryn suspira.

— O Norman disse que eles fariam perguntas invasivas, mas educadas...

O assunto da investigação atual é meu histórico sexual — primeira vez, quantos parceiros desde então, tipo de sexo, frequência, proteção, controle de natalidade, doenças sexualmente transmissíveis, e tudo que sinto, penso e acredito em relação a essas coisas.

— Quantos parceiros? Eles estão falando *sério*? Será que eu devo chutar?

— Brooke — começa Kathryn —, você não tem que fazer isso...

— *Eu vou fazer.* — Seguro a cabeça, querendo gritar. Todas as decisões ruins que eu já tomei, e muitas só são consideradas ruins porque eu sou mulher, vêm à tona e ficam martelando no meu ouvido que eu vou parecer tão incapaz quanto aquela idiota viciada em metanfetamina que teve a chance de ser mãe dele e fez merda. Que nenhuma pessoa sã jamais me daria um filho para criar, mesmo que ele seja *meu*.

— Eu vou fazer — repito, menos áspera.

Kathryn aperta meu ombro, se afasta e me deixa com o questionário, oferecendo-se para fazer um bule de café fresco. Faço que sim com a cabeça, apertando os olhos com tanta força que a única coisa que consigo enxergar é um borrão.

Essa casa tem sido um refúgio para mim há muito tempo. Meia hora a oeste de Austin, é cercada por arbustos e campos montanhosos. As casas aqui são grandes, distantes umas das outras, e construídas com madeira e pedras locais. Não se assomam sobre a paisagem nativa, mas se misturam perfeitamente a ela, como se simplesmente tivessem crescido ali, com a sálvia e o salgueiro do deserto.

Mesmo com os olhos fechados, pressinto os movimentos conhecidos da Kathryn pelos sons que ela faz: pegando o pó de café na lata com tampa de cobre, enchendo o reservatório, apertando o botão de iniciar. Depois ela pega canecas num dos armários e as coloca sobre a bancada de cimento decorada com vidrilhos e caquinhos de porcelana. Com o café, ela vai me trazer um cookie caseiro de aveia ou macadâmia, que vou comer na minha caminhada até o riacho estreito que serve de limite num dos lados da propriedade.

A Kathryn e o Glenn concordaram em me deixar considerar a casa deles como minha segunda residência, e parte da análise domiciliar vai ser realizada aqui. Isso significa que eles terão que se submeter ao mesmo tipo de investigação pelo qual estou passando: teste de drogas, verificação de antecedentes criminais, referências de idoneidade. A casa deles vai ser inspecionada de cima a baixo por questões de segurança. As vacinas e o histórico de comportamento dos seus animais de estimação vão ser verificados. Talvez até sua vida sexual, suas alergias e que tipo de papel higiênico eles preferem.

*

Minha agente liga quando vou até o riacho e quase aperto “ignorar”. Não estou nem um pouco preparada para falar com ela sobre o que estou fazendo, mas acho que essa não é a única coisa que terei que fazer esta semana para a qual não vou estar preparada.

— Brooke! Está sentada? Espero que você esteja sentada, mas não dirigindo. Você

não está dirigindo, não é? Fala a verdade.

Desde que um dos seus clientes destruiu o próprio Jeep quando ela ligou para contar sobre uma audição importante — fraturando a rótula e rasgando a testa —, ela hesita em passar qualquer informação a um cliente que esteja atrás do volante.

— Não estou dirigindo, Janelle. O que houve?

— Ok, tudo bem. Primeiro, recebi uma ligação do Stan hoje de manhã.

Stan é o produtor executivo de *A vida é uma praia*. Ele é muito profissional em público, mas não ficou nem um pouco animado quando saí do programa para seguir carreira no cinema, e pareceu achar que era pessoal — coisa que não fez quando meu colega de elenco, Xavier, saiu pelo mesmo motivo.

Diferentemente do meu filme, *Orgulho estudantil*, o primeiro filme do Xavier, um dramalhão, afundou como um barco furado na tempestade. Meu ex-colega de elenco é bonito e musculoso, mas não tem absolutamente nada na cabeça. Perfeito para interpretar um cara que tem um bar na praia, não tão perfeito para interpretar um personagem que *pensa*. Dizem que ele está implorando para ter uma chance de conseguir o antigo papel de volta.

— Ah, é?

— Isso é totalmente segredo, claro — ela acrescenta, e eu concordo com um “hum”. — Ele comentou a possibilidade de te trazer de volta pro fim da temporada. Respondi de um jeito indiferente, porque, hello, minha garota tem um filme de sucesso e outro que vai ser lançado no próximo mês, certo? E aí ele disse em off que eles estão planejando levar o Xavier de volta pro programa no mesmo episódio, e a trama teria alguma coisa a ver com vocês dois de um jeito que não era possível até agora.

Ela está se referindo ao fato de que, quando eu saí do programa, minha personagem era menor de idade e o personagem do Xavier era dono de um bar. Todas as cenas que filmamos juntos eram repletas de química sexual, mas eles não podiam ir além por medo de perder as propagandas destinadas às famílias. Agora, minha personagem teria dezoito anos e seria legalmente capaz de trepar com o garanhão de vinte e poucos.

De maneira elegante, é claro.

— Mas eu ainda não terminei! Está sentada?

— Hum, não. — Bato na grama seca e alta para tirá-la do caminho com a vareta que peguei alguns metros atrás, o que me faz pensar no River, cavando a terra naquela foto. — Mas tudo bem. Por favor, continue.

O riacho gorgoleja logo adiante, onde o limite da propriedade vira uma ladeira. Se fosse verão, eu tiraria os chinelos. Em vez disso, me encolho no suéter de capuz.

— Depois eu recebi uma ligação da Hillary. — A Hillary foi colega de quarto da Janelle na faculdade e agora é assistente pessoal do executivo de um estúdio, além de fonte número um de fofocas da Janelle. — Vamos receber uma ligação daqui a um dia, mais ou menos. Você voltou à corrida pelo papel de Monica.

Paro de repente na ladeira que dá no riacho, sem conseguir responder. Eu queria *tanto* esse papel no último outono quando fiz a audição. Recebi duas chamadas para voltar, mas acabei perdendo para minha maior rival, que nasceu virada para a lua — uma mãe estrela de cinema e um pai estrela do rock.

Na época, três meses atrás, falei a mim mesma que era apenas um filme e que haveria outros, mas aquela ligação da Janelle parecia uma porta se fechando. Ou um castigo de um poder superior por uma das minhas muitas transgressões.

A água que se move lentamente lá embaixo é fria demais para atravessar, mas as temperaturas nessa região central do Texas raramente são frias o suficiente para congelar a superfície da água. Em pouco tempo, vai estar quente para sentar no canto da pedra lisa que se destaca no riacho. Passei a maior parte do meu décimo quarto verão com os dois pés balançando naquela pedra enquanto lia ou sonhava acordada, deitada e encarando o enorme céu azul por entre os galhos dos carvalhos que cresciam ao longo das margens.

E aí minha mãe se casou de novo e levou nós duas para Los Angeles.

— Brooke? Você está aí? Acho bom você não estar dirigindo...

E aqui está minha agente, me oferecendo o papel que eu estava louca para fazer desde que decidi ser estrela de cinema.

— Não estou dirigindo. Só estou confusa... Achei que eu tinha perdido esse papel quando ele foi pra Caren...

— É, bom, talvez a Caren não devesse ter ido beber e esquiar. Ela quebrou o quadril e as duas pernas! — Janelle está comicamente animada com esse anúncio, afinal minha concorrente não é cliente dela. — Ela vai ficar com metade do corpo engessado pelo menos até o verão e depois vai passar *semanas* na fisioterapia!

Pensar na Caren com o corpo engessado é tão triste. Só que não.

— Uau, quer dizer que eu definitivamente estou no elenco?

— De acordo com a Hillary, a Caren mal ultrapassou você, pra começar. *Você está no elenco.* Tenho que esperar até recebermos a ligação, é claro, e vou fazer o meu “teatro”, fingindo estar chocada e surpresa, mas eles vão querer fazer algumas reuniões antes da filmagem, que vai começar na Austrália.

— *Austrália?* — Não acredito que esqueci desse detalhe. Mas, por outro lado, eu achava que estava fora do páreo.

— Isso não é problema, certo? Você não está presa a Los Angeles. Nem aos

Estados Unidos.

Bom, *que droga*.

Dori Depois de uma semana de orientações, reuniões e de me adaptar a dividir um quarto, estou pronta para o início das aulas. Entrar no campus no meio do ano fez com que o processo fosse mais discreto, eu acho. Estou esperando alguém me identificar nas poucas fotos públicas e me questionar sobre minha ligação com o Reid, mas até agora nada. A primeira vez que ele aparecer no campus e for reconhecido, meu status mundano vai se acabar. Mas, até lá, finalmente estou aqui, na Cal. E, pela primeira vez em muito tempo, estou contemplando meu futuro.

Minha colega de quarto, a Shayma, é uma garota tranquila. Quando está ouvindo música, estudando ou vendo clipes e vídeos no computador, ela usa fones de ouvido

do tamanho de donuts, com bloqueador de ruídos. Descobri o nível de bloqueio de ruídos de um jeito difícil, ontem à tarde.

Depois de um passeio na Telegraph Avenue, voltei para o quarto e a encontrei encarando o notebook, usando os fones de ouvido. Juntei minhas coisas para tomar uma ducha no banheiro que dividimos com outras quatro garotas e voltei alguns minutos depois, me ajeitando na cama estreita para ler meu plano de estudos pela centésima vez.

Então perguntei se ela queria sair para comer uma pizza mais tarde com outras pessoas que eu tinha conhecido. Como ela não respondeu, percebi que não estava me ouvindo. Eu me levantei e dei um tapinha no ombro dela, e ela gritou como se eu a estivesse ameaçando com uma faca.

— *Meleca!* — Tropecei para trás, os olhos arregalados, enquanto ela arrancava o fone de ouvido já torto da cabeça.

— AIMEUDEUS! — ela ofegou, com a mão no peito. — Eu não sabia que você estava aqui.

Nós duas nos assustamos de novo quando alguém bateu na porta quatro vezes seguidas.

— Tudo bem aí dentro? — gritou uma voz masculina.

Com o rosto vermelho, abri a porta e encontrei duas das meninas que dividem o banheiro com a gente e dois garotos do quarto ao lado, sendo que um deles segurava um taco de beisebol.

— Tudo. Estamos bem — falei, com o coração ainda disparado.

Os quatro não pareceram convencidos, e o garoto do taco arqueou uma sobrancelha e se inclinou para a frente, olhando para dentro do quarto. Shayma, com os fones de ouvido gigantescos ao redor do pescoço, fez que sim com a cabeça.

— Eu, hum, estava com o volume alto demais quando comecei a ver um vídeo.

— Você está usando fones de ouvido — disse ele.

Ela fez uma careta.

— Eles não estavam plugados.

— Ainda bem, senão você não teria mais *tímpanos* funcionando. — Ele bateu com o taco na palma da mão, o corpo inundado de uma adrenalina desnecessária, sem dúvida. — Tudo bem. Então façam silêncio. A menos que sejamos convidados. — E piscou para nós antes de eu fechar a porta.

— Sinto muito — falei. — Achei que você tinha me visto ir e voltar do banheiro...

Ela balançou a cabeça.

— Eu não te vi. Você não parece nem um pouco com a minha última colega de quarto. Ela parecia uma manada de elefantes toda vez que entrava aqui. Nunca

convivi com uma pessoa tão *barulhenta*. — Apontando para os fones de ouvido, acrescentou: — Foi por isso que comprei estes fones. Senão, eu não conseguiria ouvir nada quando ela estava por perto. Nem meus pensamentos.

Dei risada.

— Bom, você não vai ter esse problema comigo. Sou bem discreta.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Sério? Também sou. Acho que vamos nos dar bem. — Ela estreitou os olhos, ainda sorrindo, o que fez seu rosto parecer meio esmagado, como um Muppet. — Hum. Você disse *meleca*?

*

**Reid Última chance de ir à minha pré-estreia.
Não vou implorar.**

Eu :(

**Reid Tudo bem, eu vou implorar. O John acha
que ele é o segundo da fila, e seria muito
errado se isso fosse verdade.**

Eu E a sua mãe?

Reid Humm. Não sei se ela quer ir.

Eu Se eu fosse ela, ia querer!

Reid Então por que não quer, sendo você?

**Eu Já falei, eu adoraria ir, mas não quero perder
nenhuma aula. Para de ser má influência.**

Reid NUNCA.

Eu suspiro

Reid Vou pensar em chamá-la. Te ligo mais tarde. Esteja aí.

Eu Não me diga o que fazer, sr. Alexander.

Reid Corta, corta, corta! Você devia dizer "vem me obrigar!"

Eu Esqueci as minhas falas. Desculpa.

Reid Está perdoada. Megera.

Eu Hahaha. Não! Você é tão machista.

Reid Isso parece safado, quando você fala.

Eu Você é impossível.

Reid Ah, confia em mim. Sou MUITO possível. Por favor, atenda minha ligação mais tarde e vou provar isso, srta. Cantrell.

Eu Melhorou.

*

— E aí, onde você está hoje à noite? — Mantenho a voz baixa, apesar de que Shayma está com os fones de ouvido e não vai ouvir uma palavra do que eu digo, mesmo que eu cante durante a ligação.

— Nova York. Amanhã temos *Good Morning America*.

Olho para o relógio, e são quase dez da noite.

— Não está tarde aí?

— Áhã, estou três horas na sua frente, neste momento.

— Que horas é sua entrevista?

— Não sei, mas vamos pro estúdio daqui a umas quatro horas.

— Quatro horas? Você não precisa do seu sono de beleza?

— Preciso? Espera um pouco. Tenho outra ligação... — Há uma pausa enquanto ele verifica a tela. — Esquece. Essa ligação pode ir pra caixa postal.

— Não é sua mãe, é?

— Não. — Ele ri. — Você agora está cuidando da minha mãe, Dori? Meu Deus, como você é fofa. É só a Brooke. — Ele pigarreja. — Nada de mais. Posso falar com ela amanhã. Ou qualquer hora dessas.

— A Brooke... Cameron? Por que ela está te ligando? Espera. Apaga isso. Parece coisa de namorada ciumenta.

— Ciumenta? *Grrr*. Gostei do som dessa palavra — ele estimula, e eu preferiria que não tivesse feito isso. — Então, as aulas começam amanhã? Qual é a primeira?

Por fora, começo uma explicação solta da minha agenda: cursos introdutórios de estatística, psicologia, sociologia e antropologia cultural. Eliminei alguns pré-requisitos. Inglês avançado resolveu a parte de leitura e compreensão, e meus quatro anos de espanhol — além do fato de eu usá-lo quase diariamente durante os projetos de serviço comunitário — eliminaram a necessidade de idioma estrangeiro. Não estou tão atrasada quanto temia, começando um semestre depois.

Por dentro, estou me perguntando por que o Reid está recebendo ligações tarde da noite da Brooke Cameron, que é exatamente o tipo de garota com quem eu o imaginei meses atrás, quando ele apareceu, todo bonzinho, irritante e superbonito, no meu projeto da Habitat. O fato de eles terem sido namorados, e eu nem me atrevo a pensar no que mais, simplesmente torna mais difícil ignorar o medo.

Que tipo de concorrente você seria, se uma garota como ela decidir que o quer?

— Estou com saudade — ele diz, e afasto a insegurança.

— Eu também.

River **Eu não lembro do rosto da mamãe. Lembro de algumas partes, mas não de tudo junto. Às vezes, eu sonho com ela e sei que consigo ver a mamãe no sonho, mas, quando acordo, não consigo me lembrar. Mesmo que eu feche os olhos com muita força e tente.**

Não lembro de nada do papai.

O Harry me disse que eu nem tenho pai e que eu sou bastardo. Ele me disse isso muitas vezes. Não sei o que significa “bastardo”, mas sei que é ruim, porque os olhos da Wendy ficaram arregalados quando o Sean agarrou a minha camisa e me chamou disso.

Agora ele tem que ficar de castigo.

Eu me sinto mal porque peguei o doce do Sean e escondi na minha gaveta de pijamas. Não sei como ele sabe que eu peguei, mas ele sabe. Ele falou para a Wendy: — Mas ele *roubou* o meu doce de cereja!

Ela balança a cabeça.

— Então você vem falar comigo. Você sabe que essa palavra está na Lista de Palavras Proibidas e, além do mais, você não pode ser um vigilante da justiça nesta casa.

— Hein? — diz ele.

Ela balança a cabeça de novo e suspira como se estivesse cansada, depois o pega pelo braço e o põe para sentar numa cadeira da cozinha. Ela liga o cronômetro para marcar seis minutos, porque o Sean tem seis anos, então esse é o tempo de castigo dele. O rosto dele está vermelho como aquele doce de cereja, e os olhos estão com

raiva, olhando para mim.

— River. Vem comigo — Wendy diz, e eu a sigo até o quarto. Quando chegamos lá, ela fica parada e abre a mão. Vou até a gaveta, pego o doce do Sean e entrego a ela. Ainda está com a embalagem fechada. Estou feliz porque não comi.

Ela guarda o doce no bolso da blusa e pega a minha mão. Sentamos na minha cama.

Sua boca forma uma linha reta, como se ela estivesse engolindo as palavras. Mas você não precisa pressionar os lábios para engolir as palavras. Abri a boca uma vez para ver se as palavras que eu estava pensando iam sair, mas elas não saíram. Se as palavras não querem sair, elas não saem. Não entendo quando as pessoas dizem coisas e depois falam: “Eu não queria dizer isso”. As palavras não escapam simplesmente. Você tem que empurrá-las. E às vezes você não consegue empurrá-las, mesmo querendo.

Conto até nove antes que a Wendy diga: — River, você não pode pegar as coisas das outras pessoas. Já é ruim quando você esconde a sua própria comida, mas você não pode pegar a comida dos outros e esconder também, entendeu?

Meus olhos ficam cheios de lágrimas, e faço que sim com a cabeça. Olho para baixo, e isso faz as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Seco as lágrimas na manga da camiseta e mordo o lábio inferior. Agora ele está com gosto de lágrimas. De sal.

— Está bem, então. — Ela dá um tapinha no meu joelho e olha para o relógio de pulso. — Fica sentado aqui até você ouvir o cronômetro do Sean tocar. Castigo. Quatro minutos.

Quero perguntar para ela o que significa “bastardo”. Talvez bastardo seja alguém que rouba a comida das outras pessoas. Ou simplesmente alguém que você odeia.

Eu odeio o Harry e gostaria de chamar esse cara por uma palavra da Lista de Palavras Proibidas. Eu lembro do rosto dele, mas queria não lembrar. Eu lembro do rosto dele, mas não consigo lembrar do rosto da mamãe. Acho que o Harry é um bastardo. Eu queria conseguir esquecer dele.

Reid No elevador a caminho do escritório do meu agente, fiquei num tremendo impasse: será que eu devia contar para

**ele sobre a Brooke, a criança e a adoção?
Desde o começo, eu sabia que, se
houvesse alguma possibilidade da minha
suposta paternidade ir a público, o
George teria que saber para poder ao
menos fazer um controle de danos na minha
carreira.**

Eu nunca me preocupei que as coisas que eu conto a ele possam sair do escritório, que para mim é como um confessionário, sem a cabine claustrofóbica e as ave-marias. Mesmo assim, revelações desconfortáveis feitas ao George, ou aos meus pais, sempre se basearam no quanto eles precisam saber. Tem muita coisa que nenhum deles sabe, mas o fato de que eu tenho um filho de quatro anos ofusca todo o resto. Sem conseguir me decidir, encontro meu agente desconcentrado, o que é raro. Ele não me analisou para saber se eu estava escondendo alguma coisa, apesar de eu sentir que meu segredo exalava pelos poros. Quando atento, ele sempre era capaz de perceber. Ele se recostava na cadeira e me olhava pacientemente, esperando que eu me entregasse.

Percebi, com certo desconforto, que ele estava começando a confiar em mim.

Tudo que eu conseguia pensar era: *Droga, que momento péssimo para isso.*

George detalhou a enorme agenda de promoção de *Assassinato por misericórdia* (uma promoção matadora é algo bom, porque, se ninguém quer falar com você, seu filme morre na praia), enquanto, no bolso da frente da calça, minha mão agarrava o celular como se fosse uma granada ou uma barra de ouro. Maldição; Brooke é a rainha das fotos enlouquecedoras. Enquanto meu agente falava de um jeito monótono, eu me esforçava para me concentrar nas três semanas de promoção pesada que Chelsea Radin e eu estávamos prestes a enfrentar e rezava para alguma coisa impedir a Brooke de tomar sua maluca decisão.

Eu e o George falamos sobre a Dori, é claro. Ele tinha visto os sites de fofocas, e eu falei que, sim, estávamos namorando e, sim, era sério. Depois de um instante me

olhando como se esperasse o desfecho de uma piada sem graça, sua boca se curvou.

— Hum.

Falei que eu ia convidá-la para a pré-estreia, mas liguei cinco minutos atrás para avisar que vou levar minha mãe, por sugestão da Dori.

Depois de um instante de silêncio, ele zombou: — Quem é você, e o que você fez com Reid Alexander?

— Haha — brinquei.

*

Em pé no banheiro do hotel depois do banho, enrolo uma toalha na cintura. Meu barbeador elétrico está carregado e pronto para me dar o corte perfeito de quem fez a barba no dia anterior. Enquanto espero o vapor diminuir, alterno entre me ver surgir gradualmente no espelho embaçado, como uma imagem suspensa se desenvolvendo num quarto escuro, e encarar, mais uma vez, a foto que a Brooke me mandou.

Algumas crianças não se parecem com os pais. Eu quase não me pareço com Mark Alexander, por exemplo. Mas essa criança ao meu lado seria como ver o John ao lado do pai CFO Lorde das Trevas — semelhança demais para não ter parentesco.

Dou zoom no rosto da criança e comparo suas feições com as minhas. Formato de rosto semelhante. Mesma cor dos olhos. Mesma boca: carnuda, quase feminina. Briguei muito quando era criança por causa desses meus lábios “de menina”. Até eu ter uns onze anos e perceber que as garotas não se importavam com isso. Na verdade, até gostavam.

Eu me pergunto se alguém vai dizer isso a ele.

River está sério, e eu me questiono se ele é um garoto do tipo risonho. As linhas retas e claras das sobrancelhas mal aparecem, e o formato delas também é muito semelhante ao das minhas. Mas, enquanto as minhas sobrancelhas retas expressam confiança e, quando necessário, arrogância, as dele simplesmente parecem... solenes.

Como se tivesse sido invocada, uma nova mensagem da Brooke aparece. Não retornei sua ligação depois de ignorar sua interrupção durante a ligação com a Dori. Ela ligou de novo hoje de manhã e também não retornei. Não deixou mensagem nenhuma das vezes.

Brooke Precisamos conversar. Não posso falar com mais ninguém sobre isso. Por favor.

Relutante, retorno a ligação, imaginando uma trilha sonora sombria ao fundo, intensificando-se a cada toque como uma ameaça crescente do destino.

— Obrigada por ligar — ela atende. — Eu não... não estou pedindo sua opinião nem seu conselho. Só preciso conversar e preciso que você escute.

Sério? Só ouvir e guardar as minhas opiniões. Quando foi que *isso* se aplicou a mim?

— Brooke, você não pode simplesmente descarregar uma coisa dessas em cima de mim e querer que eu *não* diga o que penso.

Ela fica calada por um instante, e acho que talvez esteja prestes a dizer “Deixa pra lá”. Ou “Foda-se”. Ou simplesmente não diga nada.

— Tudo bem. Mas isso não significa que vou obedecer ou mesmo considerar o que você tem a dizer.

— Então por que quer me contar? Por que não conta pra Kathryn ou...

— Porque é um lance de carreira. E normalmente eu ligaria pro...

Graham. Maldito babaca. Eu entendo, e mesmo agora somos amigos cautelosos — maldição.

— Tudo bem, tudo bem. — Passo a mão no cabelo. O fato de ela só querer discutir uma crise na carreira é um certo alívio, mas eu me pergunto o que ela teria para me dizer que não seria melhor conversar com a agente dela. — Pode falar.

Ela suspira e me diz que, no último outono, quase conseguiu o papel principal em *Oceanos de papel* — um filme que está movimentando Hollywood ainda na pré-produção. Impressionado, não tenho problema em sentir pena pela perda, especialmente porque o papel foi para Caren Castleberry, uma das imbecis mais sem talento e bem relacionadas da indústria.

— Que péssimo. Eles não sabem que precisam de alguém que saiba expressar diversas emoções pra esse papel? Ela só tem uma expressão. — Ligo o barbeador elétrico e começo a passá-lo rapidamente.

— Eu sei! Se fizessem um álbum de fotos das emoções que ela sabe interpretar, poderiam usar a mesma porra de foto pra todas. A mais precisa seria a de *chapada*.

— Falando nisso, ela não quebrou o quadril ou algo assim, esquiando bêbada?

— É, quebrou. O quadril e as duas pernas, segundo a minha agente.

— Ai. Isso vai deixar essa garota mal por umas semanas. Pra *muitas* coisas.

— *Que nojo*, Reid. Jesus.

— Só estou querendo ser solidário.

Ela sopra a respiração.

— Então... Isso é totalmente confidencial, porque ainda não assinei o contrato, mas eu consegui o papel.

— *Uau*. Que incrível! — Lembro do discurso de “Eu não quero a sua opinião”, e acho que não é sobre isso que ela queria realmente falar. — Então, qual é o problema?

— A filmagem começa na Austrália. No próximo verão.

Ah. Que momento péssimo.

— Brooke, pode ser que você não consiga outra chance de fazer um filme como esse, com um papel como esse. Se essa é a carreira que você quer, não tem muita escolha.

— Sabe, essa é a questão. Eu tenho escolha. E acho que vou recusar.

Fico boquiaberto por um instante, o barbeador tremendo na mão.

— Você vai recusar? Por causa do que está fazendo em Austin? Não tem um jeito de contornar a situação em vez de recusar?

— Não vejo saída. Tenho que estar aqui. Nos Estados Unidos. Posso viajar entre Austin e Los Angeles com a frequência que for necessária, mas não posso adotar uma criança e desaparecer naquela terra distante por um mês ou seja lá quanto tempo for. Isso se o tribunal me permitir fazer isso, e ele *não vai*.

— O que você espera que eu...

— Eu falei que não esperava a sua opinião e estava falando sério. Eu só preciso falar sobre o assunto. *Porra*. Meu Deus, eu vou ter que parar de falar isso. O Stan também me quer de volta pro final da temporada de *A vida é uma praia*. Acho que posso negociar e conseguir uma oferta pra próxima temporada.

— Viva-voz. — Coloco o celular na bancada e começo a vestir minha roupa de entrevista. — Deixa eu entender isso direito, Brooke: você vai jogar fora o papel principal num filme digno do Oscar pra participar de uma versão adolescente de *Baywatch* na TV a cabo? Você pirou de vez?

— Se essa oportunidade não tivesse surgido de novo...

— Se essa oportunidade não tivesse surgido de novo, sua agente ainda estaria procurando papéis em filmes, certo? *Corações sobre Manhattan* vai sair daqui a três semanas. A propósito, já vi alguns clipes e acho que vai arrasar na bilheteria. Você vai ter audições pra outras comédias românticas só por esse filme. Mas não acredito que estamos falando sobre *isso*, porque você não pode estar falando sério em recusar esse papel.

— Nem sempre se trata do que eu quero. Pelo menos, não mais. Se eu quero ser mãe dele, preciso começar a colocá-lo em primeiro lugar.

— Isso não significa jogar fora a sua carreira.

— Não considero que isso seja jogar fora a minha carreira...

— Está certo, prejudicá-la, então. E se tudo isso não der em nada? Você terá recusado esse papel a troco de *nada*.

Ela fica em silêncio, e não sei se acertei em cheio ou a irritei.

— É por isso que eu não quero a sua opinião.

Acho que a resposta é “eu a irritei”.

— Por quê? Pra você não ter que ouvir a verdade?

— Não, pra não ter que ouvir que as pessoas se convencem a não serem os pais que deveriam ser. Pra não ter que ouvir as desculpas, o egoísmo. Você acha que eu não quero fazer o papel de Monica?

— Sim, eu acho que você quer. E é exatamente por isso que estou questionando...

— Reid. *Ele precisa de mim.* — Ela engasga. — Ele precisa de mim, e eu não vou fazer merda. Droga, quero dizer, fazer *besteira*; não desta vez. Eu nunca fiz nada na vida que não fosse pensando só em mim...

— Brooke — suspiro, amarrando minhas botas Prada pretas. — Cinco anos atrás, você era uma adolescente grávida. Você se mudou pro Texas. Teve a criança sem o apoio dos seus pais, sem o *meu* apoio. Eu não sei por que você fez essa escolha, mas o fato é que fez. Isso não foi uma atitude egoísta.

— Você está errado. Não foi um julgamento moral nem uma escolha altruísta. Eu simplesmente sabia que, quando nós fizemos esse filho, eu te amava, e eu não podia... eu não tinha outra escolha. Essa decisão foi por *mim*, e não posso fingir que não foi.

Semanas atrás, quando ela me disse que ele era meu filho e não havia como negar, eu finalmente acreditei e fiquei chocado. Mas isto tirou meu fôlego: *Quando nós fizemos esse filho, eu te amava.*

— E também não tenho escolha desta vez. Obrigada por me ouvir, Reid. Eu sei o que tenho que fazer, mas não vou dizer à Janelle de imediato. Ela ainda nem recebeu a oferta pra *Oceanos de papel*. Acho que posso deixar passar a pré-estreia de *Corações sobre Manhattan* primeiro. Meu Deus, ela vai ficar uma fera.

Um leve sotaque fanho invade suas palavras. Deve ser porque ela está no Texas, morando com a madrastra.

Por um instante, flutuo na lembrança desse sotaque.

E então meu celular apita. É a Dori.

Dori — Eu estava na aula quando você me mandou mensagem... Acabei de sair e achei melhor ligar em vez de mandar mensagem, já que estou de luvas. E aí, você vem no fim de semana? Tem certeza de que tem tempo? — Depois de uma hora numa sala de aula quentinha, saio do Barrows e imediatamente começo a tremer numa lufada do vento norte.

— Posso fugir da turnê promocional na noite de sábado, mas vou ter que ir de avião — diz ele. — Não dá tempo de ir de carro. Não posso sair de Los Angeles antes das sete da noite e tenho que estar de volta até o meio-dia.

Pelo jeito, mal teremos doze horas para ficar juntos.

Como se passasse a mão numa janela embaçada, de repente vejo com clareza que é assim que vai ser entre nós. Vou estar em Berkeley nos próximos quatro anos e, quando tento imaginar Reid, ou nos imaginar depois disso, não consigo. Vejo me inscrevendo para o mestrado em ciências sociais. Possivelmente deixando a Califórnia para fazer isso. Sozinha.

Meus dentes batem de frio, medo ou ambas as coisas, e me esforço para afastar a dor da voz.

— O que você quer fazer enquanto estiver aqui?

Sua risadinha baixa acende um calor no meu estômago, que se espalha como uma chama lenta.

— Ainda precisa perguntar? Parece que faz meses que não te toco.
Entro na biblioteca e minha voz diminui para um sussurro.
— Faz dez dias, eu acho.
— Meses — insiste ele. — E você disse que estava de *luvas*? Foto. *Agora*.
Balanço a cabeça e dou uma risada sem som.
— Vai ter que esperar pra ver ao vivo.
— Está usando um gorro combinando? E um cachecol? Humm, gostei da ideia do cachecol... Eles são ótimos pra amarrar, vender, prender...
— *Para com isso* — sibilo baixinho. — Não é normal ficar vermelha desse jeito na biblioteca, sabia? Talvez você devesse trazer seu próprio cachecol, e eu uso em você.
— Quando ele não responde, digo: — Reid?
— Desculpa. Estou com tesão *demais* pra dar uma resposta adequada.

*

Eu tinha certeza de que minha pesquisa sobre interação social em grupos e organizações seria mais produtiva se eu estudasse na biblioteca, cercada de outros alunos igualmente estudiosos. Mas, em vez disso, o zumbido de vozes baixas e movimentos farfalhados de livros e papéis me provocam a pensar sobre a interação de duas pessoas apaixonadas e sobre a natureza do amor.

Num grupo, as pessoas tentam se encaixar como peças de um quebra-cabeça para formar um todo uniforme. Uma representação reconhecível dos esforços e objetivos da organização em si.

Eu costumava pensar que duas pessoas apaixonadas agiam assim. Como peças de um quebra-cabeça que se encaixam. Mas não é desse jeito que acontece. O amor puxa uma parte de você e uma parte do outro, como um caramelo que se estica, mas não se separa. Os tentáculos de um se enroscam no outro até se fundirem. Eles se tornam um, mas não são exatamente um. E ficam separados, mas não exatamente separados. Como os meus pais.

Também existem aqueles que são como eu e o Colin. Ele nunca compartilhou uma parte de si, mas eu não sabia. Eu coleí nele porque ele quis assim, achando que ele fazia o mesmo. Mas, quando ele se soltou, arrancou uma parte de mim. Ele foi embora, como se nada tivesse acontecido, e eu desmoronei, totalmente perdida.

O que eu e o Reid temos, neste momento, é suficiente. Eu o amo, e ele me ama de um jeito que o Colin nunca me amou, mas não há garantia de ser para sempre. Não sei quando isso vai acabar, só sei que vai, e quero nos proteger. Não posso me deixar ser parte dele, e não posso deixá-lo ser parte de mim. Por isso não sussurro as

palavras para ele, mesmo que sejam verdade.

*

Shayma joga uma muda de roupa e itens de higiene pessoal na mochila. Ela vai passar a noite com uma amiga e deixar o quarto para mim — e para o meu namorado.

— Tem certeza que não tem problema? Tem certeza que não se importa? Podemos ir pra um hotel...

Ela balança a cabeça e ri.

— Quer parar? Se eu falei que tudo bem, está tudo bem. Hotéis são caros.

— Hum...

— Mas tenho uma condição.

— É? — digo, olhando distraída para o quarto. Não consigo imaginar o Reid aqui. Nosso modesto dormitório, do tamanho do closet dele, parece o set de um filme em que ele interpreta um universitário comum superbonito, não um lugar onde ele se dignaria a passar a noite.

— Quero conhecer o cara. Espera, *duas* condições. Segunda: nada de usar a minha cama, tá?

Meu rosto queima e minha boca se abre.

— Eu... eu jamais...

— Uau. — Suas sobrancelhas disparam para cima. — Acho que nunca vi alguém ficar tão vermelho. Você está tipo... *roxa*.

Escondendo o rosto atrás das mãos, horrorizada.

— Ele vem de carro de Los Angeles? Ou de avião? — Ela se joga na cama, a um metro de mim.

— De avião.

— E você não precisa de ajuda pra pegá-lo, já que não tem carro?

— Não. Vou encontrar com ele no Starbucks. Ele vai... pegar um carro no aeroporto.

Ela inclina a cabeça.

— Pegar um carro... Tipo alugado? Tipo um táxi?

Dou de ombros. A Shayma é uma das garotas mais discretas que eu já conheci. Esse nível de curiosidade vindo dela é tão estranho como se o ursinho com boné da Cal que a Deb comprou para mim dois anos atrás — agora sentado na minha escrivaninha lotada — de repente puxasse conversa. Respiro fundo. Se a Shayma vai conhecer o Reid hoje à noite, é melhor ela saber logo.

— Não exatamente... Mais o tipo de carro dirigido por um chofer.

Uma sobancelha se ergue e seu queixo recua.

— Um quem? Um quê? Garota, você tem um cara com *dinheiro*? Não é de espantar que possa se dar ao luxo de estudar ciências sociais.

Shayma estuda relações internacionais e planeja ir para Londres ou Hong Kong fazer pós-graduação.

Franzo a testa.

— E ele é o quê? Vive de renda? É velho? Ai, merda... Ele é de Los Angeles... Ele trabalha em Hollywood?

Meus olhos se arregalam.

— Você é vidente, Shayma?

Ela revira os olhos.

— Você sabe que eu não acredito nessas coisas. As únicas coisas que não mentem no mundo são os números. Minha avó acha que é vidente. Meu pai diz que ela sempre falou que tinha visões, mas, desde que eu era pequena, quando ela previu que a Kelly Clarkson ia vencer o primeiro *American Idol*, ela jura que é vidente de verdade.

Nós rimos, e eu respiro fundo.

— Então. Meu namorado. Ele é... — outra respiração — o Reid Alexander.

Ela me encara, pisca uma vez e balança um pouco a cabeça, como se estivesse tentando tirar água dos ouvidos.

— Você acabou de dizer *Reid Alexander*?

Faço que sim com a cabeça.

— Bem. Esquece o que eu disse sobre não usar a minha cama.

Brooke

Rowena Você está em Austin?

Eu Visitando a família. Volto logo pra Los Angeles pra fazer as promoções. Te mando uma mensagem com detalhes.

Merda. Mesmo para uma paparazza habilidosa e de sucesso — graças a mim —, a Rowena é assustadoramente conectada. Não gosto quando ela sabe de coisas que não estou pronta para ela saber, e isso está próximo demais. Não quero que a mídia saiba do River, pelo menos por enquanto. Ela sabe que não deve me irritar, mas talvez seja

hora de termos uma “conversa Jesus te chama” — frase que minha mãe adora, o que é esquisito, considerando sua falta de bússola moral pessoal. Acho que Jesus até levantaria a túnica e sairia correndo na direção oposta, se visse minha mãe se aproximando.

Meu estômago afunda só de pensar quando e como essa notícia será revelada. Claro que eu sabia que não poderia escapar disso, mas ainda não pensei na melhor maneira de contar.

Sempre acreditei que a minha vida e o meu histórico sexual não são da conta de ninguém, mas aquele questionário assustador apagou essa ilusão. A mídia vai ter o mesmo interesse. Mais ainda. Para eles, tudo é uma notícia empolgante e nada é sagrado. A primeira coisa que eles vão querer saber é quem é o pai.

Cinco anos atrás, eu coloquei “desconhecido” no formulário. Não me importava com o que significava deixar aquela linha em branco na certidão de nascimento do River. Por mim, ainda não me importo. Mas, pelo meu filho, agora fico pensando como será que isso vai afetá-lo.

Vou ter que dar um jeito nessa situação, e a melhor maneira de fazer isso é por intermédio da Rowena.

*

Tudo foi entregue ao tribunal — questionários, fichas criminais e testes de drogas (graças a Deus há meses não fumo um baseado e há anos não experimento nada mais idiota). O Norman exigiu sinceridade absoluta em relação a tudo: o furto de loja para irritar minha mãe aos catorze anos, o uso aleatório de drogas recreativas, o excesso de bebidas quando era menor de idade, minha vida sexual — a verdadeira e a publicada.

Deus sabe que provavelmente existem evidências de todos os meus pecados em algum lugar. Se eu mentir, alguma coisa vai aparecer e me entregar.

Agora, segundo o Norman, temos que esperar. Antes de sairmos do escritório, ele nos pede para dar referências pessoais — três parentes e três não parentes. A Kylie e a Kelley estão na minha lista de “parentes” e, relutante, decido que meu pai seria melhor que minha mãe, tendo que escolher entre os dois — e a Kathryn concorda.

Meu pai. *Essa* é uma ligação telefônica divertida para mais tarde. Duvido que ele fique feliz, mas a Kelley está grávida, então o fato de ele ser avô daqui a pouco não vai provocar um ataque cardíaco. Não tenho ideia se ele e a esposa Número Quatro planejam divulgar isso, mas, com três ex-mulheres e cinco filhos, ele já poderia estar na fase de superar tudo.

Por outro lado, sempre que deseja um ninho vazio, ele simplesmente *vai embora*.

Eu quase deixo em branco os três contatos que não são parentes, porque a primeira pessoa que me vem à mente é o Graham. Mas, é claro, não estamos nos falando. Encaro o formulário no meu colo, engolindo a mistura quente de culpa e tristeza. Escrevo “MiShaun Grant” e copio suas informações de contato do celular. Ela é a única atriz da minha faixa etária por quem tenho respeito e de quem tenho um número de telefone que funciona. Acrescento Dana Scatio — a diretora de *Corações sobre Manhattan*. Ela me adora e (como bônus) meio que foi minha chefe mais recente.

— Que tal a Janelle, minha agente? — pergunto. Nota mental: *Preciso informar à Janelle sobre o River.*

Norman franze a testa.

— Ela é uma opção, se você não conseguir pensar em mais ninguém. — Sua expressão diz “*Isso não pode ser verdade, não é?*”. — Tecnicamente, ela trabalha para você e tem um interesse velado em conseguir o que você quer, por isso é uma fonte menos confiável. O assistente social provavelmente vai entrar em contato com ela quando terminar de falar com todo mundo com quem você teve uma ligação substancial. Esses seis são apenas aqueles que você acha que têm mais possibilidade de oferecer uma imagem ao mesmo tempo favorável e realista de você.

Seguro a caneta com tanta força que o clipe de metal machuca a palma da minha mão, e meu mundo fica um pouco borrado nas bordas.

— Desculpa, mas você acabou de dizer que eles vão falar com... *todo mundo?*

No que sobrou da minha visão periférica, vejo Kathryn levantar a cabeça. Seu olhar se alterna entre mim e Norman, e tanto ela quanto o Glenn param de escrever. Tenho certeza de que os dois estão tendo dificuldade para *reduzir* a lista a seis pessoas que vão falar bem deles.

— Família, relacionamentos de trabalho, amigos próximos, ex-namorados... Sinto informar que sim. — Norman me olha com bondade do outro lado da mesa repleta de pastas. — Não se preocupe: eles não esperam que você seja perfeita nem universalmente amada.

Universalmente amada? Pode existir alguma coisa na história dos termos populares que se aplique *menos* a mim? *Ai, meu Deus.*

— Eles fazem essas entrevistas para avaliar duas coisas: se você está falando a verdade e se não tem nenhum desvio de personalidade que possa te impedir de ser uma mãe confiável para a criança. Como eu disse, é tudo pelo bem dela. Eu sei que você está cansada de me ouvir repetir isso um milhão de vezes, mas é o que importa para o tribunal. É melhor você se acostumar com isso desde cedo.

Ai. Meu. Deus.

Eles vão ligar para a minha mãe e o meu pai. Para as minhas ex-madrastas e os meus ex-padrastos. Provavelmente vão ligar para o Reid.

E é claro que vão ligar para o Graham.

*

— Alô? — A voz da Emma está exatamente como eu esperava: tensa e fria.

— Emma, é a Brooke — respondo sem necessidade. Ela obviamente reconhece o meu número.

Silêncio. Tudo bem.

— Estou ligando... — fecho os olhos — ... pra te pedir um favor.

Ela fala, meio nervosa: — Um *favor*? Como a mãe do Graham chamaria isso mesmo? Ah, uma *ousadia* da sua parte. Mas, como a Cara não está aqui, eu simplesmente vou dizer: que maldita *arrogância* da sua parte. O que você quer, Brooke?

O que eu quero? Quero desligar. No ano passado, cometi um erro grotesco em relação à Emma. Em relação ao Graham. Nunca falei nada com eles depois, é claro. Nunca tentei assumir o que eu fiz nem implorar por perdão. Eu sabia que estava automaticamente afastada da vida dele. Não precisava ouvi-lo dizer.

Eu raramente peço desculpas. Não que eu nunca ache que estou errada, só não admito isso em voz alta. O único momento em que digo “Desculpa” é quando não há literalmente nenhum outro jeito de dizer isso, ou para escapar de penalidades que possam ser burladas. Mesmo que a maioria das consequências não possa. É por isso que são chamadas “consequências”.

Oito meses atrás, eu não tive como evitar que o Graham se afastasse, e minha solução para evitar um inútil “Me desculpa” foi simplesmente evitá-lo.

Se eu escolher essa abordagem agora, posso perder o River. Respiro fundo e ajeito os ombros.

— Preciso falar com o Graham...

— De todas as...

— Emma, me desculpa. Eu fiz merda. Fiz muita merda. Eu não incomodaria você, nenhum de vocês dois... Escuta, estou ligando pro *seu* telefone, não pro dele. Estou pedindo sua permissão. Estou implorando. Por favor. — Minha voz falha no fim do apelo, e a última palavra mais parece um soluço. *Que inferno*.

Mais silêncio.

— Você está morrendo ou alguma coisa assim? — ela pergunta, e não consigo identificar se parece mais esperançosa ou pesarosa com essa perspectiva.

— Ainda não.

— O que você quer dizer com *ainda não*?

— Eu não... Não tem a ver comigo, na verdade. Bom, no fundo tem. É sobre... o meu filho.

— Seu o quê?

— O bebê que eu dei pra adoção. O pai adotivo dele morreu e a mãe se transformou numa viciada em metanfetamina, e agora ele está num lar temporário e eu estou tentando tirá-lo de lá.

Boa, Brooke. Você nem vomitou as palavras. Você vomitou as palavras como um míssil.

— O Reid sabe? — Ela fala o nome dele como se os dois mantivessem contato, o que imagino que seja possível. Talvez ela tenha sido parte dos doze passos de perdão dele no mês passado.

— Sim, sabe. Mas ele não está... envolvido. Mas tudo bem. A escolha é minha. Quando eu te falei da gravidez... — Solto um suspiro. — Eu só falei pra você odiá-lo. Mas ele era só uma criança. Eu era só uma criança. Não estou pedindo nada a ele agora, mas, sim, ele sabe. — Para de falar. — Nós até meio que estamos nos dando bem. É meio estranho, na verdade. — *Para de falar.*

— Hum.

Reiro os olhos, me lembrando de como o Graham e eu tivemos uma conversa irritante sobre a Emma e como ela dizia “hum” sempre que não conseguia pensar em mais nada para falar. Ele achava adorável, e eu queria bater nele.

— Eu, hum, vou falar com ele. Não prometo nada. Ele vai te ligar se quiser conversar. Se não quiser, ele não vai ligar.

Trinco os dentes, me sentindo impotente.

— Eu entendo. Obrigada.

— Tchau, Brooke.

Depois que desligamos, abro a foto do River que digitalizei no meu celular e mandei para o Reid. Toda vez que olho para ela, me sinto mais preocupada, mais apavorada de fazer merda e mais certa de que não posso deixar isso acontecer. Se eu tiver que passar pela Emma para implorar ao Graham para ele não estragar tudo, vou fazer isso. Mas sou paciente para aguardar e ter esperança de que ela não me odeie tanto quanto eu mereço.

Se eu estivesse no lugar dela, eu a teria mandado se foder e bloqueado o número dela no celular do Graham.

Mas a Emma não sou eu. E esse é simplesmente mais um motivo por que o Graham ficou com ela e não comigo.

Reid Peço para o motorista me deixar a um quarteirão do Starbucks, puxando o gorro sobre as orelhas e me encolhendo no casaco antes de pegar minha bolsa de viagem. Está escuro, então não posso usar os óculos escuros, mas ninguém espera que Reid Alexander apareça por aqui. Mesmo que eu seja reconhecido, a maioria das pessoas simplesmente vai achar que sou muito parecido com “aquele cara daquele filme”...

— Nove horas amanhã de manhã? — digo, abrindo a porta, e ele faz que sim com a cabeça.

— Sim, senhor.

Eu não tinha percebido como senti falta dela até que a vi. Ela me mandou uma mensagem quinze minutos atrás para me dizer que tinha chegado e conseguido uma cadeira no segundo andar. Eu devia ligar para ela quando chegasse, mas não liguei. Eu queria esse momento. Eu esperava que ela estivesse mergulhada numa leitura, não me procurando. Que eu levasse alguns segundos preciosos para absorvê-la. Que eu pudesse testemunhar o exato instante em que ela visse que eu cheguei.

A Dori nunca me decepçiona.

Como se sentisse meus olhos a observando, ela levanta a cabeça e olha direto para mim. Então fecha o livro sem marcar a página e o joga na direção da bolsa que está no chão. Levantando da cadeira num salto, leva a mão à boca para se impedir de dizer o meu nome e revelar a minha identidade, mas seu sorriso tem um quilômetro de largura. Um segundo depois, ela está nos meus braços, na ponta dos pés, oferecendo os lábios para um beijo. Fico feliz de lhe fazer esse favor.

— Adorei a recepção — murmuro em sua boca, beijando-a mais uma vez enquanto ela se recompõe e se lembra de onde estamos: em público.

Ajeitando o cabelo dela de um lado, envolvo sua cabeça na mão e sorrio para sua expressão agora recatada: lábios cerrados, um leve vermelho colorindo a curva da orelha exposta. Com a voz contida, digo: — Vamos pra outro lugar, minha linda. Quero ficar sozinho com você. — Sinto sua pulsação acelerar sob os meus dedos e meu outro braço a aperta, puxando-a para perto. — Ou... eu adoraria encostar você nessa parede e te beijar até você perder o fôlego. Só pra começar.

— Vou pegar a minha bolsa — diz ela, o hálito quente em meu pescoço.

Faço que sim com a cabeça, e ela abaixa o queixo e se afasta para pegar o livro e a bolsa do chão e o suéter da cadeira. Em seguida veste o suéter e me conduz pela escada estreita, atravessando o primeiro piso e saindo pela porta. Reflito que esta deve ser a única vez na minha vida que entrei num Starbucks e não comprei nada.

Do lado de fora, no meio-fio, ela para de repente.

— Ah, você queria alguma coisa?

Arqueio uma sobrancelha.

— Nada que *eles* vendam. Vamos ver esse seu quarto minúsculo. E dizer oi-e-tchau pra sua colega de quarto *muito* simpática.

Ela olha para cima, morde o lábio e sorri ao mesmo tempo, me puxando para atravessar a rua e ir até o campus. Seu rosto é a imagem perfeita da travessura interior com a qual estou bem familiarizado. Avidamente familiarizado.

Não andamos muito até chegarmos a um conjunto de árvores muito altas, e faço uma anotação mental para um encontro futuro. Quando estiver mais quente.

O campus é bem iluminado e está bem movimentado para uma noite de sábado, o que me deixa mais tranquilo em relação a ela estar aqui. Ninguém se importa conosco. Somos apenas mais dois alunos atravessando o campus em busca de entretenimento — ou privacidade.

Como se eu estivesse interpretando um papel, mergulho numa história em que Dori e eu temos objetivos paralelos, vidas paralelas. Na qual nos encontramos para tomar café entre uma aula e outra, reclamamos de professores e trabalhos, fazemos caminhadas e viagens nos fins de semana e ficamos deitados nas áreas verdes comuns

em dias ensolarados. Na qual estudamos entre sessões de beijos e transamos entre sessões de estudo.

— O que aconteceu? — ela pergunta, e percebo que estou franzindo a testa.

Eu paro, puxo-a para mim e levanto seu rosto preocupado até o meu.

— Nada — respondo. — Eu só preciso disso antes de continuar. — E me inclino para beijá-la. Alguém assobia ao longe, não sei se para nós, mas também não importa.

Sempre me divirto com a reação das pessoas quando sou reconhecido em lugares inesperados para um astro de cinema. O elevador do dormitório de uma faculdade pública é, previsivelmente, um desses lugares. Dori aperta a minha mão quando umas garotas com sacos de roupa suja entram. Elas sussurram enquanto me lançam olhares não tão discretos. Envolver os braços ao redor da Dori e a puxo para o meu peito, para a nossa bolha de espaço pessoal.

Quando as garotas saltam um andar acima e as portas começam a fechar, elas viram e encaram, com olhos arregalados. Dou uma piscadinha, e Dori me pega fazendo isso.

As portas se fecham, e ela bate na minha mão, que está na sua barriga.

— Você é um menino malvado, Reid Alexander.

Rindo, sussurro no ouvido dela, apesar de agora estarmos sozinhos: — Baby, espera só até eu entrar com você naquele quarto. A menos que você não queira esperar...

Recuperando o fôlego, ela estremece encostada em mim. Fecho os olhos e inspiro seu cheiro doce, que invade e intensifica os meus sentidos.

Que *inferno*. Ela não tem ideia de como estou perto de socar aquele botão de parada de emergência e encurralá-la.

Por outro lado, talvez ela tenha uma ideia bem clara. Seus dedos acariciam a minha mão, com a leveza de uma pluma, no mesmo ponto onde socou segundos atrás. Quando chegamos ao seu andar, ela pega a minha mão e faz uma curva radical à direita, me puxando pelo corredor. Podemos ter apenas as próximas doze horas, mas vou fazer bom uso de cada uma delas.

**Dori Sentados numa mesa de canto perto
da janela da frente do Starbucks,
esperamos o carro que vai levar o Reid**

para o aeroporto. Ele verifica e-mails e mensagens no celular, de costas para os outros clientes naquela manhã de domingo, enquanto bebo meu latte e anoto cada detalhe visualmente acessível dele. Pode demorar semanas até nos vermos outra vez, a menos que ele consiga escapar da agenda alucinada de eventos, algo que ele prometeu tentar fazer.

O sol do fim de janeiro reflete nas ondas do seu cabelo dourado com mechas naturais mais escuras. Caindo na testa, se curvando sobre as orelhas, meio amassado pelo gorro de tricô que ele usou ao sair do meu quarto, ele implora para ser tocado. Os cílios escuros, de alguma forma, também têm pontas douradas. Quando esses cílios se abrem e seu olhar faz contato com o meu, perco o fôlego. Na luz clara da manhã, seus olhos azul-escuros são tão vívidos que percebo cada traço, as íris se tornando mosaicos de pedrinhas coloridas.

Ele inclina a cabeça e diz: — O que foi?

Balanço a cabeça levemente.

— Quando eu não gostava de você, o fato de você ser tão gostoso não te ajudava.

Ele dá um sorriso forçado.

— Não diga.

Eu me esforço para encontrar as palavras certas, me apoiando nos cotovelos.

— Quando eu já estava com raiva de você por alguma coisa que você tinha dito ou feito, eu te olhava e ficava com mais raiva. Porque parecia muito injusto ter um rosto como o seu e usá-lo pra nada além de... causas egoístas. Imagino que não seja assim que normalmente funcione pra você, ou talvez eu devesse dizer que não seja assim que funcione *contra* você.

Sua boca se curva para cima num dos lados, e ele balança a cabeça uma vez.

— Hum, não. Normalmente não é assim.

— As pessoas acabam te deixando fazer o que quer, porque você é tão lindo que elas não querem te negar nada.

— Eu me sinto tão vulgar agora.

— Não devia. Você não tem culpa de ter nascido com essa aparência...

Ele solta uma risada, com a mão sobre a boca, estranhamente envergonhado.

— Obrigado pela... compaixão?

— O que eu quero dizer é que a sua aparência intensifica todo o resto, e isso não funcionou comigo, porque fui criada pra avaliar as atitudes das pessoas, pra colocá-las acima da aparência. Pessoas superficiais podem ser influenciadas apenas pela beleza de fora. Afinal, é da natureza humana gostar de coisas bonitas.

— Não tenho certeza se estou gostando do rumo dessa conversa, pra falar a verdade. Sinto como se eu devesse esfregar um pouco de terra no rosto ou, pelo menos, vestir uma roupa xadrez de poliéster.

Balanço a cabeça e tento de novo.

— Quando você apareceu na Habitat com o elenco de *Assassinato por misericórdia*, eu já tinha experimentado, em primeira mão, como era ser cuidada por você. Quando saí naquele dia, eu sabia o que você tinha feito pela Deb, e conhecer essa parte bonita de você, seu eu de verdade, apesar da sua aparência, me deixou impressionada. Mas a combinação da compaixão da qual você era capaz com a sua beleza física, bem na minha frente, foi simplesmente avassaladora.

Sua boca se abre um pouco, e suas sobrancelhas se unem de maneira desconcertada.

— Dori, eu não sou um anjo...

— Eu sei, e não espero que você seja. Você sabe que eu gosto do, hum... — Sinto o vermelho subindo pelas minhas orelhas e, com o cabelo preso num nó na nuca, sei que o sinal revelador está visível. Minha voz é quase um sussurro quando digo: — ... do seu lado *travesso*.

Ele pega a minha mão sobre a mesa e a segura aberta, traçando curvas na palma com a ponta do polegar.

— É por isso que eu pude dizer algumas palavras que não tenho permissão pra dizer à luz do dia, quando sussurrei pra você ontem à noite? — A voz dele está baixa e rouca, arrastando alguma coisa de dentro de mim para a superfície. Ele se aproxima. — Quando eu disse o que ia fazer com você antes de fazer? Quando eu disse o que você devia fazer comigo?

Meu rosto é inundado pelo calor e pela lembrança. Fiquei mais que chocada de

descobrir que essas palavras proibidas — algumas das quais ele *nunca* havia falado na minha frente — faziam meu corpo se desmanchar sob o dele quando ele as sussurrava no escuro, com a voz rouca e exigente.

Quando ele sentou na beirada da minha cama apertada hoje de manhã e espreguiçou, seus ombros continham a evidência do meu entusiasmo. E ele parecia ter uma ou duas manchas roxas em pontos curiosos. Fiquei horrorizada.

— Eu te machuquei — falei, arrasada, passando os dedos nas linhas finas das suas costas.

Ele virou e me jogou na cama no espaço de uma piscada, o peito pressionado ao meu, os cotovelos segurando seu peso.

— Se você um dia me pedir desculpa por fazer — ele fechou os olhos e os abriu — *qualquer das coisas* que você fez comigo ontem à noite, não terei outra opção a não ser te castigar.

— É? — sussurrei, minha imaginação descontrolada.

Ele sorriu como um lobo.

— No calor do momento, parece que esquecemos de usar aquele cachecol que você prometeu me mostrar. Na próxima vez que você me der algumas horas do seu tempo, Dorcas Cantrell, acho que teremos algumas coisas novas para experimentar.

Sua risada suave me traz de volta para o Starbucks.

— Eu sempre sinto vontade de comemorar quando consigo dizer alguma coisa que te faz ficar vermelha muito além das orelhas — diz ele.

— Malvado.

— Você sabe que adora.

— Aparentemente, tenho fome de castigo. — Outra onda de vermelhidão desce depois que percebo que acabei de usar a palavra “castigo”, e ele ri de novo.

Batendo com o misturador de café na mesa, ele o encara antes de suspirar.

— Dori, o que você disse sobre o meu “verdadeiro” eu... Eu estou tentando me tornar um ser humano melhor, mas ainda sou o mesmo cara. As pessoas só podem mudar até certo ponto.

Meu coração dói com a verdade dessas palavras e como elas se aplicam à coisa que mais me apavora: perdê-lo. Mas eu sei que ele está se referindo a outras mudanças mais importantes, que têm a ver com o seu lado pessoal.

— Você está se subestimando, Reid. Como sempre. Você tem um bom coração, e agora os seus olhos estão mais abertos pras outras pessoas, pro sofrimento que você pode aliviar de algum jeito. Tudo que você tem que fazer é não fechá-los de novo. Eu sei, melhor que ninguém, que nem tudo pode ser consertado.

Nem tudo pode ser consertado, e milagres são apenas guinadas do destino. O

destino pode mudar na direção oposta com muita facilidade. Encaro esse fato toda vez que minha irmã olha diretamente através de mim.

Brooke — Brooke, onde você está? Ouvi um boato de que você está no Texas. É verdade? — A voz da Janelle está um pouco aguda demais antes da minha segunda xícara de café. Na verdade, é aguda o tempo todo. Eu a amo, mas Jesus, quando ela está nervosa, sua voz é capaz de cortar até aço. Seguro o celular a um palmo do ouvido, trazendo-o para perto apenas para falar.

— Tudo bem, que diabos. De onde vêm esses boatos? Você é a segunda pessoa que me pergunta isso.

— Quer dizer que você não está no Texas? Você e o Chandler têm diversos compromissos promocionais na região de Los Angeles esta semana, começando amanhã...

Glenn entra na cozinha, mas para e volta quando ouve a voz gritando no aparelho. Quando reviro os olhos e falo sem som “É a Janelle”, ele balança a cabeça e dá uma risadinha.

Meu padrasto trabalha no setor petrolífero. Depois de décadas fazendo a carreira crescer em campo, ele mudou para a administração alguns anos atrás. Ele é bom no que faz porque é firme mas fácil de lidar, características que também lhe servem como padrasto da Kelley e da Kylie. Tudo relacionado a Hollywood confunde e diverte o

Glenn.

— É, Janelle, eu sei.

— ... então eu preciso ter certeza de que você vai estar lá — ela continua como se eu não tivesse falado —, a menos que alguma coisa precise ser remarcada... — Seu tom diz que é melhor isso não acontecer, a não ser que alguém esteja morrendo. A saber, eu.

— Não precisa remarcar nada, Janelle. Eu tive que vir correndo pra cuidar de uns assuntos familiares, mas vou voltar pra Los Angeles hoje mesmo.

Por cima da borda da xícara de café, as sobranceiras do Glenn se erguem. Balanço a cabeça. Ainda não estou pronta para falar tudo para minha agente. Ainda mais sabendo que essa conversa vai incluir contar que é muito provável que eu recuse participar de *Oceanos de papel*. Ela é bem capaz de tentar me matar.

— Ai, graças a Deus — diz Janelle. — Eu estava falando com a Amaris...

Meu celular apita, e olho para a tela.

Graham.

Minha boca fica seca, e tenho que me lembrar de respirar.

— Janelle — interrompo. — *Janelle*. Tenho outra ligação, preciso atender. Te ligo quando estiver em casa hoje à noite. — Já estou pegando o que sobrou do meu café gelado e voltando para o meu quarto quando mudo para a outra ligação. Tento parecer recomposta em vez de apavorada, mas não consigo. — Alô?

— Brooke. A Emma disse que você ligou. — O tom dele é distante e reservado, mas a voz é muito familiar. Meus olhos ficam marejados, e engulo em seco, subitamente sem palavras. — Brooke? — ele repete.

— Estou aqui. Acho... Não achei que você ia retornar. Obrigada.

— Eu só quero saber o que você quer. Não me agradece ainda.

— Tudo bem. — Respiro fundo. — Algumas semanas atrás, contratei uma detetive pra procurar o bebê que eu dei pra adoção, só pra saber se ele estava bem. Eu estava tendo pesadelos com ele. Achei que, se eu pudesse descobrir que ele estava feliz e saudável, os pesadelos iam sumir e eu ia poder seguir em frente com a minha vida.

Ele não faz nenhum comentário. O velho Graham, na nossa antiga amizade, teria feito um interrogatório ou uma observação. Mas eu destruí esse relacionamento. Matei a confiança e o cuidado dele para comigo.

Fecho a porta do quarto e sento na cama. Tenho que fazer isso pelo River. O que eu perdi não faz diferença.

— Ele está num lar temporário. Foi tirado do lar adotivo pelo Serviço Social Infantil.

Hesitante, ele diz: — Foi isso que a Emma disse. Você sabe por quê?

Sinto uma onda de gratidão por essa pergunta e, pela primeira vez, acolho a esperança de que ele vai escutar. Que talvez, pelo bem do River, ele possa parar de me odiar para não me impedir de pegá-lo.

— Eu não sei de tudo. Sei que o pai adotivo morreu, mas não sei como. E que a mãe adotiva se tornou viciada em metanfetamina, passou por uma clínica de reabilitação por ordem judicial pelo menos duas vezes e fracassou nas duas. E que nenhum parente se apresentou para ficar com ele. Minha detetive particular está levantando informações sobre eles. Ele está num lar temporário há meses. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Bethany Shank, a minha detetive particular, me deu uma foto dele.

Quando minha voz falha, ouço Graham expirar e penso: Por favor, por favor, não pense que estou fingindo.

— Ele é tão pequenininho. E parece tão triste. Ele precisa de mim, Graham. Foi por isso que eu me inscrevi para adotá-lo...

— O quê? — Eu sei que ele está franzindo a testa. Penteando o cabelo escuro para trás com uma das mãos. Fechando os olhos e balançando a cabeça duas vezes antes de abri-los. — A Emma disse que você estava tentando tirá-lo do lar temporário, mas não sabíamos exatamente o que isso significava. Adoção, Brooke? Você?

Tento ao máximo não dar a impressão de que estou chorando. Meus dedos apertam aquela dor característica no peito, mas nada alivia a queimação penetrante, como um fósforo aceso debaixo da pele.

— É. Eu sou tudo o que ele tem. Eu preciso fazer isso.

Ele suspira.

— Parece que você tem boas intenções, e eu reconheço que você se sente responsável por ele, mas ele precisa de alguém com estabilidade, alguém que se dedique a ele. Ele é um pouquinho mais novo que a Cara, certo? Você não tem ideia de como é difícil cuidar dela, e isso que eu tenho meus pais e minhas irmãs. E a Emma também.

E você não tem ninguém. Ele não diz essas palavras, mas elas ficam penduradas entre nós, como se tivesse dito.

— A Emma falou que você queria me pedir um favor?

— É. A assistente social vai te ligar. Talvez o curador dele também. Não sei o que eles vão perguntar, mas, por favor, só não diz nada que possa me fazer perdê-lo. Por favor, Graham.

Conto os batimentos cardíacos que pulsam em meus ouvidos. *Um. Dois. Três. Quatro.*

— Você realmente quer isso, não é? Minha preocupação é... por quê? Ele é só uma criança, Brooke. Não pode preencher sua necessidade de afeto. As crianças devem ser amadas por quem cuida delas, e não o contrário.

Eu poderia me sentir ofendida, mas, pela nossa história e pelo que ele sabe de mim, é uma pergunta válida.

— Eu entendo por que você está pensando assim. Mas, se estou levando alguma coisa disso, é a sensação de estar fazendo a coisa certa. Estou com medo. Estou apavorada só de pensar que tem coisas com as quais não vou saber lidar. Mas ele precisa de mim e eu tenho que fazer alguma coisa.

— E se ele tiver necessidades que estão além do seu alcance? E se ele tiver sido tão magoado a ponto de você não conseguir ajudá-lo?

— Se isso acontecer, eu vou atrás do que for preciso para conseguir. Mas vou continuar tentando. Sou teimosa como o diabo, Graham. Pelo menos você sabe disso.

Imagino o sorriso irônico e relutante em seu rosto.

— É. Eu sei.

Reid Eu poderia dizer que procurei uma abertura em algum momento das doze horas que passei com a Dori para contar a ela sobre o River.

Mas isso seria mentira. E, neste instante, minha única mentira é a omissão.

Eu poderia dizer que, a cada dia que passa, a culpa aumenta, mas isso também não é exatamente verdade. O que eu sinto é medo. Medo de que, se ela descobrir — não importa como, pela minha boca ou pela de outra pessoa —, não vai vacilar. Ela não vai se importar com a semântica de contar uma mentira *versus* não contar a verdade. Ela vai ver em branco e preto e ignorar o cinza.

Estamos falando de uma garota que perdeu a fé de uma vida inteira em Deus. Descartar sua frágil e recente fé em mim não seria nada perto disso.

Além do mais, há uma chance de a Brooke mudar de ideia — por menor que seja essa chance. Ou de outra pessoa aparecer e assumir a responsabilidade pela criança. De esse segredo ficar no armário, onde os segredos devem ficar. E, talvez um dia, eu

possa contar à Dori — quando eu não tiver essa sensação de que há um relógio sobre os meus ombros contando o tempo. Ou talvez uma bomba.

Eu não quero perdê-la. Ela é mais importante para mim do que um menino que eu nunca vi. Um filho que eu nem achava que era meu algumas semanas atrás. Não posso ser pai — ainda não, e talvez nunca.

A Dori disse que eu tenho um bom coração.

E é aí que encontro a culpa.

*

Uma semana antes da pré-estreia de *Assassinato por misericórdia*, vários entrevistadores me perguntaram se estou namorando alguém — apesar de que eles simplesmente dão pistas dessa pergunta, em vez de fazê-la sem rodeios, para contornar as restrições do estúdio contra abordar o assunto diretamente. Dou respostas evasivas e um sorriso distraído. O entrevistador de hoje foi um pouco mais insistente.

O engraçado é que eu não dou a mínima para o que o estúdio quer ou não quer. A questão é a Dori e os pais dela — e não lhes dar motivo para me odiar por arrastar a filha deles para o meu “mundo degenerado”, como eles gostam de dizer. Não que eu possa argumentar. Fui degenerado durante anos.

Tenho mais simpatia agora pelo suplício da Emma durante a turnê de lançamento de *Orgulho estudantil* na última primavera — não só tendo que negar a existência do relacionamento dela com o Graham, mas tendo que fingir um relacionamento comigo ao mesmo tempo. Enquanto eu fazia tudo que estava ao meu alcance para sabotar o relacionamento dos dois.

Meu Deus, eu era muito babaca.

O George começou a negociar a postura “oficial” sobre a minha vida amorosa com o estúdio na semana passada, quando deixei claro que não tinha intenção de negar meu relacionamento com a Dori quando ele fosse revelado.

— E vai ser — acrescentei. — Só estou indo devagar nessa de expor a Dori diante dos holofotes. — *E os pais dela também.*

— Então você concorda em esperar até depois do lançamento pra anunciar publicamente o relacionamento? — ele pergunta, *de novo*. O George me conhece bem demais.

— Sim, claro. Mas, se alguém me mostrar uma foto da Dori e me perguntar “Essa é sua namorada?”, eu não vou dizer que não é. — Estaciono na parte fechada do condomínio exclusivo da Brooke e deixo o motor morrer enquanto terminamos a

conversa.

— Anotado. — Ele pigarreia. — Mais uma coisa: fui contatado por um assistente social do Texas, que me pediu pra transmitir o recado pra você retornar a ligação. Alguma coisa a ver com um processo judicial? Ele disse que envolvia informações confidenciais que não podia discutir com ninguém além de você. Será que você quer dizer ao seu *agente* o que está acontecendo, se por acaso souber?

O sangue nas minhas veias congela, e minha mão agarra o volante como se quisesse me impedir de ser sugado pela janela do carro. A Brooke disse que não ia me envolver, mas está claro que ela mentiu. Essa é a minha chance de contar tudo ao George, mas estou imobilizado.

— Hum, não sei. Posso ligar e ver qual é o assunto.

Seu suspiro revela a suspeita de que estou escondendo algo importante.

— Te mando as informações por e-mail. Me liga se tiver alguma coisa que eu precise... avaliar.

*

Passo de furioso a abismado quando a Brooke abre a porta. Ela se parece com a minha mãe de algumas maneiras — uma delas é o fato de que sempre dá a impressão de que pode pegar uma bolsa e ir direto para um clube ou um evento elegante sem fazer nada além de se olhar no espelho.

Minha mãe usa roupas caras em casa. Sempre foi assim. Mesmo quando está bêbada — quando *estava* bêbada, eu me corrijo, porque faz muito tempo que não a vejo desse jeito —, ela está elegante e bem-vestida. Um pouco exagerada, mas nada em excesso.

Não que a Brooke pareça *exagerada*.

Ela é a Brooke de cinco anos atrás.

O cabelo está preso num rabo de cavalo bagunçado, com fios escapando ao redor do rosto. Argolas douradas finas estão penduradas nas orelhas, mas ela está sem maquiagem. Os olhos são grandes e azuis no rosto muito jovem.

Quando estávamos saindo, ela às vezes vasculhava as minhas gavetas e pegava uma calça jeans, e eu ficava feliz com isso. Ela tirava a calça da moda que estava usando — se balançando para tirá-la enquanto eu a observava, sem fôlego — e colocava a minha. A calça ficava perfeita nos seus quadris magros, cabendo nela do mesmo jeito que cabia em mim quando eu tinha corpo infantil.

— Ahhh — dizia ela, se jogando na minha cama. — Muito melhor.

Tudo que eu conseguia pensar era em como tirar a calça dela de novo.

A calça jeans surrada que ela está usando agora poderia ser uma das três ou quatro que ela pegou de mim naquela época, apesar de eu ter quase certeza de que ela as rasgou com uma tesoura gigantesca ou as queimou num ritual de magia negra depois que terminamos. Ela está descalça, as unhas dos pés pintadas com esmalte vermelho-sangue, usando uma camiseta branca, lisa e justa.

Em silêncio, faz um gesto para eu entrar, e eu a sigo por um labirinto de caixas até a sala de estar. Não me lembro exatamente de como era a casa dela quando estive aqui pela última vez, porque só estive aqui uma vez, e já faz quase um ano, mas várias coisas parecem estar faltando. E tem as caixas.

Franzindo a testa com curiosidade, viro para ela.

— Está de mudança?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Vou precisar de dois quartos. E a maior parte da minha decoração não funciona com crianças.

Ela fala isso como se fosse normal comentar essas coisas comigo. Ou que o termo “funciona com crianças” fosse sair da sua boca um dia.

Ela se ajeita numa poltrona de couro preta, e eu fico na outra — esses são os únicos móveis na sala, além de uma estante quase vazia.

Começo a conversa, adiantando-me ao plano que ela tinha.

— Meu agente recebeu uma ligação de um assistente social do Texas. Ele não disse ao George o que queria, mas tenho quase certeza que tem a ver com você, ou, você sabe, com o River.

Ela respira fundo, encarando as mãos entrelaçadas no colo, e sou tomado por uma sensação de desconforto.

— É, foi por isso que eu pedi pra você vir aqui. — Ela suspira, e eu penso: *Ah, não.* — Eu tive que contar pra eles.

— Como é?

— Que você é o pai biológico dele.

Não acredito.

— O que você quer dizer com *teve* que contar pra eles?

Seus olhos se erguem.

— Eu tive que preencher um questionário de dezoito páginas, Reid. Tinha as perguntas mais pessoais que você pode imaginar, e o Norman, meu advogado, me alertou pra ser totalmente sincera, senão eu poderia receber uma negação antes mesmo de começarmos. Tive que falar sobre minha mãe destruidora de lares e sobre meu pai galinha. O fato de eu ser uma filha ilegítima porque meu pai ainda estava tecnicamente casado com a Kathryn quando eu nasci. O fato de a minha mãe

frequentemente me bater na cara quando eu a irritava, começando tão cedo que não lembro quando fez isso pela primeira vez. Tive que contar meu histórico sexual, minhas experiências, tudo. Meus relacionamentos com meus padrastos e madrastas, minha experiência com crianças, que, claro, é zero.

Balanço a cabeça.

— Você falou que *teve que fazer isso*, mas não é verdade, Brooke. Ninguém está te obrigando a fazer nada.

Ela estreita os olhos azuis, que estão fumegando.

— *Chega* de discutir as decisões que estou tomando em relação ao *meu* filho, Reid Alexander. — Iluminada pela parede de janelas atrás, com o cabelo loiro-claro formando um halo na cabeça, ela parece um anjo procurando briga.

— Você está tomando decisões por *mim*, Brooke. Por que não consegue enxergar isso?

— Eu não tenho escolha.

— Você tem...

— Tudo bem! Então eu escolho o nosso filho.

Meu maxilar fica tenso, e eu me levanto, com as mãos formando punhos na lateral.

— Você me chamou de pai biológico dele. Agora está chamando o menino de meu filho, como se eu tivesse alguma ligação com ele. Mas não tenho. Não achei que ele era meu quando você apareceu grávida, e você sabe disso. Tínhamos terminado semanas antes. Nunca senti nada por ele, Brooke, e também não sinto agora. Se isso me torna um bastardo sem coração, que seja...

— Não, Reid, é você que está fazendo com que *ele* seja um bastardo.

Minhas mãos vão até a nuca, e puxo os dois cotovelos para proteger o rosto, como cortinas. Andando de um lado para o outro por entre as dezenas de caixas no chão, conto: *um, dois, três, quatro...* Minha vontade é de jogar alguma coisa longe. *Cinco, seis, sete. Oito, nove, dez.*

Preciso ir embora. Mas, antes disso, pergunto: — O que o assistente social quer?

Ela fica pálida como se tivesse esquecido, depois lambe os lábios. Se seu cérebro fosse transparente, eu veria engrenagens trabalhando furiosamente.

— Algumas coisas. Eles querem que você assine um formulário dizendo que abre mão dos seus direitos de pai por livre e espontânea vontade. Isso não deve ser um problema pra você, imagino. É como abrir mão de uma propriedade, o Norman disse, pra que ela possa ser transferida para um novo comprador.

Ela engole em seco, os músculos da garganta tensos. Tenho a sensação de que quer chorar, mas não se permite. *Tão* a cara dela. Sempre calculando alguma coisa.

— Eles também podem perguntar sobre o nosso relacionamento. E o término. E a gravidez. E por que eu não coloquei o seu nome na certidão de nascimento. E... eles estão ligando pras pessoas pra pedir referências pessoais. Sobre mim.

Dou uma risada sem graça, enfiando as mãos nos bolsos da frente da calça.

— Eu? Um cara que implorou por um acordo pra escapar da pena por dirigir bêbado alguns meses atrás dando referências pessoais? Duvido que qualquer coisa que eu diga tenha algum peso pra um lado ou pro outro.

Ela dá de ombros, com uma expressão sincera. Não consigo olhar para ela. Não quando ela está com a aparência de anos atrás. Concluo que ela deve ter feito isso de propósito, mas como ela poderia saber? Como ela poderia saber que, durante meses depois que terminamos, eu tinha sonhos com ela exatamente como está agora?

— Talvez não — diz ela. — Mas a pior coisa seria se eles acreditassem que eu menti e disse que ele não era seu ou não tivesse te contado sobre ele. Você pode me apoiar nisso e assinar os papéis dizendo que você renuncia? Mesmo que você não possa dizer nenhuma outra palavra positiva sobre mim?

Ela realmente me falou que estava grávida e, mesmo que ela tivesse me deixado acreditar que o filho provavelmente não era meu, ela nunca me disse que não era.

— Vou apoiar a sua história, porque é verdade. Mas assinar os papéis de renúncia? É uma declaração judicial, Brooke. — Volto a andar de um lado para o outro. As pilhas de caixas estreitam as paredes, restringindo o caminho entre elas, imitando minhas emoções. — *Porra*. Meu pai vai me matar se eu assinar um documento judicial sem a orientação de *especialista* dele. — Olho de novo para ela e balanço a cabeça lentamente. — Vou ter que contar pra ele. Que Deus tenha pena de mim.

Óori Meu plano de aulas parece um menu degustação, e não uma refeição.

Todas as aulas que vou fazer neste semestre são precedidas por “introdução a”, o que teoricamente faz sentido, já que estou no primeiro ano e, portanto, sou novata em tudo. Se eu não tivesse excluído leitura e compreensão, raciocínio lógico quantitativo e quatro semestres de espanhol, acho que meu plano de aulas e eu não pareceríamos tão deficientes em experiência.

Num banco em Sproul, estou com um dos integrantes do meu grupo de estudos de introdução a sociologia, esperando os outros dois. O plano era pegar um local ao ar livre para estudar, mas isso foi antes de o céu ficar totalmente fechado e a temperatura cair uns dez graus.

Claudia olha de cara feia para a praça, procurando Raul e Afton.

— De quem foi a brilhante ideia de estudar ao ar livre no inverno? Estou. Congelando. Caramba.

Dou de ombros.

— Tenho certeza que eles vão concordar em entrar. E ontem estava gostoso aqui fora.

— *Pfff* — diz ela. — Estava suportável, na melhor das hipóteses. Você já reparou que todos os folhetos de faculdade têm fotos de alunos felizes e sorridentes tiradas num dia lindo de céu azul? Não importa se é uma faculdade de Oklahoma, Dakota do Norte ou Arizona, nunca tem alguém encolhido num casaco de pele da North Face, xingando os lábios rachados e o cabelo esvoaçante. Ou alguém ensopado embaixo de uma tempestade, sem guarda-chuva, com a mochila encharcada, os sapatos cheios d'água e a calça jeans saturada até o meio da coxa. Ou alguém com marca de pizza embaixo dos braços e o rosto coberto de suor. Ah, não... Eles estão jogando frisbee ou estudando felizes num gramado verde, numa temperatura pra lá de perfeita. Rindo no caminho até a praça de alimentação ou conversando nos degraus da biblioteca.

Dou um sorriso. Claudia é uma daquelas pessoas que sempre reclama, mas ela resmunga de um jeito tão engraçado que eu não me importo. Parece uma velhinha mal-humorada num corpo de uma moça de dezoito anos.

Duas garotas aparecem de repente na nossa frente e olham para mim como se eu estivesse prestes a dar informações que vão salvar a vida delas. Claudia ergue uma sobrancelha e também me encara.

— Oi — diz a garota à esquerda. — Hum, a gente mora no seu prédio... E você estava com um cara outra noite...

Oh-oh. Agora eu as reconheço: as garotas do elevador. O Reid e aquela sua piscada, que coisa.

Tento olhar para elas sem emoção. O Reid me contou o que o estúdio dele quer, mas também me falou que não se importa com o que eu diga ou faça — ele diz que, se alguém me perguntar sobre ele, posso responder o que eu quiser. Mas a pré-estreia dele é amanhã à noite, e eu não quero me revelar aqui, para pessoas desconhecidas. Para a Claudia, a aluna de Estudos de Paz e Conflito mais amarga do mundo.

A garota à direita não quer perder a oportunidade.

— Era o Reid Alexander?

Antes que eu consiga dizer uma palavra, Claudia solta uma risada.

— Vocês estão chapadas a esta hora? Reid Alexander no campus e *ninguém* percebeu? Dá um tempo.

O rosto delas desaba.

— Ah.

E a garota da esquerda se mete.

— E aquele cara... ele estuda aqui? Na Cal?

Balanço a cabeça, em negativa.

— Não. Ele só estava me visitando.

— Ahhh — elas dizem em uníssono, desanimadas, e minha careta fica mais fechada para elas.

— E ele é meu namorado. — *Uau*. De onde veio *esse tom*?

Sem nenhuma diplomacia, a garota da esquerda bufa.

— É *mesmo*?

A amiga tenta salvar a situação, dizendo a coisa mais constrangedora possível.

— Bom, parabéns. Quer dizer, ele é *igual* ao Reid Alexander, então obviamente é gostoso. Hihhi.

— Hum... Obrigada?

Depois que elas se afastam, continuo: — Isso foi bizarro.

Sinto os olhos da Claudia em mim.

— Quer dizer que você está namorando o Reid Alexander?

Olho dentro de seus olhos escuros e meus lábios se separam, mas nenhum som escapa. Não consigo pensar em nada para dizer.

— Alguém já te disse que você *não sabe* mentir?

Com os lábios retorcidos, admito: — É, acho que já escutei isso uma ou duas vezes.

Ela inclina a cabeça e sorri.

— Você é a garota da Habitat, não é? Do último verão.

Ah, que legal. Fugi de duas tietes de Reid Alexander e descobri que estou num grupo de estudos com a mais perigosa de todas.

— E você é... fã do Reid Alexander?

— *Credo*, não. Minhas irmãs pequenas que são. Elas são loucas por ele. Pra mim, ele parece um babaca pretensioso e sem talento.

Pisco.

— Eu disse *parece*. Nunca vi nenhum filme dele. E ele não pode ser uma causa perdida total, já que está namorando você. Eu acho. A menos que você queira negar, não é?

— Que parte?

Ela dá de ombros.

— Qualquer uma. Tenho a mente aberta. Mais ou menos.

Dou uma risada suave enquanto nossos colegas de turma finalmente aparecem, tremendo apesar dos casacos.

— Ai. Meu. Inferno. Sagrado. Porra — diz Raul. — Por favor, podemos entrar pra fazer isso?

— Até que enfim um homem sensato — diz Claudia, saltando do banco como se

tivesse sido libertada de um feitiço e andando decidida na direção da biblioteca. — *Brr!* Caramba. Nunca pensei que fosse dizer isso, mas estou com saudade de San Diego. — Virando e apontando o dedo, ela acrescenta: — Vocês *não* me ouviram dizer isso.

Afton finge trancar os lábios e jogar uma chave invisível por sobre o ombro.

— Todos nós queríamos sair daqui pra qualquer lugar, cara — diz ela. — Mas algumas coisas que não valorizamos em casa simplesmente não são melhores em outros lugares.

Claudia se aproxima enquanto nos dirigimos à biblioteca.

— Alunos de psicologia, Jesus. E ela acabou de me chamar de *cara*? Isso não vai me atrair em direção a ela, não importa como a bunda dela fica linda naquela calça jeans. Se bem que ela tem razão quando fala da nossa casa e de outros lugares. Então, o que você diz sobre o bonitão?

Dou um sorriso e encontro os olhos dela.

— Ele não é uma causa perdida.

Ela retribui o meu sorriso.

— É o suficiente pra mim.

*

Tenho um site de fãs do Reid nos favoritos, para poder observá-lo de longe, como todas as outras pessoas. Minha irritação aumenta, ainda mais quando alguns sites dizem ter “provas” de que ele está saindo com atrizes ou cantoras quando ele aparece ao lado delas num evento. Ou uma fã comentarista revela seu amor infinito e seu desejo de ter filhos com ele. Ou alguém tenta descobrir quem eu sou, de onde eu vim e por que, afinal, *Reid Alexander* olharia para mim.

Ver essas páginas também parece que estou perseguindo o Reid. Por outro lado, isso não é diferente de visitar os perfis de amigos no Facebook e vasculhar suas fotos. A curiosidade é uma coisa cativante. Quando se trata do Reid, fiquei curiosa desde o instante em que ele me chamou de hipócrita por dizer que ele era incorrigível dias depois de nos conhecermos.

Com a mãe ao lado no tapete vermelho da pré-estreia, é fácil ver de onde o Reid herdou sua aparência. A cor da pele dos dois é exatamente a mesma, assim como suas feições — com exceção do maxilar anguloso, que veio do pai. Lucy Alexander está incrível e elegante, orgulhosa do filho no modo como ela o observa dando autógrafos e se aproximando para tirar fotos com as fãs alucinadas que empurram a corda de veludo.

Quando surgiu a ideia de convidar a mãe dele como acompanhante, tive uma sensação boa. Ele não estava convencido de que ela ia querer ir, e eu falei que a única maneira de ele saber seria fazendo-lhe o convite.

— Parecia que eu tinha dado um Oscar pra ela — ele disse mais tarde, me contando sobre a conversa. — Primeiro ela suspirou e ficou com os olhos cheios de lágrimas. Então eu pensei: *Ah, que ótimo, eu a deixei transtornada*. Depois, ela disse: “Você não quer levar a Dori?” E eu falei que você não podia sair aquela noite. Ela deu um passo à frente e me abraçou, algo que não fazia desde, sei lá, muitos anos atrás, depois disse que adoraria ir.

— Eu te disse — cantarolei, e ele riu.

— Você vive esperando para poder falar isso, né?

— Ahã. E pra minha sorte, com você, eu consigo falar isso muitas vezes.

— Hahaha. Muito engraçadinha, srta. Cantrell. Vou ter que começar a controlar isso. Está ficando mimada.

— Ah, quer dizer que agora você controla até a frequência dos seus erros? — zombei, tentando não rir. — Como você consegue fazer isso?

— Bom, eu posso estar certo mais vezes; ei, para de rir; ou posso parar de falar besteira. Hum... Decisão difícil.

Reid

Eu

Precisamos conversar. Pessoalmente. É importante.

Pai Estarei em casa hoje às 8. Está bom pra você?

Eu

Sim. Te encontro no seu escritório. Viajo pro lançamento em NY amanhã de manhã.

Meu pai ainda está com a roupa de trabalho, com exceção do paletó, pendurado no cabide que ele mandou instalar para isso perto da porta. As abotoaduras estão num pequeno pote de vidro que ele comprou especificamente para guardá-las, a gravata com padrões vermelhos ainda está com nó e as mangas da camisa estão

enroladas até o meio dos antebraços.

Bato duas vezes para anunciar minha presença, e seu olhar se levanta dos papéis que ele está analisando.

Ele os afasta e pega um bloco e uma caneta.

— Reid. Entra. — Depois que respiro fundo e sento, ele diz: — Tudo bem, o que está acontecendo?

Todas as introduções cuidadosamente premeditadas para a granada que estou prestes a lançar fugiram do meu cérebro. Explicações criadas com perfeição simplesmente *desapareceram*. Estou pensando em palavras, como um bebê. Ou o Tarzan. *Eu pai. Você avô. SOCORRO.*

Olho em seus olhos, e ele está com a testa franzida, esperando que eu fale. Não tenho medo do meu pai desde que eu tinha dez anos. Intimidado? Sim. Humilhado? Sim. Com medo? Não.

É assim que os clientes dele se sentem, sentados diante dele?

É aí que a ficha cai. Não, essa não é a sensação de ser cliente do meu pai. Ele não franze a testa para os clientes. Ele pode aparentar preocupação. Pode até *estar* preocupado. Mas o rosto que estou vendo e os olhos que estou encarando me dizem que ele está assustado. Apreensivo. Preocupado.

Seus clientes não recebem essa expressão com as sobrancelhas enrugadas. Minha mãe recebe. Eu recebo.

Esfrego as mãos úmidas na calça jeans.

— Tenho um problema e preciso de um conselho. De um conselho como advogado.

Ele respira pelo nariz e sua sobrancelha relaxa um pouco. Ele ainda está em alerta, mas sabe que qualquer que seja a crise é no território dele, e eu lhe trouxe o assunto antes que outra pessoa o fizesse. Acho que isso não tem precedentes.

— Estou ouvindo — diz ele.

Respiro fundo de novo.

— Você se lembra da Brooke?

Ele faz uma careta.

— Brooke Cameron? — Faço que sim com a cabeça, e ele responde: — Me lembro, sim.

Hora da granada.

— Depois que nós terminamos... — Puxa o pino. Joga. — Ela descobriu que estava grávida.

Espero que ele fale, comece a soltar faíscas ou rosnar, alguma coisa assim. Com os olhos perfurando os meus, ele fica um pouco pálido, mas se controla. Ele sabe que

tem algum motivo para eu ter levado o assunto para ele, sobre o qual eu ainda não falei. Ele não escreveu nada além de um rabisco no bloco.

Engulo em seco e continuo.

— Ela teve o bebê e o deu pra adoção. Algumas semanas atrás, ela contratou uma detetive particular pra procurar o bebê. E o encontrou num lar temporário. E agora ela quer adotá-lo. E quer que eu assine alguns papéis renunciando aos meus direitos como pai. Quero ter certeza de que não estou deixando alguma coisa passar antes de assinar.

Ele começa a escrever no bloco, e eu me sento, aguardando.

Alguns minutos depois, ele começa a disparar uma rajada de perguntas, fazendo uma pausa prolongada enquanto registra minhas respostas.

— Ela te contou que estava grávida na época?

— Sim.

— Ela te falou que ia dar o bebê pra adoção?

— Sim.

— Você assinou alguma coisa, qualquer coisa, assumindo responsabilidade pela gravidez?

— Não.

— Nenhum teste de paternidade, suponho.

— Não.

— Então você pode não ser o pai biológico.

— Eu sou o pai.

— Reid, se não existe nenhuma prova...

— Eu sou o pai.

Ele rabisca alguma coisa no bloco e murmura: — Vamos voltar a esse assunto depois. Você sabe se o seu nome está na certidão de nascimento como pai?

— Não. A Brooke disse que deixou como pai desconhecido.

Ele balança um pouco a cabeça, irritado.

— Então, como ela agora de repente “sabe” que ele é seu?

— Ela sempre soube. Eu... Eu a machuquei. — Ele se encolhe, e joga as mãos para o alto. — Não *fisicamente*. Jesus, pai, você não me conhece nem um pouco?

— Desculpa — ele diz, balançando a cabeça. — Problemas da profissão, pensamento literal. Continue.

— Tivemos uma discussão que virou uma grande briga. Eu achei que ela estava me traindo, e ela ficou tão indignada que me deixou pensar isso. Em vez de conversar, eu simplesmente comecei a sair. Em público. Com muitas garotas. Não liguei pra ela. Ela não ligou pra mim. Até que ela descobriu que estava grávida. Meu Deus, eu nem

sei o que eu falei pra ela, mas deixei claro que não me importava. E ela tomou as próprias decisões. Não tive nada a ver com elas. Até algumas semanas atrás, eu nem sabia que o filho era meu.

— Algumas semanas... Reid, por que você espera pra me contar as coisas? — Ele fecha os olhos e solta a respiração. — E como você sabe que esse filho é seu? Só porque ela falou?

— Ela não está mentindo...

Ele veste a máscara de advogado conciliador e diz: — Mesmo que ela não esteja mentindo, isso não significa que está certa. Ela pode querer que ele seja seu...

— Ele é meu. — Pego o celular e abro a foto.

Ele pega meu telefone, sem saber o que vou mostrar. Olha para a tela, para e pisca. Olha para mim. E de novo para a tela.

— O nome dele é River — digo.

— Quantos anos ele tem? — A voz do meu pai falha, e ele pigarreja.

— Quatro anos e meio.

Ele rabisca no bloco.

— Temos que fazer um teste de DNA... — Ele levanta a mão quando começo a me opor. — Sou advogado, Reid. Você vai ter que confiar em mim. Nenhuma entidade jurídica ou agência governamental vai aceitar o fato de que ele é a sua imagem cuspidinha na mesma idade como prova de paternidade. E nem deveriam.

— Então não podemos simplesmente assinar os papéis?

Ele se recosta e balança a cabeça.

— Assinar os papéis de renúncia só elimina seus direitos parentais em relação à criança, mas *não* elimina o direito do Estado de considerar você financeiramente responsável. É muito improvável que eles atravessem essa linha, mas não é impossível, especialmente se o pedido de adoção dela fracassar. Bom, onde ele está? Conheço pessoas no Tribunal de Família de Los Angeles, é claro...

— Ele está no Texas. Nasceu lá.

Meu pai faz uma coisa que só o vi fazendo uma vez, durante uma das recaídas da minha mãe. Ele coloca o rosto nas mãos e diz: — Ah, meu Deus.

Brooke A produção quer que eu esteja presente e arrasando para provocar o interesse da mídia no lançamento de Corações sobre Manhattan no Teatro Ziegfeld, com meu colega de elenco Chandler Beckett. Hoje à noite.

Para isso, estou no aeroporto de Los Angeles antes do amanhecer com um assento na primeira fileira do portão, encarando um agente de embarque que tenta claramente descobrir quem eu sou. Se as previsões de bilheteria estiverem corretas, é provável que esse tipo de comportamento se torne comum. Os críticos estão chamando *Corações* de “um romance emocionante”, perfeito para o fim de semana do Dia dos Namorados.

Ignoro o agente de embarque e me encolho sobre o notebook para esconder o que estou fazendo dos outros viajantes, que começam a formar fila atrás de mim. Estou fazendo as aulas de maternidade online obrigatórias. Depois de passar por sete seções, ainda faltam vinte e três. Planejo fazer pelo menos mais duas no longo voo de Los Angeles a Nova York. A unidade atual se refere a disciplinar seu filho em público. Enquanto leio uma seção sobre não usar o constrangimento público com objetivo de motivação comportamental, penso que minha mãe nunca fez uma aula de maternidade.

Chandler está levando sua namorada chata e insegura, a Nan. Na festa de terça-feira, depois do lançamento, avisei para ele cortar as garras dela, senão eu mostraria a garota do figurino para ela — alguém que ela tem muito mais motivo para odiar, de acordo com as fofocas do set, que geralmente são corretas. O cara tem talento como ator, mas eu devia ter pedido um bônus por cada cena de amor. Ele é um daqueles caras que beijam como se estivessem tentando respirar a cada segundo — sem concentração, sem delicadeza, sem *foco*. O fato de alguma garota, até mesmo a Nan, se

preocupar em perder aquilo está fora do meu entendimento. Eu despacharia o cara na primeira oportunidade.

Acabei esquecendo de arrumar um acompanhante para hoje à noite. A Janelle disse: — Você não conhece ninguém em Nova York? Você não pode simplesmente aparecer na sua primeira noite de lançamento num papel principal sozinha.

Primeiro, sim, eu conheço alguém em Nova York, mas não posso exatamente ligar e pedir para ele ser meu acompanhante. Obrigada por me lembrar. E segundo...

— Por que não posso? Eu não *preciso* de um acompanhante. Posso sair do carro e entrar no cinema, e provavelmente até voltar, sem ser conduzida pelo cotovelo, muito obrigada.

— Não foi isso que eu...

— Tanto faz, Janelle, deixa pra lá. Eu vou sozinha, dou uma passada na festa e volto pra casa amanhã. E na semana que vem nós duas temos algumas coisas pra discutir.

Há uma pausa apreensiva.

— Ah, é? Tipo... o quê?

— *Semana que vem.*

— *Tudo bem.* — Ela não está com raiva de verdade, só irritada. Tenho esse efeito sobre ela há algum tempo, especialmente nos últimos três anos, quando nosso relacionamento deu uma virada não muito sutil. Ela acordou e me encontrou no comando da minha carreira no dia em que eu fiz dezoito anos e demiti o empresário que a minha mãe tinha contratado anos antes. O modo como a Janelle aceitou isso, em vez de deixar o poder subir à cabeça, é o motivo para ela continuar sendo minha agente.

Desligamos, e eu me concentro nas perguntas de múltipla escolha da seção de disciplina em público, que acabei de terminar. Pergunta número quatro: “Seu filho faz um escândalo e grita porque você não quer comprar uma bala para ele no mercado. Você: (a) Explica que a bala vai estragar o jantar dele; (b) Implora para ele parar; (c) Dá uma palmada no bumbum dele; (d) Ignora”.

Acho que “Reviro os olhos e me pergunto que diabos eu estava pensando” fica mais perto da resposta (d). *Clique.*

— O que você tá fazendo? — pergunta uma voz, e fecho o notebook de repente, o que provavelmente significa que vou ter que começar essa seção de novo. Viro e olho furiosa. É o *Reid*, que tirou minha bolsa de viagem do assento ao lado e se jogou ali.

— Que diabo você está fazendo aqui? — sussurro num tom alto demais.

— Parece que vou me juntar a você na noite de estreia. De filmes diferentes, claro.

— O *quê*? — Balanço a cabeça, afastando as teias de aranha. — Você vai pra

Nova York. Hoje. No *meu* voo.

Ele dá um sorriso forçado.

— Ou você vai pra Nova York no *meu* voo. — Ele tira o cartão de embarque do bolso traseiro e pergunta: — Qual é o seu assento? É melhor a gente resolver isso logo.

Sei que o Reid prefere o corredor, enquanto eu insisto na janela. E é claro que nós dois estamos voando na primeira classe, sozinhos. Coloco meu bilhete ao lado do dele.

— Você *só pode* estar brincando. — 3A, 3B.

— Quais são as chances de eu chegar vivo a Nova York? — O Reid jamais foi uma pessoa matinal, mas está assustadoramente animado para alguém que deveria ter acordado de ressaca com uma ou mais garotas idiotas e perdido o voo.

Seria ótimo.

— Serão melhores se você calar a boca e ficar assim — resmungo.

Quero voltar para o meu questionário de fim de seção enquanto o material está fresco, mas não quero fazer isso com ele olhando por cima do meu ombro. E agora a expectativa de poder intimidar meu companheiro de fila a ficar calado como sempre faço é zero.

— Suponho que você não queria simplesmente fingir que não me conhece pelas próximas seis — olho para a tela do meu celular — ou, ai-meu-Deus, sete horas?

Ele sorri, mexendo numa unha. Sem virar para me olhar, pergunta baixinho: — Por que você ainda me odeia?

Hesito antes de sibilar: — Como se você estivesse totalmente de bem comigo.

Suas mãos se mexem para agarrar o assento nos dois lados, os ombros tensos e virados para a frente, e ele inclina a cabeça só o suficiente para me olhar. O cabelo cai no rosto, escondendo sua expressão concentrada de todo mundo, menos de mim.

— Eu não te odeio, Brooke.

O agente do portão anuncia o início do processo de embarque, e Reid interrompe nosso impasse, virando para pegar a minha bolsa de viagem e a dele no assento ao lado. Enfio o notebook na mala de rodinhas, me levanto e puxo a alça enquanto ele coloca sua única bagagem no ombro e me entrega a minha.

— Por favor, passageiros da primeira classe, podem começar a embarcar — entoando o agente de maneira robótica, e sigo para apresentar meu cartão de embarque, com Reid logo atrás de mim.

Quando chegamos aos nossos assentos, ele automaticamente pega as minhas malas e as coloca no compartimento no alto, depois faz o mesmo com a dele enquanto eu me sento. Quando ele desliza para o banco ao meu lado, cada um de nós pega o

cardápio de bebidas no bolso do assento, evitando contato visual com os outros passageiros enquanto eles passam devagar por nós.

Penso que, para esses desconhecidos, para todos os propósitos e intenções, parece que estamos viajando juntos.

Meia hora depois, nós dois já bebemos um café, e Reid pediu e comeu um saco de pipoca de caramelo. O avião finalmente taxia pela pista e vibra no ar num ângulo preocupante, mas não trocamos mais nenhuma palavra.

Uma hora depois, eu pigarreio.

— Você vai assinar os papéis? — Mal dá para escutar minha pergunta por causa do zumbido do motor do avião.

Ele se aproxima, sem virar para me olhar, e diz: — Eu falei com meu pai. Vamos pedir um teste de paternidade confidencial antes.

Uma chama de ressentimento percorre meu corpo como um incêndio súbito. Aí me lembro de que o pai do Reid é advogado. Como Norman Roger, ele vai agir com cautela, ainda mais em assuntos relativos ao filho. A prova é um ponto de partida necessário. E eu sei, melhor que ninguém, que a prova vai ser conclusiva.

Afasto o ressentimento e pergunto: — Quanto tempo vai levar para sair o resultado?

— Acho que não demora. Eu já fiz a minha parte.

— É?

Ele dá de ombros.

— Acho que não é muito complicado. Depois que eles pegarem a parte dele, não deve demorar mais que um dia ou dois. — Após nos oferecerem mais uma rodada de bebidas, durante a qual peço um club soda e o Reid pede (e recebe) um uísque com gelo, ele comenta: — Não sei o que vem depois. Tudo é mais complicado porque você foi pro Texas — ele baixa a voz para um sussurro — para ter o bebê. A renúncia só tira os meus direitos...

— Você não tem nenhum direito... — sibilo.

— Pensa no *título* do formulário, Brooke. Se não houvesse direitos, eu não teria que renunciar a nada.

Ai, meu Deus.

Reid Essa festa pós-lançamento é o evento mais exagerado em que já estive. O

salão de baile do hotel dá a impressão de que alguém pegou um trecho do bairro de Gastown em Vancouver e o carregou pelo ar até Nova York. Uma parede exibe uma projeção animada da enseada de Burrard, enquanto as outras três estão cobertas por réplicas de fachadas de lojas. Mesas de bistrô estão enfileiradas nas “ruas” de paralelepípedos enquanto postes de iluminação com globos lançam esferas de luz em canteiros de grama de verdade e caminhos pontilhados por árvores iluminadas. No centro de tudo está o relógio a vapor de Gastown, que, pela mágica da computação gráfica, explode em pedacinhos na cena perto do fim de Assassinato por misericórdia.

Tiro algumas fotos e mando por mensagem para a Dori.

Eu Isso não é muito ridículo? Queria que você estivesse aqui.

Dori Eu queria estar em Los Angeles. Minha mãe acabou de ligar. A Esther não está bem.

Eu Ela está doente?

Dori Não quero interromper sua noite. Estou arrasada. Podemos conversar amanhã, por favor?

— Fala comigo. — Encontrei um cantinho privativo do lado de fora do salão de baile. As pessoas estão passando pelo corredor, e é possível ouvir a banda de dentro da festa, mas isso é o máximo de discrição que vou conseguir até voltar para o meu quarto no hotel.

A Dori está chorando. Não. Ela está *se acabando* de chorar. O som esmaga meu coração, como se alguém tivesse enfiado a mão no meu peito e apertado, e tudo que sei é que eu faria *qualquer coisa* para acabar com a angústia dela.

— Reid. — A voz dela já está rouca. Deus sabe há quanto tempo ela está estressada com isso enquanto eu via meu filme idiota e recebia elogios do público e da multidão que esperava do lado de fora. O som dos soluços dela me vira do avesso. — Eu não quero estragar sua grande noite. Por favor, podemos conversar amanhã? — Ela está cobrindo o telefone para eu não escutar os soluços entre as frases. Como se eu não pudesse senti-los de qualquer maneira quando ela fala — Baby. Por favor, fala comigo. Nada é mais importante pra mim neste momento. O que aconteceu?

Ela luta para não chorar, a respiração saindo lenta, aos tropeços.

— Eu sabia que isso estava pra acontecer. A Esther teve uma vida boa e longa. Ela tem a minha idade, sabia? Quando nós a adotamos, eles sabiam a data de nascimento dela. Fazemos aniversário no mesmo dia. Cachorros não vivem tanto tempo. Eu tive muita sorte.

Estou quase quebrando o celular ao meio, de tanta frustração por não poder consolá-la.

Essa coisa de distância é uma merda total.

— Ela começou a mancar na semana passada, e meu pai a levou no veterinário. Ela tem... — Mais soluços do outro lado, e viro para a parede, trincando o maxilar. —

Ela está com diversos tumores. Espalhados. Nos últimos dias, ela tem chorado quando anda, e ontem ela parou de comer. Eles vão levá-la ao veterinário amanhã de manhã.

Ela se desmancha outra vez, e xingo baixinho.

— É só que... a última vez que eu a vi foi a última vez pra sempre, e eu nem sabia. Eu não pude me despedir. Exatamente como... — Mais lágrimas.

Exatamente como a Deb. Ah, porra, não. De jeito nenhum.

— Dori. Eu preciso ir. Eu te ligo de novo daqui a uns dez, talvez quinze minutos, está bem?

— Não precisa me ligar de novo, Reid. Sério, obrigada por me ouvir...

— Quando eu ligar, atende, tudo bem? Promete.

Ela respira fundo e solta com tristeza: — Tudo bem.

Luto contra a vontade de socar a parede de pedra à minha frente. Mas quebrar a mão não vai resolver nada.

*

Quando ela atende, está mais rouca que antes, mas sem chorar.

— Alô?

— Oi, baby. Tenho algumas instruções pra você. Tem uma caneta por perto?

Ela funga.

— Hum, instruções? O quê? — Ouço um barulho de papel farfalhando.

— Você está no seu quarto?

— Estou.

— Tudo bem, ótimo. Escreve este número; é importante: 1360. É o número do seu voo. Quero que você comece a fazer as malas. *Agora.* Um carro vai estar te esperando do lado de fora do Starbucks pra te levar pro aeroporto. Esse voo sai daqui a pouco mais de uma hora, e é o último do dia.

— O quê? Mas você não pode...

— Não discute. Simplesmente faz uma mala. Vai pro Starbucks. Entra no carro. O motorista vai te deixar no portão certo. Entra e vai direto pro balcão da primeira classe pra pegar o cartão de embarque. Não esquece de levar a carteira de motorista. Aprendi a duras penas alguns anos atrás que é impossível entrar no avião sem um documento de identidade. Quando você pousar, vai ter outro carro te esperando. O motorista vai estar com o seu nome escrito num cartaz, e vai te levar direto pra sua casa.

Ela começa a chorar de novo. Fico com medo de ela brigar comigo, mas graças a

Deus simplesmente diz: — Obrigada.

Engulo o “Eu te amo” que está na ponta da língua. Não vou pedir para ela dizer essas palavras para mim, certamente não como recompensa por isso. Ela vai dizer quando estiver preparada.

— Me avisa quando chegar em casa. Não se preocupa com o horário aqui. Não vou dormir até saber que você chegou. Liga pros seus pais quando estiver no carro.

— Tudo bem. Obrigada, Reid — ela diz de novo.

— Vá fazer a mala. Falo com você daqui a pouco. Qualquer problema me liga. Meu celular está no bolso da frente, ajustado pra vibrar até arrancar a minha perna.

Sua risadinha rouca me destrói. Devolvo o celular para o bolso e respiro fundo. Se antes meu pai não tinha certeza da minha seriedade em relação à Dori, agora ele não tem dúvida.

Dori Quando eu tinha seis anos, eu e a Deb perdemos nossa última avó — a mãe teimosa e inteligente do meu pai, que fazia os melhores biscoitos do mundo, adorava cantar e se lembrava com saudade dos seus anos como professora de piano. No enterro dela, minha irmã segurou a minha mão e, no fim do dia, me colocou na cama.

— Eu te amo, irmãzinha — ela disse, ajeitando a coberta no meu queixo.

— Quanto? — perguntei, com Esther se ajeitando ao meu lado, como fazia toda noite.

Deb se inclinou sobre mim, com os olhos sérios de catorze anos brilhando, e sussurrou: — A mesma quantidade de grãos de areia que existe em todas as praias do mundo.

— Até quando? — pressionei, e ela revirou os olhos.

— Para sempre e sempre e sempre. — Quando sorri, ela acrescentou: — Dã.

Repetimos esse ritual de vez em quando ao longo dos anos, apesar de eu nunca duvidar do amor da minha irmã. Ouvi-la dizer isso era um conforto que às vezes eu desejava.

Tive de aceitar que a Deb mudou para sempre. Nunca mais vou ouvir sua risada excêntrica nem seus conselhos sensatos. Nunca mais vou senti-la me abraçando. Nunca vou ouvi-la falar que me ama para sempre. Ela foi embora, mas não foi, e meu

coração está arrasado, sem poder dizer “adeus”.

Graças ao Reid, consegui me despedir da Esther. Na noite passada, ela dormiu ao meu lado pela última vez, aninhada no meu peito, seus choros intermitentes, tão baixinhos, como se não quisesse incomodar, partiram meu coração. Fomos até o consultório do veterinário hoje de manhã, e eu sentei no banco traseiro, acariciando sua cabecinha, apoiada na minha perna. Sussurrei como a amava e como ela havia sido uma ótima amiga. Seus olhos grandes e escuros me olhavam, e eu sabia que ela também estava se despedindo de mim.

No caminho para casa, segurei sua coleira vermelha surrada com força, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Li as inscrições nas placas — a informação da licença, nossa data de nascimento igual, o endereço e o telefone de devolução e o nome: Esther Cantrell.

Pode parecer estranho pensar num cachorro com sobrenome, porque eles não precisam disso para nada, mas era correto. Esther e eu compartilhávamos o sobrenome porque ela era da família, do rabo até o focinho.

*

Kayla Dori, você viu as fotos no link que eu acabei de te mandar? Talvez não seja nada, mas eu nunca gostei dessa tal de Brooke Cameron. Ela provavelmente é tão piranha e burra quanto sua personagem em A vida é uma praia.

Eu Tenho certeza que não é nada. Estou em casa, na verdade. Tivemos que dar uma injeção letal na Esther de manhã. Volto pra Cal amanhã.

Kayla Ah, não! :(Eu amava a Esther. Sinto muito. Será que eu e a Aimee podemos ir aí pra te animar?

Eu Acho que não vai dar, mas obrigada. Vou visitar a Deb hoje à noite. Vejo vocês na próxima vez, prometo.

Kayla Tudo bem. {{abraço}} Vamos ficar de olho

O link que a Kayla mandou é de um site de fofocas. No topo há duas fotos do Reid, feitas com celular. E da Brooke Cameron. Juntos. Numa delas, os dois estão sentados no portão de embarque, conversando e esperando o voo. Na outra, estão sentados juntos *durante* o voo.

Falei com ele hoje mais cedo, e ele não mencionou nada. Talvez esteja esperando que eu fale alguma coisa. Ou que eu não fale nada. Ele não me contou que eles iam para Nova York juntos, mas fizeram isso. Há fotos separadas de cada um deles lá, também, no lançamento dos novos filmes na noite passada, os dois sozinhos. Sem namorados, sem acompanhantes. A mídia, é claro, especula alucinadamente sobre o que isso significa, e o post inclui uma foto dos dois anos atrás, de mãos dadas, felizes. Eles parecem ter a idade que eu tinha quando me apaixonei pelo Colin.

Não quero perguntar ao Reid sobre ela. O dia de hoje me esgotou emocionalmente, e sou incapaz de raciocinar.

Também estou grata pelo fato de que, graças ao Reid, estou na mesa da minha cozinha, fazendo uma lápide com argila e botões de cerâmica para colocar no túmulo da Esther, no jardim dos fundos. Duas horas atrás, meu pai e eu a colocamos com cuidado no buraco fundo que ele escavou ao amanhecer, antes de sairmos. Posicionamos o corpo da Esther enquanto minha mãe estava em pé ao lado, segurando um osso de couro e o brinquedo preferido dela — uma banana barulhenta — para serem enterrados junto.

Esther adorava correr e brincar com energia. Era uma daquelas cadelas que derrubavam tudo que estivesse num lugar baixo, porque seu rabo comprido e sempre abanando jogava tudo no chão por acidente. Mas, enrolada numa toalha de praia minha, que ela roubou tantas vezes — arrastando-a com ela para a caminha como um cobertor de segurança — que eu acabei dando para ela, Esther parecia muito pequena.

— Quer um pouco de chá? — minha mãe pergunta agora, com a voz tão rouca quanto a minha. Nossa tristeza pela Esther reavivou todas as lembranças angustiantes do acidente da Deb. Nós três estamos lutando novamente contra a perda tácita da minha irmã, apesar de ninguém falar nisso.

— Quero, por favor. Chai?

Minha mãe faz que sim com a cabeça e vai até a pia com a chaleira. Ela encara a janela dos fundos, olhando para o novo montinho de terra dentro do canteiro, onde vou colocar a lápide. Daqui a um mês, a terra vai ter se comprimido e voltado ao lugar, o clima vai estar mais quente, e meu pai vai plantar flores novas ali.

A Deb costumava me contar histórias hilárias da Esther quando era filhote — como ela sempre cavava parte do canteiro de flores do meu pai para enterrar seus petiscos e brinquedos. Depois, ela colocava flores recém-arrancadas nos degraus dos fundos, como uma confissão ou um presente, enfurecendo nosso pai, que costumava ser imperturbável.

— Como está o Reid? — minha mãe pergunta, e isso me pega de surpresa.

— Está bem, eu acho. Ele foi me visitar na semana passada. — Manter os olhos na placa em que estou trabalhando não impede que minhas orelhas fiquem quentes, porque espero que ela não pergunte onde ele dormiu.

Ela fica calada por alguns minutos, fazendo o chá. Quando coloca uma caneca na minha frente, diz: — Foi bacana o que ele fez, trazer você pra casa ontem à noite. Você planeja vê-lo enquanto está aqui?

Percebo o leve julgamento no seu tom e respondo, na defensiva: — Ele está em Nova York, na verdade. Só volta pra Los Angeles amanhã, eu já vou ter voltado pra Berkeley.

— Ah — diz ela, pensando no assunto. Então não fala mais nada e sai da cozinha para levar o chá do meu pai. Ele está no escritório, trabalhando no sermão de amanhã. Não consigo imaginar ficar de pé diante de uma congregação amanhã e incentivar ou instruir as pessoas, mas, por outro lado, meu pai precisou continuar fazendo seu trabalho depois do acidente da Deb. Apesar do acidente.

Não importa o luto ou a perda, a vida continua à nossa volta, como se nada tivesse mudado. Em algum ponto da nossa tristeza, cada um de nós escolhe entre afundar ou nadar. Não tem outra saída.

Reid O resultado do teste de paternidade chegou. Nenhuma surpresa: eu sou o pai do River. É claro que eu já previa esse resultado. O que eu não esperava era o pânico irracional que me tomou, nos segundos antes de meu pai me dar a

resposta com noventa e nove por cento de certeza: tive medo de ele dizer que o River não era meu.

— Definitivamente ele é seu. — O tom desanimado do meu pai deixa claro que não era esse o resultado que *ele* desejava. Não posso culpá-lo. Acho que não é assim que ele pensou em se tornar avô (supondo que um dia ele pensou nisso), apesar de que, legalmente, ele não é avô. Ainda.

Esperei essa resposta para aumentar minha frustração com a coisa toda, prevista ou não. Afinal, a possibilidade de eu ter de contar à Dori acabou de se tornar uma probabilidade. Preocupações judiciais — uma coisa que eu achava que tinha deixado para trás há dois meses, quando recuperei minha carteira de motorista — estão prestes a complicar minha vida como o diabo. E o mais bizarro de tudo: tenho uma sensação súbita e indesejada de obrigação em relação à Brooke.

Eu devia estar irritado, mas me sinto em conflito e *aliviado*. Que. Diabos?

E aí eu penso: talvez seja biológico. Sou homem e me reproduzi. Talvez exista um tipo de satisfação de bater no peito por baixo disso tudo. Que coisa mais idiota e arcaica — quer dizer, que merda, sério? Ao mesmo tempo, sei que essa mesma criança transformou *Brooke Cameron* numa defensora ardente da maternidade — da dela, é claro, não da instituição em si. Mesmo assim. Deve haver algum impulso primitivo para culpar.

*

Seis horas depois, eu me junto a meu pai para decidir o que fazer. Eu me jogo numa poltrona em frente a ele e o espero terminar um e-mail para um cliente. Seu escritório em casa tem a mesma aparência de sempre, quase uma réplica da matriz num andar alto, mas não o analiso em detalhes há anos.

Ele não se encontra com clientes aqui, é claro, então não há necessidade de se exhibir — obras de arte de bom gosto, livros jurídicos alinhados com perfeição, fotos sorridentes em família. Coerentemente, a única obra de arte pendurada nas paredes são duas telas que retratam uma cena de guerra, ambas repulsivas e nojentas que ele herdou dos pais, que morreram quando eu era novo demais para ter lembranças deles. As estantes embutidas atrás dele abrigam um arranjo bagunçado de volumes de leis criminais federais e da Califórnia, códigos penais (os títulos me faziam abafar o riso

quando eu tinha dez anos) e tomos largos que abrigam precedentes da Suprema Corte.

Mais uma vez, agradeço ao destino o fato de me tornar ator, apesar de às vezes eu me perguntar se realmente a carreira do meu pai e a minha são tão distantes entre si.

No seu aparador há uma fileira de porta-retratos, todos virados para a mesa dele, como se ele olhasse de vez em quando para as fotos, ou simplesmente quisesse tê-las disponível para olhar. A maior é minha preferida dos meus pais, no dia do casamento deles. Ao lado dessa, tem uma foto minha no colo da minha mãe no dia em que eu nasci — ela, linda e com um rosto angelical, e eu, com uma cara amassada do tamanho de uma toranja, envolvido num tubo de cobertas azuis. Outro retrato mostra minha mãe e eu no meu primeiro dia no jardim de infância, a mochila parecendo um casco gigantesco nas minhas costas. Ela sorri para mim, com a mão na minha cabeça, e eu sou só sorrisos e grandes olhos azuis, rindo para a câmera.

Enquanto meu pai digita no teclado, eu me levanto e pego o porta-retratos de estanho. Olhando de perto, comparo mentalmente essa foto com a do River. Com apenas um ano a mais do que ele tem hoje, pareço muito maior. Minhas roupas são novas e caras — uma imagem do que os adolescentes modernos usavam na época, apesar de que, aos cinco anos, eu não devia saber nem me importar. Minha expressão está longe de ser solene. Mesmo assim, eu o enxergo nas minhas feições. Eu o enxergo, se ele tivesse sido cuidado. E fosse mais feliz.

Eu não queria nada disso, mas é como se eu estivesse preso num trilho, com o trem se aproximando cada vez mais, e não tenha nada que eu possa fazer além de aceitar o inevitável e tentar minimizar os estragos.

— Terminei — diz meu pai, e eu coloco a foto de volta no lugar e sento em frente à mesa dele, com os cotovelos nos joelhos e as mãos entrelaçadas.

Espelhando a sensação que tive andando por entre as pilhas de caixas da Brooke alguns dias atrás, sinto as paredes se fecharem.

— Não espero que você responda de imediato ao que eu vou dizer, apesar de não termos tempo para pensar muito nas decisões. Você disse que a srta. Cameron pretende adotar a criança...

— River.

— River. Certo. — A caneta rabisca o bloco. — Você sabe se ela pretende continuar morando em Los Angeles? Ou se mudar pro Texas?

— Ela vai se mudar pra um apartamento de dois quartos perto de onde mora hoje. Suponho que isso significa que planeja estar aqui a maior parte do tempo, se não o tempo todo.

Franzindo os lábios, ele bate com a caneta, encarando as anotações feitas à mão.

— Eu tinha esperança de poder livrar você dessa situação, porque isso não é algo que você possa resolver com algumas semanas de serviço comunitário ou pagar uma multa e pronto.

Ele levanta a cabeça e nossos olhos se encontram — os dele escuros, como os da Dori, e eu me pergunto há quanto tempo ele não me olha tão diretamente.

— Não vou te dar um sermão sobre preservativos. Acho que você sabe essas coisas, e provavelmente sabia naquela época, mas não o suficiente para achar que podia acontecer com você. Se alguém precisa de um sermão, esse alguém sou eu. Jesus, você não tinha nem quinze anos quando isso aconteceu. — Ele passa a mão pelo cabelo grisalho, o maxilar trincado. — O fato é que você é pai de um garoto, mesmo ainda sendo uma criança na época. E, em vez de viver com pais adotivos, ele atualmente está num lar temporário, e é muito provável que em breve passe a morar com a sua ex-namorada instável, a minutos daqui.

— O que você está dizendo, pai?

— Estou dizendo que, se você renunciar aos seus direitos em relação a ele agora, pode acabar se arrependendo.

Tudo bem. O dia de hoje está repleto de respostas imprevistas. Faço que sim com a cabeça e encaro minhas mãos enquanto ele continua.

— Quando você nasceu, tive pavor de ser um péssimo pai. Seu avô era um homem bruto e não me ensinou nada sobre carinho paternal. Acho que, de diversas maneiras, meu medo se tornou realidade. Eu o tornei realidade. Mas nunca virei as costas para você. Não tenho que olhar para você agora e tentar explicar por que assinei um papel abrindo mão dos meus direitos em relação a você. Dar um bebê para adoção é uma coisa boa, quase sempre, em casos como o seu e o da Brooke. O que aconteceu com o... River... é praticamente inédito, e não é muito útil perguntar por que ou como aconteceu. O que importa é o que vamos decidir fazer agora. O que *você* vai decidir fazer agora, porque eu não vou tomar essa decisão por você. Mas vou ficar ao seu lado, não importa o que decidir.

Fecho os olhos e desejo que as paredes se afastem, para eu poder respirar.

— Supondo que eu não assine a renúncia, o que acontece?

— Três opções. Um, você simplesmente se recusa a assinar, dificultando a adoção para a Brooke, mas possivelmente resultando numa renúncia por ausência. Dois, você se junta ao pedido de adoção da Brooke e requer custódia conjunta. Três, você pede a custódia integral. Considerando que você tinha quinze anos quando ele nasceu, ela sabia que você era o pai e ninguém se preocupou em informar aos seus responsáveis legais, é possível defender a tese de que você nunca renunciou legalmente aos seus direitos. Ela assinou um papel abrindo mão dos direitos dela, com consentimento

parental total. Você não assinou nada, e nós também não.

A Brooke vai ficar furiosa não importa qual das opções eu resolver escolher. A Dori vai se afastar de mim assim que eu cuspir essa história. E com essa notícia também posso destruir a frágil sobriedade da minha mãe.

— E a mamãe? Como será que ela vai reagir?

Sua boca forma uma linha amarga, e ele fica em silêncio por um instante.

— Estive pensando nisso o dia todo. Não sei, Reid. Ela tem ido a reuniões todo dia. Ela está bem. Melhor do que já estive nesses últimos dez anos. Mas nós dois sabemos que problemas como esse...

Deixo a cabeça cair nas mãos e sou tragado em um milhão de direções.

— Eu sei.

Sempre advogado, ele diz: — Vou ter que pensar na melhor maneira de contar a ela. Mas isso é por minha conta. Você já tem muita coisa para pensar.

**Brooke Minha discussão com a Janelle
ocorre conforme o previsto — ela tem um
surto de raiva que vai crescendo devagar,
insistindo que eu deveria ter contado a ela
sobre o River há muito tempo.**

— Por quê? — pergunto, sentando no sofá de couro bege em frente à mesa dela. Com uma vista impressionante de Hollywood, o novo escritório de canto da Janelle fica vários andares acima do seu cubículo original do tamanho de uma caixa de sapato com vista para o estacionamento.

— Pra eu poder estar preparada pra coisas desse tipo! — ela exclama.

Reviro os olhos.

— E como exatamente você teria se preparado pra isso? Dei ele pra adoção quando tinha dezesseis anos e nunca esperei vê-lo de novo. Se eu não poderia ter me “preparado” pra isso, como diabos *você* ia se preparar?

— *Tudo bem.* — Ela cospe suas palavras de já-chega-disso para mim. — Mas eu ainda acho que você devia ter me contado.

Dou de ombros de maneira indolente, algo que ela odeia.

— Janelle, se você ainda não se deu conta de que tem muita coisa que você não sabe sobre mim e nunca vai saber, temos um problema bem maior.

Se a caneta que ela está segurando fosse mais fina, ela estaria segurando duas metades de caneta e teria o rosto coberto de tinta. Seu maxilar fica tenso, e ela sorri de maneira rígida.

— Tem mais alguma coisa que você planeja me contar?

Lá vamos nós. O motivo pelo qual vim vê-la pessoalmente.

— Bom. Tem, sim.

Os olhos dela se arregalam.

— Você parece envergonhada. Nunca te vi assim. E não estou gostando. O quê...

— Observo enquanto seu raciocínio rápido junta os pontos e seu rosto fica pálido. — Ah, não. *Oceanos de papel*. Você ainda vai fazer, né? Brooke. Brooke. Sou muito nova e saudável pra morrer do coração, mesmo que eu queira!

— Sinto muito, Janelle. Não vejo como eu posso fazer isso.

Seu rosto pálido volta a ficar cor-de-rosa de baixo para cima, como se alguém o estivesse recarregando.

— M-Mas você disse “Consegue um teste pra alguma coisa realmente poderosa”. Você disse “Alguma coisa tipo *Monster*, mas na qual eu não tenha que ficar horrorosa como a Charlize”. E eu consegui! Eu consegui, Brooke. Você ficou tão chateada quando aquela tal de Castleberry conseguiu o papel. Quando ela caiu de bunda, literalmente, ha-ha!, naquela montanha, foi como um milagre. Você não recusa milagres nesta indústria, Brooke!

— Não posso deixá-lo. Não posso abandonar o processo. — Levanto a mão para adiar o comentário que está se formando na sua língua. — Eu não vou foder essa situação, Janelle.

Como uma pedra rolando ladeira abaixo, nada consegue pará-la.

— Mas foder com a sua *carreira* não é nada de mais? — Seus olhos se arregalam, e espero que ela estivesse falando sério quando disse que era saudável demais para ter um ataque cardíaco. — Não podemos simplesmente... A gente arruma uma babá pra você! Ela vai junto com você. A Angelina arrasta a filharada dela pelo mundo inteiro!

Instantaneamente cética — claro que eu li alguma coisa sobre babás em casa e nas filmagens —, pergunto: — É mesmo?

— Que inferno, eu não sei! Acho que sim. Quem se importa, porque *você* pode!

— Hum, não, eu não posso. Vou ter acabado de conseguir um local pra ele. Não posso fugir pra Austrália com ele antes de terminar o processo de adoção.

Ela está com os olhos tão arregalados que os meus ficam marejados só de olhar para ela.

— Escuta, Brooke. Ainda não tivemos notícia do estúdio. Talvez alguma coisa nas suas circunstâncias mude e a gente não precise recusar...

— Tipo, talvez o tribunal me diga que eu seria a mãe mais errada que ele poderia ter e me dê um chute na bunda?

— Eu não quis dizer isso...

Estreito o olhar para ela.

— Eles já te ligaram? Porque, se você fizer qualquer coisa remotamente semelhante a uma tentativa de afastá-lo de mim só pra eu fazer *Oceanos de papel*, eu te demito tão rápido que você vai virar cinzas.

Ela pisca várias vezes e depois afasta os olhos, ajeitando o paletó do terninho e

resmungando.

— Tenho que retornar a ligação de alguém amanhã, na verdade, e é *claro* que eu não faria isso com você.

Conversar com a Janelle pessoalmente foi a coisa certa a fazer.

— Eu sei que não, Janelle. — Dou um sorriso doce, usando um tom conciliador, com um resquício do meu sotaque fanho nativo. — Eu não tinha a intenção de te acusar. Sei que você jamais faria alguma coisa pra me magoar.

*

O voo para Austin felizmente é tranquilo — nenhum adolescente mal-humorado nem executivos paqueradores. Nenhum astro de Hollywood que eu gostaria de estrangular com as próprias mãos. Quando o comissário de bordo fecha a porta da aeronave e o assento ao meu lado continua vazio, murmuro “Ai, graças a Deus”, com um pouco de veemência demais, provocando uma sobancelha arqueada da senhora no outro lado do corredor. Finjo não perceber. Sentindo os efeitos da última semana em toda a sua glória estressante, sei que mais uma irritação pode resultar em polícia e algemas.

Finalmente livre da rodada rápida de promoção de *Corações*, estou voltando ao Texas para cuidar das últimas peças do meu pedido de adoção do River — uma delas é minha mãe, que em breve vai ser consultada sobre sua opinião em relação à minha adequação como mãe adotiva. Como se ela tivesse alguma ideia.

Em algum momento da minha pré-adolescência, um babaca criou o termo MILF — mães com quem eu gostaria de trepar —, e os garotos que eu conhecia rapidamente o aplicaram à minha mãe. Agora, minha mãe é uma coroa com três divórcios e, em vez de ficar horrorizada com esses títulos, ela os usa como fazia com as coroas de concurso de beleza feitas de capim que agora ficam num mostruário iluminado: com orgulho. Ela se recusa a enxergar que sua aparência era tudo que tinha de bom e, agora que está prestes a perdê-la, ela se tornou um estereótipo patético.

Sem nunca ter exercido uma carreira a não ser arregimentar e descartar maridos, ela aceitou diversos rótulos ao longo dos anos, incluindo os de *esposa troféu* e *mãe solteira*. Quando eu era pequena, ela se dizia uma “mãe caseira” sempre que era adequado para ela, apesar de fazer pouca coisa para conquistar essa designação.

Eu sei como ela vai reagir ao meu pedido para adotar o River. Eu sabia antes de vir — porque, de todos os títulos que ela assumiu por vontade própria, não consigo imaginar “avó” como um deles algum dia.

Não vejo minha mãe desde que ela apareceu em Los Angeles na última primavera, sem avisar, esperando convite para a pré-estreia e para a festa de *Orgulho estudantil* — para ela e para sua mais recente isca. Dei a eles entradas para o filme, mas fingi que não conseguiria convidá-la para a festa com tão pouca antecedência. Mentira total, mas de jeito nenhum eu lidaria com ela enquanto eu e o Reid nos concentrávamos no nosso plano fracassado para separar o Graham da Emma.

Quando chego ao seu apartamento no centro da cidade no horário marcado, dez da manhã, ela está totalmente maquiada, mas ainda usando a camisola preta.

— Olá, Brooke. — E sorri de um jeito tenso. Tenho quase certeza de que fez alguma plástica desde a última vez em que a vi, porque as feições do seu rosto parecem um pouco... esticadas. Seus olhos cor de caramelo estão como sempre, frios apesar da cor quente.

Ela me conduz até a sala de estar e aponta para o sofá em L, e eu sento enquanto ela pega sua caneca de café no balcão da cozinha e senta sem me oferecer nada. Um cachorro novo corre e late de maneira irritante, começando a morder meus tornozelos até eu me abaixar e rosnar — um truque que aprendi com o último. Assim como o antigo, ele sai correndo, ganindo.

— Suponho que haja um motivo pra sua visita além de aterrorizar o Topsy. — *Topsy?*

Enquanto o sotaque fanho da Kathryn é reconfortante, as inflexões da minha mãe retorcem minhas entranhas como panos de prato. Eu odeio o som da sua voz. Odeio seus olhos calculados. Odeio ter saído dela, odeio o fato de ela ter tentado me tornar parecida com ela e ter tido sucesso de várias maneiras. Odeio não poder escapar dessa conexão, não importa o que eu faça.

Eu a encaro com um olhar refinado.

— É. Estou aqui pra te informar de uma decisão que eu tomei e que vai te afetar, mas provavelmente não muito.

A máscara dela cai por um instante, dando lugar à curiosidade.

— Ah, é?

Respiro pelo nariz e solto tudo de uma vez só.

— Eu pedi a custódia do meu filho.

— Como é? — Suas sobranceiras maquiadas com certeza se arqueariam, se pudessem.

— Ele foi tirado da mãe adotiva por causa de negligência extrema e, atualmente, está sob a custódia do Estado. Eu me inscrevi para adotá-lo.

Aguardo enquanto ela processa o que eu acabei de falar, me perguntando se vou ter que repetir usando palavras mais simples.

— Que diabo você está falando, Brooke? O Serviço Social Infantil foi atrás de você pra levar...?

— Não. Foi escolha minha.

Ela pisca, embasbacada.

— Você está me dizendo que você vai, *por vontade própria*, pegar de volta aquele fedelho que entregou cinco anos atrás?

Ah, não, *que inferno*. Respiro pelo nariz mais uma vez.

— Nunca mais chama ele assim.

— Não chamar de fedelho? As pessoas chamam de coisa pior. Afinal, ele é um bastardo...

O tapa choca nós duas. Eu me levanto, tremendo. Minha mão arde, e a marca vermelha está visível no rosto até que ela a cubra com a palma da mão. Seus olhos irradiam indignação, as engrenagens girando por trás, e todos os instintos de defesa que tenho estão em alerta vermelho.

— Uma assistente social vai te ligar. Fala o que quiser sobre mim. Tenho certeza que você vai fazer isso de qualquer maneira. Mas fala apenas o que for verdade. Se você mentir e eu descobrir, vou direto pra uma repórter que eu conheço na revista *People*, e ela vai adorar contar a bela história do meu relacionamento com você, que vai fazer a Joan Crawford parecer a Nossa Senhora. — A falsa ameaça escapa da minha boca, mas calculo que posso torná-la verdadeira se necessário. — Eu me transformei na filha atriz famosa que você queria. Agora, você pode retribuir o favor ficando longe da minha vida. Sinta-se livre pra ser a minha mãe no seu círculo ridículo de conhecidos descartáveis. Mas, se você foder comigo ou com o meu filho, vai se arrepender de um dia ter me parido.

— Ah, não se preocupe. Estou bem adiante de você nesse ponto. — Seu rosto raivoso parece com o do seu cachorro mordedor de tornozelos. — Você sempre foi uma vagabunda egoísta.

As palavras dela me deixam sem fôlego por um instante e trazem de volta todos aqueles tapas da minha infância e adolescência. Os puxões de cabelo. Os xingamentos cruéis sobre qualquer imperfeição.

— Bom, eu aprendi com uma especialista. — Sorrio, como se nada do que ela me disse até hoje tivesse me afetado, e essa parece a maior mentira que eu já contei. — Tenha uma boa vida, *Sharla*. — Marcho em direção à porta sem olhar para trás e mordo a língua até sentir gosto de sangue. Eu não vou chorar na frente dela. É para isso que servem os terapeutas, maldição, e eu vou conseguir um assim que voltar para Los Angeles.

Bato a porta ao sair e digito o número do meu pai quando chego à caminhonete

que peguei emprestada com o Glenn. É melhor resolver essas coisas todas num dia só.
— Pai? — digo quando ele atende. — Tenho uma coisa pra te falar. Você tem um minuto?

Reid Em vista do que estou prestes a dizer à Dori e pedir que ela faça, eu me sinto um babaca duas caras quando a pego na noite de sexta antes do seu aniversário. Tudo que ela sabe é que vou levá-la para San Francisco, do outro lado da baía, para passar o fim de semana. Prometi que ela teria tempo para estudar para uma prova importante marcada para segunda-feira — o que seria engraçado se eu não estivesse tão preocupado com a conversa.

Decidi não contar a ela até domingo. Quero lhe oferecer o melhor fim de semana da vida antes de dar esse tipo de notícia. Se eu tivesse como contornar, adiaria um pouco mais. Odeio ter que contar para ela, seja como for.

Numa prateleira de livros no seu canto da biblioteca, minha mãe tem uma pequena citação de Robert Frost esculpida em madeira que diz: “O melhor caminho para sair sempre é atravessar”. Nunca entendi essa frase completamente até agora.

A viagem solitária na I-5 de Los Angeles até Berkeley é ainda mais monótona do

que eu lembrava, de quando fiz esse percurso com o John alguns anos atrás. Mas quero estar com meu carro neste fim de semana, para não termos que usar transporte com chofer. Quando paro na rua lateral perto do dormitório dela, quase todo mundo olha para o carro. Não é meu Lotus amarelo (acho que a Dori ia gostar do rótulo desdenhoso de “táxi idiota” que meu pai deu, se estivesse por perto na época), mas o formato felino e os faróis da Ferrari são ostensivos, mesmo em cinza.

Na esquina logo adiante, Dori me vê, abaixa o queixo e corre até o lado do carona. Seu cabelo está preso com uma presilha gigantesca na nuca, e ela está usando calça jeans, All Star verde-escuro e um casaco de moletom da Cal. A mochila serve como bolsa de viagem, o que me faz pensar se ela tem malas decentes. Uma coisa que preciso corrigir em breve.

Minha pulsação se acelera ao máximo quando ela entra e fecha a porta.

— Feliz aniversário — digo, pegando seu rosto e a beijando.

Ela coloca uma das mãos no meu peito, aperta a minha camisa e se aproxima enquanto sua boca se abre sob a minha. Faz vinte e seis dias que eu não a vejo, e esse intervalo parece algumas horas num momento e anos no seguinte. Há uma sensação de desespero nesse beijo que me assusta, porque não vem só de mim.

— Obrigada de novo pelo fim de semana passado...

— Não foi nada. Eu queria poder ter estado com você. Sinto muito mesmo.

Alguma coisa brilha nos seus olhos, e ela os abaixa rapidamente, como uma cortina que esconde o que ela está pensando.

Levanto seu queixo.

— O que foi?

Dori balança a cabeça e tenta sorrir, mas ela não é atriz.

— Não é nada. Só que eu... ainda estou triste. Não quero estragar o fim de semana que você planejou. Não vamos falar sobre isso. Vai ficar tudo bem.

Quero pressioná-la para ela me contar o que está passando pela sua mente. Quero provocá-la por ela ser uma péssima mentirosa e dizer que eu preciso lhe dar umas aulas, se ela quiser fazer tudo certo, mas as palavras ficam presas na minha garganta. Não posso acusá-la de mentir, com tudo que estou escondendo dela.

— Sem problemas — sussurro, beijando-a de novo antes de pegar a mochila e colocá-la no banco de trás. — Quero realizar todos os seus desejos este fim de semana, srta. Cantrell.

Ela fica estranhamente calada enquanto eu manobro pelo trânsito da cidade. Na travessia da baía, fica olhando pela janela, observando em silêncio os iates e barcos de pesca, seu olhar se erguendo de vez em quando para seguir uma gaivota. Pela centésima vez, luto para encontrar um jeito de contar a ela sobre o River — não *agora*,

não neste fim de semana —, mas pode ser que eu não a veja até as férias da primavera, daqui a um mês. Em algum momento nos próximos dias, meu pai vai dar início ao processo de adoção. Depois que eu falar com a Brooke, é claro.

Eles aceleraram o cronograma do meu próximo filme. Grande parte vai ser filmada num set na Universal Studios em Los Angeles, e o resto em Utah e Nova York. A filmagem deveria começar em abril; em vez disso, vamos começar na próxima semana, com as cenas de Utah gravadas primeiro.

O melhor caminho para sair sempre é atravessar.

*

Fiz reservas para o jantar no sábado, então, quando sugiro que a gente não saia e peça o serviço de quarto hoje à noite, a Dori concorda.

— Você pode até estudar um pouco — digo, e ela arqueia uma sobrancelha para mim, em dúvida. — Talvez uns vinte minutos. — Paro no manobrista do Mandarin e acrescento: — Mas, depois que o jantar chegar, você é minha. — Com um sorriso irônico, pego nossas malas e salto do carro.

Somos definitivamente reconhecidos na recepção, ou, pelo menos, eu sou. Acho que o recepcionista fica mais do que um pouco preocupado de eu fazer check-in com uma menor de idade, por causa da mochila da Dori e do seu rosto sem maquiagem — graças a Deus pela roupa da Cal que ela está usando, que sugere que ela é universitária. Em alguns minutos, estamos no elevador, subindo para a suíte.

— Ai, minha nossa! Meu estômago — diz ela, segurando em mim e rindo.

— O elevador não precisa perder tempo, já que não planeja parar em nenhum lugar no caminho. Prometo que esta é a última experiência acelerada que você vai ter hoje à noite. — Beijo seu nariz quando a porta se abre. — Todo o resto será devagar e com cuidado. Se você quiser alguma coisa mais rápida — eu me abaixo para sussurrar no ouvido dela, que estremece de satisfação —, vai ter que pedir.

Seus lábios se abrem quando ela vê a suíte, e ela fica sem palavras durante vários minutos, em pé na porta, olhando de um lado para o outro e voltando. Finalmente ela sai da entrada, hesitante, e entra no quarto.

— Isso é tudo... pra nós? Isso é *um quarto*?

Dou de ombros, curtindo sua admiração.

— É uma suíte.

Em poucos minutos, estamos curtindo uma vista de um pôr do sol de tirar o fôlego sobre a baía — a julgar pelo fato de que ela parece parar de respirar enquanto o observa. Eu não poderia ter calculado melhor o tempo se tivesse agendado nossa hora

de chegada para coincidir com o crepúsculo.

Cumprindo o que prometi, eu a coloco na escrivaninha e a deixo fazer suas coisas enquanto guardo as nossas roupas e peço um jantar com champanhe, nasi goreng e singapore noodles, que será entregue daqui a uma hora e meia.

— Acabou o tempo. — Eu me inclino sobre ela e passo o nariz em seu rosto. — Eu te dei meia hora generosa de tempo de estudo.

Ela inclina a cabeça para trás no meu ombro e fecha os olhos.

— Não posso estudar só meia hora. Vou tirar nota baixa...

Puxo a cadeira para longe da escrivaninha e a beijo atrás da orelha, provocando um gemido baixo.

— Se você for uma boa menina, eu te deixo estudar mais meia hora amanhã.

— Eu sempre sou uma boa menina, Reid — diz ela, e a orelha perto de mim se aquece sob a minha língua. — Quer dizer, hum...

— Não precisa explicar. — Dou uma risadinha, beijando seu pescoço antes de soltar seu cabelo da presilha e tirar seu casaco de moletom. Por baixo, ela está usando uma camiseta branca com borda de renda no decote, e consigo ver até lá embaixo do lugar onde estou, atrás dela. Um casaco de moletom, com *isso* escondido por baixo?

— Jesus, Dori. — Minha cabeça está flutuando de desejo por ela, e estou determinado a retribuir em carinho. Coloco as mãos no ombro dela e deslizo para a frente, meus polegares seguindo a linha da clavícula enquanto meus dedos roçam a curva dos seus seios. — Você é perfeita.

Ela começa a se opor, e eu coloco dois dedos sobre sua boca, deslizando a outra mão dentro do sutiã de renda branca. Ela se arqueia para trás e ofega, me dando mais acesso à pele quente, ao coração batendo na palma da minha mão.

Eu a puxo e tiro a cadeira do caminho com um chute, viro Dori para mim e a beijo profundamente antes que ela consiga respirar. A camiseta dela segue o casaco de moletom até o chão. Seguro seus quadris e pergunto: — Banho antes, durante ou depois? Já que você é a aniversariante, seu desejo é uma ordem.

— Durante? — Ela franze as sobrancelhas. — Durante o quê? *Ah*.

Eu a solto por tempo suficiente para tirar minha camiseta, depois a levanto até ela colocar as pernas ao meu redor e prender os tornozelos na base da minha coluna. Então a carrego até o banheiro e digo: — Isso que você está fazendo neste momento? *Sim*. — Eu a beijo. — Exatamente isso. Em mais ou menos três minutos.

Ela desliza pelo meu corpo quando eu a coloco no chão para abrir a água quente e viro para tirar sua calça jeans. Estou ajoelhado, tirando a calça dos seus pés, quando ela diz: — Achei que você tinha falado alguma coisa sobre... sem pressa... — Ela sai de cima da calça, mordendo o lábio inferior e parando na minha frente, usando nada

além de peças de renda branca.

— Falei mesmo — respondo, me levantando. Desabotoo meu jeans enquanto meus olhos observam seu corpo cheio de curvas e sussurro: — Por que não é *meu* aniversário? Porque eu definitivamente vou conseguir realizar meu desejo.

Depois que tiro a calça, eu a coloco contra a parede, e ela geme.

— Frio? — Dou uma risada, afastando-a do mármore gelado e beijando-a enquanto abro seu sutiã e abaixo sua calcinha. — Está mais quente no chuveiro. E se prepare para ficar muito, muito enrugada, porque, se você quer *devagar*, é o que vai conseguir.

*

Mal temos tempo de colocar os roupões antes de o jantar chegar, uma hora depois. Dori se encolhe no sofá com as pernas por baixo e finge ler enquanto os atendentes do serviço de quarto arrumam a mesa perto da janela. O cabelo dela ainda está úmido e preso atrás das orelhas com a ponta cor-de-rosa. Eu me esforço para não rir dessa garota que é a amante mais explosiva que eu já tive, e ao mesmo tempo bizarramente envergonhada na presença de funcionários do hotel.

Enquanto trocamos garfadas de comida, colocando pedaços com palitinho na boca um do outro de um jeito que seria impossível ela fazer em público, eu a convenço a tomar uma taça de champanhe — apenas o suficiente para deixá-la relaxada e risonha depois do jantar, principalmente quando eu a beijo em algum lugar que faz cócegas, como a sola do pé, a curva da cintura ou a parte interna da coxa. Durante a maior parte do tempo, ela suspira e sorri de um jeito travesso, as mãos passeando pelo meu corpo, delicadas e provocantes, até eu prendê-la na cama, quando ela agarra meus bíceps e faz os sons mais incrivelmente agradáveis que já a ouvi fazer.

Nota mental: fazer um estoque de champanhe francês o mais rápido possível.

Dori Um mês atrás, acordei com Reid na minha cama estreita do dormitório, e foi como um sonho passar a noite toda com ele ao meu lado. Escondida sob as cobertas, as costas pressionadas em seu peito quente, seus braços me envolvendo... Eu queria ficar ali para sempre.

Acordar com ele nesta suíte parece... O que é melhor que um sonho?

Uma fantasia. É isso.

Deixamos as cortinas pesadas abertas na noite passada. Sem sair da cama, absorvo o azul-celeste da baía, misturando-se ao horizonte mais claro adiante. Barcos atravessam a água devagar; minúsculos pontinhos brancos ou cinza disformes, desta distância.

A suíte tem um controle de temperatura perfeito, e a cama acolchoada é enorme, por isso não precisamos dormir como duas colheres numa gaveta por causa do frio do inverno ou da falta de espaço. Mesmo assim, meu tornozelo está enganchado no dele. Com o arco do pé, acaricio os pelos macios da parte de cima do pé dele, que murmura um “hummm” sonolento. Com o peito nu, os lençóis puxados até a cintura, o braço oposto está dobrado embaixo do travesseiro enquanto o braço mais perto de mim está paralelo ao meu, cruzando nas mãos. A mão dele está sob a minha, os dedos dobrados com leveza sobre as costas da minha mão.

Dormindo, ele parece tão jovem, e provavelmente é estranho eu pensar isso, considerando que sou onze meses mais nova. Com seu comportamento independente e sua carreira bem-sucedida, é difícil vê-lo como um garoto que vai fazer vinte anos daqui a um mês. Só quando ele está desprotegido, como agora.

Saio da cama para usar o banheiro e escovar os dentes e, um minuto depois, ele entra, ainda com os olhos pesados, o cabelo espetado em todas as direções. Ele vestiu a calça de pijama xadrez da Cal que eu lhe dei quando ele visitou o campus, enquanto estou vestindo a camiseta da Berkeley que completa o conjunto. Ela cai até o meio das minhas coxas, e as aberturas dos braços se estendem quase até a minha cintura.

Isso é tudo que posso fazer para me concentrar em me livrar de qualquer traço de bafo matinal em vez de virar e me enroscar nele como uma fita. Ele pega sua escova de dentes e a pasta, colocando um bocado nas cerdas e atacando os dentes. Quando começa a escovar a língua, encaro a minha escova de dentes, passando-a embaixo da água e desejando que minha pulsação volte ao normal. Meu cabelo parece o caos encarnado, mas felizmente está cobrindo as minhas orelhas, porque não consigo afastar as lembranças da língua dele. *Menino Jesus*.

Antes que eu possa sair do cômodo, ele pega a minha mão e me puxa para trás, colocando a escova de dentes ao lado da minha.

— Bom dia, baby. — Desliza os braços ao redor da minha cintura, e seus lábios encontram os meus enquanto suas mãos levantam um pouco a bainha da minha camiseta. — Devo pedir o café da manhã agora? Ou vamos querer a sobremesa primeiro...

Raspo as unhas levemente sobre seus músculos peitorais e circulo cada mamilo com um dedo indicador enquanto observo seus olhos ficarem mais escuros.

— Sobremesa, por favor — digo, e ele me pega nos braços, vai até uma cadeira macia na sala de estar e me coloca no colo, me dando uma vista do chão ao teto da baía por sobre seu ombro que não posso aproveitar neste momento.

Suas mãos se alternam entre mergulhar pelas laterais da camiseta e agarrar a pele nua dos meus quadris, e ele faz amor comigo com apenas leves ajustes nas roupas, baixando a calça nos quadris depois de pegar uma camisinha no bolso.

— Quanta confiança, sr. Alexander — sussurro, fechando os olhos enquanto ele beija meu pescoço, desce e puxa a alça da camiseta, expondo um seio e fazendo bom uso de sua língua abençoada.

— Hum-hum — ele murmura, sem se arrepender nem um pouco da capacidade de dissolver minha reticência como uma chuva de verão rápida e forte dissolve desenhos de giz nas calçadas.

Enterro as unhas nos seus ombros e desço pelos braços musculosos, puxando-o para perto e quase gritando de prazer. Ele dá um risinho, me puxando com mais força. Sua confiança é totalmente justificada.

Depois de um café da manhã atrasado na varanda da nossa suíte, totalmente envolvidos em roupões felpudos e absorvendo o sol, nós nos vestimos e saímos para tentar fazer compras disfarçados. Os óculos escuros do Reid, dois ou três dias de barba por fazer e o boné da Cal que comprei para ele, junto com minha aparência de garota comum, enganam o público e nos mantêm anônimos durante a maior parte do tempo. Ganhamos alguns olhares mais atentos — especialmente dos vendedores —, mas não há nenhuma cena de multidão.

Numa boutique em Fillmore, ele escolhe vários vestidos e me diz para experimentá-los.

— Se você odiar todos, vamos a outro lugar. Mas vou comprar alguma coisa que te faça parecer da realeza quando sairmos hoje à noite. — Começo a me opor, mas ele dá os cabides a uma vendedora e me empurra em direção ao provador. — Sem discussão, porque eu escolhi um lugar totalmente esnobe pro jantar, e isso não é culpa sua.

Sua linha de pensamento faz um sentido peculiar, até eu olhar as etiquetas de preço.

— *Reid* — sibilo, colocando o rosto para fora por trás da cortina do provador. — Não posso usar isso. É o preço de um carro. — Ele dá um sorriso forçado. — Um carro usado, talvez — explico. — Mas mesmo assim.

— Comprei um carro dois meses atrás e garanto que nada nesse vestido chega perto do preço de um carro. Mesmo que você quisesse *todos* eles.

— Eu não quero! — ofego. — Mas...

Ele cruza os braços e diz: — Vamos supor que, pra você, o preço de um belo vestido é o preço de um carro novo decente, tirando alguns zeros. Tudo bem? — Faço que sim com a cabeça. — É isso que é pra mim. Tudo é relativo, Dori. — Ele empurra a cortina para o lado para dar uma espiada. — Deixa eu ver. — Sorrindo, pergunta: — Você adorou, né?

Mordo a parte interna da bochecha, me curtindo no vestido macio de tricô azul-royal, cortado como se tivesse sido feito com exclusividade para mim. De algum jeito, ele melhora todos os meus atributos físicos, destacando as qualidades e disfarçando os defeitos. Mas não quero que ele compre algo tão irracional. Minha vida já é feita de muito faz de conta só de ter Reid Alexander nela.

Ele entra no provador e fecha a cortina, desce o zíper do vestido no ritmo mais lento imaginável e capta meu olhar no espelho. Seus olhos estão tensos.

— Vou comprar este vestido, srta. Cantrell, e você vai usá-lo hoje à noite. Entendido?

Presa entre querer pisar no pé dele por me dar ordens e querer jogar os braços ao

redor dele por me fazer sentir como a garota mais desejável da Califórnia, simplesmente faço que sim com a cabeça.

— Boa menina. Como sempre, do jeito que você disse. — Ele dá um beijo na minha nuca e sai.

Estamos dirigindo de volta para o hotel quando meu cérebro encaixa todas as peças. Abaixo o volume da música.

— Reid. Este carro... este carro custou o preço daquele vestido mais alguns zeros? Ele simplesmente sorri, e fico feliz por estar sentada, usando cinto de segurança. Caramba.

*

Enquanto Reid está tomando banho, Brooke liga para ele — sem sobrenome. Ela está nos contatos dele simplesmente como *Brooke*. Suponho que seja Brooke Cameron, apesar de existirem outras no mundo, é claro.

Poderia ser uma Brooke relações-públicas. Ou uma Brooke gerente. Ou uma Brooke mecânica. Congelada, encaro a tela do celular enquanto toca. Um minuto depois de parar de tocar, o alerta de mensagem apita. Ela deixou uma mensagem.

Saindo minutos depois com uma toalha de banho enrolada nos quadris e secando o cabelo com uma toalha de mão, ele me olha enquanto tiro as etiquetas de preço do vestido. Em seguida me vira pelo cinto do roupão e me rouba um beijo lento, uma das mãos deslizando para acariciar a pele nua do meu quadril. Sorri e vira para pegar os acessórios de barbear na mala, seu celular a dois palmos, sobre a mesinha de cabeceira.

Tremendo pela sua carícia e pelas palavras presas na minha garganta — *A Brooke te ligou* —, entro no banheiro.

Puxo mechas de cabelo e as prendo com grampos enquanto Reid faz a barba, pensando que ele esteve no quarto por tempo suficiente para ouvir a mensagem, mas não o ouvi retornar a ligação. Ele não parece confuso nem preocupado. Com a expressão concentrada, ele passa o aparelho de barbear no maxilar escondido pela espuma, parando para limpar a lâmina sob um jato de água quente a cada passada.

Talvez não fosse importante. Talvez não fosse nada.

— Você recebeu uma ligação enquanto estava no banho — digo finalmente, observando-o.

Suas sobrancelhas se aproximam um pouco e seus olhos disparam até os meus.

— É?

Encarando meus próprios olhos, eu me aproximo do espelho e passo o rímel nos

cílios.

— Da Brooke — esclareço, tentando não parecer preocupada. Tentando não *estar* preocupada.

Ele para de repente, me encarando, e sinto como se todo o ar tivesse sido sugado do ambiente.

— Você atendeu? — ele pergunta, tenso.

Ele não deve ter olhado o celular, não deve ter visto o alerta. Mesmo antes de retornar a ligação, ele está mais tenso do que jamais o vi desde a noite em que foi conversar com os meus pais. A apreensão está clara em seu rosto, normalmente evasivo-se-necessário.

— Claro que não, Reid. Eu não atenderia o seu celular. — Franzo a testa, tão surpresa pela pergunta quanto pela inquietude estampada em seus olhos e pela linha rígida de seus ombros nus. Se eu pudesse recuar e retirar a menção a ela, eu faria isso. Eu queria que isso não fosse nada. Queria que ele desse de ombros e falasse que não é nada, mas claro que *é alguma coisa*.

É tarde demais para voltar atrás e preciso seguir em frente, agora que comecei.

— Preciso te contar uma coisa... — ele diz ao mesmo tempo em que eu digo: — Eu só quero que você saiba...

Nós dois paramos.

Ele umedece os lábios, ainda imóvel, com o rosto barbeado pela metade.

— Dori, hoje é a comemoração do seu aniversário. Deixa eu te levar pra sair. Vamos ter a nossa noite e mais tarde ou amanhã conversamos.

Sou uma covarde. Uma covarde, cúmplice da minha própria queda. Nunca falei que o amo, como se o fato de eu me recusar a falar isso em voz alta pudesse, de algum modo, proteger nós dois, mas não foi isso aconteceu. Como um sentimento ao mesmo tempo sensível e indomado, meu coração discerne a própria verdade e sabe que essa omissão é uma mentira.

— Tudo bem — sussurro.

— Tudo bem — ele repete.

Reid Quero sacudir a Brooke até seus dentes perfeitamente brancos e alinhados balançarem. Que maldição o seu timing.

Não sei que mensagem ela deixou, mas suspeito que seja “Por que você ainda não assinou aquele formulário?” — algo que pode esperar, porque ela vai me infernizar depois de ouvir a resposta.

Dori e eu terminamos de nos vestir em silêncio e, quando ela fica pronta, está mais linda do que jamais estive — de roupa. O azul profundo do seu vestido revela o tom perfeito da sua pele quente e combina com os meus olhos. O tricô abraça as curvas exuberantes dos seus quadris e destaca sua cintura, enquanto o decote desce apenas o suficiente para dar uma pista dos seus seios perfeitos. Ela foi feita para usar roupas que parecem uma segunda pele.

Apesar disso, nada se compara a como ela fica malditamente linda quando não há nada entre nós. Na minha cama — ou na dela —, com seu comportamento discreto suspenso e sua natureza curiosa estimulada, ela é tudo que eu poderia desejar.

— A sua gravata combina com o meu vestido — diz ela, passando um dedo no padrão sedoso no centro do meu peito. — E com os seus olhos.

Quando fiz a mala, coloquei uma camisa branca e um paletó e uma calça cinza-escuros, além de uma variedade de gravatas, na intenção de combinar com o vestido que ela escolhesse hoje.

Damos uma última olhada na nossa própria aparência e na aparência um do outro antes de sairmos do quarto, o espelho refletindo como somos diferentes e, ao mesmo tempo, complementares — meu corpo ainda meio de garoto, alto e de ombros largos, perto de sua estrutura menor e mais suave, repleta de curvas. Meus olhos azuis e meus cabelos loiros formam um belo contraste com os olhos quase negros e os cachos castanhos macios de Dori. Eu me imagino tirando os grampos do cabelo dela, um por um, e passando os dedos pelos fios sedosos.

— Quantos grampos você usou? — pergunto, minhas palavras parecendo uma conversa casual enquanto a imagino embaixo de mim daqui a poucas horas, com o cabelo espalhado pelo travesseiro como tinta.

Ela sorri, mas cada parte da sua boca é permeada por uma tristeza que estou determinado a afastar, não importa o que eu tenha que fazer. Vou fazê-la esquecer

aquela ligação. Por hoje à noite, pelo menos.

— Não tenho certeza. Muitos?

Eu a puxo para mim e não preciso me inclinar tanto para beijá-la. Quando me afasto, sorrio para ela.

— Humm, você está usando salto alto. Me faz um favor: atravessa o quarto e volta. Não vou poder curtir essa visão tanto quanto as outras pessoas, hoje à noite.

Ela pressiona os lábios, envergonhada, mas obedece, virando para atravessar a suíte de cento e oitenta metros quadrados.

Ai. Meu. Deus. Que maldição. Seus quadris balançam, e meus olhos ficam divididos entre sua bunda cheia de curvas, suas panturrilhas nuas bem moldadas e o arco do seu pescoço — nu, exceto por alguns fios estratégicos que escaparam. Ela vira no outro lado do quarto, os olhos se arregalando em confusão pela expressão no meu rosto, e eu me pergunto como diabos isso é possível, porque ela acabou de se ver no espelho, não foi?

Quando ela volta, descubro que não é fácil decidir no que me concentrar, vendo desta perspectiva. As mesmas pernas com músculos perfeitos e quadris roliços, com o complemento dos seios perfeitos e do lindo rosto.

— Precisamos sair agora — digo rispidamente quando ela me alcança. — *Neste instante*. Senão vou te jogar naquela cama — eu a pego nos braços e sussurro em seu ouvido — e te foder até você desmaiar.

Ela se apoia em mim e ofega baixinho, ficando muito vermelha, os dedos amassando as mangas do meu paletó e se enterrando em meus braços.

— Vamos colocar isso na agenda pra quando voltarmos? — Eu a beijo mais uma vez, com delicadeza e cuidado, depois pego sua bolsa minúscula na cômoda e a conduzo para fora do quarto, sem soltar sua mão.

*

Os paparazzi nos encontram entre o balcão do manobrista e a porta do restaurante, o que não é nenhuma surpresa, considerando que fiz a barba e abandonei o clássico disfarce de celebridade: boné e óculos escuros. Eles tiram algumas fotos enquanto gritam meu nome. Ainda não sabem o nome da Dori — lentos demais para cruzar minha acompanhante com vestido de grife com seu alter ego de garota da Habitat.

Quando entramos no restaurante, todos os clientes e funcionários, desde o maître até o chef, sabem que um cliente alvo de paparazzi chegou. O local todo está nos encarando ou tentando não encarar. Adeus, refeição privada e discreta.

— Não foi tão ruim, foi? — pergunto, segurando a mão da Dori até a minúscula mesa iluminada por velas, ignorando o público e esperando que ela também consiga fazer o mesmo.

— Ainda estou vendo luzinhas... Mas não, acho que não. — Ela pisca mais algumas vezes. — Como você enxerga aonde vai, se estiver sozinho?

— É, às vezes é complicado. Se você estiver com guarda-costas, eles simplesmente te atravessam como uma bola de canhão pela multidão até onde você precisa chegar. Quando estou com outras celebridades, ficamos juntos, como se fôssemos um rebanho, e seguimos na direção da entrada, da saída ou do estacionamento.

Ela ri baixinho.

— Isso é *terrível*.

Arqueio uma sobrancelha para ela.

— E você ainda ri? Onde está sua compaixão?

Tentando esconder o sorriso, ela fracassa completamente.

— Não, sério! Quer dizer, um *rebanho* de celebridades? Imagina só isso, que hilário!

— Fico feliz porque minha dor te diverte — digo, fingindo um semblante carrancudo.

Ela solta a minha mão e passa o dedo na minha palma.

— Bom, nada de rebanho hoje à noite. E nenhum guarda-costas também, a menos que eu possa substituí-lo. Posso não parecer muito brava, mas sei dar um belo chute na canela.

Imaginá-la dando um chute na canela de um fotógrafo grandalhão só é divertido se eu garantir que isso nunca vai acontecer, porque eu meio que acredito que ela faria isso.

— Você é brava o bastante, Dorcas Cantrell. — Quando pego a mão dela de volta e passo o polegar nos nós dos seus dedos, seus lábios se separam. — Mas suas habilidades de guarda-costas não vão ser necessárias hoje à noite. Vou pedir ao maître para nos ajudar a escapar quando formos embora. Não se preocupe com isso agora. Porque, neste momento, sou só um cara tentando ter um jantar romântico com sua linda garota...

Ela baixa os olhos.

— Você não está preocupada, está?

Seu sorriso é tímido.

— Não. Mas estou *realmente* aliviada por estar usando este vestido, e não uma camiseta larga com manchas de frutas e chá gelado.

Brooke Reid está me irritando de verdade, mas qual é a novidade? Ele faz isso desde sempre, porra. Entendo que ele possa estar ocupado — ocupado no mundo de Reid —, o que pode significar qualquer coisa, desde começar um novo filme a trepar com uma nova garota, mas ele teve tempo suficiente para receber os resultados do teste de paternidade e assinar aquela porcaria de formulário de renúncia.

Mandeí mensagem no meio da semana e ele não respondeu. Liguei ontem à noite e ele não atendeu. Deixei uma mensagem e ele não retornou.

O fato de ele me evitar desse jeito me faz pensar que está acontecendo algum problema. Trabalhei demais para fazer meus patinhos nadarem em fileira, como diria a Kathryn. Eu até liguei para o meu pai, algo que estava adiando. Depois daquele adorável encontro com a minha mãe, achei que eu não tinha nada a perder. Assim, dei a ele a versão mais curta possível do que eu estava fazendo, e ele ficou em silêncio por um meio minuto.

— Brooke, você ainda é tão jovem... E ser mãe é muito mais do que você imagina — começou ele, prestes a dar um conselho que não poderia ser menos bem-vindo.

— Você acha? — soltei, e ele calou a boca bem rápido. — Escuta. Não estou pedindo sua opinião nem seu conselho mais do que eu queria da *Sharla*. Estou ligando só pra te informar. E, se você quiser dizer ao assistente social de adoção que eu serei uma péssima mãe, simplesmente *vá em frente*.

Ele teve coragem de parecer surpreso.

— Brooke, eu jamais faria isso. Sei que não fui o melhor pai...

— Ai, meu Deus, sério? Porque você *continua tendo mais filhos*, o que me dá a impressão de que você se acha ótimo nisso. — Minha vontade era arrancar o câmbio e bater em mim depois de falar isso. Eu tinha acabado de jogar uma bola de gude no meu ponto mais emocionalmente suscetível. *Idiota*.

— Na verdade é o contrário. Eu achava que podia começar de novo e fazer do jeito certo.

Que merda, pensei. Como ele pode ser tão iludido?

— Bom, isso é burrice. Você está destruindo a vida das pessoas e partindo o coração delas. Não consigo imaginar por que você deixou a Kathryn por causa da *Sharla*. — Eu não conseguia deixar de desprezar o nome da minha mãe, como se estivesse cuspiendo veneno. — Ou por que a Kelley e a Kylie não foram suficientes pra você. — *Ou por que eu não fui suficiente pra você*.

— O problema, Brooke, é que a *Sharla* veio com você. O Rory e o Evan vieram com a Vivian. Os casamentos podem parecer erros colossais de longe, mas eu não me arrependo de vocês, meus filhos. Então acho que entendo por que você quer recuperar seu filho, e talvez você esteja no caminho certo. Ter um filho sem um relacionamento problemático.

— Você diz que não se arrepende de mim, mas me deixou. Não deixou apenas um casamento ruim. Você não abandonou apenas a minha mãe, pai. *Você me deixou*. — Engulo as lágrimas.

— Eu... sinto muito.

— Hum, tudo bem — respondo, trincando o maxilar. — Tenta ligar pro Rory antes de ele se transformar num adolescente que te odeia. Tenta levar o Evan pro zoológico ou alguma coisa assim. Vá aos jogos de futebol deles ou às peças de escola ou às festas de aniversário, em vez de simplesmente lhes mandar dinheiro.

Quando eu tinha quinze anos, percebi que meu pai nunca deixou de me dar apoio financeiro. Ele pagava a pensão no dia certo. Mandava cartões de aniversário e uma quantidade cada vez maior de dinheiro a cada ano. Mas eu tinha inveja das crianças cujos pais faziam parte da vida delas.

— Você me odeia, Brooke?

Suspirei, cansada demais para odiar mais que um parente ao mesmo tempo.

— Não sei.

Ele suspirou em resposta.

— Você sempre foi brutalmente sincera.

Abafei uma risada indignada.

— Minha mãe acabou de me dizer que eu sempre fui uma vagabunda.

— O *quê*? Isso é absurdo. Acho que todo o estado do Texas sabe quem é a *vagabunda*, meu docinho. — Ele não me chamava de “meu docinho” desde que eu tinha dez anos. A idade que eu tinha quando ele foi embora. Meu maxilar ficou tenso de novo.

— Não estou brincando, pai. Liga pro Rory e pro Evan. Eu te dou notícias sobre o River.

— O nome dele é River? Brooke e River. — Ele deu uma risadinha. — Gostei. Eu queria conhecê-lo...

— Não se você for desaparecer da vida dele — argumentei.

— Eu entendo. Me dá notícias. E não se preocupa com a Sharla. Ela vai mudar de ideia.

— Não vai, não. Mas eu não me importo. Você sabe que algumas coisas simplesmente não funcionam.

*

Eu POR QUE você não retorna minhas ligações?

Você assinou o formulário???

Reid Me dá cinco minutos. Já te ligo.

— Você assinou? — Atendo assim em vez de dizer “alô”, tentando afastar o pânico da voz, mas tem alguma coisa acontecendo, e eu sei disso. Alguma coisa que ele não está me contando. Dá para sentir do mesmo jeito que eu sinto certas tempestades aqui no estado das colinas, pouco antes de elas surgirem no horizonte. Como se o ar estivesse carregado. Eletrizado. Os pelos do seu corpo todos se arrepiam, em expectativa.

— Não assinei e não vou assinar...

— O *quê*? O *quê*? Que porra é essa, Reid?

— Você pode me dar um minuto, por favor? Precisamos conversar sobre...

— Reid, se você não assinar esse formulário...

— Sem ameaças, Brooke. — A voz dele está firme, autoritária de um jeito que

nunca esteve, e sou tomada pelo medo, porque ele está na vantagem e sabe disso. — Por favor, cala a boca e escuta.

Não digo nada.

— Não posso assinar o formulário porque não quero renunciar aos meus direitos em relação a ele.

Meu corpo todo começa a tremer descontroladamente, como no dia em que tomei anfetamina numa festa. Isso me apavorou tanto que nunca mais experimentei. Calço as botas, que ficam ridículas com a minha calça de pijama de flanela, mas não me importo. Com o celular preso na orelha, desço pelo corredor e entro na cozinha, onde Kathryn e Glenn estão fazendo o brunch juntos — um ritual das manhãs de domingo. Um jazz sai baixinho do aparelho de som, e o aroma de waffles e bacon permeia o ambiente.

— Vou dar uma volta até o riacho — digo a eles, arrancando um suéter do cabide e abrindo a porta dos fundos.

Kathryn vira, com uma espátula na mão, e seu sorriso desaparece quando ela vê o celular e minha expressão apavorada.

— Está tudo bem, querida? — Ela inclina a cabeça e dá um passo na minha direção.

— Sim. Está tudo ótimo. — Meu sorriso parece massinha de modelar. Não tem nada de mim nele. — Volto daqui a pouco.

— Quero me juntar a você no pedido de adoção — diz Reid quando fecho a porta de vidro ao sair.

— Por que você está fazendo isso? — Estou tremendo tanto que tenho medo de deixar o telefone cair. Puxo o capuz do suéter sobre a cabeça, como se o frio fosse responsável pela reação do meu corpo às palavras do Reid, e sigo em direção ao riacho. — Por quê?

— Eu falei com meu pai...

— Então estamos falando de uma decisão *legal*? Você quer proteger o seu rabo ou alguma merda assim enquanto eu estou tentando dar um lar pra ele...

— Não. Não é nada disso.

Percebo, nesse momento, que ele está falando baixinho. Quase sussurrando.

— Onde você está?

— Em San Francisco. Com a Dori. O aniversário dela é amanhã, e viemos passar o fim de semana aqui. Foi por isso que eu não te liguei. Eu sabia como você ia reagir.

No curto espaço de tempo que estou aqui, já comecei a aplainar o caminho da casa até o riacho.

— Deixa eu adivinhar. Você ainda não contou pra ela.

— Não.

— Mas contou pro seu pai.

— É. E planejo contar pra Dori. Hoje. Eu só queria esperar... — Ele suspira. — Eu queria que tivesse um jeito de eu não ter que contar pra ela. Não sei como ela vai reagir.

— Você está num hotel? São tipo oito da manhã aí... Você está no quarto?

— Nosso quarto tem uma varanda privativa. Estou do lado de fora. — Ele ri baixinho. — Com uma coberta. Jesus, está mais frio aqui do que em Los Angeles.

— Não quero falar sobre o clima, Reid.

Chego ao riacho e à minha pedra preferida, com a superfície lisa congelante. O ritmo lento da correnteza é tranquilizador. Puxo o suéter e levo os joelhos até o peito, tremendo e expirando nuvens de hálito quente que desaparecem rapidamente.

— Tudo bem. É. Eu sei. — Ele suspira. — Meu pai acha que a melhor coisa seria nos juntarmos ao pedido que você já iniciou.

— Não entendo por que você está fazendo isso, Reid. Você nunca demonstrou nenhum interesse nele...

— Eu achava que ele não era meu, Brooke. Eu tinha essa convicção na minha cabeça anos atrás e nunca abri mão dela. Não até conversarmos, há alguns meses. Na verdade, não completamente até você me mandar aquela foto. E agora o fato de você não ter perguntado sobre o resultado do teste... Bem, obviamente você não precisa perguntar. Você já sabia o resultado.

Fecho os olhos. Sinto os raios de sol tocarem meu rosto através das árvores. Escuto o riacho balbuciando. E finalmente o perdoo.

— Eu sabia.

— Merda. Eu sinto muito...

— Nós éramos crianças, Reid. Éramos novos demais para estar *apaixonados* ou qualquer coisa assim.

São palavras vazias, é claro. Eu amei o Reid numa época. Durante tempo demais, eu me agarrei a uma crença boba de menina de que eu não o tinha entendido completamente mal. De que alguma parte dele também me amava. É hora de eu superar isso. Mesmo assim, não preciso nem quero ouvir a verdade nua e crua.

— Brooke...

— Reid, não. — Mal dá para escutar as minhas palavras.

— Eu só... Não quero que você tenha uma impressão errada...

— Tudo bem, então vamos deixar pra lá? — Pressiono a testa nos joelhos, enrolando o suéter no corpo como se fosse um cobertor. Não consigo lidar com isso neste momento.

— Brooke, eu te *venerava*. E o que eu pensei que você tinha feito com aqueles outros caras... Eu poderia ter lidado com isso de um milhão de maneiras diferentes e melhores. Sei que você me odeia por ter te abandonado, e eu mereço isso. Eu tinha me convencido a acreditar que ele não era meu e deixei isso tomar conta de todo o resto. Mas eu realmente te amei.

As lágrimas enchem os meus olhos e inundam a flanela fina que cobre os meus joelhos.

— Hum. Eu preciso ir — diz ele. — Te ligo amanhã, tá?

— Claro. A gente se fala amanhã.

Desligo e percebo duas coisas. Um, o Reid acabou de dizer que me amou um dia. Dois, eu ainda não sei ao certo por que ele quer adotar o nosso filho.

Dori Quando acordo, o relógio na mesa de cabeceira marca pouco mais de oito da manhã. Reid não está na cama ao meu lado, e o lençol não está quente. Eu me levanto e visto o roupão, que nem chegou a sair do cabide ontem à noite. Vermelha por causa da lembrança do cumprimento da promessa que o Reid fez antes do jantar, saio pisando nos nossos sapatos, na minha lingerie, na camisa e na gravata dele, em dezenas de grampos de cabelo.

Eu insisti em dobrar o vestido e colocá-lo na cadeira da escrivaninha.

Reid não está em lugar nenhum. Franzo a testa, me perguntando se ele saiu da suíte para pegar alguma coisa, quando o vejo na varanda, de roupão. Apesar dos raios de sol nas almofadas externas, o ar aqui ainda está bem frio nessa época, e o nosso quarto fica no topo do hotel — ainda mais frio.

E Reid está lá fora. No celular.

Eu poderia ir tomar banho. Ou pedir o café da manhã. Ou catar as peças de roupa e lingerie espalhadas da porta da suíte até a cama king size, pensando no fato de que precisamos arrumar as malas e fazer o checkout daqui a algumas horas.

Em vez disso, vou até a porta e a abro devagar. Meu corpo dói ao ouvir sua voz rouca e baixa, de modo que apenas algumas palavras chegam até mim: *Venerava. Milhão. Melhores. Meu. Te amei.*

Devo ter feito algum barulho, porque ele vira e olha direto para mim, ainda falando. Com ela. Eu sei que ele está falando com *ela*. Ele diz que precisa desligar, que eles se falam amanhã. Então encerra a ligação enquanto eu recuo para o quarto e me segue, fechando a porta depois de entrar.

Eu não sabia que isso aconteceria tão cedo.

Ele joga o celular numa mesa baixa, me alcança em quatro passos largos e segura os meus ombros, me parando antes que eu me apoie numa parede.

— Dori, a gente precisa conversar. — Ele engole em seco, e acho que nunca vi alguém tão apreensivo. — Vou pedir o café da manhã. A menos que você já tenha pedido.

Balanço a cabeça: *não*.

Ele me leva até o sofá e me senta num canto antes de abrir o cardápio do serviço de quarto e fazer nosso pedido. Nessa ligação, sua voz está cheia da autoconfiança de sempre, mas ela desaparece assim que ele senta ao meu lado, o azul-escuro dos seus olhos se afastando e vasculhando o quarto, como se procurasse fora de si as palavras que precisa dizer.

— Tudo bem. Você sabe quem é Brooke Cameron?

Faço que sim com a cabeça.

— Sei.

Ele solta uma respiração longa, com uma das mãos na nuca.

— Bom, a gente costumava sair. — Seus olhos observam os meus de perto, me analisando. Não sei se quero esconder meus pensamentos ou abri-los todos para ele. — Muito tempo atrás... Cinco anos.

A maioria das pessoas despreza relacionamentos que acontecem aos catorze ou quinze anos. Amor infantil. Paixonite. Paquera. Mas eu sei muito bem que coisas sérias podem acontecer aos quinze anos.

— Não terminou bem. — Ele passa a mão pelo cabelo, sem conseguir parar de se mexer. — Foi bem horrível, na verdade. Eu achava que ela tinha me traído. E eu terminei com ela sem terminar de verdade. Uns dois meses depois, ela me ligou e disse que estava grávida.

Grávida?

Meu cérebro se lembra do Colin e do que eu faria ou diria se o encontrasse agora. Ele me descartou sem nenhum motivo que eu saiba, apesar de a Deb ter sugerido que o fato de ele ter feito dezoito anos enquanto eu tinha quinze foi suficiente. Eu nunca falei para ele que estava grávida. Eu sabia que ele não se importaria.

— Dori? — diz Reid, com a mão no meu rosto. Olho para os seus olhos preocupados. — Você ficou distraída. Fala comigo.

Balanço a cabeça.

— Eu não entendo. Por que ela está ligando pra você agora? — Assim que as palavras saem da minha boca, eu sei a resposta. *Não. Não. Não.*

O maxilar dele flexiona e a garganta se mexe.

— Ela deu o bebê pra adoção.

Mordo a parte interna da bochecha e aperto as mãos no colo.

Ele pousa as mãos sobre as minhas.

— Meu Deus, suas mãos estão congelando. Podemos falar sobre isso depois...

— *Não.* — Minha voz é a única coisa sólida que sobrou em mim, e ele se encolhe. — Termina. Por favor, termina.

Ele fecha os olhos brevemente antes de responder.

— Ele é meu, mas eu não sabia. Não falei com ninguém sobre isso, Dori. Meus pais não sabiam. Nunca contei nem ao John.

— Como você sabe que é seu?

— Acabamos de fazer um teste de paternidade.

Acabamos. Tipo, recentemente.

Estou perdendo alguma coisa e não sei o que é. Quando uma criança é adotada, os pais biológicos não são mais uma questão.

— Mas você disse que ela deu o bebê... Por quê...?

— Alguns meses atrás, ela contratou uma detetive particular pra procurar a criança. Ela estava tendo pesadelos com ele e simplesmente queria saber se ele estava bem. A detetive descobriu que ele tinha sido removido do lar adotivo meses antes, por causa de problemas com drogas e negligência. Ele agora está num lar temporário. E ela... ela está se candidatando pra adotá-lo. E... eu também.

As mãos que ele achou que estavam frias instantes atrás parecem gelo e em seguida ficam paralisadas. Não consigo sentir nada. E aí, de repente, eu sinto tudo.

Ondas de frio descem da minha nuca até os dedos dos pés, milhões de picadas minúsculas como farpas penetrantes. Como se algo de fora agarrasse a minha garganta, tenho dificuldade para respirar e tudo em volta vira um borrão.

— Eu te contei... tudo que aconteceu comigo e... com o Colin. — Ofego. — E você nunca falou... Você nunca me contou...

— Dori, eu não... eu não sabia. Eu achava que a Brooke tinha me traído. Eu juro que achava que o filho não era meu. Nós dois éramos tão jovens e burros e teimosos... Não conversávamos como você e eu conversamos...

— Como você e eu conversamos? Como naquele momento em que você me contou que tinha um filho com outra pessoa?

Ele deixa cair a cabeça nas mãos.

— *Eu achava que ele não era meu*, e não tive nada a ver com a decisão dela.

— Quer dizer que você deixou ela fazer essa escolha... sozinha? E agora você tem uma segunda chance de fazer a coisa certa porque ela fez uma escolha diferente da minha? — Eu me afasto dele, mas ele estende a mão e segura os meus pulsos.

— Que droga, Dori, não. Não é assim...

— Você disse que vocês dois vão adotá-lo. Quer dizer... que vocês vão voltar?

— Não. *Não*. Jesus. Não se trata de mim e da Brooke... Se trata apenas do River. O filho dele tem nome. Claro.

— River?

— Ele tem quatro anos e meio. Eu tenho uma foto... — Ele me solta, se levanta para pegar o celular na mesa e sai clicando. Quando me oferece o aparelho, estendo a mão para pegá-lo, pensando: *Eu não o conheço*.

Mas eu o vejo nas feições do filho. E, se alguém precisa ser salvo, é esse menino. Sua tristeza é inconfundível, espelhando tantos rostinhos desde o leste de Los Angeles até Quito — crianças que carregam o peso do mundo nas costas. Um mundo que elas não criaram nem pediram para ser abandonadas nele.

— Meu pai vai contar pra minha mãe neste fim de semana. Ele vai conversar com alguns contatos no Tribunal de Família de Los Angeles amanhã, e nós vamos pra Austin na terça-feira pra falar com o advogado da Brooke e, possivelmente, com a assistente social e o juiz. Por último, mas não menos importante, não sei quando isso vai a público, mas, quando isso acontecer, vai ser um circo. — Ele pega o telefone da minha mão e inclina o meu queixo, olhando nos meus olhos. — Dori, fala alguma coisa.

A batida brusca na porta nos assusta.

Ele suspira.

— Acho que é o café da manhã.

Enquanto ele se levanta para deixar o atendente entrar, eu encaro a janela, vendo os barcos na baía. Daqui, eles parecem brinquedos controlados por rádio. Imagino que as pessoas com aparelhos de controle remoto são semideuses entediados ocupando quartos como este nos andares de cima de altos edifícios.

Sinto os olhos dele em mim, e nenhum de nós fala enquanto a mesa do café da manhã é posta.

Ele não é o garoto arrogante e egoísta que apareceu na Habitat no último verão, me chamando de hipócrita por desprezá-lo e, depois, provando que valia a pena salvá-lo. Não é o garoto que me fez ser *imprudente* com ele no último outono, porque ele era seguro. Não é o garoto que apareceu do outro lado da porta de tela da casa dos meus pais semanas atrás, me dizendo que estava *totalmente dentro* antes de me carregar escada acima e fazer amor comigo na minha cama de infância.

Este é Reid Alexander, a fantasia de garotas comuns. E, em poucas horas, essa fantasia vai acabar. Vou voltar para a minha vida, e ele vai voltar para a dele.

Reid

Dori está tão quieta no percurso de volta para o dormitório quanto estava na viagem para a cidade duas noites atrás. Paro numa rara vaga livre no estacionamento e me ofereço para entrar com ela, mas ela tem que estudar para aquela prova e, se eu sair desse carro, existe a possibilidade de eu ser reconhecido — e ela não precisa lidar com isso neste momento.

Nós nos inclinamos por sobre o console do centro para um beijo de despedida, até que eu murmuro “Foda-se”, afasto o banco para trás ao máximo e a puxo para o meu colo.

— Humm. Melhorou. — Enfio a mão nos cabelos dela, puxo sua boca em direção à minha e a beijo profundamente, cada deslizada da minha língua na dela, cada carícia compartilhada uma declaração de tudo que ela significa para mim.

Inspirando, trêmula, ela apoia a cabeça no meu ombro.

— Você não encorajou muito tempo de estudo este fim de semana, sabia? — A mão dela se apoia no meu coração.

— Bom, *eu* tive muito tempo de estudo. Tenho certeza que eu poderia te identificar numa fileira com apenas umbigos, joelhos ou dedinhos do pé agora, sem contar as partes que eu já decorei séculos atrás. Por exemplo, eu poderia ter te identificado por esses lábios deliciosos dois dias depois de te conhecer.

Ela pisca para mim e inclina a cabeça de novo no meu braço.

— Mas você não me beijou até, você sabe, o closet cor-de-rosa.

Eu lhe lanço um olhar sugestivo.

— Eu lembro, mas esses lábios foram uma das primeiras coisas que percebi em você. Eu não conseguia parar de pensar neles, lá na casa ou fora dela. Eu te beijei umas cem vezes na minha imaginação e, depois que te beijei de verdade, tudo que eu conseguia pensar era em fazer isso de novo. — Passo o polegar no seu lábio inferior carnudo, me lembrando de todo o tempo miserável que passei tentando seguir em frente e esquecê-la. Não precisei de mais que dois segundos depois de vê-la de novo para perceber que eu não tinha me esquecido de nada.

Eu queria poder ler a mente dela. Ela é uma garota pensativa, e não é incomum ela encarar o nada, perdida em pensamentos. Normalmente, fico fascinado quando ela

faz isso — as emoções alternadas cruzando seu rosto, marcadas por leves sorrisos, testas franzidas ou caretas. É assim que eu me sinto agora, quando não consigo fugir da consciência desconfortável de que suas contemplações me preocupam.

— O que você está pensando?

Ela pisca, distraída, depois me encara com olhos tão sombrios e insondáveis que tenho certeza de que nunca vou conhecer todos os mistérios por trás deles. Mesmo que eu não possa segui-la quando ela se volta para dentro de si desse jeito, quero que ela saiba que eu sempre estarei ali para trazê-la de volta para a terra antes que ela afunde. Que eu não vou soltá-la.

— Não quero me despedir — diz ela, com os olhos brilhando.

— Então não fala nada — digo, ignorando a sutil premonição em suas palavras, o fato de que ela não fez nem uma pergunta sobre o River, a Brooke ou a adoção e minha vontade de ouvi-la dizer, ao menos uma vez, que me ama.

River

A Wendy me falou que eu posso conseguir uma nova mamãe. Que eu posso ir morar com ela.

A moça social veio falar comigo sobre isso — o nome dela é Kris. Às vezes ela vem falar comigo. Sobre a mamãe. Ou sobre a Wendy. Ou sobre como eu me sinto ou o que penso quando escondo comida. Ela disse que eu ia encontrar a moça que pode querer ser minha mamãe (só que a Kris falou “mãe”, e não “mamãe”). Depois, ela disse:

— Você pode fazer um desenho sobre isso?

É isso que eles sempre querem que eu faça. Um desenho.

Eu não quero uma nova mamãe. Quero ficar aqui com a Wendy, e quero que o Sean encontre uma nova mamãe. Mas não sei como desenhar isso.

Brooke — Então, o que você está me dizendo é que vamos fazer um scrapbook. — Reid ergue uma sobrancelha e me lança um olhar de perplexidade explícita. Fotos e material de scrapbooking, emprestados pela minha madrasta, estão espalhados sobre a mesa de fazenda enorme e arranhada na cozinha da Kathryn, onde estamos sentados lado a lado num banco.

— Meu assistente social, Sheldon, chama de livro da vida. Mas, sim, basicamente é um scrapbook.

— E nós temos que fazer isso porque...?

Solto um suspiro pesado. Não posso culpá-lo — artesanato é algo que nenhum de nós faz sem um motivo muito bom, se é que fazemos.

— A assistente social do River vai dar a ele, pra mostrar quem somos e onde moramos. Onde ele vai morar. Espero que a mãe temporária leia o que escrevermos para ele. O Sheldon diz que algumas crianças ficam animadas pra caralho de sair dos lares temporários, e outras não, então isso ajuda.

Reid ri.

— Sheldon, o assistente social, disse “animadas pra caralho”?

Dou de ombros e também rio.

— O Sheldon é bem tranquilo.

Ele balança a cabeça.

— Só estou tentando imaginar a Dori falando isso pra um cliente. — Um canto da sua boca se curva para cima. — Não. Isso não vai acontecer.

Não é a primeira vez que eu me pergunto sobre essa garota tão inesperadamente significativa para o Reid. Ele pega o celular no bolso da frente e o verifica pela terceira vez na última meia hora. O que quer que ele esteja procurando não está lá.

— Já que você pegou o celular, vamos conectá-lo ao meu computador pra imprimir as fotos que você tirou. — Eu me levanto, e ele me segue pelo corredor até o meu quarto.

Enquanto ligo o notebook, ele analisa o meu quarto. Não tem muita coisa, sinceramente. Sou minimalista aonde quer que eu vá. Arranquei do meu apartamento em Los Angeles todas as mesas de vidro e os estofamentos brancos antes de me mudar, mas não estou acostumada a algo aconchegante — não naturalmente, o que me preocupa em relação ao River. E se *aconchegante* for necessário para uma criança da idade dele? Nunca pinteí as paredes com nada diferente de tons neutros. Não havia nenhuma foto aparente em nenhum lugar do apartamento. Meus móveis da sala de estar nunca estimularam um cochilo. Eu nunca tive um animal de estimação, nem mesmo um peixe. Eu mato plantas.

— Você é diferente aqui — diz Reid.

Olho para trás e o vejo subindo na minha cama, com uma perna comprida na lateral, o pé no chão, a outra dobrada para que a sola da bota não encoste no meu edredom branco. Ele se reclina na montanha de travesseiros e cruza as mãos atrás da cabeça, os antebraços flexionados sob as mangas da camisa social azul-clara dobradas de maneira casual. A cabeça dele se inclina para o lado enquanto ele inspeciona o quarto e a mim, e viro de novo para o computador para não mostrar que estou com vergonha.

Acho que sei o que ele quer dizer — só não sei se me importo com sua análise. Eu gosto de ser olhada quando me arrumei para parecer gostosa. Não é o caso, neste momento. Ignorando meu secador de cabelo e minha chapinha, não me preocupei em domar meus cachos naturalmente bagunçados e transformá-los na crina loira e macia como uma cachoeira pela qual sou famosa. Estou usando uma camiseta térmica de manga comprida cinza sobre uma calça jeans justa e minhas botas de caubói preferidas. Nada em mim diz “Los Angeles” neste momento — nem “Hollywood”.

— Como assim? — pergunto, fingindo não estar preocupada enquanto abro a pasta de fotos.

Ele pensa antes de falar, o que é atencioso ou perspicaz.

— O jeito como você está vestida, a falta de maquiagem... Seus gestos e suas expressões estão, não sei, mais relaxados? E seu sotaque está mais destacado. Você

está menos...

Viro e lhe lanço um olhar cínico.

— Menos estilosa? Menos sofisticada?

— Eu ia dizer... menos *falsificada*. Eu sei o que você pensa da sua mãe e como você não quer ser igual a ela. Mas você *não é* igual a ela. Nunca foi. Sua madrasta? É com ela que sua voz se parece. Eu sei disso, agora que a conheci. Apesar de que seu período em Los Angeles deve ter enfraquecido o seu sotaque para sempre. — Ele me olha através dos cílios escuros e grossos pelos quais algumas loiras cometeriam homicídio. — E eu sempre achei que isso era uma perda lamentável.

— O que você quer dizer com “falsificada”?

Suas sobrancelhas se unem.

— Você faz bem o papel de garota de Los Angeles. Mas é um papel, não é? Você também estava assim quando passei no seu apartamento algumas semanas atrás. *Essa* é a verdadeira Brooke Cameron.

Preciso de muito esforço para não cair da cadeira.

— Uau. Quando foi que você se tornou tão psicanalítico? Sua namorada é responsável por essa consciência inédita e atípica?

Ele sorri.

— Provavelmente.

— Interessante. Acho que preciso conhecê-la.

— Você vai conhecer, sem dúvida.

Inclino a cabeça, impressionada pelo que acabei de descobrir. Ele está apaixonado por ela.

— Você está sério mesmo em relação a ela.

Ele faz que sim com a cabeça, mas não parece feliz. Humm.

— Você contou a ela sobre tudo isso? — Movimento um dedo entre nós. — O River, a adoção...

Ele faz que sim com a cabeça de novo, com os lábios comprimidos.

— Ela teve que lidar com umas coisas pesadas ultimamente. Isso mexeu com a capacidade dela de confiar.

— Tenho certeza que *isso* não ajudou em nada. Nem o fato de você ter escondido dela.

Sua boca se retesa, e ele balança a cabeça uma vez.

— Hum, não.

— Por que você fez isso, então, Reid?

— Por que eu escondi dela?

— Não. Isso é problema seu. Quero saber por que você está fazendo isso. Por que

você quer adotar o River.

Ele tira um fiapo de grama das botas — polidas, elegantes e pretas, não são botas de caubói, como as minhas, nem botas de trabalho, algo que o Graham poderia usar. Perfeito garoto de Los Angeles. Mas, em Austin, hipster total. Não que ele se importe.

— Acho que é resultado de quem eu me tornei depois que conheci a Dori. Desde que fui condenado a trabalhar naquela casa. É tipo... Eu vejo questões que não via antes, e minha relação com elas. Minha obrigação de fazer alguma coisa onde eu possa. — Ele me olha direto nos olhos. — No caso do River, é uma responsabilidade bem pesada.

— A *única* vez que eu senti esse tipo de responsabilidade foi no caso do River — admito. — Duvido que eu jamais venha a ter algum senso de compromisso social, mas eu me sinto ligada ao River, mesmo sem nunca tê-lo visto.

Ele dá de ombros e diz: — Ele é parte de você.

Levo o notebook até a cama e sento, entregando-o a ele.

— Ele também é parte de você.

Ele conecta o celular e abre as fotos que eu pedi — dele, da casa dos pais dele e do quarto que eles separaram para o River.

— Esse não era o seu quarto? — Reconheço a localização das janelas e as portas deslizantes escuras do closet. Faz cinco anos, mas me lembro do quarto do Reid melhor que de qualquer casa ou apartamento em que minha mãe e eu moramos naquela época.

— Eu me mudei pra suíte da minha avó alguns meses depois...

— Depois que nós terminamos. Pode falar. Não vou desabar, sabia? — Sentamos ombro a ombro na minha cama, o que parece tão inacreditável quanto o assunto que estamos discutindo na maior calma. — Sei que pode ser difícil ouvir isso, Reid, mas eu superei você.

Ele dá um sorriso forçado.

— É, quando você começou a Operação Graham na última primavera e me usou pra seduzir a Emma, eu meio que imaginei que você tinha me superado.

O Graham de novo. Fecho os olhos e pressiono o peito. *Maldição*.

— Você ainda fica mexida, não é? Acho que você realmente amou esse cara. Meu Deus, eu nunca vou levar a Dori pra perto desse cara. Porque, sério. — Suas palavras são meio engraçadas, mas o tom não é nem um pouco.

— Na última primavera, eu tinha muita certeza de que conseguia lidar com uma situação de tudo ou nada — digo. — Quando perdi o Graham, eu soube que isso não era verdade, mas era tarde demais. Naquele momento, eu teria dado qualquer coisa

pra voltar atrás. Nossa amizade me salvou; *ele* me salvou. Não importa o que eu fazia ou quem fingia ser, ele estava lá ao meu lado. Não sei quem eu seria se não fosse por ele.

Copiando as fotos para o meu computador para imprimi-las, Reid diz: — Me desculpa por ter feito isso com você, Brooke.

Balanço a cabeça.

— Não foi você. Percebi algumas coisas nos últimos dias. Tipo, como eu me senti quando meu pai foi embora, quando ele parou de prestar atenção em mim. Fiquei eternamente procurando alguma coisa ou alguém pra preencher esse vazio. — Envio as fotos do Reid para a impressora no home office do Glenn, fecho o notebook e o tiro do colo. — Existem vazios em todos nós, e alguns nunca serão preenchidos. Você não podia preencher a perda do meu pai, e eu te culpei por isso. O Graham não podia preencher esse espaço, e eu achei que era porque eu precisava de mais dele do que uma amizade. Mas isso nunca foi verdade.

Ele vira para mim.

— A Dori e eu fomos amigos primeiro. Acho que eu nunca conseguiria ser *apenas* amigo dela, mas essa parte é essencial. Eu a desejei quase desde o início, e estar com ela só me faz desejá-la ainda mais. Eu morreria se ficasse perto dela e nunca a tocasse. Talvez você tenha chegado a esse ponto com o Graham.

Balanço a cabeça.

— Sabe, essa é a parte idiota. Eu *não tinha* chegado a esse ponto. Eu me convenci disso, mas era mentira. Você e a Dori, vocês começaram um relacionamento. A amizade seria apenas um passo atrás que vocês não querem dar. Mas o Graham nunca se sentiu assim em relação a mim. Nunca. Fomos melhores amigos durante quatro anos, Reid. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Eu joguei fora o relacionamento mais próximo da minha vida toda, além da Kathryn, num jogo pra conseguir uma coisa que ele deixou bem claro que nunca quis.

Reid me abraça e me puxa para o seu peito. Eu não chorava pelo Graham havia meses. Em vez disso, me obriguei a aguentar esse sofrimento, aquele que me lembra o que eu fiz, sem ceder às lágrimas.

— Liguei pro Graham pra falar da adoção — digo baixinho. Reid se assusta e olha para mim, surpreso. — Eu sabia que a assistente social do River ia ligar pra ele e tive medo do que ele poderia dizer pra ela. — Respiro fundo, tremendo. — Ele me disse que eu não podia usar o River pra preencher minha necessidade de afeto.

Eu me afasto, pego um lenço de papel e olho para o Reid, cuja camisa está molhada com as minhas lágrimas.

— Reid, o River perdeu os únicos pais que ele conheceu. E é compreensível que

ele seja ligado à Wendy, e isso vai ser mais uma perda. Se fizermos isso, não vamos poder desistir. — Pego a mão dele e encaro seus olhos. — Por favor, não faz isso se você não puder apoiá-lo. Se você for começar uma nova família um dia e deixá-lo para trás. Ele não precisa de mais vazios.

Ele encara nossas mãos e diz: — Durante anos eu pensei que meu pai não me apoiava, mas estava errado. Ele estava *presente*, mesmo que não me entendesse a maior parte do tempo, mesmo que não me desse tanta atenção quanto deveria. — Ele volta o olhar para o meu e continua: — Eu vou estar presente, Brooke. Não quero fazer promessas que não posso cumprir, mas vou tentar ao máximo estar mais que presente. Só promete que, se eu fizer merda, você vai me avisar. E vai me dar a chance de corrigir.

Faço que sim com a cabeça.

— Está certo.

Reid ajeita o cabelo e abre a palma da mão.

— Então. Todas as garotas que eu conheço resolveram ficar espertas ao mesmo tempo? Quer dizer, que inferno, eu sei que sou fútil, mas Jesus. Seria bom *alguém* se contentar em ser um pouco mais superficial, só pra me fazer companhia.

A conversa fica mais leve, e eu desabafei — com o *Reid* — sem me diminuir. Seu comentário me permite voltar a um lugar onde meus pés alcançam o fundo.

— Tipo o John?

— Ah, é. — Ele ri. — Eu esqueci do John. Cara, não estou sozinho nessa.

Reid Quando a Dori não respondeu às mensagens nem me ligou ontem, não surtei. Ela tinha aula o dia todo, incluindo aquela prova de estatística com a qual estava preocupada. Mas era seu aniversário, e eu não consegui falar com ela. Acho que as amigas a levaram para

comemorar.

Mesmo que levasse trinta segundos para responder a uma mensagem.

Hoje é terça-feira, ela ainda não respondeu, e cada hora que passa torna mais difícil aceitar seu silêncio como a vida agitada de uma universitária ou como a bateria fraca do celular. Eu me pergunto se ela está bem, se os pais dela ao menos tentariam me ligar se ela não estivesse. E aí a dúvida se devo ligar ou não para eles. Tento me lembrar do nome das amigas dela. (Kayla alguma coisa. Aimee alguma coisa. Shayma alguma coisa.) Não estou tranquilo com o rumo que meus pensamentos estão tomando, porque *não* sou grudento, nem carente, nem dependente, nem possessivo.

Passei a maior parte do dia com a Brooke, primeiro no escritório do advogado dela com meu pai, e agora na casa da Kathryn, fazendo um scrapbook sobre nós para o River. Depois de imprimir fotos nossas e de partes de Los Angeles — trilhas de caminhada, parques, seu futuro quarto na nossa casa —, nós as colamos nas páginas, como alunos do jardim de infância.

— E aí, como planejamos explicar o nosso relacionamento pra ele, já que estamos pensando em tirá-lo da casa que ele conhece pra duas casas que ele não conhece? Pais que já são separados... Isso pode ser confuso.

Pensativa, Brooke morde um lado do lábio.

— Humm. Bom, precisamos convencê-lo de que somos amigos. Que não vamos arrastá-lo para um cabo de guerra. Em todas as nossas fotos estamos separados. Tem alguma de nós dois juntos e felizes? Mas não, você sabe, *felizes-felizes*. Talvez alguma foto tirada durante *Orgulho estudantil*? — Ela olha para minha expressão duvidosa e acena com a mão. — Ah, esquece. Nós praticamente nos odiávamos durante aquilo tudo...

Depois das revelações de hoje, me sinto ainda pior em relação a como a tratei naquela época. Sério, ter consciência é uma merda.

— A única foto amigável que eu me lembro é de cinco anos atrás. Aquela que imprimiram ao lado das fotos de nós dois no aeroporto de Los Angeles há algumas semanas, com todos aqueles boatos de por que estávamos viajando juntos.

Ela revira os olhos.

— Né? Porque nenhuma coincidência acontece com celebridades. — Ela dá um soquinho na própria testa e pega o celular. — *Dã*. Vamos tirar uma agora. Chega mais.

Juntamos a cabeça e sorrimos, e ela tira duas ou três fotos. Depois que escolhemos uma e ela manda para o notebook, digo: — Você sabe o que a mídia vai fazer com

essa história, né? O River. Nós.

Ela suspira e faz que sim com a cabeça.

— Não sei qual caminho eles vão seguir, mas provavelmente vão tentar nos fazer parecer uma pequena família pré-fabricada, ou seremos os novos modelos de Hollywood para a irresponsabilidade adolescente. Como se ter um filho fosse comparável a ir pra cadeia e ser internado várias vezes numa clínica de reabilitação por causa de vício em cocaína. Não me importo com o que eles dizem de mim...

— Isso é novidade.

Ela dá de ombros.

— Só não quero que o River se magoe por causa disso. Principalmente pela questão de ser ilegítimo. Então, eu estava pensando em dar à Rowena uma exclusiva pras primeiras fotos dele...

— O quê? *Não*. Por que você pensou em deixar um desses abutres tirarem fotos dele?

— Porque, pensa bem, Reid, vamos ser realistas. Eles *vão* tirar fotos dele. Essa história é incrível, e os bebês em Hollywood são alvo de muito interesse. Se pedirmos pra Rowena fazer isso, dispersamos pelo menos um pouco a atenção sobre ele para poder controlar como ele vai ser apresentado ao público.

Faço uma careta.

— Isso é terrível, mas faz algum sentido...

— Claro que faz. Olha. Ele tem quatro anos. Se conseguirmos administrar o modo como a história dele é contada agora, isso vai se tornar o registro aceito da vida dele. Depois que ele tiver idade suficiente pra perceber que somos seus pais verdadeiros, não vai ser grande coisa.

— Exceto quando ele descobrir que você e eu fomos *felizes-felizes* pelo menos uma vez, o que deveria ser nosso código secreto pra sexo. — Bato os cílios e imito uma voz feminina. — Reid, já que você vai ficar com o River este fim de semana, eu vou ser feliz-feliz com meu personal trainer!

— Cala a boca. — Ela me dá um soco no braço com força suficiente para ficar roxo. — Eu não transo com pessoas que trabalham pra mim. Que nojo. Além do mais, você tem conseguido ser muito mais *feliz-feliz* que eu recentemente.

— Está com ciúme? — Ela tenta me socar de novo, e eu a bloqueio e dou risada. — Você não disse que tinha decidido fazer o final da temporada de *A vida é uma praia* com aquele gostosão desmiolado com quem estava envolvida? Qual o nome dele mesmo? Xavier o quê? Tenho certeza que ele adoraria um pouquinho de feliz-feliz.

Ela esconde o rosto e ri.

— *Argh*. A gente ficou só uma vez. Ele é superbonito, mas não tem pegada.

— Diferente de mim. — Dou um sorriso travesso, balanço as sobrancelhas, e ela revira os olhos.

— Jesus, seu ego sempre foi gigantesco, mas parece que está maior ainda. Como é que a sua nova namorada lida com essa coisa? Ou é disso que você gosta no fato de ela ser uma garota comum? Ela fica de quatro porque o supergalã Reid Alexander só tem olhos pra ela?

Sinto que ela espetou meu bom humor com um alfinete.

— A Dori não é assim.

— Sério?

— Ela nunca ficou de quatro por minha causa nem impressionada por toda essa coisa de celebridade. Ela não pensa em mim desse jeito.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Se você está dizendo... Mas você não pode escapar de quem você é, Reid, nem ela.

E, com essas palavras, Brooke verbaliza exatamente o que está me preocupando. A estranha solidariedade que cresceu entre nós hoje serviu como distração para o meu desconforto em relação à Dori, mas foi só isso — uma distração.

— Vou sair e ligar pra ela — digo.

Mas é claro que a Dori não atende. Desligo quando sou transferido para o correio de voz, depois mando outra mensagem, na qual tento parecer que não estou prestes a surtar porque ela não me atende desde que saiu do meu carro, quarenta e oito horas atrás.

Dori

Reid Você não me contou como foi na prova. Está tudo bem? Deprimida por ter completado 19 aninhos?

Encaro a última mensagem do Reid novamente e sei que tenho que responder. Ele está em Austin, com a mãe do filho dele — um filho que eu não sabia que existia até dois dias atrás. Durante toda a noite de domingo, pensei no que ele disse. Que ele não sabia que o bebê era dele. Que ele não sabia como me contar.

Por essas palavras, deduzi que ele não queria me contar de jeito nenhum, e eu devia ficar com raiva, ou ser tolerante, ou ficar magoada com a mentira. Estou tudo isso, mas com a existência da criança, não com o fato de que ele não me contou. Depois que superei o choque, entendo por que ele não queria me contar.

Porque tinha medo que eu reagisse desse jeito. Talvez ele até soubesse que eu reagiria assim.

Já se passaram horas desde essa última mensagem, mas, quando respondo, ele me escreve imediatamente.

Eu

Sobrevivi à prova. 19 é uma idade estranha. Acho que eu devia me sentir mais velha. Ou mais nova. Não consigo decidir.

Reid Eu te conto sobre os 20 daqui a três semanas e meia. Acho que não vai mudar muita coisa.

Eu

Pelo menos vai ser uma década diferente. Progresso observável.

Reid Verdade.

Reid Nos reunimos com o advogado e o assistente social da Brooke. Eles vão tentar fazer tudo da maneira mais simples possível, pra que o processo não se estenda só porque eu me juntei a ele.

Reid Posso te ligar agora? Ou amanhã à noite, quando eu estiver em casa?

Eu

Tenho um grupo de estudos daqui a alguns minutos e um simpósio com um professor convidado amanhã.

Reid Tudo bem. Vou para Utah na quinta de manhã para começar a filmar lá, mas te mando uma mensagem.

Algumas fotos da nossa noite em San Francisco chegaram aos sites de fofocas. Foram poucos dias até alguém me identificar e, mesmo assim, ainda tem pessoas que não acreditam — porque, naquele vestido azul e com saltos altos, com o ombro do Reid bloqueando parcialmente o meu rosto, não me pareço nem um pouco com a garota da Habitat nem com uma garota comum de Los Angeles.

Os mais descrentes acham que eu sou uma coadjuvante do último filme dele ou do novo, que vai começar a ser gravado daqui a alguns dias. De acordo com os boatos, fazer um teste de cama em cama com o elenco feminino é normal para Reid Alexander. Tentei fazer a Kayla e a Aimee pararem de me mandar links para as fotos e reportagens, mas elas estão empolgadas demais por “conhecerem” uma celebridade como o Reid.

Minha mente volta alguns meses, para a época em que começamos a passar um tempo juntos na casa dele. Até a noite em que eu o provoquei por ter um livro popular com fãs predominantemente femininas na mesa de cabeceira. Ele afastou meu tom crítico e me informou que ia fazer o papel principal no filme, como se não fosse nada de mais. Então me deu aquele sorriso preguiçoso e me perguntou se poderia “dar vida a ele” na telona.

Ele sabia exatamente o que essas palavras provocariam, depois que se soltassem na minha imaginação.

Antes que eu pudesse esconder a surpresa, ele me provocou dizendo que eu era

uma daquelas garotas “estudiosas” que só se metiam em encrenca por ler depois da hora de dormir. (Eu era.) Antes de eu ir embora naquela noite, ele me beijou — muito — enquanto uma parte minúscula da minha mente era incapaz de parar de imaginá-lo como aquele personagem mal-humorado que eu conhecia bem demais.

Assim começaram as semanas que chamamos de “imprudentes” — e eu me preocupo, pelo menos do meu ponto de vista, com o fato de essa palavra definir todo o nosso relacionamento. O Reid leva a vida de um jeito imprudente, e, desde que a vida dele colidiu com a minha no último verão, eu ando desequilibrada. A trajetória da minha pequena órbita segura não pode contê-lo, e nem uma grande vontade vai mudar isso.

No domingo, ele me disse que, assim que a notícia sobre o River for publicada, tudo vai virar um circo. Não sei ao certo o ele queria dizer, não totalmente, mas tenho uma ideia melhor que a maioria. A *verdade* será apenas o que a verdade parece, não o que ela é. A mídia vai criar possibilidades, e os fãs vão engoli-las, criando suas próprias histórias. Eles vão querer ver o Reid e sua linda ex voltando, salvando o filho dos horrores dos viciados em drogas e do lar temporário, e não vão querer uma simples maria-ninguém se metendo no meio.

*

Claudia, Raul, Afton e eu vamos com o carro dela até a pizzaria Zachary’s para fazer um brainstorming para o nosso projeto em grupo. Afton e eu não temos carro, e o Fiat minúsculo e detonado do Raul só carrega duas pessoas e está sempre sem gasolina. Ele e a Claudia discutiram sobre isso o caminho todo até aqui e ainda não pararam.

— Você *nunca* dirige, mesmo naquela vez que éramos só nós dois.

Raul analisa o cardápio, as sobancelhas arqueadas de maneira defensiva em direção ao cabelo preto espetado.

— É, eu prefiro levar minha bunda de carona ou ir de ônibus pra qualquer lugar e ter uma vida social a comprar gasolina pra minha pequena armadilha mortal. Me processa.

— Bunda se encaixa bem — murmura Claudia.

— Você sabe que eles entregam pizza? A gente não precisava vir até aqui — diz ele.

— A Zachary’s não entrega. E os outros lugares são *muito* diferentes...

— *Vraiment!* — Afton interrompe em francês, apesar de que, pelos olhares que eles trocam, nenhum dos dois entende. — Este lugar é o melhor. Agora parem de

brigar, vocês dois. *Meu Deus*. — Ela pontua essa declaração com um biquinho, o que estraga o efeito de mãe durona.

Gesticulando para ela com o cardápio, Raul se opõe.

— Não estamos brigando, estamos discutindo. É isso que nós fazemos. Se você não gosta, vira pra lá. — Ele faz um movimento de vai-em-frente com a mão livre.

Afton revira os olhos.

— Eu voto por massa fina, com espinafre e cogumelos.

Raul fica horrorizado.

— De jeito nenhum. Sou macho. Preciso de carne e quero bem recheada.

— Isso é o que ele diz — resmunga Claudia.

Antes que Raul possa retribuir a agressão, percebo uma das garotas do meu prédio que me viram com o Reid na noite que ele passou no meu dormitório — uma das que receberam aquela piscadinha dele. Ela está sentada na mesa ao lado com várias outras garotas, e todas inclinam a cabeça ao mesmo tempo, me encarando.

— Oh-oh — Claudia me diz baixinho. — Acho que o seu disfarce foi descoberto.

— Que disfarce? O que está acontecendo? — Afton está com os olhos arregalados e falando num sussurro que pode ser ouvido a duas mesas de distância.

— Por. Quê. Estamos. Sussurrando? — pergunta Raul, sussurrando no mesmo volume alto.

— Podemos ir pra outro lugar? — pergunto, e todos me olham como se eu fosse louca. Tem uma multidão de pessoas esperando mesa, e nós temos uma.

Um garçom aparece, como se o ronco do estômago de Raul o tivesse invocado.

— O que vocês querem hoje?

Enquanto Raul e Afton fazem o pedido, Claudia aproxima sua cadeira um pouco, bloqueando a visão de umas duas pessoas na mesa de seis.

— É só ignorar.

Ignorar. Certo. Ajeito os talheres, consciente de que elas pegaram os celulares e agora estão tirando fotos. De *mim*. Quando eu estava com o Reid na noite de sábado, e ele me guiou para o restaurante com um braço na minha cintura, os flashes dos paparazzi eram diferentes. As fotos eram dele, e eu simplesmente estava com ele.

Aqui, estou sozinha, pedindo o jantar com amigos, vivendo minha vida de garota comum.

Exceto pela parte dos “desconhecidos me fotografando”.

— Por que esse bando de piranhas de fraternidade está tirando fotos de nós? — pergunta Raul quando o garçom se afasta.

Claudia cospe: — Não chama elas *assim*, seu machista...

— Você já viu o desfile delas no meu dormitório? Não. Você não viu. — Um dos

colegas de quarto de Raul é totalmente galinha e mais que habilidoso, de acordo com ele, para localizar e atrair todas as garotas carentes do campus. — Atualmente eu consigo dormir com qualquer barulho. Uma condição que me deixa triste por perder minha inocência.

Claudia solta uma risada abafada.

— Ah, por favor. Se *you* é inocente, eu sou o Dalai-Lama.

— Namastê — retruca ele.

— Com licença. — Ah, não. A garota do elevador está segurando uma revista, aberta numa página cheia de fotografias de diversas celebridades em toda parte, desde desfiles de moda até balcões de delicatessens e piscinas. Bem no centro: o Reid em seu terno cinza e sua gravata azul, e eu, um pouco escondida pelo corpo dele, com o vestido azul. — É você, não é? E, quando a Geneva viu vocês no elevador, era *ele*, não era? Quer dizer, eu entendo por que você quer manter a coisa discreta, mas *por favor*.

Cruzo os dedos embaixo da mesa.

— Somos... amigos. — Eu nem sei por que estou mentindo. *Eu odeio mentir*.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— E o que ele está fazendo com a *Brooke Cameron*? Quer dizer, você falou que o cara com quem você estava era seu namorado, quando a gente perguntou...

Droga de memória dessa garota.

— Ele só... não queria ser reconhecido.

— Porque ele não queria que ela soubesse que ele estava passando algumas noites com você?

Meu maxilar desaba. Por sorte, a Claudia diz: — Oi, escuta. Estamos tentando fazer uma sessão de grupo de estudos aqui. Ela disse que eles são amigos, e ela não tem nenhum comentário sobre quem-quer-que-seja-a-mulher. E, por favor, fala pras suas amigas que tirar fotos de pessoas que elas não conhecem é grosseria. Tchau.

A garota gira e volta para a mesa, onde as seis cabeças estão confabulando.

— Carambola — digo.

*

Na noite de quarta, surge uma foto meio borrada do Reid e da Brooke do lado de fora de um tribunal no centro da cidade de Austin na terça-feira de manhã. É quando a especulação começa de verdade. As fotos dos dois no aeroporto e no avião — cada um lendo uma coisa, sem encostar um no outro nem conversar — de repente parecem se tratar de uma briga de casal.

Aquela garota em San Francisco deve ser a causa, especula um site. A Brooke deve

ter voltado para o Texas, chateada, e ele foi atrás. Mas o que eles estão fazendo num tribunal?

Todo mundo tem uma opinião e, é claro, nenhum dos dois é alcançado para comentar.

Reid Por que você não está respondendo minhas mensagens nem atendendo minhas ligações?

Reid Toda vez que recebo uma mensagem, acho que pode ser a Dori, mas não é.

Hoje de manhã, minha mãe me mandou fotos da reforma no meu antigo quarto. Ela e meu pai marcaram reuniões de análise domiciliar, e todos nós preenchemos questionários tão invasivos quanto a Brooke me alertou que seriam. De algum jeito, minha mãe está *feliz* com o River, o que me acalma, mas não parece surpreender meu pai, que diz que sabia que ia pender para um dos lados.

Ele contou a ela, ela chorou, depois me ligou para dizer que estava orgulhosa de mim.

Ela só me disse isso uma vez antes: no dia em que eu bati num garoto na escola que tinha levantado a saia de uma garota na frente de todo mundo no parquinho e achou engraçado — até eu arrebentar a boca dele. Nós dois fomos suspensos, apesar de nossa escola particular exclusiva ter uma política de tolerância zero com violência. Engraçado como tolerância zero se transforma em vamos-tolerar-só-dessa-vez quando pais ricos resolvem o problema com dinheiro.

Isso foi dez anos atrás.

Acabei de receber uma mensagem da Emma, com quem só falei duas vezes desde o Festival de Cinema de Vancouver no último outono; receber uma mensagem dela é algo inesperado.

Emma Meu pai me ligou pra dizer que eu recebi uma ligação de um assistente social no Texas, e eu achei que era relacionado à Brooke, mas é a

VOCÊ!

Eu

Uau, foi rápido.

Emma ???

Eu

Estamos pedindo a guarda compartilhada.

Emma Espera. Devo estar alucinando. Eu li que vocês dois estavam... se encontrando e achei que não podia ser verdade. Mas VOCÊ e a BROOKE pedindo guarda compartilhada? Você pode falar???

Eu

Claro, tenho alguns minutos.

— Estou vendo que você anda lendo sites de fofocas — atendo em vez de falar “alô”, pegando uma garrafa de água no trailer de serviço de catering e me afastando da cena que está sendo gravada. Estou usando figurino completo e maquiagem, incluindo duas facas que parecem reais, uma presa num coldre no cinto e outra na bota, mas tenho quinze ou vinte minutos antes de entrar.

— Reid, você sabe que não tenho permissão pra ler essas coisas. A Emily lê pra mim. Ela só me mostra links ou me dá resumos do que eu preciso saber.

— Ainda? Acho que agora ela está te protegendo das legiões de perseguidoras do Graham, né? — Ela rosna, e não consigo evitar uma risada. — Bom, pode contar pra *Emily* que os boatos sobre o relacionamento reavivado entre mim e a Brooke não têm fundamento. Estou com a Dori. Não que ela esteja falando comigo.

— E a coisa da guarda compartilhada que você mencionou tão casualmente?

— É, isso é verdade. Ainda não é público, mas em breve vai ser.

Ela suspira.

— Reid, você sabe que, assim que isso for a público, vai dar a impressão de que você e a Brooke estão juntos, e a mídia vai forçar isso com tudo. Não conheço sua namorada, mas, se fosse eu, ficaria *muito* incomodada. Você precisa conversar com ela.

— Eu sei, mas ela não está atendendo as minhas ligações nem respondendo às minhas mensagens. Os pais dela me odeiam. Não conheço nenhuma amiga dela. Vou tentar fazer uma viagem rápida até Berkeley no sábado, mas neste momento estou preso no set de filmagem no meio de um desfiladeiro na porra de Utah... — Solto um resmungo de frustração total e paro a um milímetro de passar a mão no meu cabelo impecavelmente penteado. — E por que estou falando com você sobre isso?

— Porque eu sou intrometida?

Dou uma risada e solto um suspiro pesado.

— Eu sei que não sou uma *garota comum* comparada com a Dori. Principalmente porque vou confiar na minha carreira no cinema pra me ajudar a conseguir audições na Broadway. Mas eu sei como é ver milhares de garotas salivarem pelo meu namorado astro de cinema, sei como é ler boatos de que ele está pegando outras pessoas. Às vezes é difícil aceitar, mesmo que eu saiba que é tudo mentira. Mas eu confio mais no Graham do que jamais confiei em alguém.

Suas palavras me atingem como se eu tivesse levado um soco.

— Você acha que a Dori não confia em mim?

— Eu não disse isso. Talvez ela esteja se sentindo insegura. É difícil admitir isso. A insegurança faz a gente se sentir fraco e impotente, e isso atrapalha o relacionamento. Eu conheço bem como é se sentir assim.

— Mas ela não faz o tipo insegura. Ela é bem o contrário disso. Parece que ela não confia em mim. Mas por que deveria? Eu fiz merda quando não contei pra ela sobre o River. Assim como não contei pra você.

Ela suspira.

— Sabe, eu já te disse. O que aconteceu entre você e a Brooke, antes de mim, não era da minha conta. Eu teria superado o choque se não fosse, você sabe, o desfile de garotas logo depois.

Fecho os olhos.

— *Argh*, Emma...

— Esquece isso, já superei há muito tempo. O negócio é o seguinte. O Graham e eu compartilhamos coisas do passado, falamos sobre históricos pessoais relevantes. Mas só as coisas que afetam o *nosso* relacionamento. Nenhum de nós precisa saber ou confessar cada coisinha que aconteceu antes de nos conhecermos. Assim que você decidiu se envolver com o River, esse era o momento de contar a ela. E parece que você fez isso. Um pouco depois. Agora ela só precisa resolver isso na própria cabeça. Talvez ela precise de tempo. Talvez ela não queira ser madrastra com essa idade. E, se esse for o caso, você vai ter que escolher entre ela e o River.

Sinto como se ela tivesse acabado de descarregar uma tonelada de tijolos em cima

de mim, e mal consigo respirar. Porque o que ela acabou de dizer é verdade. É a mais pura verdade, porra. A Emma sabe bem como é ter que fazer essa escolha: aceitar uma criança que não é sua, bem no meio do seu relacionamento, como o fantasma de um amor antigo. Droga, por um momento tenho vontade de desistir dessa criança, que eu nem conheço, se isso fosse uma garantia para eu poder ficar com a Dori.

Mas que tipo de homem eu seria se fizesse isso?

Meu assistente me avisa que vou filmar daqui a dez minutos. Levanto a mão e faço um sinal com a cabeça para ele. *Porra*. Como posso filmar uma cena de luta agora, quando me sinto destruído? Preciso de cada segundo desses dez minutos para me recuperar.

— Tenho que ir. Obrigado, Emma.

— Me desculpa, Reid. Eu sei que não fiz você se sentir melhor...

— Não. — Dou uma risada leve. — Mas você me disse o que eu precisava ouvir. A gente se vê quando eu estiver filmando em Nova York.

*

Brooke ME LIGA QUANDO RECEBER ESSA MENSAGEM

Eu

Filmando. Não posso ligar. O QUE FOI??

Brooke Conseguimos uma visita de pré-colocação. Pode ser que a gente fique com ele mais cedo. A mãe adotiva teve um problema de saúde, acho que uma cirurgia, e eles não querem que ele seja levado pra um novo lar temporário e pra nós pouco tempo depois.

Eu

Merda. QUANDO?

Brooke Sábado. Você pode estar aqui? Eles precisam ver nós dois interagindo com ele. Você está fazendo o curso de paternidade online?

Eu

Sim e sim. Vou dar um jeito. Te ligo mais tarde.

*

Eu

Vamos receber uma visita do River no sábado de manhã, então não posso ir pra Berkeley neste fim de semana... Tenho que ir e voltar entre sexta e sábado. Sinto muito mesmo.

Eu

Dori, ME RESPONDE. Por favor.

Dori Tudo bem. Eu e a Shayma vamos ajudar com um lance de lavanderia gratuita para pessoas sem-teto no sábado, de qualquer maneira. Eu ia te mandar uma mensagem avisando.

Eu

Ia?

Eu

Se eu te ligar hoje à noite, você vai atender?

Eu

Estou com saudade.

Dori Eu também.

— Alô.

Não percebi como eu esperava ser jogado para a caixa postal de novo até ela atender. Como senti falta do som do seu “alô” até ouvi-la dizer.

— Oi. Você atendeu. — Pouco depois do alívio vem a raiva. Eu também não

esperava isso e começo minha contagem terapêutica silenciosa, na esperança de afastar esse sentimento ruim. Mas não funciona assim; a irritação me enche com a mesma rapidez que a esvazio, como um dia chuvoso num barco a remo cheio d'água, sem nada para esvaziá-lo além de uma lata.

— Me desculpa por estar tão ocupada — diz ela, e literalmente travo o maxilar para impedir as palavras que querem sair.

Respiro pelo nariz e conto. *Um. Dois. Três.* Até conseguir confiar em mim mesmo para falar.

— Podemos conversar, por favor? Você ainda está chateada?

— Não estou chateada, Reid. Só acho que não devemos apressar nada...

— O que você quer dizer com isso? Apressar nada? Quando você fala em *nada*, está falando de *nós*? Dori, o problema é o River?

— Não... Talvez. Não é *ele*, especificamente. Tem muita coisa acontecendo com você... O filme, o River, a Brooke...

— Dori, as coisas que andam saindo sobre mim e a Brooke nos tabloides são especulações ou mentiras. Você lembra de toda aquela merda que eles inventaram e divulgaram quando você *caiu* em cima de mim no verão passado? Que estávamos tendo um relacionamento secreto...

— Nós *tivemos* um relacionamento secreto...

— Mas não tínhamos naquele momento.

— Esse é o seu argumento?

— Bom, *sim*. Eu não disse que eles não adivinham certo algumas vezes. E eu preciso de um argumento?

Ela não responde. O silêncio é denso e sólido. Quero enfiar a mão pelo telefone e puxá-la para mim.

— Dori?

— Você não devia precisar se explicar, Reid. Você está certo. Eu só quero que você seja livre pra fazer o que precisa fazer...

— E eu não sou? Não sou livre pra fazer o que preciso fazer?

Silêncio de novo. Estou argumentando para deixá-la sem escapatória, porque é isso que sempre faço. Mas, se ela fica muda comigo, que diferença faz estar certo? Então recuo para o que eu sei. Como fui criado para lidar com conflitos. É simples, de verdade. Se a comunicação está piorando tudo, simplesmente paramos de falar no assunto.

— Suas férias de primavera são daqui a três semanas, certo? Até lá, as filmagens em Utah já vão ter acabado. Vou ter uns longos dias de trabalho na Universal, mas pelo menos nós dois estaremos em Los Angeles. Vamos passar o máximo de tempo

possível juntos. Vai ficar tudo bem. Eu prometo. — Sem pensar, pergunto: — Você confia em mim? — Como se essa pergunta não estivesse no centro de tudo e eu não tivesse contornado para voltar a ela, por mais que não fosse intencional.

— Você está fazendo a coisa certa, Reid, e estou orgulhosa de você por isso. — Essa é a segunda vez que ouço falar desse sentimento nos últimos dias, mas agora parece o prelúdio de algo indesejado. — As férias de primavera são daqui a três semanas, sim.

Tudo está esquisito. A cadência da voz dela não está certa — está desanimada, artificial, e não sei como consertar isso. Além do mais, ela não respondeu à minha pergunta.

— Posso te ligar depois de encontrar com ele?

Durante vários segundos, acho que ela não vai responder. Talvez já tenha ido embora. Mas então ela diz: — Claro. Isso seria bom.

Brooke Acabei de sair do telefone com Janelle, que está me implorando, pela zilionésima vez e por tudo que é sagrado, para não recusar Oceanos de papel. Ela recebeu a primeira ligação do produtor e está surtando porque vou dizer “não”. Tentar explicar meus motivos não adianta.

— Não vou mais falar sobre isso até você ter uma oferta na mesa — falei, completamente irritada. O que eu não falei, mas ela conseguiu entender de qualquer maneira: “e depois eu vou recusar”.

Quando o telefone toca, suponho que ela esteja ligando de novo com declarações sobre as Muitas Maneiras Como Estou Prestes a Destruir Minha Carreira, mas o número na tela não é familiar e começa com 512. Local.

Minha mão treme quando atendo.

— Alô. Aqui é a Brooke — digo, na voz mais confiante que consigo.

— Srta. Cameron. Olá, aqui é Wendy Long. Sou a mãe temporária do River.

Com o punho fechado para acalmar a tremedeira, eu me esforço para manter minha falsa compostura. Sei que essa mulher disse para a assistente social, o curador e o juiz do River que estava preocupada com o fato de eu adotá-lo, mas não sei exatamente o que foi dito. O Norman fica me lembrando que ela está só cuidando dos interesses do River, mas não consigo deixar de me sentir pessoalmente ofendida.

Faço o possível para esconder esse sentimento.

— Sim, Wendy, boa noite. — *Merda.* Usei automaticamente o primeiro nome

dela, algo que faço para equilibrar o jogo em confrontos com adversários. *Que ótimo.* Dou um soco na testa com aquele punho cerrado. — Por favor, me chama de Brooke.

— Ah, claro. Brooke. — Seu sotaque fanho é pesado, as palavras desaparecendo em finais macios, se fundindo e se juntando, um espelho do dialeto da minha mãe. Meu cérebro grita “caipira”, e eu me esforço para não atribuir esse preconceito pessoal a ela. — Achei que devíamos conversar sobre o River antes da visita de amanhã. O sr. Alexander vai acompanhá-la? Este é um bom momento para conversar?

— É, sim, tudo bem. O Reid vai chegar à cidade hoje à noite, e eu vou buscá-lo de manhã, no caminho para aí.

— Ah. Hum. Certo. Bem, sobre o River. Tem umas coisas importantes que vocês precisam saber antes de encontrá-lo.

— Tudo bem.

— Primeiro, e mais importante: ele não fala.

Tudo que eu sei sobre crianças aprendi nas últimas semanas. Posso não saber muito, mas sei que a maioria das crianças com quatro anos de idade tem conhecimento da linguagem e supostamente fala pelos cotovelos. A Kathryn diz que quatro anos é a idade das perguntas sobre o porquê das coisas.

— A Kylie era uma criança mais observadora e calada — disse ela —, mas, meu Deus, a Kelley perguntava *por que* um milhão de vezes por dia. “Por que as maçãs têm tantas cores? Por que o cachorro comeu aquilo? Por que os dentes caem? Por que eu não posso mergulhar do telhado na piscina?” A casa sempre parecia silenciosa quando ela dormia.

— O que você quer dizer exatamente? — pergunto a Wendy.

— Quero dizer que ele não fala palavras. Ele não se comunica falando.

— De jeito nenhum? Nunca?

— De jeito nenhum. Nunca — confirma ela.

— Ele tem... problemas de desenvolvimento? Pelo que aconteceu com ele? — Mordo o lábio e sinto gosto de sangue, amaldiçoando sua mãe adotiva. Mais uma vez.

— Acredito que não. Ele entende bem o que falamos com ele. E faz que sim ou balança a cabeça, e você obtém respostas básicas de “sim” ou “não”. E o mais incrível é que já ouvi ele verbalizar palavras e frases curtas durante o sono algumas vezes, geralmente no meio de pesadelos. Então ele *consegue* falar... Ele simplesmente não quer. É possível que ele nem saiba que consegue falar.

Franzo a testa.

— O que foi feito pra resolver isso?

— Ele tem consulta com um terapeuta uma vez por semana e com a assistente social uma vez por mês.

— De que adianta um terapeuta se ele não consegue ou não quer falar?

— Ele faz o River desenhar seus sentimentos. Ele é muito bom nisso. Ele é esperto, e é um bom artista. — Percebo o carinho entrelaçado nas suas palavras e quase surto. — Ele só teve uma vida difícil.

— É. Teve mesmo. Pretendo acabar com isso, sra. Long. Eu prometo.

— Por favor, me chama de Wendy. E... quero acreditar em você, srta... hum, Brooke. Mas as histórias nos tabloides, sobre você e o sr. Alexander também... Bom, estou preocupada. Tenho certeza que as fofocas são inventadas pra vender jornal. Quer dizer, vi uma na semana passada que disse que uma mulher deu à luz um bebê de treze quilos, e estou aqui pra te dizer que isso não é possível.

— Bom...

— Não me entenda mal. Vocês dois são jovens e bonitos, e não quero julgá-los pelo seu estilo de vida, qualquer que seja. Não é da minha conta, você entende, exceto no que diz respeito ao River. Ele não é... — Ela engole fazendo barulho. — Ele não é um brinquedo nem um animal de estimação. Ele foi magoado, e nem todas as roupas lindas e brinquedos novos do mundo vão consertá-lo. Ele é como um pequeno botão de flor que simplesmente não se abre, e pra ser honesta, com tudo que ele viu, não sei se ele vai conseguir isso.

As lágrimas escorrem pelo meu rosto e fecham minha garganta.

— Obrigada pela sua franqueza, Wendy. Agora deixa eu te falar a minha. — Minha voz é sincera, quase implorando, um esforço estranho, mas preciso que ela acredite em mim. — Não sei nada sobre criar uma criança, exceto como *não* fazer isso. Sei que ele precisa de um lar e de amor. E eu pretendo dar essas coisas a ele. — Respiro fundo, tremendo. — Se ele nunca quiser falar, vou ter que aprender a ser muito boa em interpretar desenhos. Ele pode desenhar nas malditas paredes, se precisar.

*

Reid desliza para o assento do passageiro da enorme caminhonete do Glenn usando óculos escuros e um boné de beisebol da Cal, uma camisa xadrez aberta sobre uma camiseta branca, calça jeans e mocassins. Parece um universitário bonito, não um símbolo sexual de Hollywood.

— Brooke Cameron, calçando botas de caubói num dia e dirigindo uma F-250 no outro. As surpresas não acabam... Qual é a próxima, um chapéu de caubói?

Mostro o dedo do meio para ele, mas Reid simplesmente arqueia uma sobrancelha e dá um sorriso presunçoso.

— Ahh, por favor, eu só estava brincando. — Seu sotaque fanho é exagerado em todos os sentidos. — Não precisa ficar brava.

Reviro os olhos por trás dos óculos escuros espelhados e encaro o trânsito assim que ele coloca o cinto de segurança.

— Posso ficar mais brava que isso, Reid Alexander. — Como se calçasse um par de botas confortáveis, reforço o sotaque que ele diz adorar. — Deixa essa boquinha fechada, senão você vai encontrar seu filho com o lábio inchado.

Por sorte, ele dá aquele sorriso iluminado e balança a cabeça sem nenhum outro comentário irreverente. Filho da puta arrogante.

Quando deixamos o centro da cidade e vamos em direção ao sul pela I-35, ele abaixa o volume da estação de rock alternativo e pergunta: — Você está nervosa?

Eu suspiro.

— Claro que sim. E você?

— Nunca me senti tão em pânico por conhecer uma pessoa em toda a minha vida. Concordo fazendo que sim com a cabeça e digo: — Isso resume bem a situação.

— Quanto tempo vai durar a visita?

— A Wendy disse mais ou menos uma hora, a menos que o River deixe claro que não aguenta mais, e aí é melhor irmos embora. Para não deixá-lo desconfortável.

Quando digo ao Reid o que a Wendy me contou ontem sobre o River não falar, seus pesadelos periódicos e alguns detalhes sobre seus pais adotivos, ele murmura “Merda” e olha pela janela durante vários minutos.

Dois anos atrás, o pai adotivo do River morreu num trágico acidente de carro. Eu me lembro vagamente dele, entre todos os possíveis pais adotivos que a Kathryn e eu analisamos naquele verão. Loiro, bonito, trinta e poucos anos, estabilidade financeira. O que me lembro melhor é de algo que ele escreveu no fim da declaração de possível pai adotivo: “Espero ser para o meu filho o mesmo pai amoroso e incrível que meu pai foi para mim”. Essa frase foi o ponto decisivo para eu escolher esse casal em vez de outro.

O pai dele está morto, a mãe tem mais de setenta anos e vive num asilo. Não há como eles ficarem com o River.

A mãe adotiva estava afastada dos pais havia anos, e eles não estavam dispostos a pensar em cuidar do River, que eles nem consideravam neto. Pouco depois da morte do marido, ela mergulhou num vício que não queria ou não conseguia abandonar, mesmo que isso significasse perder o filho — um menininho que não tinha mais ninguém no mundo.

Exceto eu.

— O que devemos dizer pra uma criança que não fala? — pergunta Reid,

finalmente, deixando de lado toda a leveza anterior.

— Ele consegue entender o que nós dizemos. E eu trouxe o livro da vida. Está no banco atrás de você.

Ele vira para pegar o scrapbook que começamos quando ele esteve aqui no início da semana, folheando as páginas enquanto vejo a saída à frente.

— Ficou ótimo, Brooke — ele murmura.

— Quando eu tinha uns seis anos, a Kathryn fez um álbum pra mim. Eu tinha ciúme porque a Kylie e a Kelley tinham livros com fotos e histórias de bebê sobre seus primeiros anos de vida.

— Sua mãe não fez um pra você? — Reid quer saber, e olho para ele como se perguntasse: “Sério?” — Acho que não é surpresa.

A Sharla fazendo um álbum de bebê personalizado? Definitivamente não.

— A Kathryn me disse pra levar algumas fotos na próxima vez que eu fosse à casa dela. Durante as semanas seguintes, reuni fotos minhas que encontrei em gavetas ou caixas lá em casa. Não havia muitas, apesar de eu ser basicamente filha única. A Kathryn comprou um diário numa feira de artesanato, colou letras adesivas cor-de-rosa brilhantes na frente, que diziam “Álbum da Brooke”, e compôs a minha história.

Eu não pensava nisso havia anos. Tinha me esquecido até agora.

— Você ainda tem esse álbum? Minha mãe definitivamente não é do tipo artesanal, mas manteve álbuns de fotos da minha infância. Até eu ter dez anos, mais ou menos.

Mordo o lábio até ele ficar dormente.

— Não. Não tenho mais. Cometi o erro de levá-lo pra casa. A Sharla o encontrou. Ficou furiosa. Rasgou as páginas e todas as fotos.

— Que merda, Brooke. — Ele me encara. — Isso é muito zoadado.

— É. Que modelo excelente de mãe, né?

A mão dela se fecha num punho no console entre nós.

— Seu exemplo é a Kathryn, não a Sharla. Você sabe disso, certo?

Eu sabia, sim, em algum lugar da minha mente. Só que nunca reconheci de forma consciente.

— É. Você está certo.

Entro numa rua de casas análogas de um andar, todas pequenas, cada uma com um grande quintal na frente, uma entrada de carros no lado direito e uma cerca de metal. Algumas nogueiras e árvores floridas salpicam a paisagem aqui e ali, mas essa extensão plana de área cultivada provavelmente era um terreno agrícola quando fizeram a subdivisão, de modo que não havia carvalhos antigos, como os que cercam a casa de Kathryn e Glenn.

— Chegamos — sussurro, observando o número da casa na caixa postal, que é cercada por um coração giratório pintado à mão. Meu coração bate com tanta força que sinto cada batida como se alguém estivesse socando meu peito por dentro, tentando escapar. Minhas mãos ficam geladas, embora seja um lindo dia de fim de inverno, com a temperatura em Austin a um ou dois graus de diferença de Los Angeles.

Enquanto caminhamos pela calçada longa e rachada, alterno entre examinar as imagens e inscrições de giz que decoram o concreto e olhar para a casinha tranquila que reconheço da foto que Bethany Shank me mostrou uns dois meses atrás. Reid me segue, silencioso, e pega a minha mão quando chegamos à porta da frente. Ele tira os óculos escuros e eu tiro os meus, e por um instante nos encaramos. Nunca o vi tão decidido.

— Lá vamos nós — diz ele, apertando a campainha. Quando escuto o eco de sinos dentro da casa, meus batimentos cardíacos aceleram. Reid aperta a minha mão e diz: — Está tudo bem, Brooke. A gente vai conseguir.

Não consigo soltá-lo.

E então a porta se abre, e a mulher de meia-idade que reconheço do fundo da minha única foto do River fica parada ali, com um sorriso fraco enfeitando o rosto. Seus olhos cor de mel são claros e gentis.

— Brooke e Reid, imagino? — ela pergunta, e nós dois fazemos que sim com a cabeça. Ela puxa suavemente o braço de trás de si, fazendo um garotinho surgir devagar ao lado direito de seu quadril. Tudo que vejo é um par de olhos azul-escuros e enormes em um rostinho miúdo. — Este é o River.

Dori A Shayma me cutucou pelo menos dez vezes hoje de manhã. Sempre que eu não estava prestando atenção e alguém me fazia uma pergunta sobre como operar as lavadoras e secadoras, quantas fichas são permitidas por pessoa

ou onde fica o banheiro público mais próximo. Depois que me desligo pela última vez, ela diz: — Garota, onde está sua cabeça hoje?

Apesar de minha colega de quarto ser uma das poucas pessoas que sabem com certeza sobre mim e o Reid, nunca fui muito fã de compartilhar muitas informações com alguém, mesmo com amigos confiáveis. Eu adoro a Aimee e a Kayla, mas tenho certeza absoluta de que elas contaram a todas as almas vivas da UCLA que são amigas da namorada de Reid Alexander. A Shayma sabe que nós dois saímos juntos e que nos conhecemos quando eu o supervisionei (ou melhor, quando eu *tentei* supervisioná-lo) na Habitat. Ela também sabe que não divulgo nosso relacionamento, nem ela — o que a coloca numa classe seleta de amigos.

Ocasionalmente, ela me surpreende com perguntas engraçadas, do tipo “Então, o Reid Alexander beija bem?” ou “Aposto que o Reid Alexander *arrasa* na cama, não é?”. Fico feliz que ela ainda não tenha descoberto minhas orelhas vermelhas e reveladoras. O olhar arregalado no meu rosto indica bem o meu desconforto, tenho certeza.

— Como você lida com todos os beijos que o seu namorado dá nesses filmes? — ela pergunta agora, com sua voz naturalmente discreta (graças a Deus), depois de entregar uma pilha de fichas de lavadora/secadora a um cara que provavelmente não lava nenhuma peça há meses. O cheiro faz meus olhos ficarem involuntariamente marejados, até ele ir a uma máquina com uma pilha de roupas sujas e uma pequena caixa de sabão doado que acabei de lhe entregar. Desconfio de que ele vai precisar de mais do que uma caixa.

— Sem falar nos boatos com as fãs ou ex-namoradas. Só isso já me deixaria completamente louca. Minha avó, aquela que se diz vidente, é uma rainha vodu cajun praticante. Ela adoraria arrumar um patuá pra você.

Ao ouvir a palavra “vodu”, arqueio uma sobrancelha.

— Tenho medo de perguntar o que é um patuá...

— É um amuleto de proteção. Às vezes pra sorte, mas geralmente pra afastar o mal. Imagino que ex-namoradas estejam nessa lista. Além disso, achei que você não ia querer seguir a superstição vodu ainda praticada, mas eticamente nebulosa, pra fazer

um homem ser fiel.

— Agora eu realmente estou com medo de perguntar.

Ela se aproxima e sussurra: — Você coloca uma gota do seu sangue no café dele.

— Eca! — Olho para o latte na minha mão, chocada.

— Né? — Ela dá uma risadinha. — Ouvi minha avó dizer à minha mãe pra fazer isso com meu pai quando eu era pequena. E minha mãe, secretária de um advogado, normalmente sensata, estava *escutando*. Nunca perguntei se ela fez isso... Se fez, não funcionou. Se não fez, bem, quem ia querer segurar um cara desse jeito, afinal?

— Mas usar um *amuleto* não tem problema. — Dou risada.

Ela dá de ombros e sorri.

— Essa é a primeira vez que te ouço rir nos últimos dias. — Quando fecho os lábios e suspiro, ela diz: — Os amuletos servem pra evitar coisas ruins, não pra obrigar as pessoas a fazer coisas que talvez elas não quisessem. Mas estou com você. Se e quando eu conseguir um cara que esteja interessada em manter, quero que ele fique comigo por querer. Não porque eu espetei um vodu dele com um alfinete.

Durante um programa a que estávamos assistindo no Hulu ontem à noite, vimos um anúncio do MTV Movie Awards, que é no próximo mês. Reid e sua colega de elenco de *Orgulho estudantil*, Emma Pierce, foram indicados para Melhor Beijo. Enquanto o clipe tocava, Shayma me lançou um olhar de lado, mas não disse uma palavra. Uma imagem mental indesejada dos dois repetindo os lábios grudados que fizeram todas as garotas que eu conheço desmaiarem (exceto a Claudia), com a premiação iminente, fez com que eu me sentisse temporariamente homicida.

— Talvez eu devesse pedir pra minha avó criar um patuá pra Emma Pierce — sugere Shayma agora, e eu abafa um rosnado. — Embora, supostamente, ela e o Graham Douglas sejam um casal de verdade há meses. Eles foram ao Festival de Cinema de Vancouver juntos no outono passado, e ela apareceu para um fim de semana romântico em Dublin alguns meses atrás, quando ele estava filmando lá. Eles são vistos juntos o tempo todo, sozinhos ou com amigos, às vezes com a filha dele. Especialmente perto da NYU, onde dizem que eles estão procurando apartamento.

Estreito os olhos.

— Você pesquisou tudo isso na noite passada, não foi?

— Não! Pesquisei hoje de manhã. — Ela dá de ombros e entrega fichas para uma mulher cansada com dois filhos pequenos a reboque, todos os três segurando uma cesta de roupas, e eu coloco uma caixa de detergente em cada uma das cestas. — Você parecia que ia esganar alguém quando aquele anúncio surgiu, só isso. Um pouco estranho pra uma garota tão tranquila, se quer saber a minha opinião.

Porcaria. Minha inexistente cara de blefe me traiu de novo.

Reid River não fala uma palavra durante a visita, é claro, mas parece curioso o suficiente para não sinalizar o fim da nossa visita. A primeira hora se passa sob a supervisão da Wendy, e ele nunca se afasta muito dela. Brooke e eu nos sentamos lado a lado no sofá surrado, com as pernas dobradas atrás de uma mesa de centro que, apesar de cheirar a polimento de madeira, foi desenhada, riscada e surrada até o inferno. Escorado perto da poltrona da mãe temporária, River apoia a estrutura delicada nela, como se esse suporte corporal fosse necessário para ele permanecer na posição vertical.

— Fizemos um álbum pro River guardar. Bom, a Brooke fez a maior parte. — Tiro o álbum do colo da Brooke e me inclino sobre a mesa para colocá-lo nas mãos da

Wendy. O River se aproxima, os olhos um pouco mais arregalados e a cabeça inclinada para analisar a capa, que tem uma vista da praia com o horizonte a oeste sobre o Pacífico ao nascer do sol. — Tem algumas fotos de Los Angeles, onde nós moramos, parques e outros lugares legais. E algumas fotos de nós.

Estendo a mão e aperto a mão fria da Brooke enquanto Wendy vira as páginas, lendo as descrições para o River, que não tira os olhos do álbum até terminar. E então ele se aproxima, volta para a página um e olha para ela com expectativa, até que ela comece a ler de novo. Brooke aperta a minha mão como se estivesse pendurada num desfiladeiro profundo, os olhos sempre colados nele.

Depois da segunda leitura, a Wendy entrega o álbum para o River e diz: — River, por que você não mostra o seu quarto pro Reid e pra Brooke? Guarda isso com seus outros livros.

Ele nos olha por um instante antes de abraçar o scrapbook e nos conduzir por um corredor curto e mal iluminado, entrando num quarto apertado que contém um conjunto de beliches, uma cama de solteiro separada, uma cômoda e uma estante. Não há espaço para mais nada. Enquanto estamos parados na entrada, ele caminha até a cama de solteiro e guarda o álbum embaixo do travesseiro. A fronha é coberta de desenhos em quadrinhos exibindo carros e caminhões em cores primárias, e penso que esse menino ia adorar o meu Lotus amarelo.

Ele se ajoelha na pequena parte livre do carpete e tira uma caixa de baixo da cama. Puxo Brooke pelo cotovelo para entrar no quarto e a faço sentar no chão ao meu lado.

— O que você tem aí? Ah, Legos! Eram o meu brinquedo preferido quando eu tinha a sua idade. Eu queria todos os conjuntos que eram lançados. — O que eu não digo é: eu *tenho* todos os conjuntos que foram lançados. Todos armazenados em algum lugar na casa dos meus pais, sem dúvida.

Nós três estamos sentados no chão do quarto construindo coisas quando Wendy aparece na porta e anuncia que é hora de se lavar para almoçar. Verifico meu relógio de pulseira grossa e fico atordoado ao descobrir que passamos quase duas horas aqui. Meus olhos encontram os da Brooke, e ela faz que sim com a cabeça sutilmente. Hora de ir.

Pigarreio.

— Também está na hora do nosso almoço. — River acaba de encaixar um tijolo de plástico sobre o que parece ser uma aranha solta do tamanho da minha mão, que ele fez com retângulos pretos e cinza. Ele usou dois quadrados vermelhos para os olhos — pelo menos eu acho que são olhos — numa criatura que só existe nos pesadelos para a maioria das crianças pequenas.

Com um intenso olhar azul, cheio de sua hesitação e com todos os motivos para

isso, ele me analisa e depois a Brooke, alternando entre nós. Brooke parece tão cautelosa quanto River, e quase igualmente silenciosa. Não tenho ideia do que ela está pensando; não consigo interpretá-la. Embora estejamos tentando adotar um filho juntos, por incrível que pareça, isso não significa que estamos muito mais familiarizados um com o outro.

— Obrigado por deixar a gente brincar, carinha. — Ainda sentado de pernas cruzadas, levanto um punho na direção dele, algo que eu poderia fazer com o John ou qualquer outro cara com menos de vinte e cinco anos. Ele observa os meus nódulos, as sobrancelhas pálidas se juntando e, por um instante, tenho certeza de que cometi um erro de cálculo descuidado, mas, depois de uma rápida olhada para o meu rosto, ele ergue um punho muito pequeno e bate de leve no meu.

E aí ele sorri. Um sorriso rápido e fraco, mas definitivamente um sorriso.

— Foi muito bom te conhecer, River — diz Brooke, com voz suave. Depois de me dar uma olhada, ele oferece o punho a ela, que morde o lábio e dá um soquinho delicado, com os olhos vidrados. E é nesse momento que acho melhor tirá-la daqui.

Brooke e eu vamos até a caminhonete num silêncio reflexivo. No meio-fio, viro e olho para a casa. River está em pé com Wendy na entrada, com uma expressão perturbadoramente impassível. Aceno e Wendy retribui. River fica parado como um soldadinho de brinquedo, reto e sem piscar, mas os dedos da mão direita balançam.

*

Nenhum de nós fala uma palavra durante os vinte minutos de carro até o meu hotel. A enormidade do que estamos fazendo é chocante demais. Precisamos de tempo para escolher as palavras e formular a ordem delas. Quando chegamos, Brooke estaciona a caminhonete e automaticamente me segue; percebo vagamente que outros hóspedes nos reconhecem no caminho entre a porta e o elevador.

Brooke e eu lançamos sucessos de bilheteria quase três semanas atrás, e eu tenho o papel principal na versão de um filme em produção de uma das novelas mais populares da década. Nossas classificações no STARMeter estão verdes e brilhantes, e nossos dias de andar no meio do público sem guarda-costas estão quase acabando — ainda mais quando estamos juntos. Está claro que estamos prestes a ficar muito tempo juntos.

Ela me segue do elevador até o quarto, se joga no pequeno sofá ao lado da minha mala aberta e olha pela janela com vista para o lago com o céu sem nuvens.

Posso fazer checkout mais tarde, mas já é meio-dia.

— Almoço? — sugiro, e ela faz que sim com a cabeça.

Pego o cardápio do serviço de quarto, pergunto o que ela quer, e ela agita a mão, murmurando: — Tanto faz.

Depois de pedir sanduíches e batatas fritas, pego duas garrafas de água no frigobar e me jogo na poltrona ao lado dela. Enquanto ela bebe em silêncio, engulo metade da minha garrafa.

— E agora?

Seus olhos se deslocam para os meus, e pisco com força. Ela parece arrasada.

— Eu quero ele, Reid. Nunca quis tanto alguma coisa na vida. É errado? Eu querer ficar com o River?

Durante o espaço de uma respiração, eu me pergunto por que ela pensaria que querer o River seria errado. E aí eu percebo.

— Você não confia nas suas próprias intenções.

Ela balança a cabeça, os olhos ficando marejados.

Eu me ajeito e pego a mão dela pela terceira ou quarta vez hoje. Ainda está tão fria que parece sem sangue.

— Brooke, eu nunca te vi tão insegura e, ao mesmo tempo, tão obstinada. Quando você disse que ia desistir de *Oceanos de papel* para ficar com ele, eu soube que tinha superado muito das minhas noções preconcebidas sobre Brooke Cameron. — A imagem do River batendo dedinhos nos meus me tira o fôlego. E aquele sorriso breve, que mal estava lá. — E acho que eu estou indo na onda, porque também quero o River. Dá pra ver que ele está bem lá com a Wendy, mas ela é uma solução de curto prazo, sempre foi. Meu pai estava certo. Se não fizermos isso, vamos nos arrepender. Mais cedo do que pensamos, imagino.

Ela franze a testa, confusa.

— Seu pai disse isso?

— Ahã. — Dou uma risadinha. — Fiquei chocado pra caralho.

— Então ele realmente está... aceitando bem o fato de você fazer isso?

Dou de ombros, pensando que a casa dos meus pais está num alvoroço para receber um menino de quatro anos que eles nem sabiam que existia há algumas semanas. Meu pai usou sua pinta de advogado hoje de manhã no escritório, embora o advogado da Brooke fosse genial e, quando saímos, os dois estavam criando estratégias juntos, como se sempre tivessem feito isso. Evidentemente, existe um problema com o fato de que só vou ter vinte anos na época e a idade mínima para adotar é vinte e um. Eles planejam abordar cuidadosamente o juiz com a alegação de que eu tinha quinze anos e não tive aconselhamento judicial quando abri mão dos meus direitos parentais.

— Ele está mais que bem, e minha mãe também. É bizarro. Em defesa deles, acho

que estabeleci expectativas bem baixas nos últimos anos.

Ela ri baixinho, uma lágrima escapando e escorrendo pela bochecha. Estendo a mão para secá-la, mas esse simples toque apaga seu sorriso. Ela engole em seco e senta de repente.

— Obrigada por dar um jeito na sua agenda pra ir lá comigo hoje.

Com os cotovelos nos joelhos e as mãos entrelaçadas, eu suspiro.

— Não precisa mais me agradecer. Estamos juntos nisso. Não estou te fazendo um favor. Estou fazendo o que eu devia ter feito desde o início. Assumindo a porra da responsabilidade.

Termino de arrumar a mala enquanto comemos, e ela concorda em me deixar no aeroporto, para eu não ter que ligar e pedir um carro. Quando saímos do hotel, há um único fotógrafo esperando lá fora. Ele se apoia na van e grita o nosso nome, mas nenhum de nós morde a isca. *Boa tentativa, babaca.* Por sorte, a caminhonete está estacionada na direção oposta, e, como só tem um fotógrafo, ele não se aproxima muito — apesar de eu ter certeza de que o zoom da lente cumpre esse papel.

Dori Meu celular registra uma chamada perdida do Reid, apesar de eu não ter ouvido tocar nem sentido vibrar. Parece que, quando eu tinha toda a intenção de atender, meu telefone ficou num hiato. Quando tento retornar a ligação, o telefone dele está desligado — cai direto na caixa postal —, e imagino que ele esteja em algum lugar entre o Texas e Utah. Deixo uma mensagem dizendo que vou estudar

no meu quarto hoje à noite.

— Me liga quando voltar pro seu... trailer, acho? Nos falamos mais tarde. Tchau.

Tento imaginar Reid num trailer de produção, mas, como nunca estive dentro de um, tudo que consigo visualizar é o interior de uma casa móvel comprada há alguns anos por um casal de vizinhos aposentados, depois que venderam a casa que tiveram por quarenta anos. Eles tinham muito orgulho da casa nômade apertada e das miniaturas de tudo — da geladeira até o chuveiro e o “quarto”, que era pouco mais que uma cama de parede a parede nos fundos do veículo.

Durante o “tour”, Deb se aproximou de mim e murmurou: — O que acontece quando o Oscar aperta o freio pra fazer uma curva fechada e a Ethel está na cama ou no chuveiro? Uma velhinha nua, molhada e irritada rolando até a cabine, só isso.

Quase morri engasgada tentando abafar o riso. Quando minha mãe virou e lançou um olhar meio desconfiado para nós duas, a Deb piscou e pareceu angelical, inclinando a cabeça na minha direção.

— A Dori engoliu o chiclete. — Ela bateu a mão nas minhas costas várias vezes. — Tosse que sai, Dori, tosse.

Entre a elaboração de uma página de citações para o meu artigo de introdução a psicologia e estudar para uma prova de introdução a sociologia, envio uma mensagem para a Aimee, que está indignada porque ela e a Kayla não vão ter férias normais de primavera porque a UCLA trabalha com trimestres em vez de semestres.

Aimee Só vamos ter DOIS DIAS das férias de primavera antes de começar outro trimestre! E a experiência da faculdade??? Isso é propaganda enganosa.

Eu Você não olhou o calendário acadêmico antes de se inscrever? Ou de se matricular?

Aimee É claro que não. :(

Eu Sinto muito. :(Mas eu vou estar em casa a semana toda, e você estuda em Los Angeles.

Aimee Mas você vai ficar com o REID, tenho certeza (não que eu te culpe). E... o Nick?

Eu As férias de primavera do Nick são uma semana antes das minhas, então só o primeiro fim de semana coincide. E o Reid, se estiver na cidade, sim. Mas ele está filmando. Então ainda não sei a agenda dele.

Aimee Dã. Ele vai estar filmando na Universal, então vai estar na cidade. Sei disso pelo Perez Hilton.

Eu Afff

Dez minutos depois, recebo uma mensagem da Kayla.

Kayla Ei, dá uma olhada no link que acabei de te mandar. Não quero ser portadora de más notícias, mas tem umas coisas que você **PRECISA** saber!

Eu Ok.

O link vai para um desses sites que eu gostaria que não existissem, em que a vida de pessoas como Reid é dissecada e exibida. É lá que encontro uma foto meio nebulosa com a legenda: “Reid Alexander e Brooke Cameron! Juntos novamente?” Eles estão entrando no elevador de um hotel. E, se isso não for suficientemente conclusivo, há uma foto incontestável dos dois algumas horas depois, saindo do mesmo hotel e entrando numa caminhonete.

Brooke Cameron é linda. Não é uma declaração invejosa nem irreal — é apenas a verdade incontestável. Ela é uma das garotas mais bonitas que já vi. Que teve um filho com o Reid. E estava com ele em Austin no sábado. Entrando e saindo de um hotel.

De repente, me sinto muito cansada.

Estou cansada de sentir ciúme, uma emoção que nunca experimentei de verdade antes do Reid, que de alguma forma se tornou muito desgastante. E implacável. E tão

exaustiva.

Fecho o site e mal registro as lágrimas que escorrem pelo meu rosto, mas não posso deixá-las me cegarem para a realidade. Se eu falar com o Reid, minha língua vai queimar com a necessidade de perguntar o que está acontecendo entre eles, se estiver acontecendo algo. E, mesmo que não esteja acontecendo nada — ainda —, não consigo acreditar que não vai acontecer. Ou mesmo que não deveria.

Eu não vi essa possibilidade, não em tão pouco tempo. Não desse jeito. Mas isso não importa, porque eu sempre soube que ele voltaria ao seu estilo de vida de Hollywood e aos seus colegas. Não posso culpá-lo, e não o culpo. Porque, ao buscar a adoção do filho, ele está escolhendo o caminho difícil. Ele está escolhendo o que é certo. E eu o admiro por isso.

Ele acredita que eu o ajudei a se tornar um homem melhor, que eu sou uma boa influência, e é verdade. Porque era isso que eu estava destinada a ser para ele. Vejo isso agora. Nunca estive destinada a ser a garota que ele queria para sempre. Não importa que eu tenha me apaixonado tanto, que eu esteja louca por ele. Quando você ama alguém, quer o que é melhor para essa pessoa, e não o que é melhor para você.

Eu não mudei Reid Alexander. Só o ajudei a descobrir quem ele sempre foi. Agora é hora de deixá-lo seguir em frente para ele ser esse homem.

Reid chamadas perdidas (3)

Reid Tudo bem, você disse que estaria em casa hoje à noite. Liguei e deixei mensagens. Eu queria falar com você sobre hoje.

Reid Você está brava comigo? Eu fiz alguma coisa errada sem querer? Não estou entendendo.

Reid chamadas perdidas (2)

Reid Se eu não estivesse preso no meio do maldito deserto e não tivesse que cumprir um maldito contrato, estaria batendo na porta do seu dormitório e pro inferno que me reconhecessem. Estou preocupado.

Reid Vou ter que ligar pros seus pais. (Não consigo **ACREDITAR** que acabei de escrever isso.)

Reid Dori, de novo não. Por favor, droga, de novo não.

Reid — Alô?

— Sra. Cantrell, aqui é o Reid. Alexander.

— Sim, sr. Alexander? — Seu tom, de alguma forma, é acusatório. E que merda é essa de “sr. Alexander”?

Dez segundos depois, já estou andando de um lado para o outro dentro desse maldito trailer, me perguntando que tipo de autoridade os pais ainda têm sobre ela, se posso culpar os dois pelo seu afastamento. Sabendo, depois daquela reunião dois meses atrás, como eles ficariam felizes de ver esse relacionamento desabar, o que me deixa furioso.

Um. Dois. Três. Respira. Quatro. Cinco. Seis.

— Não tenho notícia da Dori há vários dias. Só quero ter certeza de que ela está bem.

Ela faz uma pausa antes de responder.

— A Dori está bem. Agradeço sua preocupação, mas ela está bem. — *Sem você, é isso que escuto. Ela está bem sem você.*

— Então a senhora sabe que ela não está retornando minhas ligações nem minhas mensagens. E, claramente, a senhora também sabe o motivo. — Com a mão na nuca, luto para não obrigá-la a me dizer que porra ela sabe que eu não sei. — Se importaria de dividir essa informação comigo? Porque eu não tenho ideia do que está acontecendo.

— Não mesmo?

— O que isso significa?

— Você lê os sites de fofocas de celebridades, sr. Alexander?

Solto a respiração.

— Não se eu puder evitar. Eu ignoro esses sites o máximo possível, na verdade, porque a maioria contém mentiras, meias verdades mal explicadas ou invasões de privacidade. A Dori sabe o que é verdade e o que não é. Pelo menos, eu achava que ela sabia. Achei que ela confiava em mim.

— E qual é a verdade? Que você foi fotografado várias vezes com outra jovem... Uma que você costumava... namorar?

— A Dori sabe o motivo...

— É. Ela me contou do filho que você teve e o que você e sua ex-namorada estão fazendo agora, o que, só para constar, é admirável. Mas também não é algo ao qual minha filha precisa se prender ou fingir que não está vendo...

— Talvez a senhora esteja certa. Talvez não seja algo com o qual a Dori devesse lidar. Talvez seja mais do que ela consegue lidar. — Jesus. Falar essa frase faz com que eu me sinta como se tivesse acabado de me esfaquear no peito. Não posso aceitar que isso seja verdade. — Mas por que ela não está falando comigo sobre isso? Por que ela acha que sumir do mapa é o modo certo de resolver esse problema?

Sua resposta é silenciosamente destruidora.

— Imagino que ela esteja se protegendo de ser mais magoada por você.

Quando recupero o fôlego, solto: — Mais magoada por mim? O que a senhora quer dizer com *mais* magoada por mim? *Eu amo a Dori*. Não pretendo magoá-la. Não quero magoá-la. Eu quase renunciei aos direitos em relação ao meu filho porque não quero perdê-la, porque tive medo dessa reação. — Não posso dizer a ela o que realmente pode estar por trás da reação da Dori, a culpa desnecessária que ela sente por uma escolha que fez há anos, uma escolha que, na época, era certa para ela. — Mesmo assim, nunca imaginei que ela fosse fazer isso. Ela não é covarde, e essa é a coisa mais covarde que já a vi fazer.

— Então você acredita que se proteger de certos danos emocionais é covardia?

— *Certos danos emocionais*? Do jeito que a senhora fala até parece que as coisas estavam fadadas a dar nisso. Como se não houvesse nenhum outro resultado possível numa relação entre nós, como se estivéssemos condenados desde o início. Mas essa conclusão não tem nada a ver com o lance do meu filho nem com qualquer coisa relacionada a Brooke Cameron. Tem a ver com o seu preconceito contra mim, não é? Contra o meu *estilo de vida*, a minha carreira ou a minha reputação anterior...

— Não é assim que avaliamos as pessoas e prevemos resultados, sr. Alexander? Pela reputação delas? Digamos que você esteja correto. O que no seu estilo de vida ou na sua reputação beneficiaria a minha filha? E como a sua carreira a deixaria segura? Ficando de lado e assistindo enquanto você se envolve na tela com outras mulheres? Isso sem falar nos boatos que surgem na vida real de uma celebridade como você, sejam verdadeiros ou não. Por que eu ia querer uma situação assim para a minha filha? E vamos somar a isso a existência de um filho com uma de suas ex. O que vai acontecer com a Dori quando esse segredo for revelado? O que as pessoas vão dizer? Claro que não quero isso pra ela. Por que, afinal, eu ia querer?

Fico arrasado quando percebo como ela está certa. Mesmo que a filha dela seja a única pessoa que eu já conheci que *não* me julgou pela minha reputação, mas pelo que viu em mim — e Deus sabe como ela conseguiu isso. Só tenho uma verdade para me

defender e a digo: — Eu. Amo. A Dori.

— Se isso for verdade — ela responde em um tom uniforme —, você vai querer o que é melhor para *ela*. Não para você.

As palavras da Brooke sobre o Graham me atingem, e eu caio de joelhos no meio do trailer. Sinto meu coração implodir. Todo traço de raiva ou indignação se evapora. Todo argumento se transforma em cinzas. Porque é claro que ela está certa. Se eu amo a Dori, vou querer o que é melhor para ela. E só a Dori pode saber o que é isso.

*

Brooke Encontrei o juiz hoje de manhã. O caso está sendo acelerado. Vamos poder dormir com ele. Primeiro aqui, amanhã à noite. (Se você vier pra Austin, a Kathryn diz que você pode ficar aqui. Um hotel revelaria nosso disfarce.) Se isso der certo, cada um de nós poderá ficar alguns dias com ele em Los Angeles. A assistente social vai viajar com ele.

Eu

DROGA. Não posso viajar agora. Estou LITERALMENTE no meio do deserto. Eles tiveram que colocar uma torre especial pra todo mundo ter sinal de celular. Se eu pudesse sair do set de filmagem, estaria na Califórnia. Me liga daqui a umas duas horas? Tenho uma cena pra filmar.

Brooke Tá.

Pontualmente duas horas depois, meu celular toca. Brooke.

— Oi. Quer dizer que ele vai ficar na casa da Kathryn com você durante a noite? O fato de eu não estar lá vai ser um problema?

— Não — responde ela. — Expliquei que eu não estou trabalhando neste momento, mas você está, e que, se ficarmos com ele, pretendemos alternar nossos projetos. Um de nós sempre vai estar com ele. — Brooke sempre pensou rápido. — Reid? — Uma nova hesitação se esgueira na voz dela. — Você tem certeza disso?

— Sobre o River? Sim. Tenho certeza. — Não preciso perguntar se ela tem.

Ela solta uma respiração audível ao ouvir a minha resposta, como se ainda estivesse esperando que eu voltasse atrás a qualquer momento. É tão difícil ela confiar em alguém. Confiar quando alguém diz que vai estar ao lado dela. Com a nossa história, é um maldito milagre ela confiar em qualquer coisa que eu prometo. Não posso culpá-la por perguntar.

— A Wendy vai fazer uma cirurgia daqui a duas semanas, e é nessa época que as dormidas em Los Angeles vão acontecer. Um dos meninos que estavam com ela vai se mudar para um novo lar temporário, e o outro está sendo encaminhado para uma reconciliação familiar que pode ser precoce demais. Ela não podia falar muito sobre nenhum deles, mas parecia que estava surtando por causa dos dois. Acho que, de repente, nós nos tornamos o melhor cenário.

Parece errado me sentir com sorte por isso, mas eu sou babaca, então que se dane.

— Oba pras outras pessoas se fodendo?

Ela ri um pouco.

— Acho que sim. Você vai estar de volta a Los Angeles até lá?

— Ahã. Estamos terminando aqui no meio desse deserto fodido. Acho que faltam uns catorze ou quinze dias, e vamos fazer as cenas de estúdio em seguida, na Universal. Devo estar de volta à cidade antes de ele chegar.

— E você vai terminar a análise domiciliar e o curso de paternidade até lá? — pressiona ela.

Reviro os olhos, mas digo a mim mesmo que ela só está se certificando de detalhes essenciais. Não preciso surtar. Ajeito o maxilar.

— Sim.

— Tudo bem. — Ela respira fundo e inicia a segunda parte da ligação. — Acho que está na hora de ligar pra Rowena. — Xingo e começo a me opor. *De novo*, mas ela continua: — Eu sei que você tem uma certa reserva em relação a ela depois da última primavera, mas, Reid, ela é nossa melhor chance de manter algum controle sobre como essa notícia vai ser publicada. O público vai querer fotos do nosso filho. Você sabe que vai.

Ela está certa. River será um excelente material para os paparazzi. A única maneira de neutralizar isso é nós mesmos fornecermos as fotos. Com um surto de compreensão, percebo que tenho que confiar nela. E nessa tal de Rowena. *Argh*. Minha oposição se dissolve sem ser dita.

— O que você quis dizer antes, quando falou que estaria na Califórnia agora, se pudesse? — ela pergunta, sem dúvida para mudar o assunto antes que eu possa argumentar contra sua paparazza bajuladora.

— A Dori. Ela parou de falar comigo, tipo, uma semana atrás.

— *Uma semana?* O que aconteceu?

— Não faço ideia. Esse é um dos principais componentes da parte “parou de falar comigo”.

— Para de ser babaca. Vocês brigaram? Você fez alguma coisa estúpida, tipo trepar com uma garota que tirou fotos do seu traseiro pelado e vazou na internet?

Eu me sentiria ofendido se não tivesse acontecido exatamente isso alguns anos atrás.

— Nenhuma briga. Nenhuma garota. As fotos de nós dois em Austin se espalharam, é claro, mas ela não disse nada sobre isso. Ela sabe do River. Acho que ela simplesmente decidiu que não consegue lidar com isso.

— Que droga. Ela devia saber que não pode se importar com essas porcarias que o pessoal posta... Apesar de às vezes ser verdade. Mas, se ela não consegue lidar com isso, talvez você esteja melhor sem ela.

*

Eu não poderia ter pedido um momento melhor para fazer o papel de um personagem retraído e mal-humorado. Meu papel de Darcy era um pouco mal-humorado, mas principalmente sarcástico e arrogante.

Com o tempo que passo sozinho, seja no meu trailer ou caminhando para longe dos sets de filmagem, acho que meus colegas de elenco decidiram que sou um desses atores que insistem em permanecer no personagem dentro e fora da tela. Já percebi insinuações desse tipo, mas não tenho necessidade de mergulhar no temperamento melancólico do meu personagem atual.

Eu entendo o cara. Jesus, como entendo.

E, embora eu certamente esteja me apoiando nos meus pensamentos e emoções pessoais durante a filmagem para retratar o cara (também conhecido como atuação pelo método de interpretação *de verdade*), não estou me apoiando em experiências dolorosas do passado. Tudo que preciso fazer é pensar na Dori, e a agonia reluz através de mim no mesmo instante.

Brooke Faz seis dias que o vi.

Kathryn tem sido a voz da razão a cada instante.

— Não tente impressioná-lo com coisas, Brooke — diz ela, quando quero comprar todos os conjuntos de Lego que consigo encontrar online. Escolhemos meia

dúzia e deixamos quatro para depois. Levo quase uma hora para reduzir a dois bichinhos de pelúcia: um ursinho, é claro, e um cachorrinho de orelhas penduradas (para compensar o fato de que a Kathryn insiste para eu não comprar um de verdade).

Uma parede do quarto dele na casa da Kathryn foi pintada de verde, sua cor favorita, de acordo com a Wendy. Seu quarto no meu apartamento vai ter muito verde. Contratei um artista de *trompe l'oeil* para pintar uma estrada com carros coloridos e cenários de fundo na altura dos olhos em todas as paredes. O teto será azul-bebê, com nuvens fofinhas espalhadas de um canto até o outro. Os armários vão ser pintados com tinta de quadro-negro, para ele poder desenhar.

Parece que não consigo ser menos exagerada.

Eu também me preocupo com isso, mas a Kathryn ri e balança a cabeça.

— Essa é você, Brooke. Tenta recuar um pouco. Lembre-se: o que ele precisa é do seu amor. É por isso que pais pobres conseguem fazer um trabalho maravilhoso ao criar uma criança.

O que ela não diz: “É por isso que pais ricos muitas vezes fracassam nisso. Eles substituem carinho por objetos”.

— Vou me lembrar disso.

Uma coisa que concordamos é em preencher a estante embutida com livros. Dezenas de livros ilustrados, os favoritos da minha infância e todos os novos que chamam a minha atenção. As lombadas são coloridas e convidativas quando as alinhamos nas prateleiras — uma biblioteca em miniatura. A Wendy diz que o River gosta que leiam para ele antes de dormir, e eu me pergunto se gostaria que eu lesse para ele na rocha plana perto do riacho, no meio do dia, sem nenhum motivo.

Compro carros Matchbox e uma pista com um loop duplo no meio, que o Reid me garante que todos os meninos do mundo adorariam, e caminhões basculantes super-reais, que vão parecer ainda mais reais quando estiverem cheios de terra.

Escolho uma escova de dentes verde e três tipos de pasta. Uma luz noturna em forma de carro de corrida que liga e desliga. Um par de galochas verde-bandeira, mesmo que a previsão meteorológica diga que vai ser um dia fresco e ensolarado.

*

A assistente social do River vai pegá-lo na casa da Wendy depois do cochilo da tarde e trazê-lo para cá. A Kris esteve aqui várias vezes durante a análise domiciliar, então ela já conhece o lugar. Ela e a Kathryn se deram bem de imediato — sorte minha. Demorou mais tempo para a Kris gostar de mim, mas esse é o resultado de ser

mulher e ter uma personalidade indelicada.

Às vezes, as pessoas simplesmente não gostam de mim. Vai entender.

O Glenn está planejando um piquenique para o jantar. Ele é um daqueles caras com avental de lona preta que diz: “Licença para assar!” e todos os acessórios de churrasco que você possa imaginar. No caminho do trabalho para casa ontem à noite, ele fez um estoque de carne, salsicha, pãezinhos, pickles, molho de pepino e batata palha.

A Kathryn me fez preparar uma salada de frutas para me manter ocupada (leia-se: eu a estou deixando maluca com minhas rondas ansiosas pela casa). Num minuto estou feliz e ridiculamente doméstica, no outro tenho certeza de que alguém vai ligar para me dizer que houve um erro. Que a simples ideia de eu pedir a guarda do River foi um absurdo, um erro gigantesco do tribunal — haha, sinto muito.

Quando o telefone toca, minhas mãos se agitam num reflexo enquanto estou cortando a cabeça dos morangos, e sinto a ponta afiada da lâmina atravessando camadas de pele.

— Aiquemerda! Quer dizer, droga! — Em questão de segundos, meu indicador exibe um corte com fluxo vermelho.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia te dar uma faca com ponta... — Kathryn observa, virando para pegar o material de primeiros socorros na despensa enquanto eu limpo o corte e pressiono uma toalha de papel para estancar o sangramento.

Glenn pega o telefone no terceiro toque.

— Alô? — Sua expressão parece preocupada, o que faz meu coração virar uma cambalhota, até ele dizer: — E só faz esse barulho quando você está parando, mas não quando está em marcha lenta? Ahã. Faz o barulho de novo pra mim.

Sou uma idiota. Essa ligação é no telefone fixo, não no meu celular. E, obviamente, é a Kelley ou a Kylie com algum tipo de problema no carro, e não o estado do Texas ligando para esmagar meus delírios de maternidade.

— Vamos ver esse machucado terrível. — Kathryn pega minha mão e examina o corte. Com os olhos verde-claros brilhando, ela diz: — Acho que dá pra salvar o dedo. Vamos enfaixar isso, e depois eu te dou algo menos perigoso pra fazer enquanto esperamos.

Como se eu tivesse seis anos de novo, minha madrastra me senta no banquinho do canto, aplica pomada no corte e cobre com uma bandagem rosa-néon.

— O Reid me disse que você é o meu exemplo de mãe, e não a Sharla — digo, e seu olhar preocupado dispara até o meu. — Devo ter percebido isso, no fundo, há anos. Mas nunca reconheci de verdade. Sempre pensei que a pessoa que eu era, que eu me tornei, tinha a ver com laços de sangue, mas não é verdade. Não sei quem eu seria

sem você. O que me parece muito injusto, porque o meu nascimento arruinou a sua vida.

Ela dá um beijo na minha testa e suspira.

— Ah, querida. Dá só uma olhada em volta. Minha vida te parece arruinada? Tenho três filhas lindas e talentosas, um marido carinhoso... — Ouvimos Glenn lá fora, preparando a área de churrasqueira do quintal e cantando sua versão de uma música pop dos anos 80, em que *grelhas* ficam malucas com homens bem-vestidos. — ... apesar de ser meio doidinho, e estou me preparando pra ser avó *duas vezes* nos próximos meses! Tenho uma vida maravilhosa, Brooke, e fico feliz por você fazer parte dela.

*

Quando a campainha toca, congelo onde estou. Não consigo respirar.

— Vá atender, querida — estimula Kathryn, escapando com Glenn, para que River não fique assustado com novos rostos, todos pairando sobre ele, antes mesmo de entrar.

Vou até a porta tremendo e a abro, esperando que meu sorriso pareça amigável, e não carregado de pânico. Lá está ele, apertando a mão da Kris com a mesma força que segurei a do Reid na varanda da Wendy, apenas uma semana atrás. Ao lado dele, uma mala de rodinhas em miniatura com formato de um sapo quadrado. Verde, é claro. Ele não faz nenhum movimento para entrar, e sua expressão sem sorriso não se altera.

De acordo com a Wendy, o River tem um metro de altura e pesa quinze quilos, o que o coloca no percentil dezesseis tanto para altura quanto para peso. O consenso médico: privação nutricional nos primeiros anos de vida. Com uma nutrição adequada, ele pode ser capaz de compensar um pouco. Na ligação pré-visita ontem à noite, ela me avisou que ele esconde comida e falou das causas psicológicas disso.

— Além disso, às vezes ele tem pesadelos. E, de vez em quando, terror noturno. Mas na maioria das noites ele dorme bem. Porém existem essas possibilidades, já que ele vai estar num ambiente desconhecido.

Aceitei calmamente tudo que Wendy disse, fazendo perguntas pertinentes e anotações meticulosas. Quando desliguei, caminhei até o riacho, sentei na minha pedra e chorei até minha garganta arder.

Eu me agacho para ficar na altura dele e coloco um sorriso cuidadoso no rosto. Sou atriz. *Eu consigo fazer isso.*

Anos atrás, encontrei uma ninhada arisca de gatinhos morando embaixo do galpão de ferramentas do Glenn. Eram bolas fofinhas e rápidas como um raio, e eu

queria mais que tudo pegar uma delas no colo. Fiquei sentada no gramado a tarde toda, tão imóvel quanto possível, arrulhando e falando com voz fofinha como se fosse a garota mais segura do mundo.

Modelando a voz da mesma maneira, falo com meu filho, para quem ainda sou uma desconhecida.

— Oi, River. Estou feliz por você ter vindo me visitar. Quer entrar?

Assim como aqueles gatinhos, seus olhos azul-escuros me observam com cautela, avaliando se ele pode confiar em mim. Uma eternidade se passa antes de ele fazer que sim com a cabeça uma vez.

Eu me levanto, dou boas-vindas a Kris também e me ofereço para pegar a mala do River. Seus dedinhos delicados encostam nos meus quando ele passa a alça da mala para mim, e eu viro e os conduzo pela sala de estar e pelos corredores amplos, mordendo o lábio.

— Seu quarto fica bem ao lado do meu. Chegamos.

Ele para na entrada, inclina a cabeça e analisa o quarto, os olhos se movendo sobre cada objeto. Coloco a mala na cama e espero. Quando seu olhar me alcança, ele não continua. Recebo a mesma consideração cuidadosa que o resto das coisas. O objeto que finalmente o atrai para dentro do quarto é o cachorrinho de pelúcia dourado. Ele se aproxima aos poucos e chega no lado oposto da cama de solteiro, mordendo o lábio inferior. Kris fica na entrada.

— Acho que esse cachorrinho precisa de colo. — Minha voz ainda é suave como um sussurro. — Sabe por quê? — Seus olhos vêm até os meus. — Porque vamos comer *cachorro-quente* no jantar, então ele está um pouco preocupado.

Uma sobrancelha se ergue, e eu abafa um suspiro. Durante dois segundos, ele é o Reid, e eu sei, naquele instante, que ele vai ficar bem. Nunca conheci alguém tão teimoso e indomável quanto o pai dessa criança. A não ser sua mãe. Ele sobreviveu a tudo porque é duro como pedra, por mais que pareça pequeno e frágil.

Ergo uma sobrancelha para ele.

— Vamos comer lá fora. Você pode levar o cãozinho, se quiser. Ele ainda não tem nome. Eu estava pensando em chamá-lo de Salsicha, mas acho que é por isso que ele está preocupado com o que vamos comer no jantar.

Sua boca se contorce de um lado desta vez, os olhos voltando para o cachorrinho.

— Kris, quer ficar pro jantar? — ofereço.

Ela balança a cabeça, sorrindo.

— Acho que você está dominando bem a situação. Me avisa se precisar de mim. Você tem meus números?

Faço que sim com a cabeça.

— Programados em todos os nossos telefones, e seu cartão está na geladeira.

— Maravilha. — Ela vira o sorriso para ele. — Boa noite, River. Te vejo amanhã depois do almoço, está bem?

Quando viro, ele está com o cachorrinho grudado no peito. Ele me olha mais uma vez antes de acenar com a cabeça para ela, dando permissão para ela deixá-lo aqui comigo. Sozinho.

River A Brooke é bonita. O cabelo dela parece macio, e eu gosto do sorriso dela. A Kathryn é legal, e até o Glenn é legal. Ele é bem maior que o Harry, mas não me dá medo. Ele me mostra como fazer o brócolis ficar mais gostoso enfiando a parte da árvore num pote de queijo.

Eu não sabia que existia queijo em pote. Gostei.

A Brooke e a Kathryn não comem o queijo, mas o Glenn e eu comemos. Também experimento as batatas e a salsicha com o queijo. (A salsicha de comer, não o cachorrinho.) Tento mergulhar uma fruta no queijo, mas não fica muito gostoso.

Depois de comermos, pego meu prato vazio. Uma das minhas tarefas na casa da Wendy é ajudar a limpar a mesa. A Kathryn sorri e diz: — Obrigada, River. — Ela me mostra onde colocar o prato na cozinha.

A Brooke pergunta se eu quero caminhar até o riacho, e vamos lá para fora. Não tem cerca ao redor da casa deles. Só consigo ver uma outra casa, e ela está longe.

A Brooke me faz dar a volta ao redor de um grande formigueiro na grama, mas as formigas estão correndo e carregando coisas, e eu quero olhar. Ela diz que não tem problema olhar as formigas se eu não chegar muito perto. Tem tantas que eu não consigo contar.

— Se você chegar muito perto, elas pensam que você é um monstro enorme e te picam pra fazer você fugir — diz ela. — Olha, uma delas me picou na semana passada. — Ela me mostra uma mancha vermelha no tornozelo.

Não quero assustar essas formigas.

Ela tem um riacho de verdade no quintal. Tem árvores dos dois lados. Subimos

numa rocha alta e sentamos perto da borda. Consigo ver por baixo d'água. Tem areia e pedras no fundo. Não vejo nenhum peixe, mas tem insetos zumbindo em cima da água, e ouvimos um sapo.

— Este é o meu lugar preferido no mundo — a Brooke diz.

Meu lugar preferido costumava ser o armário da mamãe. Era escuro o tempo todo, e o Harry nunca me encontrava lá. Essa pedra é melhor, eu acho.

A Brooke enrola o suéter como um travesseiro e deita de costas. Ela diz: — Eu gosto de ver as nuvens passando pelas árvores.

Faço um travesseiro com a minha jaqueta e também deito. Ela aponta para uma nuvem e diz que parece um esquilo. Acho que parece o Salsicha. Eu levanto ele, para poder ver o bichinho ao lado da nuvem.

— Você está certo. Essa nuvem parece *mesmo* o Salsicha — diz ela.

*

Tenho um pesadelo à noite. Quando acordo, a Brooke está sentada ao meu lado, em vez da Wendy. *Quero a Wendy. Quero a Wendy. Quero a Wendy.*

— Sinto muito por você estar com medo e num lugar novo — a Brooke diz. — Eu sei como é isso.

Ela esfrega um pouco a minha cabeça, como a Wendy faz quando tenho pesadelos. A Wendy teve que cortar meu cabelo muito curto, porque o Sean pegou piolho e passou para mim. Eu gosto de insetos, mas não gostei *desses* insetos. Eles coçam.

A Brooke diz que está um pouco escuro aqui e vai abrir a cortina.

— Está melhor assim? — ela pergunta, e faço que sim com a cabeça. Tem muitas estrelas no céu, e podemos ver a lua. — Quer que eu cante uma música pra você? Não conheço muitas, mas conheço algumas que meu pai costumava cantar pra mim quando eu era pequena e tinha pesadelos.

Faço que sim com a cabeça de novo, e ela me pega no colo. Ela senta na cadeira grande perto da janela e canta “Brilha, brilha, estrelinha”. Essa é uma música que a Wendy canta para mim às vezes. Ouço o coração dela fazer *tum, tum* no meu ouvido. As estrelas brilham no céu, como se também estivessem ouvindo ela cantar.

Brooke Normalmente, os candidatos a pais adotivos encontram as crianças num

**restaurante de fast-food ou num parque,
antes de dormirem juntos. Mas essa não é
uma opção para nós. Ainda não posso
ser vista em público com o River, senão
corremos o risco de alertar os fofoqueiros
sobre a existência dele, e os boatos serão
loucos.**

Ele ficou na casa da Kathryn para dormir mais duas noites, durante as quais eu o fiz se acostumar com a ideia de conversar online com o Reid. Não que ele fale, mas escuta.

Uma das vezes, o Reid se conectou com figurino completo — espada e tudo. Os olhos do River se arregalaram enquanto o Reid nos contava sobre descer um penhasco íngreme de rapel naquele dia — os ventos estavam tão fortes que seu cabelo voava para cima, e o diretor ficava gritando “Corta!” para alguém poder passar um spray para baixar o cabelo enquanto ele ficava pendurado numa corda.

— Ficou assim — disse ele, fazendo o cabelo ficar para cima e conseguindo provocar um sorriso no nosso filho.

Nosso filho. Toda vez que penso ou digo isso, a situação fica menos estranha e mais real.

A próxima noite do River vai ser em Los Angeles. Ele vai ficar três dias e noites comigo e quatro com o Reid. A Kris vai mandar relatórios diários para o juiz. Quando perguntei a ela se o juiz estava considerando uma colocação antecipada em virtude dos problemas de saúde da Wendy, ela me disse que não podia revelar esse tipo de coisa. Depois, arqueou uma sobrancelha e sorriu.

*

Estou gravando o último episódio da temporada de *A vida é uma praia* esta semana. É estranho trabalhar com meus antigos colegas de elenco, já que a maioria deles daria tudo para conseguir um dos papéis nos filmes que fiz desde que saí.

Também tem umas garotas novas que foram contratadas como loiras substitutas, o que me coloca no lado receptor de olhares rancorosos e comentários murmurados. Se eu decidir voltar ao programa, seus sonhos e a disputa pela posição de melhor vagabunda acabam.

Sinto muito.

Se o Xavier e eu decidirmos continuar, os roteiristas vão planejar uma continuação angustiante do romance em ebulição entre a Kirsten, agora maior de idade, e sua obsessão sexy de longa data, o Kristopher. Uma consumação apaixonada finalmente vai acontecer (durante a semana das classificações, sem dúvida) e, depois, eles vão planejar algumas justificativas para a saída delas, é claro. Os fãs vão ficar colados na tela todas as semanas, choramingando para que os nossos personagens se agarrem de novo, até que o Stan e os roteiristas finalmente decidam colocá-los na cama. Ou, mais provavelmente, numa praia pitoresca e isolada — como se existissem praias assim em toda a costa da Califórnia.

Bocejo.

Xavier continua burro como sempre, mas ainda temos uma química espetacular no filme, por isso Stan está orgulhoso de si por conseguir que nós dois concordássemos em fazer o final. Gravamos uma cena que leva duas horas de contorções corporais e lábios grudados toscos (por parte do Xavier), e no fim Stan joga os braços para cima e diz: — Eu não sou brilhante, cacete?

Ele é tão pretensioso que tenho vontade de esganá-lo. Mas estamos quase terminando o episódio, e foi um dia longo, então dou um sorriso forçado e planejo meia dúzia de maneiras de matá-lo na minha linda cabecinha.

Menos de uma hora depois, na frente de todo o elenco e da equipe, Stan lança um sorriso bajulador com dentes brilhantes para mim e meu parceiro de filmagem.

— Acho que vocês dois experimentaram o maravilhoso mundo da produção de filmes e decidiram que um bom salário de uma grande rede faz falta no fim das contas, né?

Como se tivéssemos fracassado na telona, como tantos atores de televisão otimistas que vieram antes de nós.

Xavier rosna em resposta, mas está focado num sanduíche de três carnes que uma das assistentes de produção risonha saiu correndo (literalmente) para pegar para ele. Sendo assim, seu grunhido poderia ser um som de apreciação carnívora.

Mal seguro a língua até entrar no carro e ligar para Janelle, que me deixou cinco ou seis mensagens. Nem me preocupo em ouvi-las antes de ligar para ela.

— Brooke! — ela grita, e diminuo o volume do celular. — Você recebeu a oferta!

Droga. Eu estava prestes a implorar para ela me arrumar outra comédia romântica

ou uma novela ou, que inferno, uma série de comerciais, qualquer coisa que não seja o Stan, desde que seja filmado aqui. Não quero falar sobre *Oceanos de papel* hoje. Na semana passada, dei a entender que eu provavelmente ia pedir para ela recusar a oferta, e ela *chorou*. Eu nunca tinha ouvido a Janelle chorar, e, Jesus, espero nunca mais ouvir.

Sem falar que eu quero desesperadamente esse papel.

E, depois de hoje, eu adoraria dizer ao Stan para pegar seu papel de Kirsten Wells coelhinha da praia e enfiar no cu.

— Estou dirigindo — digo.

— Aimeudeus! Você sabe o que eu penso sobre falar ao telefone e dirigir!

Sim. Eu sei, sim.

— Então não me deixa um milhão de mensagens enquanto estou filmando. Achei que alguém tinha morrido. Te ligo mais tarde.

— Isso não me parece uma reação promissora. *Brooke*. Por favor. Não. Recusa. Isso.

— Entrando na rodovia! — Mentira absoluta.

— Tudo bem, tudo bem, me liga hoje à noite.

Merda.

Vou encontrar minha paparazza pessoal na minha casa nova daqui a mais ou menos uma hora. Apesar da relutância do Reid em usar a Rowena para apresentar o River para o mundo, eu acredito nela — profissionalmente, é claro. Ela sempre me mostrou do jeito que eu queria ser vista. Nunca vendeu uma foto que eu odiasse. Já foi útil algumas vezes para dissipar boatos que eu não queria espalhar.

Mesmo assim, nunca nos encontramos na minha casa, que sempre foi totalmente proibida para a mídia, incluindo para a Rowena. Meu novo apartamento fica dentro de um condomínio. As entradas e saídas são filmadas, e todas as pessoas de fora são paradas por um segurança no enorme portão de ferro da frente. Visitantes não autorizados são proibidos de entrar.

A campainha sinaliza sua chegada.

— Olá, Rowena. — Tento ao máximo não soar ameaçadora.

Ela está cautelosa, como um animal selvagem sendo atraído para uma armadilha, mas faminto demais para não seguir o cheiro de comida. Aperto a mão dela, algo que acho que nunca fiz antes, porque a mão dela é *minúscula*. Eu sabia que ela era magrinha quase a ponto de ser desnutrida, mas, de perto, parece que ela tem a força de um periquito. Não consigo imaginar como ela carrega o equipamento de fotografia para todo lado.

— Srta. Cameron. — Ela acena com a cabeça e entra, hesitante, como se esperasse

encontrar um cabo de detonação e ser empalada na minha parede a qualquer instante. Já pedi dez vezes para ela me chamar de Brooke, mas percebi um tempo atrás que ela nunca ia fazer isso, então desisti.

Ela trouxe o equipamento, mas está tudo espremido dentro de uma sacola preta esfarrapada. Olhando ao redor discretamente, seu desejo de pegar a câmera é inconfundível. Sentamos no meu novo sofá em L, contornando com facilidade os cantos arredondados da mesa de centro de madeira reciclada. Tem uma planta de ponta cor-de-rosa de algum tipo no centro, uma árvore num vaso perto da janela e várias plantas penduradas e em vasos na minha varanda no último andar.

Contratei um especialista em plantas. Sério.

— Tenho uma proposta pra você. Envolve informações secretas e, claro, uma história que eu quero que seja contada, com fotos, por uma certa perspectiva.

— Estou ouvindo. — Ela faz que sim com a cabeça, os olhos ambiciosos me oferecendo uma pausa.

— O que estou prestes a te contar não pode sair desta sala. Nunca.

Os olhos dela se alargam um pouco. Confiei muita coisa a Rowena nos últimos anos, mas nunca apresentei nada desse tipo.

— Você sempre foi mais que justa, srta. Cameron. Claro que concordo em não compartilhar nenhuma informação que você me confiar.

Respiro fundo e a encaro.

— Vou adotar um filho.

Ela pisca duas vezes, atordoada.

— Parabéns. — O que quer que ela esperasse, não era isso.

— Obrigada, mas é mais complicado do que parece, e é por isso que preciso de você. Não existe um relógio biológico contando o tempo, não é uma declaração filantrópica nem uma adoção no exterior. Vou adotar meu próprio filho, um bebê do qual abri mão quando ele nasceu, quatro anos e meio atrás. — Os olhos dela se arregalam. Nunca vi tanta emoção no rosto de Rowena. — Suponho que você esteja fazendo a mesma pergunta que todos: Quem é o pai. Bom, você está com sorte. Se concordar em tirar fotos de nós três, que eu e ele vamos aprovar antes de liberar, você vai ter uma exclusiva.

Não preciso dizer que, assim que isso for publicado, vai ser um estouro. Se ela calcular direitinho e ficar à frente de todos os outros, vai ganhar uma fortuna.

— Ai, meu Deus — diz ela. E aí ela faz uma coisa que eu nunca, nunca esperava vê-la fazer. Ela explode em lágrimas.

Eu A Rowena está com tudo pronto.

Reid Ok. Qual é o plano?

Eu Eu estava pensando que podíamos ir a um lugar público para ela nos fotografar com "naturalidade". Como fizemos acontecer com você e a Emma em maio passado, do lado de fora do aeroporto.

Reid Merda. Como foi que ela me perdoou?

Eu Você disse a ela a verdade quando era importante, mesmo que tenha feito você parecer mau. Só pra constar, eu te admiro por isso. Odiei você pra caralho naquela época, mas te admirei. Você foi um homem melhor que eu.

Reid Hahaha.

Eu Então, uma das trilhas de caminhada em Hills, bem cedo num dia de semana? AH, já sei, vamos fazer isso no dia em que ele for transferido de mim pra você. A entrega da criança. Como casais divorciados.

Reid É, perfeito. Isso também vai responder à pergunta "Eles são um casal?"

Eu Ok, legal. A Rowena vai cuidar disso. Só pra constar, ela ficou surpresa de você ter assumido. Acho que você ganhou uma nova fã. Parece que ela é mãe solteira. Disse que o cara

costumava bater nela. Ela foi embora no dia em que ele bateu no filho.

Reid Jesus.

Eu Ela diz que ela sempre gostou de mim porque eu não aceito as merdas de ninguém, kkk.

Reid Hahaha. Verdade.

Reid E aí, teve mais notícias sobre Oceanos de papel?

Eu Tive. A Janelle recebeu a ligação hoje cedo. Eles me ofereceram o papel oficialmente. Mas eu teria que estar na Austrália durante todo o mês de junho. Não posso fazer isso.

Reid Brooke. É a sua CARREIRA. Aceita. Eu fico com ele em junho. Provavelmente já devo ter acabado de filmar até lá. Se não, vai faltar pouco. Ele e a babá que estamos contratando podem ir pra Nova York comigo. Vai dar tudo certo.

Reid A menos que você prefira fazer A vida é uma praia...

Reid Ouvi dizer que o Xavier beija muito bem...

Reid E o Stan é uma joia de produtor e nem um pouco egocêntrico...

Eu Estou chorando. Que merda. Tem certeza?

Tem CERTEZA?

Reid SIM. Vamos ficar bem sem você. Essa vai ser a vida dele. Ele vai se adaptar. Eu consigo fazer isso. E, sim, eu até prometo ligar pro Graham-sabe-tudo, se precisar de conselhos.

Eu Tem problema se eu te amar neste instante?

Reid Ãhã. Tem problema se eu te agradecer por ter me deixado te engravidar?

Eu Meu Deus, como somos estranhos.

Reid Ah, somos mesmo.

Dori — Oi, Deb. — Eu me inclino para beijar sua têmpora e ela pisca, mas sua expressão fixa permanece como o rosto de uma estátua de cera impassível. — Achei que você podia estar cansada de tulipas, e uma das roseiras do papai floresceu. Elas são cor-de-rosa, e eu sei que você acha que essa é uma cor clichê pra flores. Mas o cheiro delas é tão bom que achei que você não se importaria.

Coloco as tulipas roxas da semana passada na lata de lixo, lavo e encho o vaso na pia do banheiro. Faz cinco semanas desde que vi minha irmã.

Cinco semanas que enterramos a Esther. Quatro semanas que o Reid e eu estávamos em San Francisco. Três semanas que não falo com ele. Duas semanas que ele parou de mandar mensagens de texto e de voz.

— Estou gostando da Cal. Minha companheira de quarto, a Shayma, é da Louisiana. Você ia adorá-la. Ela estuda administração, mas faz projetos comunitários comigo.

A Shayma não perguntava sobre o Reid, ou sobre o fato de que não falo nele há algum tempo, até uns dois dias atrás. Quando respondi que não tive oportunidade de falar com ele durante alguns dias, ela franziu os lábios e disse “hum-hum” e nada mais.

— Estou fazendo aulas de introdução neste semestre, mas a maioria dos professores é bem legal. E você estava certa: o campus é um lugar maneiro. Tem um modelo de tiranossauro rex em tamanho real no prédio de ciências. Os jardins são lindos, mas a arquitetura é melhor ainda. E tem milhares de histórias intactas de ativistas, como o prédio que não tem uma maçaneta externa porque, durante protestos que aconteceram cinquenta anos atrás, os alunos acorrentaram as portas, e a administração tirou uma das maçanetas para eles não fazerem isso de novo. Na praça superior, grupos de estudantes distribuem panfletos e vendem coisas pra arrecadar dinheiro pra caridade. Às vezes, grupos antagônicos ficam em mesas próximas, mas todos são incrivelmente civilizados.

Enquanto escovo o cabelo curto da Deb, eu me lembro de como ele era antes do acidente. A Deb tinha lindos cabelos até os ombros, castanhos com mechas avermelhadas que ela mesma fazia. Agora está curto, sem graça e cheio de frizz; faço uma anotação mental para trazer um condicionador na próxima vez. As partes raspadas por causa das cirurgias finalmente já têm cabelo, mas a cicatriz cirúrgica vai continuar sendo uma parte estranha e aleatória atrás da cabeça dela.

— Berkeley parece uma cidade pequena, embora não seja. Definitivamente não é como Los Angeles ou San Francisco, e dá pra ver a cidade de certos pontos no campus, se não tiver neblina.

A cadeira da Deb está posicionada de modo que ela possa “ver” a paisagem pela janela, e isso não é mais nem menos ridículo que levá-la para dar um passeio pelos jardins. Meus pais insistem que não há nenhuma prova de que ela está totalmente alheia ao que acontece ao redor, porque o cérebro registra alguma atividade. De certa forma, isso é mais assustador do que se ela continuasse sem reação, porque ninguém pode nos garantir que ela não está consciente até certo ponto e simplesmente não consegue responder, apesar de os médicos confirmarem que a atividade do cérebro é ínfima e não apresenta compreensão.

Meus pais continuam a ouvir o que querem.

Continuo a falar com minha irmã, porque preciso falar com *alguém*.

— Não falo com o Reid há algum tempo. Sinto saudade dele. Às vezes parece que meu coração vai explodir, e quase quero que isso aconteça.

Quando eu era muito nova, tinha infecções crônicas no ouvido e uma avó com ideias não convencionais sobre o que era uma história positiva.

— Na minha época, não existiam antibióticos pra essas coisas — ela me disse durante um episódio especialmente doloroso. — O tímpano da gente simplesmente inchava até estourar.

— Ah, mãe! Não conte pra ela suas histórias de terror! — disse minha mãe,

horrorizada.

— Bom, depois que estourava, parava de doer! — Minha avó bufou. — Problema resolvido.

Continuo esperando meu coração estourar.

— Ele tem um filho. River. Ele acha que é por isso que parei de falar com ele. Acha que estou com raiva por ele ter escondido isso de mim. Ele não entende como seria fácil eu perdoá-lo e compreender essa escolha. É verdade que, quando ele me contou, e eu vi a foto dele no celular do Reid, a primeira sensação que tive foi de querer me afastar. Mas não foi porque estava com raiva.

Coloco um cobertor no colo da Deb e pego um suéter leve no armário. Vesti-la é muito parecido com vestir um bebê que está aprendendo a andar — ela não ajuda, mas não luta contra mim quando eu dobro seu cotovelo com delicadeza e puxo seu braço pela manga do suéter.

Depois que saímos, retomo nossa conversa de mão única.

— Sou tão covarde. Meu medo é que, se eu conhecer o River, ele pode se tornar importante pra mim. E, quando tudo terminar com o Reid, vou perdê-lo também.

Encontro nosso lugar, um banco isolado cercado de arbustos de camélia, cobertos de flores brancas. Sento, coloco a cadeira da Deb de frente para mim e encaro seus belos olhos cor de mel. Ela pisca devagar, aparentemente focada em algo distante atrás de mim. Na mesma posição em que as coloquei antes de sairmos do quarto, suas mãos estão apoiadas no colo, os dedos se mexendo como às vezes fazem — apenas mais um movimento involuntário, insistem os médicos.

— Sei que você vai dizer que estou sendo fraca — digo à Deb agora. — Só que você diria com mais delicadeza, tipo: “Dori, você é mais corajosa que isso”. É verdade, mas sou covarde quando se trata do Reid. Se eu falar com ele, vou querer acreditar em tudo que ele diz.

Meus olhos ficam marejados e meu coração se aperta enquanto aguardo o estouro que nunca vem.

— Sei que estou magoando o Reid, e eu odeio isso. — Depois da última mensagem de texto dele: “Por favor, droga, de novo não”, eu quase cedi. Precisei de cada grama de força de vontade para não responder. — Mas não seria justo tentar ficar com ele quando não tenho nada pra oferecer em troca.

Seco as lágrimas antes que elas escorram pelo meu rosto.

— Tem uma coisa que eu nunca te contei sobre aquela decisão que tomei quatro anos atrás. — Respiro fundo, tremendo. — Nunca tive a sensação de ficar entre a aceitação e o remorso. Todos os dias, nos últimos quatro anos, foi uma coisa ou outra. Preto ou branco. Não havia cinza, mas eu conseguia suportar porque tinha

você. Quando te perdi, comecei a me sentir superculpada. Carregar esse segredo sozinha pela primeira vez, enquanto eu tentava equilibrar a ideia de um Deus bondoso com um Deus que deixou isso acontecer com você, foi como cair na areia movediça.

O Reid me salvou de afundar. Ele precisava que eu o ajudasse a ver quem ele podia ser e, em troca, me permitiu ser eu mesma de um jeito que nunca fui. Eu estava satisfeita em aceitar essa felicidade enquanto durasse. Em tentar fazê-lo feliz enquanto ele fosse meu.

— Deb — sussurro, me aproximando. — Eu me sinto vazia. Vazia e sozinha. Nada me toca, exceto as coisas que doem. Você sempre me disse que, se eu ajudasse as outras pessoas, isso me manteria com os pés no chão. Que em algum momento isso me ajudaria a me encontrar de novo como pessoa. Mas não está funcionando desta vez. Não sei quem eu sou em relação a mais ninguém. Estou completamente perdida.

*

Quando chego em casa, meu pai está preparando seu “café de acelerar sermão” de sábado à tarde.

— Oi, querida. Como estava a Deb?

Quase respondo “igual”, mas não é isso que ele quer dizer.

— As flores ficaram lindas no quarto dela e, quando voltamos do passeio no jardim, o quarto todo estava com cheiro de rosas.

Ele sorri.

— Você acha que ela não se importou por serem cor-de-rosa?

Acho que ela nem percebeu.

— Não, pai. — Dou um sorriso, entregando as chaves do Civic.

— Se você for precisar do carro mais tarde, fica com as chaves — diz ele.

Balanço a cabeça.

— O Nick vem aqui. Vamos jantar cedo e pôr a conversa em dia antes de ele voltar pra Wisconsin amanhã. Nossas férias são em semanas consecutivas, não na mesma semana.

— Ah, é? Que pena. — Ele parece esperançoso, e engulo a vontade de dizer que isso são águas passadas.

— Tudo bem. — Dou de ombros. — Pelo menos vou vê-lo uma vez.

Meu pai pigarreia e, antes de ele falar, já sei o que vai dizer. Ele e minha mãe são muito transparentes.

— Vai ver o Reid esta semana? — ele pergunta quando vou em direção à escada,

com o rosto virado para ele não perceber como fecho os olhos e respiro pelo nariz, orientando minha voz para ela não me trair.

— Não. Acho que não.

— Ah. Vocês dois...

— Pai, não estou pronta pra falar sobre isso — digo, e, felizmente, ele deixa o assunto de lado.

Nunca vou estar pronta para falar sobre isso.

O Nick chega uma hora depois. A campainha ecoa pela casa, depois escuto a voz dele no vestibulo, conversando com meu pai sobre a temporada de basquete do Badger. Meu pai nunca usou esse tom relaxado com o Reid, e tenho que abafar minha irritação. Afinal, não há motivo para isso.

— Oi, Nick — digo, descendo a escada. Ele fica radiante e me abraça e, quando solta os meus ombros, pergunto: — Você *cresceu*?

Suas sobranças se erguem com esperança.

— Não sei. Cresci?

Dou uma risada.

— Acho que sim! Meninos crescem no primeiro ano da faculdade de maneira totalmente diferente das meninas. Muito injusto.

Ele sorri para mim.

— Você realmente parece mais baixa.

— Cala a boca. — Dou um soco de brincadeira nele e viramos para sair. — Volto daqui a pouco, pai. Não se mete em confusão enquanto a mamãe está no trabalho.

— Ah, filha, não tem graça! — ele diz fingindo se opor, rindo e fechando a porta da frente quando saímos.

Viramos para atravessar a varanda e paramos no degrau de cima.

O Reid está no meio da calçada. Quando ele me vê com o Nick, também para de repente. No intervalo desses dois segundos, um sorriso nasce e morre no meu rosto. O Reid tira os óculos escuros, olha para o Nick e depois para mim. Seu maxilar trava, os punhos fechados na lateral. Todos ficamos paralisados de susto. Ele está com raiva, mas tão lindo que mal aguento olhar para ele.

— Dori? — diz Nick finalmente, quebrando o silêncio tenso.

— Você se importaria de esperar no carro, Nick?

Ele olha para o Reid.

— Tem certeza...

— Tenho. Vou ficar bem.

Os olhos do Reid o encaram quando ele passa. O Nick é mais alto que a média, mas é mais baixo e mais magro que o Reid, cujo corpo em período de filmagens parece

grande e definido em comparação. O Nick mantém a postura e evita contato visual enquanto caminha até o sedã que pegou emprestado da mãe para hoje à noite. A Ferrari impecável do Reid está estacionada logo atrás.

Começo a descer os degraus.

— Reid. O que você está... — Engulo o nó desconfortável na garganta e começo de novo. — O que você está fazendo aqui?

Ele observa enquanto me aproximo, mas não faz nenhum movimento na minha direção.

— Você parou de falar comigo, Dori. Vim pra descobrir o motivo. — Ele olha por sobre o ombro para o Nick, que espera ao lado da porta do motorista, apoiando os braços no teto do carro e nos observando. — Ou devo entender isso como uma resposta? — Quando ele olha para mim, a dor é evidente em seus olhos.

Balanço a cabeça e paro na frente dele.

— Não. O Nick não tem nada a ver com... nós dois.

— Existe um *nós dois*, Dori? — Estremeço com o tormento bruto na voz dele, e a mão se move como se fosse me tocar, mas ele a deixa cair de volta na lateral. — Eu fiz promessas pra você e pretendia mantê-las. Sei que eu errei quando escondi o River de você e estou disposto a fazer o que for necessário pra compensar isso. Mas você precisa falar comigo. Se você quer terminar, precisa me dizer por quê. Você não pode simplesmente desaparecer como fez antes.

Minha mãe me disse que ele tinha ligado, mas as lembranças dela quanto ao conteúdo da conversa eram estranhamente vagas. Ele deve achar que eu me afastei dele pelo mesmo motivo que fiz isso da última vez. Mas, no outono passado, a questão foi eu me submeter à pressão dos meus pais. Desta vez, somos só eu e meus próprios demônios.

— É diferente da última vez.

— Tem certeza? — ele pergunta baixinho.

Meu coração se aperta no ritmo, em vez de bater.

— Não podemos falar sobre isso agora...

— Porque sair com *outro cara* é mais importante pra você?

Estremeço com a indignação na voz dele e com a forma como ele muda do sofrimento para a raiva.

— O Nick vai embora da cidade amanhã. Nós fizemos planos...

Ele me encara, rígido, silencioso.

Coloco a mão no antebraço dele e percebo a tensão imediata do músculo sob os meus dedos. Como se ele pudesse endurecer ao meu toque. Como se ele quisesse isso.

— Podemos conversar amanhã, Reid? Por favor?

A tensão se derrete dos ombros dele com um suspiro. Com cuidado, como se tivesse medo de me assustar, ele levanta a mão para colocar o dedo sob o meu queixo e olha nos meus olhos.

— Você *vai* conversar comigo, Dori?

Seu polegar passa no recuo do meu queixo, como se estivesse destinado a ficar ali, antes de deslizar para contornar meu lábio inferior. Quando ele se inclina para me beijar, meu corpo responde sem levar em conta como essa conexão rasga o meu coração. Minha boca se abre, cedendo. Minha mão desliza pelo seu braço e entra por baixo da manga da camiseta, apertando seu bíceps enquanto ele me abraça e me puxa para perto com urgência.

Eu quero isso. Eu preciso disso. E, quando me beija, ele sabe.

Reid acaricia minha língua na dele com delicadeza e ferocidade, e eu só quero me enrolar nele e ser levada para um lugar onde eu não precise pensar. Um lugar onde não exista culpa nem medo, nem certo nem errado, nem castigos divinos ou acidentes sem sentido.

Quando ele recua, seu peito sobe e desce junto com o meu.

— Volto amanhã à tarde — ele diz, virando-se para ir embora. Então pega as chaves no bolso e ignora completamente o Nick enquanto entra no carro e se afasta.

Caminho insegura até o carro do Nick, percebendo que pelo menos três vizinhos saíram nos últimos minutos para varrer as calçadas, verificar as caixas de correio vazias e ver Reid Alexander me beijar.

Reid Assim que Immaculada sai da cozinha, minha mãe entra com sua caneca e vai até a incrível cafeteira, que supostamente faz todo tipo de bebidas com café. No entanto, assim que a máquina começa a funcionar, há uma boa chance de ela estar fazendo simplesmente café preto.

— Reid? — Ela puxa o banco ao meu lado e olha para o relógio digital sobre o fogão. — Meu Deus, você acordou cedo — observa ela, sentando.

Dou de ombros.

— Acho que ainda estou no cronograma de produção. Ainda bem. Começamos na Universal na segunda-feira.

— Tão cedo?

Arqueio uma sobrancelha.

— Tempo é dinheiro, Lucy.

Ela ri da minha imitação exagerada do meu pai e de todos os produtores de Hollywood.

Verdade: não consegui dormir a maior parte da noite, pensando em como a Dori reagiu àquele beijo. Ela ainda me quer. Não importa o que ela *diz* ou se recusa a dizer, já que ela não está falando comigo. Pensando bem, o fato de ela me evitar parece ainda mais suspeito, porque eu já vi a Dori irritada, e nada nas reações dela ontem revelava raiva, mesmo diante do meu evidente ciúme em relação ao amigo dela.

O dr. Shaw vai ficar feliz em saber que não xinguei (nem soquei) o *Nick* — o cara que eu achei que era namorado dela no verão passado na Habitat, porque ele claramente *queria* ser namorado dela. Considerando o fato de que, por cerca de dois minutos ontem à tarde, eu achei que aquele cara era o motivo pelo qual ela não estava retornando as minhas ligações, acho que demonstrei um controle extraordinário.

— O quarto do River já está prontinho — diz minha mãe, interrompendo minha recapitulação mental.

— Mãe, tem certeza que você aceita que o River more aqui? Sei que você e o papai achavam que estavam praticamente livres de mim. E eu posso ter a minha própria casa.

Ela sorri e coloca a mão sobre a minha.

— Reid, esta casa tem novecentos metros quadrados, é muito segura e temos funcionários de confiança que estão conosco há anos. Aqui é o lugar perfeito para o River e para você. Pelo menos por enquanto.

Faço que sim com a cabeça. Ainda estou impressionado com a forma como meus pais reagiram a isso.

Minha mãe bebe o café dela e eu bebo o meu, ambos perdidos em pensamentos.

E depois:

— Você não falou muita coisa sobre a Dori nas últimas vezes que conversamos — diz ela. — Como estão as coisas com a irmã dela? E o primeiro semestre em Berkeley?

Balanço a cabeça.

— Não tenho muitas notícias sobre nenhuma das duas coisas.

— Humm. — Seu “humm” não parece surpreso.

— Quando eu a conheci, mãe, vi seu lado altruísta e pensei: *Aqui está uma boa samaritana*. Vi a garota sem maquiagem, vestindo as roupas mais comuns que uma garota poderia usar, especialmente sabendo que eu estaria por lá. — Minha mãe revira os olhos e sacode a cabeça para mim. — Então pensei novamente: *Nossa, que tédio*. Ela usava camiseta todo dia, apoiando todo tipo de causa, e achei que ela era uma garota pedante e hipócrita.

Durante nosso primeiro jantar, a Dori admitiu que era mesmo um pouco hipócrita. Essa admissão foi acompanhada daquele sorriso malicioso que eu comecei a me esforçar para provocar. Talvez esse tenha sido o momento em que me apaixonei por ela.

— Mas eu estava muito errado em relação a ela. Mesmo enquanto questionava a própria bondade, ela conseguiu ver alguma coisa boa em mim. E aí a irmã dela sofreu aquele acidente. Isso a destruiu. Acabou com a fé dela em tudo. — Mordo o lábio. — Em tudo, menos em mim. De alguma forma, eu consegui que ela confiasse em mim. E aí eu *menti* pra ela. Na minha cabeça era só uma omissão, como se isso fosse *menos ruim*. Mas ainda assim era uma mentira, e eu sabia disso todos os malditos dias em que não contei pra ela.

— Reid, se ela perdeu a fé em Deus, isso não é um problema para você resolver...

— É, sim. Ela estava tentando, mãe. Ela estava tentando tanto reconstruir essa fé. E aí a cachorra dela morreu, e eu não contei sobre o River. E agora eu tenho um filho, pra quem não posso virar as costas...

— Claro que não pode. A Dori não ia esperar isso. Ela não ia *querer* isso. Eu sei que não.

— É isso que está me destruindo. Eu não sei como consertar isso. Como faço pra consertar isso? — Encaro os olhos dela. Os meus olhos, espelhados para mim. — Não posso perder a Dori, mãe. Eu a amo.

— Eu vejo isso, Reid. Mas, se aprendi alguma coisa nos últimos meses, e acho que você também aprendeu, é que as pessoas devem consertar a si mesmas. Essa é a única maneira pela qual a mudança pode se tornar permanente. — Ela aperta a minha mão.

Em seu dedo anelar, piscando para mim, está o diamante enorme e perfeito que meu pai deu a ela de joelhos quando os dois eram jovens.

Não tão jovens quanto eu.

Meu pai tinha vinte e nove ou trinta anos quando pediu minha mãe em casamento. E trinta e cinco quando eu nasci. Trinta e cinco. Não quinze, um completo babaca que nem pensou que uma garota com quem ele tinha transado — uma garota com quem ele *fez amor* — pudesse estar grávida dele.

Minha mãe segue os meus olhos até a própria mão, volta para o meu rosto e inclina a cabeça.

— Reid?

— Mãe. Preciso te perguntar uma coisa.

*

Ouçó o toque melódico da campainha dos Cantrell quando aperto o botão, porque todas as janelas e a porta da frente estão abertas. É um lindo dia de primavera em Los Angeles.

— Eu atendo! — grita Dori enquanto desce a escada, me avisando que a mãe, o pai ou ambos estão em casa. Como na primeira vez que a escutei falar, fico impressionado com o som musical da sua voz.

Eu a vejo aparecer um pouquinho de cada vez — pés descalços nos degraus, depois as pernas perfeitas num short cáqui, seguido de uma de suas camisetas mais horríveis, uma tie-dye multicolorida, com um marrom repulsivo na maior parte. A camiseta tem o nome de um programa de corais para adolescentes, patrocinado pelo coral dela no ensino médio. Finalmente, seu belo rosto aparece.

Como posso ter achado que ela era sem graça? Eu devia estar cego.

Quando ela alcança a porta de tela, digo: — Você não vai conseguir me afastar com essa camiseta horrível, sabia?

Ela destranca a porta e me deixa entrar, olhando para si mesma.

— Funciona com a maioria das pessoas. Eu poderia ficar na varanda como um espantalho e ninguém se aproximaria.

— Exceto eu. — Eu a puxo para perto e a abraço. — Sabe, se eu te mantiver perto o suficiente, não consigo ver a camiseta. Além disso, ela é muito macia, apesar de ser a camiseta mais horrível do mundo.

Sua boca se curva.

— Ela realmente meio que parece tingida com cocô.

Dou risada.

— Parece mesmo.

Eu quero pegá-la no colo, levá-la para o quarto e arrancar aquela camiseta. Mas essa não é uma opção no momento. Um, os pais dela estão em casa. E dois, precisamos conversar.

Como se estivesse lendo a minha mente, ela afasta os olhos dos meus. Para minha sorte, seu cabelo está puxado para trás num rabo de cavalo, e as orelhas expostas com ponta cor-de-rosa me dizem que ela *consegue* ler a minha mente. Sugando o lábio

inferior para dentro da boca, ela revela sua ansiedade.

Hora da seriedade, por mais que eu quisesse ajudá-la a evitar isso.

Pego a mão dela e a levo até o sofá. O ventilador de teto gira no alto, e a cama da Esther ainda está no canto, embora sua coleção de brinquedos tenha sido guardada. As roseiras fornecem rajadas de cor no quintal minúsculo nos fundos, e o aroma flui pelas janelas abertas, tão potente quanto uma estufa. Por mais que a casa dos meus pais seja luxuosa, eu adoro aqui. Adoro seu quarto de aquarela e aqueles peixes nadando no teto. Acho que o River também ia adorar.

Sua mão está com a palma para cima sobre a minha. Rastreado o contorno dos seus dedos, eu me concentro em acalmá-la. Seus olhos ainda estão baixos, observando meu dedo passear lentamente sobre sua pele. Por aquele beijo de ontem, sei que ela me quer, mas Dori sempre foi capaz de afastar esses desejos. Se não nos aprofundarmos mais que isso, se ela não me deixar entrar, além da sua reação física, não vou conseguir tê-la de volta.

— Quero pedir desculpa por não ter confiado em você — digo, e ela franze a testa enquanto seus olhos disparam até os meus. Não é isso que ela esperava que eu confessasse. *Que ótimo.* — Eu fiquei com medo do que você ia pensar de mim quando descobrisse sobre o River. Mas você foi a única pessoa que sempre viu alguma coisa que valia a pena em mim, que me ajudou a ver, e eu devia ter confiado nisso.

Eu me lembro das palavras que ela disse quando descobriu sobre ele: “Você está fazendo a coisa certa, e estou orgulhosa de você por isso”. Os olhos dela ficam vidrados, e envolvo seu rosto nas mãos enquanto a ficha cai. Que inferno, como não vi isso antes?

— Você acredita em mim, mas não *em mim com você*.

E isso atinge o objetivo. Ela fecha os olhos, e sei que estou certo.

— Você ama os seus pais, mas acha que eles não te conhecem. Pode ser que ainda acredite em Deus, mas não que ele se preocupa com você. Você está se afastando para tentar se proteger. Mas, baby, isso não vai funcionar. Estou aqui pra te dizer: não vai funcionar.

De repente ela está chorando, e rezo para essa conversa não afastá-la ainda mais.

Eu me levanto e pego uma pequena caixa quadrada no bolso. Fico de joelhos na frente dela, e ficamos no mesmo nível.

— Dori, eu acredito em nós. Não conheço outro jeito de provar que eu te quero pra sempre. — Abro a caixa e a coloco na palma da mão dela, e ela perde o fôlego. — Minha avó me deixou esse anel pra eu dar à mulher com quem eu quero passar o resto da minha vida. Quando ela morreu, quase seis anos atrás, eu não tinha ideia de como seria o meu futuro nem que alguém como você faria parte dele. Que o River seria

parte dele. Não sei onde vou estar daqui a seis anos, mas sei que quero você lá comigo. Com a gente.

Ela encara a enorme safira, cercada por pequenos diamantes e incrustada num aro de platina. Não digo a ela que esse anel também pertenceu à minha bisavó. Meu bisavô materno foi um daqueles caras que tiraram o dinheiro da bolsa de valores meses antes do crash, deixando a família com dinheiro mais que suficiente numa época em que muitos de seus colegas perderam tudo. O filho dele deu esse anel à minha avó, e o anel pulou uma geração e veio para mim.

Fecho a caixa e os dedos dela ao redor.

— Fica com isso. Quando você estiver pronta, quero colocá-lo no seu dedo. Quero que você conheça meu filho. Quero que você me deixe te levar pro meu mundo, porque eu preciso de você lá. A porcaria da mídia é só uma questão de relações públicas. Molezinha pra você, confia em mim. Existe uma centena de pessoas prontas pra nos ajudar a cuidar disso. Deixa eu te ajudar a reconstruir a sua fé, porque você é uma garota de fé, e eu te amo por isso. Lembra do outono passado, quando você precisava ser imprudente, e eu disse pra você contar comigo? Bom, agora é hora de ser *destemida*. Não posso prometer que você não vai se magoar de novo, porque a vida pode ser uma droga. E às vezes dói como o inferno. Só estou pedindo que você acredite em uma coisa: no fato de que, quando estamos sozinhos, sou apenas o Reid, e você é apenas a Dori, e que vamos nos amar pro resto da vida.

Ela está me encarando, a caixa de veludo apertada na mão. Eu me inclino para a frente e a beijo, saboreando suas lágrimas misturadas às minhas.

— Me procura quando estiver pronta pra ser destemida. A menos que você consiga me olhar nos olhos agora e dizer que não me ama.

Com o lábio inferior tremendo, ela não diz nada, e eu a beijo de novo antes de ir embora.

**Brooke — Brooke — atende Janelle. —
Por favor, me diz que você está ligando
pra aceitar trabalhar em Oceanos de papel.**

— Estou ligando pra aceitar trabalhar em *Oceanos de papel*.

— Ah, graças a Deus! — Minha agente começa a gritar de alegria, e eu afasto o celular da orelha. *Je-sus*.

— Janelle, só que eu tenho uma condição — falo na direção do telefone.

Os gritos param.

— Tudo bem, pode falar. — Ela suspira. — Sou sua agente, eu nasci pra mandar e negociar. Fala.

Argh. Como ela é dramática!

— Não é necessário negociar. Esta é pro Stan: diz pra ele ir em frente e matar a Kirsten Wells, porque ela *nunca vai voltar* para aquela maldita praia.

Ela solta uma gargalhada aguda.

— Tudo bem, sério? Depois do que ele te disse no set na semana passada, ele pode chupar meu...

— Tudo bem, então! — eu a interrompo antes que ela termine esse pensamento e eu fique presa com uma imagem mental que preferiria ignorar. — Estamos bem. Então, tirando as entrevistas necessárias pra publicidade e as reuniões de pré-planejamento que os produtores possam precisar que eu faça antes, estou oficialmente fora de atividade até junho. Até lá vou alternar entre Los Angeles e Austin.

— Ah. Quer dizer que você vai prosseguir com a adoção? — Ela parece confusa.

Trinco os dentes. Janelle é o tipo de mulher determinada a *nunca, nunca* ter filhos. Eu também era, até pouco tempo. A aversão à maternidade era algo que tínhamos em comum. Não posso esperar que ela de repente se identifique com as minhas novas prioridades, embora eu espere que ela consiga contorná-las.

— Vou. O Reid concordou em ficar com ele enquanto eu estiver filmando na Austrália. Ele vai ter um intervalo nas gravações em junho.

— Hum. Impressionante. Vocês dois estão se comportando melhor que a maioria

dos meus amigos divorciados com filhos, e eles têm de trinta a quarenta anos. Essas pobres crianças são como a corda no cabo de guerra de ódio dos pais. Graças a Deus, não preciso falar com nenhum dos meus ex-namorados babacas de novo.

Instintivamente, sei que nunca vou ter esse tipo de problema com o Reid. Quaisquer que sejam suas falhas passadas ou presentes, ele mudou de um jeito que eu nunca poderia ter previsto que mudaria. Se ele não estivesse apaixonado pela Dori, eu poderia me apaixonar por ele de novo.

Mas ele está apaixonado por ela. E eu preciso muito da amizade dele, pelo bem do River e pelo meu. Aprendi a minha lição com o Graham, cuja amizade estou decidida a reconquistar. Um dia. Se a Emma permitir.

— Se prepara, Janelle: a Rowena vai fazer uma sessão de fotos exclusiva comigo, o Reid e o River, juntos. Ela vai nos “flagrar” fazendo a primeira troca de custódia. A história vai ser publicada no fim da semana. Preciso que você pense pra quem entregar o material. Pra fazermos em conjunto.

— Uau. Você vai usar a Rowena pra isso? — ela pergunta. — Então vai ser um furo. Só fotos, em vez de um anúncio oficial. Isso é *ousado*. Mas por que estou surpresa? Claro que você ia abordar essa questão do jeito que faz com todo o resto: de cabeça erguida.

Verdade.

— Tenho que ir. O River vai chegar aqui a qualquer momento.

— Obrigada pela ótima notícia! — grita ela. — Te ligo!

Eu *preciso* arrumar uns protetores de ouvido.

*

Nunca fiz tanto *queso* na vida, e olha que eu sou do Texas. O River parece que gosta de mergulhar tudo que come num pote de queijo, e, como estamos tentando aumentar o peso dele, o pediatra deu sinal verde para quantidades ilimitadas disso. Para meu filho, tudo é melhor mergulhado em queijo — exceto frutas. Mas é só dar a ele um nugget de frango, uma vagem ou um pedaço de aipo, que ele mergulha no *queso*.

Também fiz uma coisa que a Kris não tinha muita certeza: comprei um frigobar para o quarto dele.

— Talvez não seja o melhor precedente... — disse ela, mas eu sei que estava pensando o mesmo que eu quando o comprei: pelo menos a comida que ele acumula não vai estragar. E pode fazer com que ele guarde comida sem ter que esconder, o que talvez resulte em parar de sentir a necessidade de fazer isso, em algum momento.

Ele também gosta de sentar no closet, de vez em quando, com a porta quase toda fechada. Então, construímos uma pequena área com tenda nos fundos, com cobertores, travesseiros e uma luz de segurança, embora ele às vezes fique sentado no escuro. Quando não consigo encontrá-lo, sei que ele está ali. Sento na cama dele e o chamo, avisando que está na hora de almoçar, tomar banho ou colocar o pijama e ler um livro. Ele acaba saindo, sempre segurando o Salsicha, que vai precisar de um banho em breve. O pelo dele está acumulando todo tipo de grude e manchas de queijo, o que não é nada surpreendente.

— Oi, River — digo, como se fosse perfeitamente normal uma criança querer ficar sentada num closet escuro. Ele vai subir na cama ao meu lado, e eu vou sorrir como se meu coração não se partisse por ele precisar se esconder. Por ele ainda ficar assustado. Por ele ainda não falar.

Estou com ele há três dias, e agora ele vai para casa com o Reid.

— Ele teve um pesadelo essa semana — digo calmamente ao Reid, enquanto o River está em pé na proteção da trilha, observando o grande letreiro de Hollywood ao longe. Ele estende um dedo, contornando as letras no ar. — Ele gritou “Não” e “Não bate na mamãe”, mas não acordou.

— Jesus — diz Reid, observando-o. Nós dois estamos sorrindo, porque a Rowena está a uma pequena distância, tirando fotos. Meu sorriso nunca foi tão artificial.

— Eu te ligo se tiver algum problema. — Ele olha para mim, preocupado. — Acho melhor você deixar seu telefone ligado vinte e quatro horas por dia.

Sorrio para ele.

— Você vai se sair bem. Mas, sim, vou deixar meu telefone ligado e *grudado em mim* nos próximos quatro dias.

O segundo lugar preferido do River é a enorme caixa de areia na minha varanda. Meu pai que me mandou, com um bilhete: “Brooke, comprei uma dessas pro Evan, e ele adora. Achei que o River também poderia gostar. O Evan é atacante no time de futebol, e agora eu sou o assistente de treinador. O Rory está interessado em carros, então vamos fazer um fim de semana prolongado para ir ao show de automóveis em Nova York. Obrigado pelo seu conselho. Foi perfeito. Com amor, papai”.

O Reid planeja levar o River para a praia particular de propriedade dos pais do John.

— O John acha que virou tio — diz Reid. — Tive que convencê-lo a não comprar um carro esportivo de tamanho infantil pro River.

Balanço a cabeça. *John*.

— Você colocou na mala a escavadeira que ele gosta?

Faço que sim com a cabeça.

— E o guindaste. Pra *vocês dois* poderem brincar.

Damos risada, e o River vira para nos olhar. Seu rostinho doce está muito sério, mas pelo menos ele não está franzindo a testa.

— Pronto pra ir, camarada? — pergunta Reid, se agachando. O River se aproxima e vai direto para os braços dele, e eu mordo o lábio e mantenho o rosto virado para longe do local onde sei que a Rowena está, até que meu sorriso falso volte ao lugar. Observo enquanto o Reid prende o River numa cadeirinha no banco de trás do SUV do pai e entrega o Salsicha a ele. — Imagino que a Immaculada vai se apoderar desse cachorro nos próximos dias — ele murmura — e colocá-lo na máquina de lavar.

— Que bom — murmuro de volta. — Acho que, se o colocássemos numa parede agora, ele ia ficar grudado lá. — Passo a mão pelos cabelos macios do River, ondulados e de um loiro perfeito, como os do Reid. — Tchau, River. Se diverte com o Reid. Logo, logo a gente se vê de novo. — Quando me inclino para beijar sua testa, ele vira o rosto para o meu. Ele não me beija de volta, mas aceita o meu beijo.

Eu sempre disse que nunca precisaria de um homem e que nenhum garoto jamais me salvaria.

Eu estava errada.

Dori

Eu

Estou pronta pra conversar, se você estiver livre.

Reid O River está aqui pra dormir pela segunda noite. A hora de dormir é às oito. Minha mãe está lendo pra ele agora, e parece que ele está morrendo de sono.

Eu

Ah! Não quero interromper seu tempo com ele.

Reid Vem às 9. Ele vai estar na cama, você não vai interromper. Por favor, vem.

Eu

Tem certeza que não é muito tarde?

**Reid Isso não existe, Dori. Vou abrir o portão.
Estaciona na sua vaga de sempre.**

Tenho uma vaga de sempre, mesmo que tenham se passado mais de dois meses desde que estive aqui.

Respiro fundo e encaro a casa onde Reid cresceu. Parece um castelo para mim — uma bela monstruosidade arquitetônica. Mas, para ele, é apenas uma casa. Ele não vê o mundo como eu. Não porque se recusa, mas porque *essa* é a realidade dele. Sua celebridade é sua realidade. Sua carreira. Sua reputação. Seu filho.

E ele quer que eu faça parte dessa vida.

Sem eu saber, minha mãe estava ouvindo nossa conversa no domingo à tarde. Eu não soube disso até o dia seguinte. Quando ela apareceu na porta do meu quarto e perguntou se eu tinha um tempo para conversar, eu estava separando a última parte da minha roupa limpa, pendurando o que preciso para a próxima semana em casa e guardando na mala o que vou levar para a Cal no próximo fim de semana.

— Claro, mãe. A Kayla e a Aimee só vêm me buscar daqui a algumas horas.

Minhas amigas planejaram uma noite que incluía um filme: *Corações sobre Manhattan*, sem ter ideia, é claro, de que a atriz principal é a mãe do filho do Reid, cuja existência ainda é segredo.

Minha mãe sentou na beirada da minha cama e olhou ao redor, para o meu quarto arrumado.

— Tenho sentido sua falta, Dori. Quando a Deb foi pra faculdade, foi difícil vê-la ir embora, mas a saída dela não silenciou a casa, embora certamente a tenha deixado mais silenciosa.

Por mais desafinada que fosse, Deb era quem cantava aos berros no chuveiro. Ela uivava de rir quando falava ao telefone ou via televisão. E batia potes e panelas enquanto cozinhava. Era impossível ela entrar ou sair de um cômodo sem fazer barulho. Mas ela era tão doce e radiante que minha mãe e eu, naturalmente mais contidas, não conseguíamos criticar sua exuberância inata.

Agora essas lembranças são ao mesmo tempo doces e amargas, momentos raros que trazem risos e lágrimas e transformam minhas emoções numa confusão emaranhada.

— Você só tinha dez anos quando ela foi pra faculdade — disse minha mãe, sorrindo. — Você ainda queria contar ao seu pai e a mim sobre o seu dia, ou ajudar a

fazer biscoitos, ou brincar com a Esther. A casa ainda estava cheia com você nela, e agora está muito silenciosa.

Coloquei outra camisa no cabide e o pendurei no closet, sem saber como responder.

— Eu ouvi uma parte da sua conversa ontem. Com o Reid.

Virei para encará-la, surpresa. Minha mãe nunca foi do tipo que ouvia de propósito, só para bisbilhotar. Nenhum dos meus pais era assim. Claro, isso foi antes de eu passar a noite com o Reid no outono passado.

— O que ele disse, que você acha que nós não te conhecemos, que você acha que Deus não se preocupa com você... é verdade, não é?

Dei de ombros, porque era totalmente verdade. Como você pode dizer a uma mãe que sempre te amou que ela realmente não te conhece nem um pouco? Mas eu também não podia mentir para ela.

— Você tem sido muito paciente comigo enquanto eu descubro algumas coisas. Como o fato de você ser uma jovem inteligente e amorosa, e é hora de eu confiar nas suas decisões sobre quem você decide amar. Se a minha interferência no seu relacionamento com o Reid foi o que fez você pensar que eu não te conheço, Dori, fico ainda mais triste. Você é minha filha e quero o melhor para você. Mas isso é você quem deve decidir, por mais difícil que seja eu admitir.

Atravessei o quarto quando ela se levantou para me abraçar.

— Me desculpa, mãe.

Ela balançou a cabeça e disse: — Não tem por que você me pedir desculpa. — Ela recuou e pegou o meu rosto. — Se você vê algo de bom nesse menino, é porque existe algo de bom nele. Eu confio no seu julgamento, Dori. Sempre confiei.

— Tem muita coisa boa nele, mãe. E eu quero te contar tudo sobre isso. Bom, quase tudo. — Fiquei vermelha, sabendo que o Reid riria se eu realmente contasse tudo, justamente para a minha mãe.

*

Uma batida na janela interrompe o meu devaneio. Eu pisco, porque Reid está parado bem ali, esperando que eu saia do carro.

Quando solto o cinto de segurança, ele abre a porta, e as dobradiças protestam como de costume, embora eu jure que elas gritam mais alto quando estaciono aqui, na casa dele.

— Oi — ele diz. — Estou feliz por você ter vindo. — Saio ao lado dele e entramos. — Ele está dormindo. Você quer vê-lo?

Faço que sim com a cabeça, mordendo o lábio.

Luzes minúsculas acompanham o rodapé no corredor entre a porta parcialmente aberta do quarto do River e os degraus até o quarto do Reid, como os corredores de cinemas e teatros. O Reid abre a porta do quarto do filho e entra, descalço. Tiro os chinelos e o sigo.

O quarto está escuro, mas há duas luzes noturnas, e depois de um minuto nossos olhos se ajustam o suficiente para atravessar o cômodo. Ao lado de prateleiras de brinquedos, vejo uma televisão e um console de jogo, uma enorme poltrona estofada e uma escrivaninha com proporção perfeita.

A cama é alta, com uma escada na ponta, mas não alta o suficiente para ser um beliche. Com o pequeno corpo enrolado num cachorro de pelúcia, River usa um pijama coberto de formigas de desenho animado, entre todas as coisas. Inequivocamente loiro, seu cabelo está mais comprido que na foto no celular do Reid. Os lábios estão entreabertos, e um leve ronco escapa pela boca.

Sempre adorei crianças, mas saber que esse menininho é filho do Reid aumenta esse apelo. Tenho que fechar as mãos em punhos para me impedir de tocá-lo.

— Ele é lindo — digo.

Reid me encara com olhos escuros, o cabelo quase tão claro quanto o do River, como se fosse uma versão em preto e branco de si mesmo na camiseta branca e na calça jeans escura. Ele pega a minha mão e me tira do quarto.

Então me conduz a uma pequena saleta perto da sala de estar principal, e sentamos lado a lado no sofá. Ele vira para mim e parece se preparar para o que tenho a dizer.

Tiro minha bolsa de Mary Poppins do ombro e enfio a mão nela, pegando uma sacola de presente.

— É um presente de aniversário atrasado. Tive que ser criativa, já que você tem tudo. Ou vai ter agora, depois que desembulhar isso.

Surpreso, ele abre a sacola e joga o papel de seda no chão. Quando pega a camiseta, ele ri. A Aimee, a Kayla e eu vasculhamos todos os brechós para encontrar uma camiseta da MCDB parecida com a minha. Elas ficaram horrorizadas porque eu ia dar uma coisa “usada” para o Reid, mas, depois que eu tive a ideia, não consegui desistir. Elas me obrigaram a jurar que eu não ia contar para ele que elas me ajudaram a encontrar essa camiseta.

— Quer que eu experimente agora? — ele pergunta, uma sobrancelha curvando-se para cima.

Meu bom Deus, como ele é gostoso, e eu adoraria que ele tirasse a camisa e não colocasse mais *nada*. Mas ainda não terminamos.

— Tenho outra coisa pra te dar.

Ele afasta a camiseta e os papéis de embrulho para o lado enquanto enfia a mão na bolsa e pego a pequena caixa de veludo. Seus olhos disparam da caixa para o meu rosto, e ele não se mexe.

— O que você disse outro dia... Você estava certo. Eu estava me afastando de tudo e de todos. Não tenho acreditado que meus pais me conhecem. Não tenho acreditado que Deus se preocupa comigo ou com minha irmã. Não tenho certeza nem de que ele existe. E não tenho acreditado num futuro com você.

Respiro fundo e estendo a caixa para ele. Reid engole em seco, com o maxilar tenso, e abre a mão. Quando coloco a caixa na palma da mão dele, ele fecha os dedos sobre ela.

Umedeço os lábios e respiro fundo.

— Você disse que acredita em nós e que era pra eu falar quando estivesse pronta pra ser destemida. A verdade é que não sei se consigo ser destemida. Eu me perdi, Reid, e ainda estou muito assustada. Mas estou pronta pra tentar. Se você ainda quiser, estou pronta.

Atordado, ele pisca e abre a caixa. Em seguida pega a minha mão esquerda, tira o anel da ranhura do estojo e o coloca no meu dedo. O anel de pedra azul-escura com diamantes ao redor se encaixa perfeitamente. Ele se aproxima, seus lábios um sussurro sobre os meus no início, depois me beija com mais profundidade, me puxando para perto, nossa respiração acelerada, o peito oscilando como se tivéssemos corrido um quilômetro ladeira acima.

Ele encara a minha mão na dele por um longo minuto, o polegar acariciando as bordas do aro no meu dedo, antes de erguer os olhos até os meus.

— Quando você precisa estar em casa? — Sua voz está baixa e demonstra uma dor que ecoa do meu coração.

— Falei que talvez eu chegasse um pouco tarde... — respondo.

Antes que eu possa dizer mais uma palavra, ele agarra a minha mão direita, se ergue num salto e atravessa a casa até o próprio quarto. Programa um sistema de intercomunicação atrás da porta: “Quarto do River: *ligado*”.

— Eu posso ouvi-lo, mas ele não pode nos ouvir — diz.

Então fecha a porta com o cotovelo e me puxa para os seus braços.

No segundo em que sua boca encontra a minha, fico em chamas e sou tragada. Abro a boca, e ele me beija com mais força enquanto me apoia nele, entrelaçando os braços ao redor de seu pescoço. Suas mãos estão duras nas minhas costas, os dedos apertando, deslizando até os meus quadris, me agarrando com força enquanto sua língua penetra fundo na minha boca, espalhando o fogo dentro de mim até que esteja

me tomando.

Um joelho desliza para cima na parte externa da sua coxa, e ele imediatamente agarra a minha perna, puxa mais para cima e a coloca ao redor da cintura. Enquanto a outra perna segue, ele me levanta sem esforço, e travo os tornozelos em sua lombar. Apoiando minha cabeça com a mão, ele me prensa na parede. Seus lábios deixam os meus com um barulho alto, deslizando ao longo do meu maxilar, beijando meu pescoço enquanto arfo. Agarro seus cabelos e o puxo de volta para a minha boca, beijando-o com urgência, as línguas emaranhadas.

Ele levanta a minha blusa, as mãos encostam nos meus seios, os polegares provocando sob o cetim macio, e não consigo me aproximar o suficiente. Sem suas mãos apoiando o meu peso, fiquei na altura certa para senti-lo duro em mim, com camadas demais entre nós. Ofegando, ele abre meu sutiã e empurra os bojos para os lados, e, apesar de eu estar determinadamente muda até agora, grito quando ele chupa um mamilo com força. Eu me arqueio contra ele, mordo o lábio até doer e sou recompensada com seu grunhido enquanto ele me gira, vai em direção à cama e me joga nela.

Fico paralisada com a visão dele tirando a camisa por cima da cabeça, sem se preocupar em abrir os botões. Ele a joga no chão, virada do avesso, enquanto tiro a blusa e o sutiã. Ele se aproxima e abre o zíper do meu short, seu olhar escuro no meu rosto. Meu coração bate com força quando retribuo seu olhar e começo a desabotoar sua calça jeans devagar.

Segundos depois, ele joga o meu short no chão e me pressiona no colchão. Assim que nossas bocas se encontram novamente, meu coração se abre, e as lembranças vêm como uma onda, começando com aquele primeiro beijo fascinante no closet cor-de-rosa. Ele parece mais pesado, maior e mais duro que alguns meses atrás, mas seu rosto bonito ainda tem uma simetria angulosa, exceto pela boca carnuda e os cílios espessos e curvos envolvendo os olhos azuis.

Seu beijo é o mesmo — quente e exigente, mas nunca mesquinho. Perfeito. “Sou bom pra você mesmo que você ainda não saiba”, ele me disse, depois esperou meses até eu saber. Até eu acreditar. Até eu parar de duvidar dele.

As lágrimas escorrem do canto dos meus olhos e se esgueiram no meu cabelo, e eu espero e retribuo o beijo, passo a passo.

— Eu te amo — digo finalmente, e ele congela e recua, me observando. — Eu te amo — repito — e estou com muito medo, Reid. Mas tenho fé em nós dois.

Com a ponta dos dedos acariciando as bordas do meu rosto, ele tira o peso de cima de mim, me puxando para um abraço.

— Ter fé é isso, certo? — ele diz. — Acreditar no que não é conhecido? Se joga

nos meus braços, Dori. Eu vou te pegar todas as vezes, e não vou soltar. — Seus lábios roçam os meus levemente. — Fala de novo, por favor. Esperei tanto tempo pra ouvir você dizer isso.

— Eu te amo. — Eu o empurro suavemente e me inclino sobre ele, perscrutando seus olhos. — Eu te amo. Por favor, não me solta.

— Eu já te peguei. E não vou soltar. De novo. Por favor.

— Eu te amo.

Ele fecha os olhos e murmura: — De novo.

— Eu te amo.

— Eu também te amo — ele sussurra.

— Eu sei — digo e ele ri, me jogando de costas, entrelaçando nossos dedos e prendendo as minhas mãos.

— De novo.

Encaro seus olhos, sorrio e me encontro no seu olhar. Eu me sinto amada, assustada e esperançosa. Então penso: *Aqui começa a minha fé. Aqui está o meu para sempre. Bem aqui. Bem aqui.*

— Eu te amo, Reid.

**Ephlogo Reid Nova York, junho
Sentada a minha frente, os olhos
da Emma se arregalam um pouco,
concentrados atrás de mim, e o
Graham tosse no punho, numa
tentativa transparente de disfarçar
uma risada.**

Olho por cima do ombro e vejo Cara e River saindo do corredor que leva a dois quartos — o do Graham e da Emma de um lado e o da Cara do outro. Emma ainda está frequentando a NYU, mas planeja adiar o semestre de outono por causa de um papel que acabou de conseguir na Broadway, e pode ou não voltar na próxima primavera. Quando Graham está filmando no set, Cara divide seu tempo entre o apartamento deles e o dos pais do Graham, a dez minutos de distância.

Os dois estavam mais que empolgados para conhecer a Dori e o River, que pousaram de avião no aeroporto JFK na noite passada. Tenho mais três dias de filmagem. A Brooke viajou para Brisbane ontem, não antes de confirmar diversas vezes os números de contato e os horários marcados no Skype.

— Não, anda assim. — Com as mãos nos quadris, Cara pisa com força, os pés ecoando, *tum tum tum*, no chão de madeira gasto. Um lençol cor-de-rosa amarrado no pescoço ondula atrás dela, e pedras brilham como as da realeza no topo de sua cabeça. Com a expressão grave, ela vira e olha para o River. — Agora tenta você.

Entrando no cômodo, enfeitado com um lençol roxo, o passo do meu filho não é tão forte. Ao contrário da pisada exagerada da Cara, as almofadas de seus pés descalços não fazem barulho, e sua passada é cuidadosa. Eu me assusto de novo com a genética, e como a Brooke e eu conseguimos misturar genes e gerar um filho tão discreto.

E aí percebo a cabeça dele. Mais especificamente, o que está *em cima* de sua cabeça, o que explica por que o Graham está se divertindo tanto.

— Filho da puta.

Minha voz é baixa, mas o Graham tosse mais uma vez para cobri-la, abafando outra risada. Eu realmente gostaria de dar um soco nele, porque, não sei como, isso é culpa dele. A Dori coloca a mão macia no meu antebraço. Meus olhos disparam até os dela. Escuros e sorridentes, eles quase me convencem a rir também. Quase.

— Meu filho está — inspiro pelo nariz e mantenho a voz muito baixa — usando uma *tiara*?

Com as mãos levantadas para se render, o Graham pigarreia, “Hum-hum”, quando o fuzilo com o olhar.

— A Cara adora brincar de princesa. — A voz ponderada de Emma me tira dos pensamentos violentos. — Ela deve ter convencido o River a ser o príncipe dela.

— Ele não é o príncipe, é o *rei* — gorjeia Cara, atraindo todos os olhares. Com as mãos entrelaçadas com delicadeza diante de si, ela revira os grandes olhos castanhos e inclina a cabeça com tiara para nós quatro, como se fôssemos todos meio burros. — Ele está *carregando* o príncipe.

Claro, de um jeito que seria mais adequado para uma bola de futebol americano do que um bebê — algo pelo qual não estou nem um pouco empolgado neste momento —, meu filho carrega uma boneca enrolada num cobertor.

— Jesus Cr...

Os dedos da Dori deslizam pelo meu braço, um lembrete delicado para engolir minhas palavras, e eu suspiro sem querer. Nunca vou entender como ela faz isso com um único toque.

— Qual é o nome do pequeno príncipe? — Dori pergunta, e Cara vira para pegar a boneca com cuidado das mãos do River, como se fosse feita de vidro e não fosse simplesmente quicar pelo chão se um dos dois a deixasse cair.

— Bem, *eu* queria chamar de Tristan ou Edward.

Cara franze a testa para o pai quando ele ri de novo, e Emma dá um soco nele, mas Graham simplesmente a puxa para perto e beija sua têmpora, e ela se aninha no abraço.

— Esses nomes são muito *principescos* — ele garante à filha.

— É... — Ela embala a boneca careca, cujas pálpebras estão fechadas porque, suponho, está na horizontal. — Mas nós chamamos de Reid, porque o River disse que os príncipes recebem o nome dos avós.

A mão da Dori congela no meu braço.

— Ele disse o quê? — Minhas palavras são baixas, mas parecem ecoar pelo apartamento.

Ela continua a encarar a boneca.

— Tá, na verdade ele só disse “Reid”, quando a gente estava escolhendo um nome, e esse é você, então é claro que foi isso que ele quis dizer.

— Ele disse “Reid”? — Minha voz é um sussurro.

Cara faz que sim com a cabeça, sem saber o que eu sinto, porque o menino que nunca fala quando está acordado escolheu pronunciar o *meu nome*, mesmo que eu não tenha escutado. Mas a Dori sabe. Seus olhos estão vidrados quando levo o olhar até ela, e seu rosto bonito oscila através das lágrimas que eu não gostaria de derramar na frente do Graham e da Emma.

River segura o lençol roxo nas costas enquanto contorna a lateral do sofá, seus olhos nos meus, intrigado e ansioso. Essa é a última coisa que eu quero que ele sinta.

Abro os braços e ele sobe no meu colo, ainda me encarando. Seus olhos são de um azul tão sério e tempestuoso. Fios de cabelo loiro ondulado escapam da tiara. Cada feição dele é pequena e vulnerável. Ele me apavora. Meus sentimentos por ele me apavoram como o inferno. E é assim que eu sei que eles estão certos.

Ele coloca o lençol roxo no meu ombro e se inclina para perto, e eu luto contra o desejo de apertá-lo, observando Dori atrás dele. As lágrimas dela são incompatíveis com o sorriso extasiado, como raios de sol atingindo o chão durante uma tempestade. Que garota linda e sensível — usando meu anel, compartilhando minha cama, aceitando meu filho, meu passado e meu futuro.

O dedinho do meu filho encosta no canto externo do meu olho, liberando uma lágrima. *Droga*. Sei que o Graham e a Emma estão olhando, mas, por mais que eu me sinta exposto, não consigo me mexer. Não estou respirando.

— Não chora, papai — ele sussurra, a respiração quente sob o meu queixo, a bochecha apoiada no meu coração.

E então todo mundo está secando as lágrimas, e o Graham e eu nos entreolhamos, concordando silenciosamente que este momento é só entre nós quatro.

Cara pega a mão de River e o puxa.

— Vem, River. — Deslizando do meu colo, ele se deixa ser levado, e nenhum de nós consegue conter a risada quando Cara murmura: — Essa é outra coisa que você precisa saber sobre as famílias: às vezes, todo mundo é simplesmente *esquisito*.

Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento vai para os meus leitores. Chegar ao fim de uma série como leitor ou escritor é, ao mesmo tempo, sofrido e empolgante. Gostei demais desta jornada e agradeço a cada leitor que esteve nas trincheiras comigo enquanto eu contava a história de Reid. Agradeço todos os dias a cada um de vocês.

Obrigada às minhas leitoras beta, Ami Keller e Robin Deeslie, que me deram feedback indispensável em cinco livros seguidos. Vocês são as amigas mais maravilhosas do mundo, e sinto falta de vê-las diariamente. Agradeço às minhas incríveis amigas, e também autoras, que ofereceram críticas e incentivo nos mais diversos momentos: Elizabeth Reyes, Tracey Garvis Graves, Colleen Hoover e Abbi Glines. Seus conselhos são sempre delicados e construtivos, e eu valorizo muito isso.

Agradeço à incrível equipe da Penguin/Razorbill UK, especialmente ao meu editor, Alex Antscherl, e à coordenadora editorial, Samantha Mackintosh. Nunca fiquei tão nervosa ao entregar um manuscrito, e vocês dois tornaram esse processo indolor. Obrigada pela orientação, pela paciência e por acreditarem em mim, neste livro e nesta série. Um agradecimento especial às minhas agentes, Lauren Abramo e Kate McLennan, por me acalmarem enquanto eu escrevia pela primeira vez na vida mediante prazos estipulados por outra pessoa. Não foi moleza, meninas.

Este livro precisou de mais pesquisa do que qualquer outro que já escrevi. (Exceto pelo romance viking que escrevi quando tinha nove anos, que felizmente não existe mais. Mas não vamos falar disso.) Agradeço imensamente às pessoas fantásticas que me ajudaram a obter dados sobre adoção e o Serviço Social Infantil, que me guiaram pela Universidade da Califórnia em Berkeley e responderam a mensagens de texto às duas da manhã sobre cronogramas de filmagens: Carol Gardner, Holly Durham, Michele Bland, Marie Peterson (com Ashley, Giana e Bryce), Liz Reinhardt e Zachary Webber.

Obrigada aos meus pais pelo estímulo e amor incessantes. Obrigada, Keith,

Hannah e Zach, pela inspiração que vocês me proporcionam e por compreender minha constante distração quando tenho prazos a cumprir. E, como sempre, obrigada acima de tudo ao Paul, que cuida de mim de infinitas maneiras, tem fé em mim quando a minha é inexistente e me ama apesar de tudo.

Também de Tammara Webber

Série Entrelinhas:

Entrelinhas

Onde está você

Que bom pra você

Série Contornos do Coração:

Easy

Breakable

Sweet

Sem você (Entrelinhas, livro 4)

Site da autora:

<https://www.tammarawebber.com/>

Facebook da autora:

<https://www.facebook.com/TammaraWebberAuthor/>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/4826501.Tammara_Webber

Goodreads do livro:

<https://www.goodreads.com/book/show/17158158-here-without-you>

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/9037-tammara-webber>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

JAMIE
McGUIRE

AUTORA BEST-SELLER, COM MAIS DE
450 MIL LIVROS VENDIDOS NO BRASIL

Todas as
pequenas
luzes



VERUS
EDITORA

Todas as pequenas luzes

McGuire, Jamie

9788576867326

350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série best-seller Belo Desastre. Quando Elliott Youngblood vê Catherine Calhoun pela primeira vez, ele é apenas um garoto com uma câmera nas mãos que nunca viu algo tão triste e tão belo. Os dois se sentem excluídos e logo se tornam amigos. Porém, no momento em que Catherine mais precisa dele, Elliott é forçado a sair da cidade. Alguns anos depois, Elliott finalmente retorna, mas ele e Catherine agora são pessoas diferentes. Ele é um atleta bem-sucedido, e ela passa todo o tempo livre trabalhando na misteriosa pousada de sua mãe. Catherine ainda não perdoou Elliott por abandoná-la num momento difícil, mas ele está determinado a reconquistar a amizade dela — e a ganhar seu coração. Bem quando Catherine está pronta para confiar outra vez em Elliott, ele se torna o principal suspeito em uma tragédia local. Apesar da desconfiança de todos na cidade, Catherine se agarra ao seu amor por Elliott. Mas um segredo devastador que ela esconde pode destruir qualquer chance de felicidade que os dois ainda têm.

[Compre agora e leia](#)



O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey
9788576866428
26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)



Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

JANEIRO

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey
9788576865247
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)

Da autora de *Não me esqueças*

Babi A. Sette

SENHORITA AURORA



VERSUS
EDITORA

Senhorita Aurora

Sette, Babi A.

9788576866954

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história romântica e encantadora, com toques de humor e carregada de emoção, da mesma autora de Não me esqueças. Nicole é uma jovem bailarina e está prestes a realizar seu sonho: estrear no papel principal em uma peça na Companhia de Ballet de Londres. Tudo estaria perfeito se não fosse por um dos seus diretores, o temido Daniel Hunter, um maestro prodígio de temperamento difícil, que desperta em Nicole sentimentos contraditórios. Quando uma tempestade de neve isola os dois em uma mansão centenária, Nicole e Daniel serão obrigados a encarar não apenas os segredos que atormentam o maestro, mas também uma paixão proibida — e avassaladora — que nasce entre eles. Entre a tão sonhada carreira na dança, um amor intenso como ela nunca sentiu e a própria segurança, Nicole se verá diante de escolhas que parecem impossíveis. E caberá a ela resgatar Daniel de seu próprio passado. Senhorita Aurora é um romance poderoso, tocante e perturbador, que mostra que todos merecem uma segunda chance.

[Compre agora e leia](#)



Desencantada – Perdida – vol. 5

Rissi, Carina

9788576866787

476 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quinto volume da série best-seller Perdida. Valentina descobriu muito cedo que não é nenhuma princesa encantada. Em vez de bailes e romance, tudo o que a jovem deseja é viver com dignidade longe do pai e da madrasta, que faz da vida dela um inferno. A oportunidade surge com uma proposta de casamento. Seu coração não se alvoroça com o pretendente, mas ela não está à procura do amor. Seria um bom arranjo, mas outro homem, o capitão Leon, um espanhol misterioso, porém mal-educado, irritante, atrevido — além de lindo —, surge em sua vida e, após um equívoco embaraçoso, ela fica noiva desse homem detestável. Então, Valentina sofre um terrível acidente. Assustada, porém disposta a provar que não foi um simples acaso, ela vai atrás do responsável. Entre suspeitas, disfarces, segredos e contratempos, a moça acaba sucumbindo à irresistível e devastadora paixão, sem se dar conta de que o perigo ainda está à espreita. Poderá uma garota nem um pouco encantada viver um conto de fadas e conseguir o seu final feliz?

[Compre agora e leia](#)